

ANDREIA CARLA CERQUEIRA MORAIS SALGADO

**ENTRE LUTAS E AFETOS:
O DIÁLOGO ENTRE O TEATRO
E A POESIA FALADA
NA SUBJETIVIDADE FEMININA**

**ORIENTADORA:
MONICA FERREIRA MAGALHAES**

2020



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
UNIRIO**

**CENTRO DE LETRAS E ARTES – CLA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM ENSINO DE ARTES CÊNICAS -PPGEAC
MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE ARTES CÊNICAS**

**ENTRE LUTAS E AFETOS:
O DIÁLOGO ENTRE O TEATRO
E A POESIA FALADA
NA SUBJETIVIDADE FEMININA**

RIO DE JANEIRO – RJ

2020



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO -UNIRIO
Centro de Letras e Artes - CLA
Programa de Pós-Graduação em Ensino de Artes Cênicas - PPGEAC
Mestrado Profissional

**“ENTRE LUTAS E AFETOS: O DIÁLOGO ENTRE O TEATRO E A POESIA
FALADA NA SUBJETIVIDADE FEMININA”**

por
Andreia Carla Cerqueira Morais Salgado

Dissertação de Mestrado

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Monica Ferreira Magalhães – Orientadora

Prof.^a Dr.^a Angela Reis (PPGEAC-UNIRIO)

Prof.^a Dr.^a Elvina Maria Cactano Pereira (participante externa)

A Banca Considerou a Dissertação: Aprovada com louvor.

Rio de Janeiro, RJ, em 03 de dezembro de 2020

Av. Pasteur, 436 – Urca – RJ Cep: 22.290-240

Tel.: 21-2542-3128

<http://www.unirio.br/cla/ppgeac>
ppgeac.secretaria@unirio.br

Catálogo informatizada pelo(a) autor(a)

S159 Salgado, Andreia Carla Cerqueira Morais
Entre lutas e afetos: o diálogo entre o teatro e
a poesia falada na subjetividade feminina / Andreia
Carla Cerqueira Morais Salgado. -- Rio de Janeiro,
2020.
338

Orientadora: Monica Ferreira Magalhães .
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do
Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação
em Artes Cênicas, 2020.

1. Teatro. 2. Poesia falada. 3. Igualdade de
gênero. 4. Linguagem poética. I. , Monica Ferreira
Magalhães , orient. II. Título.

Dedico esse trabalho a todas as mulheres que atravessaram meu caminho e deixaram em mim marcas de feminilidade, afeto, perseverança, resistência e fé. Todas as companheiras de luta, de amizade, de laços e de estrada.

Agradecimentos



Ao *UniVerso* por me oferecer a vida.

À minha família: meu saudoso pai, Zé Baiano, Zé poeta, Zé. Aos meus irmãos: saudosa irmã, Cristina, e amados irmãos, Marcia e Zé Carlos, e seus companheiros. Aos meus sobrinhos, que amo de paixão: Debora, Thiago, Gabriel, Arthur e Maitê. Sou parte de todos vocês, vindos antes ou depois de mim. E agradeço, em especial, à minha mãe, Ester, grande referência para mulher que me tornei, nos encontros e desencontros de sermos o que somos.

Ao meu amado companheiro, com o qual a vida me presenteou, Flavio Salgado, meu primeiro ouvinte. Obrigada pela parceria, pelos estímulos, por encorajar meus sonhos e por todos os cafés que aqueceram meu coração sempre que eu precisei. Amo você! Agradeço à sua família, por toda afetividade em nossas relações.

À minha orientadora, Mona Magalhães, por estar sempre pronta e disponível para minhas dúvidas e inquietações. Obrigada por sua generosidade, atenção e orientações valiosas.

As linhas, a seguir, estão na cronologia dos encontros com esses profissionais, que se tornaram amigas e amigos e que me fizeram crescer como profissional e como pessoa.

À Debora Almeida, por me indicar ao PROINAPE, setor que hoje atuo e que me proporcionou um novo olhar para educação.

Ao querido amigo, Jair, por me convidar a explorar o mundo da poesia e a descobrir a potência dela na minha vida.

À Camilla Oliveira, a irmã que a vida me deu. Obrigada pelo olhar sensível, pelas provocações e pelas preciosas dicas que me ajudaram a seguir em frente.

À Júlia Ferraz, por nossos longos cafés filosóficos e existencialistas, que aguçaram e abriram possibilidades poéticas.

À Alessandra Garcia, por entoar seu canto de Iara, por me fazer enveredar mais profundamente nas águas teatrais. Obrigada pela sua positividade contagiante e pela sua generosidade.

À Valéria Neves, por suas palavras bem colocadas, seus ensinamentos e seu olhar perspicaz.

À Janaina Isidro, por sua escuta afetuosa e por doar, de maneira tão generosa, seu conhecimento.

Aos profissionais da EMAC Coelho Neto e EMAC Charles Anderson Weaver, pela parceria e receptividade para o trabalho.

À Márcia Freire, pela parceria e pelas trocas na vida.

À Jorge Conti, por nos acolher na Lona de Guadalupe.

À Lindomar Araújo, pelo tempo a mim dedicado, por me auxiliar, expressivamente, no início dessa caminhada.

À Roberta Nunes, que, com seu olhar sensível e cuidadoso, não só revisou esse projeto, dedicou afeto.

Aos colegas de classe do mestrado, em especial a Ana Mangeth, Arthur Brandão e Luiza Rangel, pelas ricas trocas.

À coordenadora da Pós-Graduação em Ensino de Artes Cênicas (PPGEAC), Rosyane Trota, pelo incentivo e acolhimento.

À secretária, Jéssica Alves, por sua disponibilidade, prontidão e carinho.

Às professoras Ângela e Jacyan, pelas importantes indicações dadas na banca de qualificação, que foram fundamentais para dar continuidade a essa dissertação.

Aos amigos Ana Paula Rodrigues, Leonam Thurler e Viviane Rodrigues, pela parceria nesse projeto.

A todos os professores com quem tive a oportunidade de trabalhar e aprender ao longo dessa minha jornada na educação.

À gerência do NIAP e a todos os colegas do PROINAPE, em especial, às equipes da 6ª e 11ªCRE, com quem aprendi muito.

À Reinaldo, pai da Lindsay, por sua disponibilidade, atenção, escuta e generosidade.

A todas as responsáveis, Ana Paula, Christine, Cláudia, Jacqueline e Mônica, por confiarem a mim essa linda missão que é ensinar, esse ato que preenche, de verdade, a minha vida.

Ao querido e talentoso Thawã Braga, pelos seus lindos desenhos e por somar aos nossos encontros.

E, por último, e longe de ser o menos importante, agradeço a todos os alunos que trouxeram mais humanidade para os meus passos, em especial, a elas, que aceitaram o convite para atravessar esse lindo oceano poético-teatral comigo: obrigada, Ana Maria Grecco, Bruna Nascimento, Jenyffer Guttman, Lindsay Reis, Maria Paula Grecco e Nathália Amorim. Obrigada por suas existências, por seus versos, que nos uniram e nos fizeram querer seguir de mãos dadas na construção e concretude desse projeto.

Resumo



A presente pesquisa narra o processo de uma prática-teórica com um grupo de seis alunas da Rede Pública do RJ, numa proposta dialógica entre a linguagem poética e a linguagem teatral, a favorecer uma escrita genuína e legítima dessas estudantes, em moldes decoloniais. O assunto de interesse é a desigualdade de gênero, os efeitos nocivos que isso causa no universo escolar e na sociedade, e que caminhos, a partir da arte, podemos criar para defender um lugar de fala, posicionamento e afirmação dessas meninas, a fim de questionar os códigos de representação constituídos, aceitos e perpetuados. A proposição está na construção de uma narrativa poética cênica que possa problematizar e elaborar novas possibilidades de estar no mundo, na construção de um caminho de libertação dos conceitos ocidentais como inerentes e absolutos, não com o propósito de abandoná-los ou ignorá-los, mas de ressignificá-los, ampliá-los e dar-lhes possibilidade de novas leituras, olhares e saberes. O material está dividido em: Prólogo do Diário, Diário de Bordo e Livro de poesias, com o resumo dos estímulos para as escritas. O diário de bordo traz a descrição de todo processo: construção e andamento do trabalho, frequência dos encontros, impulsos para as escritas, reflexões, discussões, metodologias utilizadas, jogos teatrais e improvisações, programações culturais, apresentação/debate nas escolas e avaliações.

Palavras-chave: poesia falada; teatro; igualdade de gênero; linguagem poética cênica.

Abstract

A decorative flourish centered above the word 'Abstract'. It features two female symbols (♀) on the left and right sides, connected by a central, symmetrical, swirling design of lines and dots.

The present research narrates the process of a theoretical-practical with a group of six students of the Public Network of RJ, in a dialogical proposal between the poetic language and the theatrical language, to favor a genuine and legitimate writing of these students, in decolonial molds . The subject of interest is gender inequality, the harmful effects it causes on the school universe and society, and what paths, from art, can we create to defend a place of speech, positioning and affirmation of these girls, in order to question the constituted, accepted and perpetuated codes of representation. The proposition is in the construction of a scenic poetic narrative that can problematize and elaborate new possibilities of being in the world, in the construction of a path of liberation from Western concepts as inherent and absolute, not with the purpose of abandoning or ignoring them, but to reframe them, expand them and give them the possibility of new readings, views and knowledge. The material is divided into: Prologue of the Diary, Logbook and Book of poetry, with the summary of the stimuli for the writings. The logbook describes the entire process: construction and progress of work, frequency of meetings, impulses for writing, reflections, discussions, methodologies used, theatrical games and improvisations, cultural programs, presentation / debate in schools and evaluations.

Keywords: spoken poetry; theater; gender equality; scenic poetic language.

Sumário



Prólogo do Diário de Bordo.....	11
A Navegação Educação	14
Terra à vista: O Programa	23
“Palavras Galhos: Não nos afoguem”	28
Pescada pelo teatro e por uma Iara	39
A singularidade da poesia falada em diálogo com o teatro: Um campo fértil no chão da escola	53
“Só continua quem para”	57
QR Code	68
Referências Bibliográficas	69



PRÓLOGO DO DIÁRIO DE BORDO



Áudio

Não sei nadar...¹
Menina curiosa da baixada fluminense,
de olhos grandes e arregalados,
lembro do encantamento que sempre tive pelo mar.
Mas recorro dos avisos assustados que vinham da minha mãe
quando eu corria pra beira, só pra molhar os pés.
*“Sai daí menina! Você é abusada! Não sabe que o mar é traiçoeiro?
Mar não tem cabelo, garota! Volta pra cá com seu baldinho”.*
Fora o medo que ela tinha de eu me perder.
Ela se perdeu de um tio, na praia, quando criança e, óbvio,
ficou traumatizada.
E assim, cresci!
O mar...
Encantada com sua beleza, intrigada com sua imensidão,
admirada com sua diversidade e assustada com seus mistérios.
Só quando adolescente, um amigo me encorajou e disse:
“Não existe isso, vir ao mar e não mergulhar”!
Eu ri, sem graça. Mas tinha medo.
Sei que minha mãe queria me proteger, mas sua voz ecoava:
“Mar não tem cabelo, garota”!
Até que esse amigo me pegou pela mão e disse:
*“Confie em mim. Não vou soltar sua mão.
Assim você poderá mergulhar”.*
Não tinha me dado conta da importância desse momento,
até parar para escrever essa dissertação
em formato de diário de bordo.
A atitude desse amigo me fez desafiar meu medo,
e, hoje, toda vez que vou à praia, quero mergulhar.
Continuo sem saber nadar.

¹ <https://youtu.be/Ww66GUYaURY> (Áudio poesia)

**Continuo intrigada com a imensidão do mar,
porém mais curiosa do que assustada com seus mistérios.**

O encantamento? ... esse só aumenta!

**Escrevendo esta dissertação,
me dou conta de como comecei minha narrativa,
comparando o mar à educação.**

**Foi uma escrita intuitiva, que me permitiu deixar fluir,
entre o medo e o encantamento,
a ousadia e o ostracismo,
o movimento e a descrença,
a rigidez e a perseverança.**

**A escola é o universo mais diverso que conheço,
e sua imprevisibilidade me lembra a fala de minha mãe:**

“Mar não tem cabelo, garota”!

É, mãe... um dia aprendo a nadar!

A NAVEGAÇÃO EDUCAÇÃO



Sejam bem-vindas, bem-vindos, bem-vindes a essa navegação! Sou a comandante dessa viagem, na qual vocês cruzarão educação afora. Desde já, aviso aos que tiverem problemas cardíacos, sensibilidade extrema, excitabilidade desconcertante, enjoos em alto mar, medo de tubarão ou calafrios com as cenas fortes da vida, a única coisa que posso lhes assegurar é que temos disponíveis alguns coletes salva-vidas. Digo alguns, pois não tivemos verba para garantir a segurança de todos. Advirto, também, que alguns desses coletes estão fora da validade, então não temos como saber se irão funcionar. Vale ressaltar que nós temos uma rede. Informação relevante: algumas vezes ela fura, não deveria, mas fura. Entretanto, gostaria de lhes comunicar que temos uma tripulação muito bem treinada. Uma tripulação diversa. Uma tripulação transversa. Uma tripulação interdisciplinar: professores, psicólogos e assistentes sociais, se esforçando ao máximo para manter todos seguros, tentando impedir afogamentos, resgatando náufragos e acompanhando muitos navegantes.

Compondo essa tripulação, eu, professora de Artes Cênicas há 17 anos na Rede Municipal de Educação do Rio de Janeiro. Muitos mares navegados, braçadas sem possibilidades de paradas, à procura de botes salva-vidas que ancorassem o meu fazer em sala de aula, em meio a tanto descaso, aspereza e falta de perspectiva dos estudantes.

Os alunos não veem sentido nos currículos desenvolvidos no cotidiano escolar, pois são muito distantes das suas realidades, e solicitam que professores repensem suas práticas de ensino, com conteúdos que dialoguem com seu dia a dia e tornem significativo o

processo ensino-aprendizagem. (DAYRELL, 2007, p.1122) “A principal razão de qualquer ato de linguagem é a produção de sentido” (PCN, 2000, p. 19).

Precisava refletir sobre as minhas práticas e o que estava realizando. Navegava... navegava... navegava em busca de uma relação dialógica com meus alunos, num fazer propositivo de criação de possibilidades para produção autônoma dos mesmos (FREIRE, 1996).

Naufragei...

...inúmeras vezes em tentativas frustrantes.

Professoooooooooora ao maaaar!!!!



Já fazia um tempo que os muros cinza das escolas – às vezes azuis, mas cinza de tão áridos – me traziam ares grises de uma neblina que me impedia de ver o outro lado. Assim como Drummond, vi “uma pedra no meio do caminho”, tão alta quanto os muros acinzentados das escolas, que, junto com a neblina, me impedia de ver o outro lado do caminho.

Neblina!

Névoa!

Cerração!

Escuridão!

Breu!

Lá, aonde o sol não chega, nas profundezas do mar sem fim, onde o enigma faz moradia, e não podemos chegar, tampouco desvendar seus mistérios, estava eu, à deriva, com desafios diários a serem enfrentados, em busca de modos de lidar com as gigantescas ondas que nos aparecem neste vasto oceano educacional.



Concurso pra educação! Vou fazer! Mas, não pretendo continuar.²

Passei! Que bom! Vamos lá!

Escola em Pavuna! Dezembro, 2003 – Início – Água na cintura.

Áudio

Planejamento, Empolgação! Até que é bom!

Todos dizem: “Aula de teatro, os alunos se envolvem! Eles curtem!”

Auditório! Camarim! Não imaginava que seria assim! Agora vou mergulhar!

**Montagem de peças, leituras dramatizadas,
alunos cheios de energia, jogos, improvisação,**

Haja disposição!

Parceria com outros professores:

“Colegaaaaa, sua aula é assim? Essa energia, em breve chega ao fim!”

Balde de água fria!

Mas vou continuar. Já que decidi ficar, vou me dedicar.

Como me disse uma amiga, eu bebo a vida em grandes goles!

16 tempos, 6 turmas.

Vou fazer dupla, preciso de mais grana.

Dupla regência numa escola em Anchieta.

De Pavuna até lá, basta um ônibus pra chegar.

32 tempos, 12 turmas.

A voz começa a falhar,

mas é preciso aguentar, tenho contas a pagar.

Pavuna, Anchieta e Fonoaudióloga!

“Colegaaaaa, sua aula é assim? Essa energia em breve chega ao fim!”

Aguenta... mergulha... sai... respira....

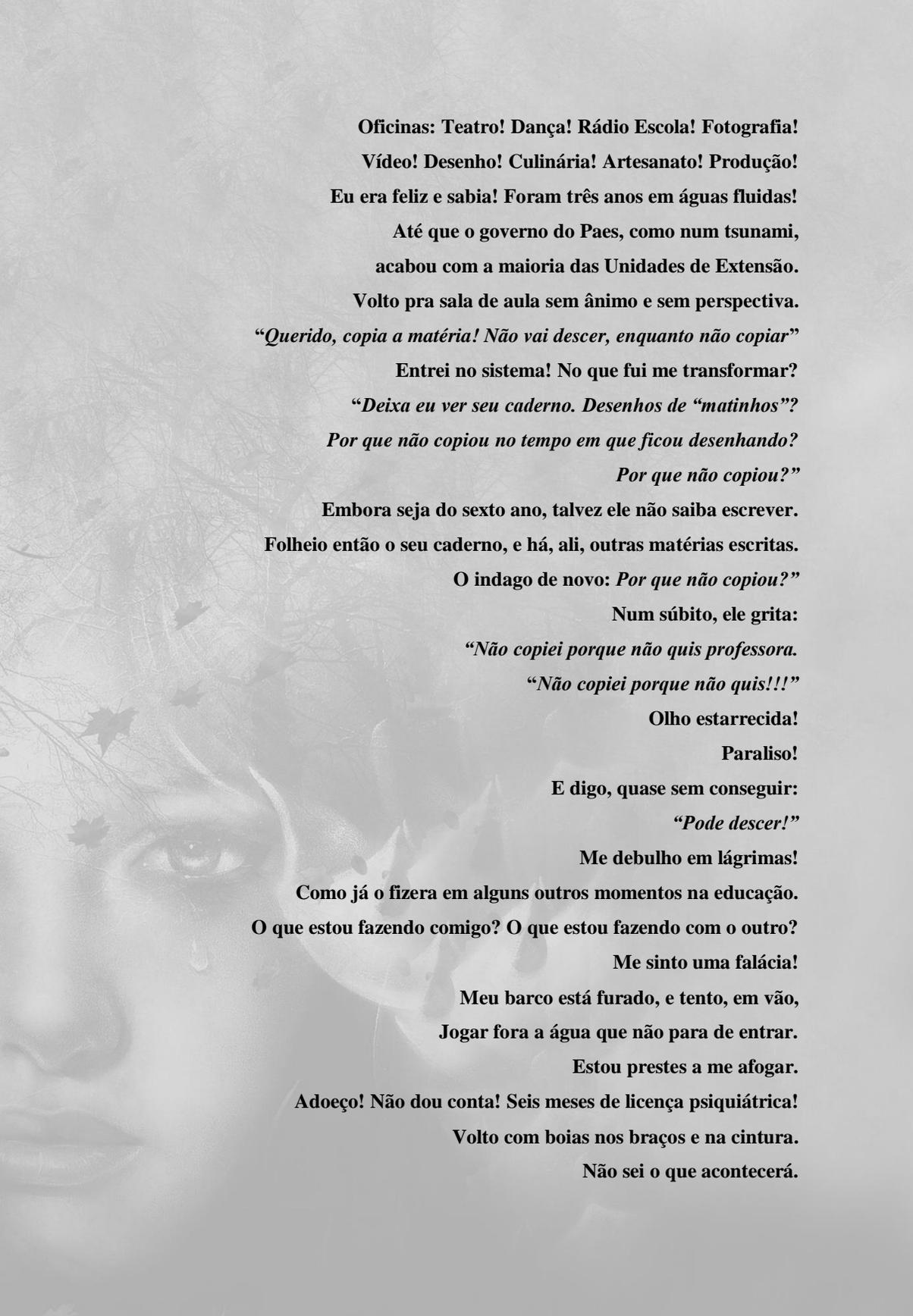
Em Anchieta, surge o PEJA³! Ufa! Pode ser um respiro!

² <https://youtu.be/MUaCVoJ27v0> (Áudio poesia)

³ Programa de Educação de jovens e adultos:
<http://www.multirio.rj.gov.br/index.php/leia/reportagens-artigos/reportagens/13298-conhe%C3%A7a-o-programa-de-educa%C3%A7%C3%A3o-de-jovens-e-adultos-peja> (QR Code na página 68)

Que legal, aluno adulto, turmas menores, menos tumulto.
Logo surge mais um convite: escola particular.
Agora, que estou no PEJA, acho que posso tentar.
Mais 4 turmas, 40 tempos, 16 turmas.
Aguenta... mergulha... sai... respira....
As salas de aula de sempre, lotadas, parecem ficar mais apertadas.
Pega turma... sobe... leva pro auditório... desce...
pega outra turma... sobe.. desce... sobe... desce
Gritaria... Confusão
Sala dos professores:
“Eu não aguento esses alunos!”
“Eles não têm educação!”
“Educação vem de casa!”
Aluno ameaça professora com pedaço de pau.
Aluna se arranha e diz que foi a professora.
Violência do entorno atravessa o muro da escola.
As salas de aula de sempre, lotadas, parecem ficar mais apertadas.
Acho que estou sufocando, lembro que não sei nadar.
Não vou aguentar, o barco vou abandonar.
Aguenta... mergulha... sai... respira....
Um dia no ponto de ônibus, indo pra escola, ponto preto no olho.
Corro pro médico... *“Isso é estresse!”*
Preciso me repensar. Do auditório pra teoria. Escolho a sala de aula.
CUSPO GIZ, GRITO, JÁ NÃO SEI MAIS SE ACREDITO.
Quando sinto que vou asfixiar, um novo convite pra revigorar.
De uma nova dupla regência no Pólo de Educação pelo Trabalho⁴,
já seguindo para chefia de um espaço que respirava arte!

⁴ Espaço de extensão que ofertava aos alunos da rede, no contraturno, oficinas de artes e outras, nas quais eles pudessem aprender uma habilidade possível de gerar renda própria. Além do Polo de Educação pelo Trabalho, também existiam unidades em todas as coordenadorias, de Núcleo de Artes (Oficinas de Artes) e Clube Escolar (Oficinas Esportivas). Hoje restam poucas unidades das duas últimas citadas.



**Oficinas: Teatro! Dança! Rádio Escola! Fotografia!
Vídeo! Desenho! Culinária! Artesanato! Produção!
Eu era feliz e sabia! Foram três anos em águas fluidas!
Até que o governo do Paes, como num tsunami,
acabou com a maioria das Unidades de Extensão.
Volto pra sala de aula sem ânimo e sem perspectiva.
“Querido, copia a matéria! Não vai descer, enquanto não copiar”
Entrei no sistema! No que fui me transformar?
“Deixa eu ver seu caderno. Desenhos de “matinhos”?
Por que não copiou no tempo em que ficou desenhando?
Por que não copiou?”
Embora seja do sexto ano, talvez ele não saiba escrever.
Folheio então o seu caderno, e há, ali, outras matérias escritas.
O indago de novo: *Por que não copiou?”*
Num súbito, ele grita:
“Não copiei porque não quis professora.
“Não copiei porque não quis!!”
Olho estarecida!
Paraliso!
E digo, quase sem conseguir:
“Pode descer!”
Me debulho em lágrimas!
Como já o fizera em alguns outros momentos na educação.
O que estou fazendo comigo? O que estou fazendo com o outro?
Me sinto uma falácia!
Meu barco está furado, e tento, em vão,
Jogar fora a água que não para de entrar.
Estou prestes a me afogar.
Adoço! Não dou conta! Seis meses de licença psiquiátrica!
Volto com boias nos braços e na cintura.
Não sei o que acontecerá.**

Próximo rumo: Apoio à direção.
Alunos, professores, responsáveis, toda comunidade escolar,
numa escola com muitas questões para se repensar,
e eu com minhas questões para elaborar.
Abre escola... fecha escola... atende pai... falta professor...
briga no pátio... caderno de registros... violência no entorno... caderno de
registros... atendimento... caderno... violência... atende...
Aguenta... mergulha... sai... respira...
Professoooooora ao mar!
Angústia! Descrença! Completamente à deriva!
Mas como abandonar o barco, na altura do campeonato?
Fim de 2014! Mudança de direção na escola!
Agora é esperar! Deixar, até o próximo ano, a água rolar!
Virada de ano, conversa informal com Débora Almeida,
Também professora de Artes Cênicas da rede e atriz.
Desabafo e digo: *“Tenho vontade de abandonar o barco”!*
Débora fala do setor que trabalha,
na SME (Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro),
que eu poderia tentar: *“Você pode contribuir!
É a possibilidade de um novo caminho na educação”.*
Receio, dúvida, medo... Tentativa, possibilidade, esperança...
Decido seguir esse curso de água...



Após 12 anos de navegação, atraquei minha embarcação no PROINAPE⁵, programa em que atuo há 5 anos, na SME. Surgiu um novo olhar para o meu fazer pedagógico, já há um tempo desencorajado. Estava a boiar em águas turvas e me vi flutuando em direção a uma curiosidade ingênua há tempos adormecida, a nadar em direção a uma curiosidade epistemológica, a querer mergulhar em novas leituras (FREIRE, 1996).

Água turva não é sinônimo de sujeira, e sim de mar agitado. Era preciso continuar navegando, flutuando na oscilação das ondas e seguir remando em busca de...

⁵ PROINAPE – Programa Interdisciplinar de Apoio às Escolas Municipais, com equipes formadas por professores, psicólogos e assistentes sociais. O programa tem, como finalidade, o desenvolvimento de ações conjuntas para potencializar o espaço escolar no sentido de ampliar o planejamento e o tratamento de múltiplas e importantes questões que se manifestam e que atravessam o processo de ensino e aprendizagem, acesso, permanência e qualidade da educação no âmbito do município do Rio de Janeiro. Nesse contexto, trabalhamos, atendendo estudantes, o corpo docente e toda comunidade escolar. Cabe ressaltar que o setor valoriza a formação continuada dos profissionais.

Teeeeeerra à viiiiiista!!!!

O programa



O ano é 2015! Meu primeiro ano no programa. Primeira formação no setor: Poesia Falada⁶, oferecida pela Casa Poema⁷ ao NIAP⁸. No segundo semestre, participei de uma turma, na qual os encontros eram ministrados por uma miniequipe⁹ da área da 5^aCRE, que já havia se apropriado do método (a parceria da Casa Poema com a SME se iniciou em 2013) e estava multiplicando para um grupo de professores de sala de leitura dessa coordenadoria. Só no semestre seguinte, fiz a oficina com a equipe da Casa Poema. Eu, professora da 6^aCRE, fui indicada pelo amigo Jair Augusto, psicólogo que compunha a minha miniequipe, para participar dessa formação. *Poesia?* Perguntei eu, desconfiada. Afinal, essa, literalmente não era a minha praia.

⁶ Método no qual a poesia deve ser falada de maneira natural, mais próximo possível do cotidiano, como uma conversa, um diálogo entre o “dizedor” e quem o está ouvindo. Parte de uma poesia que deve ser escolhida pelo estudante. É oferecido um acervo variado de poesias clássicas a contemporâneas, com linguagens diversificadas, podendo ser, também, letras de músicas. Ressalta-se que a poesia escolhida deve afetar o aluno e, muitas vezes, isso acontece de maneira inconsciente. É necessário contemplar uma variedade de assuntos de relevância política, social, temáticas relacionadas a preconceito, à diversidade, à desigualdade social e a assuntos que surjam do interesse dos educandos.

⁷ Instituição criada pela escritora e atriz Elisa Lucinda, que oferece à SME, a partir do nosso setor, o Projeto *Versos de Liberdade*, com a proposta de discutir o preconceito e a discriminação racial nas escolas através da poesia falada.

⁸ NIAP – Núcleo Interdisciplinar de Apoio às Escolas – é o setor responsável pelo acompanhamento das ações interdisciplinares nas diversas Coordenadorias Regionais de Educação e que tem o PROINAPE como ação prioritária.

⁹ As equipes PROINAPE, em suas determinadas coordenadorias, são divididas por miniequipes, com o intuito de responder às demandas no quantitativo de escolas da rede. Quando possível, atende a interdisciplinaridade dos profissionais envolvidos no programa. A miniequipe é formada pelas psicólogas Camilla Oliveira, Júlia Ferraz e a professora Estela Cunhs.

Já no primeiro encontro houve um incômodo/estranhamento. Eu, formada em Artes Cênicas e, a me ensinar a falar poesia, duas psicólogas e uma professora? Naquele momento, ainda não entendia a riqueza pedagógica a que o método se propunha e nem supunha que eu seria inundada significativamente por essa linguagem.

A poesia me tomou corpo, alma e sentido. Impulsos constantes! Meu corpo foi tomado por uma energia que não findava. Uma avalanche de ideias sobrenadava meus pensamentos. Tudo brotava poesia.

“Com uma folha, eu poderia expressar meus sentimentos mais profundos, aquilo que nem eu mesma consigo explicar”!
(Ana Maria Grecco, aluna desse projeto)

Viajava, não por mares, mas pelos trilhos entre as estações de trem de Nova Iguaçu, onde eu morava, e Madureira, bairro da escola onde fazia o curso. Nesse trecho, as palavras inquietas me cutucavam e as escritas ganhavam corpo poético. Parafraseio Gullar que, numa entrevista, disse estar parafraseando Platão, ao afirmar que minha poesia brotava dos espantos, dos estranhamentos, das descobertas. “Significa que você descobre algo na humanidade que não está explicado. É o inexplicado, o estranho, o surpreendente que faz nascer o conhecimento e também faz nascer a poesia” (GULLAR, 2016)¹⁰. Tudo que me convocava desaguava em poesia.

¹⁰ <https://www.youtube.com/watch?v=vfwXkvHEXUY>
(QR Code na página 68)

Médico leva facada e morre na Lagoa

Poesia

Alunos em situação de vulnerabilidade

Poesia

Adolescente violentada por 33 homens

Poesia

Mulher não consegue chorar por dor, nem por amor

Poesia

Piratas vencem as eleições

Poesia

Professores da 6ªCRE, que abrange o Complexo do Chapadão e da Pedreira, sofrem com a violência local.

Angústia!

Depressão!

Medicalização...

P

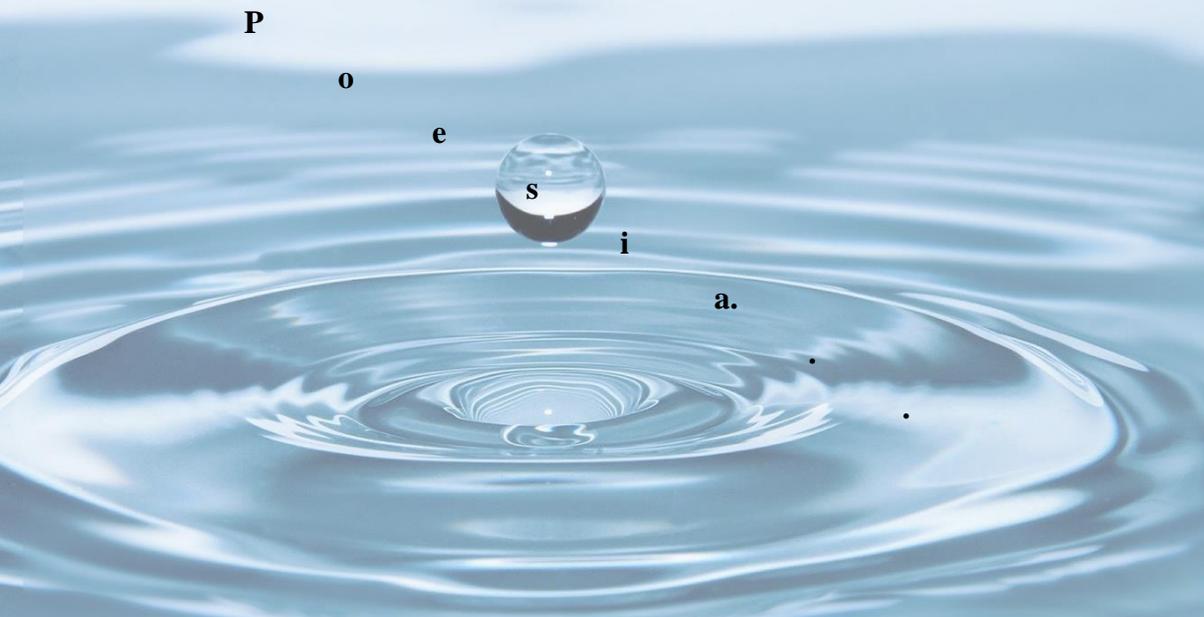
o

e

s

i

a.





Áudio

[...] Os sons que ouço¹¹
pipocam, ressoam, me atordoam.
Os tiros que, no cotidiano, vou me desviando
não me atingem o corpo,
mas me ferem a alma.
Somatizo, sintomatizo.
Placas vermelhas,
placas me saltam.
Mas eu insisto,
sigo em frente
sigo as placas:
vire à esquerda,
rua interditada,
dou uma freada,
“Tá lá um corpo estendido no chão”.
Tu tu, tu tu, tu tu
Ainda me resta vida!
Mesmo ferida,
vou na investida
“porque o pulso ainda pulsa”.
Meu trabalho é PEDREIRA,
chapa quente, CHAPADÃO.
“Tá lá um corpo estendido no chão”[...]
(MORAIS, 2017, p.53)

¹¹ <https://youtu.be/6jEkeQoiOEc> (Áudio poesia)



P

O

LE

J

LE

***PALAVRAS GALHOS:
NÃO NOS AFOGUEMOS...***

Angústias, amores, dores vazavam em versos. Alguma coisa estava acontecendo. Algo havia me transformado e me convidava a mergulhar mais profundamente. A poesia penetrou, delicada, como se eu nadasse em águas tranquilas e mornas e, ao mesmo tempo, avassaladoras, como num tsunami, a me ressignificar nesse lugar de educadora em que havia me perdido. Acreditava no trabalho e queria fazê-lo junto com as colegas.

No ano seguinte, com autorização da gerente do setor, Kátia Rios, ministrei oficinas de poesia falada com a equipe da 5ªCRE, que, nessa ocasião, era composta pelas psicólogas Camilla, Júlia e Eliane. Planejamos dois formatos de oficina, um com o grupo de professores e outro com um grupo de alunos, uma turma de 6º ano. Em ambos, pude contribuir ao colocar o trabalho corporal como parte essencial no processo dessa metodologia. Jogos teatrais e improvisações a favorecerem esses corpos num dizer poético. Convidávamos o corpo a falar junto com as palavras, como se a vibração de cada sílaba pronunciada necessitasse de um movimento, não ilustrativo, mas orgânico, necessário, vital. “O homem se movimenta a fim de satisfazer uma necessidade. Com sua movimentação, tem por objetivo atingir algo que lhe é valioso” (LABAN, 1978, p. 19). A escola, muitas vezes, não é esse lugar que convida o corpo a se expressar. Há uma estrutura que desfavorece o movimento, uma dinâmica que trava consideravelmente a naturalidade dos gestos, num convite à inércia, à inexpressão.

A forma de a escola controlar e disciplinar o corpo está ligada aos mecanismos das estruturas do poder, resultantes do processo histórico da civilização ocidental. As práticas escolares, segundo Rumpf, tendem a perpetuar a forma de internalização das relações do homem com o mundo, que consiste na supervalorização das operações cognitivas e no progressivo distanciamento da experiência sensorial direta. Para esse autor, a escola, nos últimos 150 anos de processo civilizatório, pretende não somente disciplinar o corpo e, com ele, os sentimentos, as ideias e as lembranças a ele associadas, mas também anulá-lo. (SALIN, 1994, p. 33)

Essa experiência foi fundamental para o desenvolvimento do trabalho que realizei no semestre seguinte na 6ªCRE. Desta vez, a miniequipe da 5ªCRE se juntou à nossa miniequipe. Repetimos o formato com uma turma de professoras de sala de leitura e com outra de alunos.

Considero esse momento como o início do grande mergulho. Aqui, faço uma pequena ruptura da narrativa, para situar em qual parte do oceano estamos: é em Ricardo de Albuquerque – Complexo do Chapadão, que o navio ancora no cais, bairro no qual está situada a E. M. Coelho Neto, na 6ªCRE, onde as oficinas aconteceram e onde já realizávamos um trabalho de acompanhamento nessa unidade escolar.

O colégio atende uma faixa de 510 alunos, moradores do bairro de Ricardo de Albuquerque e de bairros vizinhos, como: Parque Anchieta, Guadalupe e Olinda, sendo esse último pertencente à cidade de Nilópolis. Fundada em 1930, seu patrono, Coelho Neto, era

romancista, crítico e teatrólogo. Passou a ser Ginásio Carioca em 2011¹². Hoje funciona como EMAC¹³.

Os alunos da EMAC Coelho Neto são todos adolescentes e muitos vivem em situação de vulnerabilidade. Casos de abuso, violência doméstica, maus tratos, violência física, sexual, autolesão, carências sociais e emotivas, ideias suicidas. Situações que impossibilitam o bom desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem. Casos com os quais, tantas vezes, a escola não sabe como lidar. Deveria saber?



[...] Por causa de momentos como esse, entendo muito melhor aqueles que quiseram e conseguiram morrer, adolescentes ou não.

[...] Enquanto existirem palavras galhos para nos agarrarmos, talvez não nos afoguemos.

(JUNIOR, 2018, p. 85)

¹² Modelo de ensino implementado em 2011 pela Secretaria Municipal de Educação vigente, para as escolas de segundo segmento (7º ao 9º Anos) da Prefeitura do Rio. Foi concebido levando-se em consideração as experiências educacionais e o modelo pedagógico e de gestão desenvolvidos nas escolas-pilotos – Ginásios Experimentais Cariocas. Maiores informações: <http://prefeitura.rio/web/rioeduca>.

¹³ Escola Municipal de Aplicação Carioca, criada pela secretária de educação Talma Suane, sob a gestão do prefeito Marcelo Crivela.

Uma equipe interdisciplinar, eu e o psicólogo Jair Júnior buscávamos estratégias, modos de lidar com demandas diversas, doídas, complexas. Realizávamos atendimentos, encaminhamentos e articulações com a rede. Mas as demandas não cessavam, renovavam-se num círculo cruel de situações pungentes.

A escola realizava um movimento constante para trazer uma realidade mais amena e oportuna para os alunos. Projetos como Ocupa Escola (atividades culturais com artistas da comunidade local), gincanas, feira de múltiplas linguagens, rádio escola, aulas de percussão, aulas de reciclagem, Sesc na escola, Orquestra nas Escolas, Outras Eletivas. Dentre as oficinas oferecidas, gostaria de destacar uma dada pela professora de História e PII¹⁴ Márcia Freire, que, nessa ocasião, realizava o trabalho na Sala de Recursos¹⁵. Nós tínhamos uma parceria importante com essa professora, que ministrava uma disciplina eletiva chamada “Conversa Franca”. O espaço era destinado à participação somente de alunas e a discussão de assuntos relacionados a machismo, violência doméstica, desigualdade de gênero, orientação sexual, dentre outros, elegidos pelas alunas. Os temas eram discutidos em rodas de conversa, e outras atividades eram propostas pela professora. Um lugar de escuta, potente e necessário,

¹⁴ Professora de primeiro segmento, que corresponde aos primeiros anos (1º ao 5º ano).

¹⁵ Sala onde os alunos portadores de necessidades educacionais especiais, matriculados nas classes regulares, são atendidos. Nestes espaços, são utilizados recursos específicos que sirvam às necessidades deles e os auxiliem na aprendizagem. A frequência na sala de recursos é em horário diferente ao da classe regular.

que muitas vezes a escola não conseguia (e não consegue) proporcionar aos alunos, para que os mesmos possam expressar suas ideias e pensamentos.

Numa reunião com os responsáveis, a direção pediu que Márcia compartilhasse com os pais os assuntos discutidos nessa eletiva. Ela e as alunas decidiram utilizar a linguagem teatral como recurso. Como a mesma sabia que eu era professora de Artes Cênicas, me pediu ajuda para pensar na apresentação. Em verdade, as alunas já haviam construído uma cena, mas precisavam de um texto para abri-la. A apresentação falava de abuso e violência doméstica. Na ocasião, havia acabado de escrever uma poesia que tratava sobre essa temática: “Meu território”¹⁶. As alunas se identificaram de imediato e usaram na apresentação. Era o primeiro contato daquelas alunas com a poesia falada.

Já estávamos nos organizando junto à equipe da 5ªCRE para oferecer a oficina de poesia falada aos alunos, e não poderíamos ter melhor divulgação: as vozes das próprias alunas. Aproximadamente 15 alunos se inscreveram, então iniciamos o trabalho.

Interessa-me, aqui, narrar parte da experiência da oficina com os alunos. São eles que despertam mais à frente, o meu interesse de pesquisa nesse projeto. No trabalho que se seguiu, os alunos demonstravam grande entusiasmo na linguagem, desconstruindo a ideia inicial, na qual alguns diziam: “poesia é coisa de velho” ou,

¹⁶ MORAIS, A. Espelho Meu. Nova Iguaçu, RJ: Entorno, 2017.

ainda, “poesia é chata”. Quando não, achavam que era algo distante, que eles não eram capazes de fazer.

A partir das poesias escolhidas, trabalhávamos as temáticas contidas nas mesmas, o que ampliava o poder argumentativo e crítico desses alunos, além do enriquecimento da oralidade, estímulo à leitura e à escrita. “A contribuição da poesia na aprendizagem da leitura e escrita é relevante porque ela é essencialmente um texto para ser oralizado” (FRONCKOWIAK, 2005, p.3). Saltava aos olhos o ganho pedagógico que o processo oferecia para os estudantes. E enquanto equipe interdisciplinar, o rendimento se revelava em outras instâncias. No campo psicossocial, a metodologia produz mudanças na forma de olhar para o cotidiano e de se posicionar; melhoria nas relações entre alunos e professores, inclusive no que se refere à aprendizagem de mão dupla; o diálogo sendo protagonista para lidar com os conflitos que surgiam no universo escolar, dentre outros (OLIVEIRA, 2017).

No ano seguinte, continuamos realizando o trabalho nessa U.E., agora, somente a equipe da 6ª CRE, com o mesmo grupo de alunos e alguns novos. Não tínhamos a pretensão de trabalhar a escrita poética, mas a efervescência de acontecimentos culturais na escola, junto com o trabalho da poesia falada, impulsionou de maneira potente esse acontecimento. Paradas no pátio, seguidas de olhos, ora brilhantes, ora tímidos, e, na sequência, a pergunta: "posso ler uma poesia pra você? Fui eu que escreveu." Ali, no meio do pátio, muitas vezes me via surpreendida e tocada, sem preparo pra ouvir tantas delicadezas ou asperezas, que nós, educadores, adultos e “experientes”, não supomos passar. Sensações! Borboletas a fazerem

estripulias no estômago, olhos brotando de tanta beleza, tanta força. Roubada de consciência com essas inesperadas palavras proferidas por esses educandos.

Quantas verdades doídas, quanta coisa a ser dita. Meus olhos, horizonte a ampliar a visão de fatos que tantas vezes a sala de aula nos impede de ver. Ouvidos, concha do mar a sentir ecoar tantas falas dos alunos que precisam ser ditas, tantas palavras que precisam ser ouvidas. Estou encharcada! Já não sei mais se estou banhada das águas, ora reluzentes, ora turvas, desse vasto oceano que atravessei a nado, ou se as lágrimas que transbordam de mim, me tornaram um mar de sentimentos derretidos, parafraseando Viviane Mosé¹⁷.

Eles usam a poesia pra expressarem dores, medos, alegrias, dúvidas, quereres. São verdades subjetivas, externadas de maneira reveladora, pungente, descortinada.

Suas bocas e corpos, a cada aula acontecida, se apropriavam de histórias por eles construídas, ou não. Com a mesma intimidade de quem veste suas roupas diariamente, vi raios de luz atravessarem aquelas tais pedras do caminho, colorindo os muros das escolas, trazendo aos poucos, clarividências de raios que não cegam, mas, sim, abrem brechas de possibilidades.

¹⁷ <https://www.youtube.com/watch?v=qP8-3D2f1XE> – Poema preso – Viviane Mosé. (QR Code na página 68)



Enfim, me sentia fluida.
Era um recomeço!
Finalmente reencontrava uma
relação dialógica com os alunos.

Vi surgir nesse processo o nascimento de uma voz subjetiva, que evoca e verbaliza assuntos de interesses próprios do aluno, uma autorrepresentação, que funciona como a performance de uma manifestação genuína, que oscila entre o depoimento pessoal e a criação de uma estética (D'ALVA, 2014, prefácio XV). E no processo de escrita, muitas vezes o sujeito narra a história de um coletivo, um depoimento pessoal ganha vida na arte e se torna um lugar de representatividade.

[...]em sociedades onde a classe dominante monopoliza as técnicas da escrita tudo que se refere a oralidade torna-se virtualmente objeto de repressão e os poetas orais passam com ou sem razão a ser porta-vozes dos oprimidos (D'ALVA, 2014, p. 52).

Lindsay grita:

[...]Gritei pelos negros, e me acusaram de roubo,
gritei pelos pobres, me acusaram de novo,
gritei pelas mulheres e fui agredida. [...]
Gritei alto por todos os gritos abafados
e senti a dor de gritar sozinha,
de lutar uma luta que parece perdida.[...]

Nathália denunciou:

[...]É só esperar, não dou nem um mês,
pra bala se perder e matar um negro pobre outra vez.
Quem foi que matou?
Quem foi que deu o tiro?
Todos nós que nos conformamos com essa situação,
fomos nós que puxamos aquele gatilho![...]

Jennyfer existe:

[...]Já me perdi de mim mesma
e nem sei aonde fui parar,
vivo em um mundo que só eu me vejo,
um abismo cheio de desejos.[...]

Thawã revela:

[...]Sou feliz, sou gay,
sou lésbica, sou pan,
sou hétero, sou o arco íris![...]

Versos que estão no primeiro livro publicado com poesias dos alunos da EMAC Coelho Neto¹⁸. Eu e Jair organizamos o material junto à escola e concretizamos esse trabalho no final do ano de 2017.



¹⁸ MORAIS, Andreia; OLIVEIRA, Maria Rejane; JUNIOR, Jair Dias Augusto (organizadores). Poesias ao vento. Nova Iguaçu, RJ: Entorno, 2017

The image features two dancers in white, intricately detailed lace bodices and flowing, multi-layered skirts. They are positioned symmetrically, facing each other with their arms raised and hands clasped. The background is a deep, dark blue or black, speckled with white light points, resembling a starry night sky or a nebula. A bright, ethereal light emanates from the center, between the dancers, creating a vertical glow that illuminates the scene. The overall mood is dreamlike and ethereal.

PESCADA PELO TEATRO E POR UMA IARA:

“O CORPO EXPRESSIVO NO ESPAÇO ESCOLAR”



Áudio

Numa certa noite, eu tive um sonho:¹⁹
eu voava e era tomada
por aquela sensação maravilhosa de brisa no rosto
e um imenso sentimento de liberdade,
de um prazer descomunal.
Sonhar que estou voando é um dos meus devaneios preferidos.
Como se já não fora suficiente a magnífica sensação de voar,
avistei uma paisagem assombrosamente bonita!
Um mar de águas azuis reluzentes,
que refletia um lindo dia de sol.
A banhar-se nesse onírico oceano,
avistei duas Iaras vestidas de branco,
com suas saias rodadas e esvoaçantes
a boiarem nesse mar que fim não há.
Elas giravam, giravam, sorriam e giravam,
embaladas por suas risadas.
Tudo era silêncio!
Não havia palavras!
Os sons que preenchiam esse cenário
eram suas risadas melódicas,
e o canto dos pássaros ajudavam
na sinfonia para compor essa coreografia.
Uma das Iaras,
Iaraale, entoou um canto suave e sedutor,
e, como se ainda houvesse espaço para mais magia nesse encontro,
a outra Iara,
Iaraan, foi tomada de forma magnética nessa dualidade.
Mas Iaraan também tinha os seus mistérios e feitiços,

¹⁹ <https://youtu.be/L8hcWfC1A10> (Áudio poesia)

e, com o dom de transformar tudo ao seu redor em poesia,
faz com que Iaraale caia em seus encantos.
Reza a lenda que corpos tão expressivos e conectados,
já se embalam desde vidas passadas,
mas estavam a navegar em mares distantes,
a se reencontrarem com uma importante missão.
O mar é cheio de mistérios, segredos,
diversidades e, lá no seu profundo,
há vidas, muitas ainda não descobertas.
E, lá nesse profundo, existe a escuridão,
onde o sol não chega, onde o enigma faz moradia.
Mas como ousadia faz parte
do movimento náutico dessas mulhereias,
elas se fazem existir nos mergulhos intensos,
elas querem imergir em sentimentos, submergir afetos, desvendar tesouros.
O elo que existe entre essas duas Iaras pode causar um maremoto,
pois, juntas, elas são pulsão, explosão.
Elas até podem não dominar o mundo,
mas seus corpos expressivos
provocarão ondas de sentimentos profundos!!!
(Poesia escrita para dissertação de Alessandra Garcia²⁰).

Devido à característica da itinerância do meu trabalho, navego em naus diferentes, atracando em alguns cais e cruzando muitos mares. Nesse mesmo ano, no final do primeiro semestre, num dia de

²⁰ Mestra em Teatro Educação pela UNIRIO. Atriz, cantora, professora da Rede Municipal do Rio de Janeiro e da Escola Liceu Franco Brasileiro.

assinatura de ponto²¹, encontrei-me com uma Iara, digo, com uma professora de Artes Cênicas que acabara de entrar no setor, no início do ano de 2017. Aguardando para assinar o ponto, identifiquei seu sobrenome e vi que ela se parecia muito com uma colega da graduação em Artes Cênicas, também professora e atriz, Patrícia Garcia. Perguntei se elas eram irmãs, e Alessandra confirmou. Começamos a conversar e pensamos em tomar um café para trocarmos ideias sobre nossas atuações na área e como cada uma articulava o teatro nas equipes interdisciplinares.

Alessandra Garcia era da 1ªCRE e foi conhecer o trabalho que realizávamos na 6ªCRE. Trocamos algumas ideias, e propus que iniciássemos a escrita de um projeto, tendo o teatro como dispositivo para as ações no PROINAPE. Vi nesse encontro uma grande possibilidade de me reaproximar das artes cênicas. Embora, no processo da poesia falada, alguns exercícios teatrais fossem propostos, era, a palavra, a importante protagonista da metodologia. De certa forma, o corpo era negligenciado. Eu sentia a necessidade de rever isso no trabalho. Queria e precisava retomar o trabalho com o teatro.

As artes são linguagens que complementam a linguagem verbal. É absolutamente importante o contato com a arte por crianças e adolescentes. Primeiro, porque no processo de conhecimento da arte são envolvidos, além da inteligência e do raciocínio, o afetivo e o emocional, que estão sempre fora do currículo escolar (MAE, Ana)²².

²¹ As equipes PROINAPE estão distribuídas nas 11 coordenadorias de educação que compõe a secretaria, porém todos os profissionais são lotados na SME, por isso assinamos o ponto no setor.

²² <https://epoca.globo.com/ideias/noticia/2016/05/importancia-do-ensino-das-artes-na-escola.html> - (QR Code na página 68)



Áudio

Vislumbro o encontro do rio com o mar.²³

Nas águas calmas do rio, quero me banhar.

A travessia em seu leito me é familiar,

Porém preciso me aprofundar.

O rio é diverso,

Branças, Claras, Pretas águas,

Tamanhos, Volumes, Profundidades.

Rio

Rio

Rio

Em você, quero me banhar.

Que sua gravidade flua

Em direção ao mar.

Fomos autorizadas por nossa gerente a desenvolver o projeto com a supervisão de Valéria Neves, professora do NIAP.

No segundo semestre de 2017, me dediquei a esse projeto, junto à Alessandra Garcia, que nomeamos como “O Corpo Expressivo no Espaço Escolar”²⁴. Foi uma decisão fundamental para o meu fazer profissional. Rememorar muitas metodologias, unir minhas

²³ <https://youtu.be/d8tQM48djzA> (Áudio poesia)

²⁴ O corpo expressivo no espaço escolar se tornou um projeto especial do setor e tem o teatro como dispositivo facilitador e norteador das ações da equipe interdisciplinar. Tem como objetivo despertar a consciência do sujeito enquanto protagonista da sua história, ativando suas potencialidades, fazendo-o experimentar e colocar em prática sua produção e construção, pelo caminho das artes cênicas, no processo de autoconhecimento (do corpo, dos seus limites e de suas possibilidades). (GARCIA, MORAIS, 2017, s/p). Além de nós, Alessandra e eu, participam do projeto, as psicólogas Camilla Oliveira e Janaina Isidro, que contribuíram expressivamente para construção de um trabalho interdisciplinar, tendo o teatro como protagonista das ações.

experiências às da Alessandra, aprender e me fortalecer como professora de teatro. O projeto tomou uma proporção tão especial que Alessandra narrou esse processo como seu objeto de análise do mestrado profissional, defendido em maio de 2020: “O teatro como dispositivo potencializador nas ações do PROINAPE”, sob a orientação da professora Ângela de Castro Reis²⁵.

Jangadas a nos levar a lugares mais profundos.

Tivemos a oportunidade de revisitar e ampliar a metodologia do Teatro do Oprimido, com o apoio da professora de Língua Portuguesa, Claudete Felix²⁶. Acompanhamos e participamos de algumas aulas dadas por Claudete para sua turma do Programa Acelera²⁷. Foi uma troca fundamental para elaboração e enriquecimento de nosso projeto.

Na margem de um rio já conhecido, voltamos à UNIRIO para participar de uma Oficina para profissionais da educação: “*A sala como universo cênico*”, ministrada pela professora Sylvia Heller²⁸, em

²⁵ Mestre e Doutora em Teatro pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Tem experiência na área de Artes, com ênfase em História do Teatro, atuando principalmente nos seguintes temas: teatro brasileiro, historiografia do teatro brasileiro, atrizes brasileiras e história da atuação.

²⁶ Curinga do Teatro do Oprimido pelo CTO – Centro de Teatro do Oprimido e Mestre pela UFRJ. Defendeu sua dissertação sobre seu trabalho com o grupo Marias do Brasil.

²⁷ Programa de Aceleração dos alunos da Rede Municipal com defasagem de idade e série.

²⁸ Doutora Pós-graduada em Teatro pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

parceria com Alexandre de Assunção Hryhorczuk²⁹. Oficina voltada para profissionais da educação, cujos conteúdos pedagógicos eram de grande interesse para “O Corpo Expressivo”.

Ambas as experiências me confluíram em rios de águas claras. Ficou mais nítida a importância de valorizar o corpo, o gesto intencional, o movimento, até então, pouco trabalhado no processo da poesia falada. Ao refletir sobre o percurso vivido, percebi que havia certa dicotomia entre palavra e corpo, numa lógica cartesiana, como se fosse possível separar um do outro, num dizer e fazer artístico. Não desconsidero a importância da subjetividade das palavras numa escrita autoral poética, ao contrário, eu a defendi com ênfase nessa trajetória. Negar, porém, que essa mesma subjetivação atravessa o nosso corpo é fragmentar nossa existência e nosso sentido. Precisamos considerar nosso aluno como um todo. Sigo em busca de um rio perene, na fluidez de um CORPO PRESENTE, CORPO VIVO, CORPO DESPERTO, CORPO DIALOGANTE, CORPO EXPRESSIVO.

“A ciência nos explica que o nosso corpo é matéria.

O teatro me ensina que o corpo é material”.

(Bruna Nascimento, aluna desse projeto)

Nosso projeto foi piloto numa escola da 3ªCRE, e estavam conosco, nesse trabalho, Valéria Neves e Lourdes Gigante, professoras do NIAP que já tinham um vínculo constituído nessa U.E. A pedido da direção, a oficina foi realizada com aproximadamente 25 alunos de séries distintas (do 6º ano 9º ano), alunos com “*comportamentos inadequados*” (Fala da direção).

²⁹ Ator, palhaço e formado em Licenciatura - Artes Cênicas pela UNIRIO.

Mergulhamos em metodologias que trouxessem para cena a possibilidade de soltura e expressão dos alunos, exercícios onde eles pudessem se relacionar com os seus e outros corpos. Jogos de integração, concentração, observação, consciência espacial/corporal, aquecimentos e relaxamentos, foram amplamente explorados primeiramente. A aposta inicial era a de que eles desenvolvessem habilidades expressivas e cognitivas com prazer e se relacionassem com respeito entre eles, só assim poderíamos avançar na proposta.

Durante todo o processo, fazíamos uma avaliação no final de cada encontro. Destaco uma fala que nos chamou atenção. Uma das alunas relatou: *“o que eu acho mais legal nas aulas é que, em alguns exercícios, a gente não precisa falar pra se comunicar, a gente se comunica pelo olhar”* (sic). Talvez, a aluna não tenha percebido, mas foi pelo corpo que eles se comunicaram, nas relações que se estabeleceram a partir do seu movimento.

O corpo fala sem palavras. Pela linguagem do corpo, você diz muitas coisas aos outros. E eles têm muitas coisas a dizer para você. Também nosso corpo é antes de tudo um centro de informações para nós mesmos (WEIL e TOMPAKOW, 2019, p.7).

Dando continuidade ao planejamento, embarcamos em jogos de improvisação, desenvolvendo cenas a partir das vivências dos alunos. Eram corpos disponíveis, prontos para o jogo.

Numa dessas atividades, um dos alunos se negou a participar. Ele disse: *“professora, eu não sei o que falar, os outros exercícios, não precisava falar, por isso participava”* (sic). Então, Alessandra retornou para ele: *“Quem disse que você precisa falar? Entra no jogo*

e não fala, vamos ver no que vai dar” (sic). Ele olhou desconfiado e, depois de muita insistência dos colegas, levantou e se juntou aos outros três. Numa atitude de quem quer se livrar do exercício, entrou em cena e sentou de qualquer maneira na cadeira, demonstrando impaciência. Por mais que ele não percebesse, seu corpo falava, expressava inquietude e agitação. Ele virava para um lado, para o outro, e não demorou para que os outros colegas entrassem em cena e embarcassem na proposta despreziosa do primeiro aluno. Durante toda a cena, nenhum dos alunos emitiu, sequer, uma palavra, mas seus corpos expressavam sentimentos com leituras claras e se comunicavam entre si, num jogo cômico, que surpreendeu a todos que assistiam. “O movimento visto por Laban configura-se como uma arquitetura viva. Ele se dá no espaço, cria formas, estabelece caminhos e muda as relações e os lugares” (SILVA, 1994 apud MALANGA, BOTELHO, 2013, p.7).

O corpo fala, queiramos ou não, ele se expressa a todo momento. A capacidade de expressão do nosso corpo está em sua possibilidade de passar uma mensagem, ideia ou conceito através do movimento.

Destaco, nessas duas experiências narradas, como o trabalho com o corpo pode contribuir na relação dos alunos e estabelecer diálogos no processo criativo desse corpo em movimento.

Nos afluentes jogos teatrais revividos e/ou aprendidos³⁰, por mais que a palavra fosse protagonista no processo, ela era evocada por um corpo que brotava em expressão e, por vezes, sozinho, podia ser poesia. Silêncio... pausas... corpo em movimento ou em imagem... tudo pode transbordar em expressão.

Corpo é poesia em movimento³¹

É palavra emitida em ação

É desenho no espaço

Afeto em abraço

É leitura de mundo

Ao alcance das mãos.

Corpo é expressão!

Comunhão de gestos

Conjunção de sentidos.

Nele, lê-se sentimentos

Cansaço, angústia ou até mesmo desespero!

Mas, também se lê esperança

Expectativa, Amor, Criação.

Com meus alunos

Quero escrever com o corpo

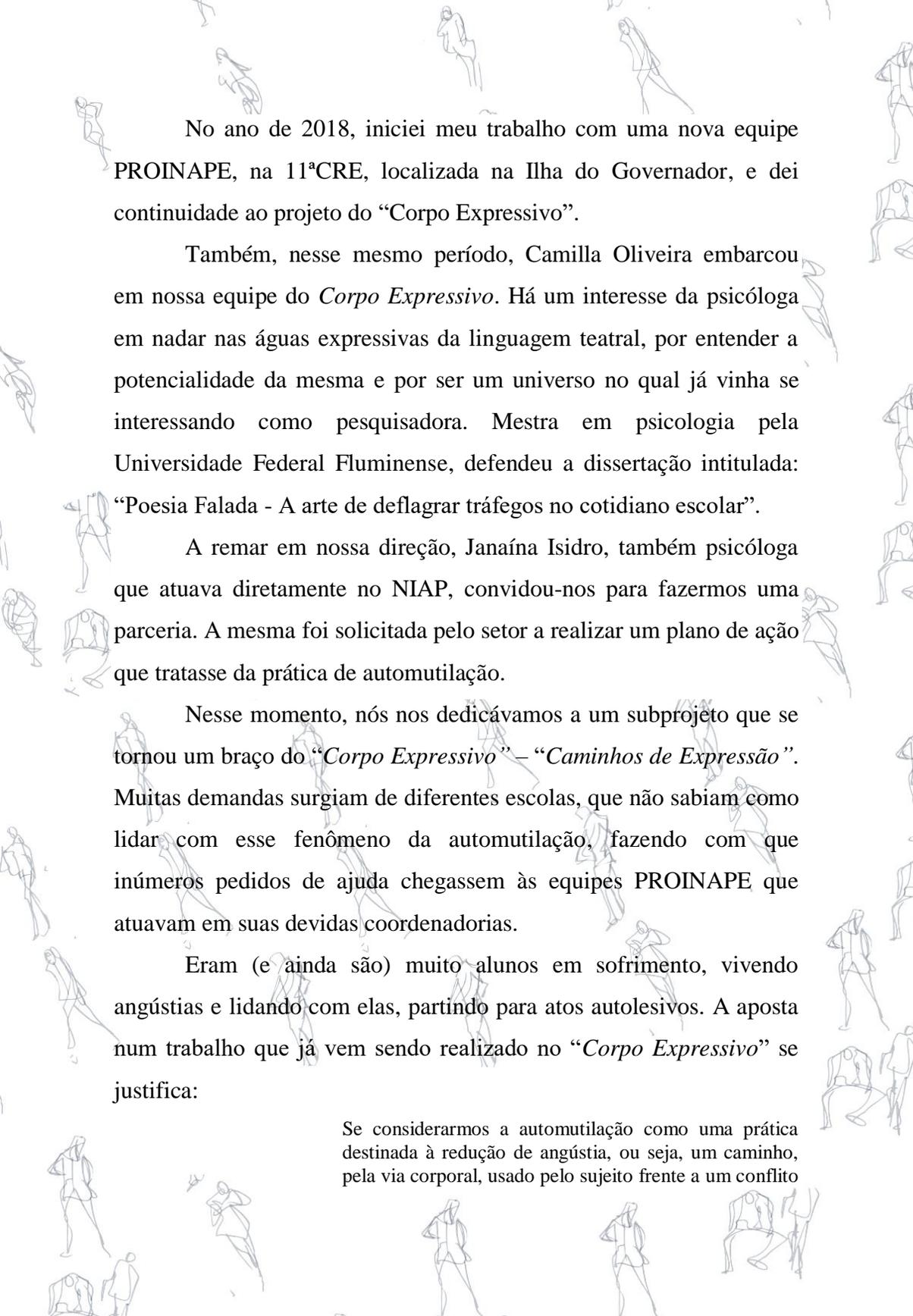
E ler, nele, poesia.



Áudio

³⁰ Alguns jogos trabalhados com esse grupo, podem ser encontrados no canal que a equipe do "Corpo Expressivo no espaço escolar" criou no YouTube, com o intuito de compartilhar com outras equipes do PROINAPE, parte da metodologia de nosso projeto: https://www.youtube.com/channel/UCIOD79_LvTqEHsBUd7zV22g (QR Code na página 68) – Do canal do "Corpo Expressivo no espaço escolar".

³¹ https://youtu.be/XC7W_kqS4w4 (Áudio poesia)



No ano de 2018, iniciei meu trabalho com uma nova equipe PROINAPE, na 11ªCRE, localizada na Ilha do Governador, e dei continuidade ao projeto do “Corpo Expressivo”.

Também, nesse mesmo período, Camilla Oliveira embarcou em nossa equipe do *Corpo Expressivo*. Há um interesse da psicóloga em nadar nas águas expressivas da linguagem teatral, por entender a potencialidade da mesma e por ser um universo no qual já vinha se interessando como pesquisadora. Mestre em psicologia pela Universidade Federal Fluminense, defendeu a dissertação intitulada: “Poesia Falada - A arte de deflagrar tráfegos no cotidiano escolar”.

A remar em nossa direção, Janaína Isidro, também psicóloga que atuava diretamente no NIAP, convidou-nos para fazermos uma parceria. A mesma foi solicitada pelo setor a realizar um plano de ação que tratasse da prática de automutilação.

Nesse momento, nós nos dedicávamos a um subprojeto que se tornou um braço do “*Corpo Expressivo*” – “*Caminhos de Expressão*”. Muitas demandas surgiam de diferentes escolas, que não sabiam como lidar com esse fenômeno da automutilação, fazendo com que inúmeros pedidos de ajuda chegassem às equipes PROINAPE que atuavam em suas devidas coordenadorias.

Eram (e ainda são) muito alunos em sofrimento, vivendo angústias e lidando com elas, partindo para atos autolesivos. A aposta num trabalho que já vem sendo realizado no “*Corpo Expressivo*” se justifica:

Se considerarmos a automutilação como uma prática destinada à redução de angústia, ou seja, um caminho, pela via corporal, usado pelo sujeito frente a um conflito

ou sofrimento psíquico, por não conseguir outro modo de solução, não nos parece cabível seguir a estratégia da interdição, do tipo “não faça isso”, ou ainda “isso não pode”, ainda que venha imbuída de toda a vontade de ajuda. Mas talvez apostarmos no convite à experimentação de outros modos de expressão e ancoragem que possa servir como recursos de linguagem e expressão, inclusive pela via corporal (Projeto Caminhos de Expressão, elaborado em 2018, s/p).

Do Índico ao Pacífico, do Pacífico ao Atlântico, a prática de automutilação estava presente em toda rede, sendo mais comum entre os adolescentes. Em especial, uma avalanche de casos era relatada nas escolas da 7ªCRE. Então planejamos uma ação voltada especificamente para essa coordenadoria. Optamos, nesse trabalho, por oferecer a oficina aos professores facilitadores³², com o intuito de ampliar o número de escolas a serem atendidas, alcançando, assim, um maior número de alunos.

Desenhamos uma proposta de vivências com as linguagens artísticas, principalmente teatro e poesia. Tínhamos, como propósito, o compartilhamento de algumas metodologias e favorecimento de trocas entre o grupo de professores, que, por sua vez, multiplicariam essas experiências vividas, compartilhando-as com os alunos.

Iniciamos o trabalho, resgatando as memórias da adolescência dos professores, conduzindo-os a uma vivência, na qual os mesmos puderam rememorar esse momento da vida. Esse trabalho favoreceu a aproximação entre os professores e os jovens, que puderam revelar suas escolhas, motivações e sofrimentos.

³² São professores indicados pela direção da escola para trabalhar com um grupo de adolescentes com ações voltadas para o protagonismo juvenil.

Jogos teatrais, improvisações, técnicas do Teatro do Oprimido, como o Teatro-Imagem e propostas inspiradas no Teatro-Fórum, foram exercícios fundamentais para que os professores pudessem refletir sobre modos de lidar com situações-limites. Ao final de cada encontro, eles falavam da relevância de trabalhar esses exercícios com os alunos e de como os próprios alunos podiam elaborar e pensar em caminhos, utilizando o teatro para vivenciar cenas da própria vida. “O jogo teatral como instrumento fundamental para estabelecer o relacionamento, a percepção de si mesmo e do outro, do espaço que ocupamos e da sociedade que estamos inseridos. O teatro metaforiza a própria vida” (MOREIRA, 2013, p. 4).

Uma breve, porém intensa, experiência com a poesia falada foi oferecida aos professores. O último encontro foi para celebrar a palavra. Já havia trabalhado no processo de compartilhamento da metodologia da poesia falada com outros dois grupos de professores, no entanto, gostaria de destacar que, como esse grupo passou pela experiência de um trabalho no qual o corpo esteve presente num processo de criação, construção e experimentação, as leituras das poesias escolhidas dialogavam entre O FALAR, O SENTIR E O EXPRESSAR de forma muito mais significativa.

Findou-se 2018! A navegação Educação tinha que seguir seu rumo! Eu, que me banhei junto com alunos, professores e colegas de trabalho em águas poéticas, teatrais, corporais e expressivas, vi a necessidade de provocar o encontro do rio com o mar.

O teatro e a poesia falada usam palavra (voz) e corpo como linguagens principais para sua expressão. Criei coragem e me joguei nesse encontro!

Me jogo num rio de águas escuras, cor-de-guaraná,
e deixo a correnteza me levar.

Não consigo ver o fundo do rio.

A correnteza me leva boiando e me deságua no mar.

Neste encontro de águas doce e salgada,
provo de uma mistura que não conheço.

A água salgada, límpida e esverdeada, irrita meus olhos;
a doce acalma meus sentidos.

O mar, com sua natureza selvagem,
se encontra com a calma e quietude do rio.

Nesta mistura experimento algo que
não posso mapear e nomear, apenas sentir.

Algo que escapa a todos os códigos existentes.

Mistura de sossego e inquietação, alegria e medo, desejo e solidão. Decido me
entregar e viver este desconhecido que atravessa
a superfície frágil da minha pele,

tão marcada, e me invade por todos os poros.

Esse encontro entre mar e rio é a perfeita tradução da beleza
e complexidade da vida, que quer da gente é coragem.

(OLIVEIRA, 2014, S/P)

PROJETO INICIAL:
“A SINGULARIDADE DA POESIA FALADA
EM DIÁLOGO COM O TEATRO:
UM CAMPO FÉRTIL NO CHÃO DA ESCOLA”

Há que se tirar os sapatos para sentir o chão da escola.
Há que se regar o chão da escola
para que floresça esperança, possibilidades, luta e afeto.



Os quatro primeiros anos no PROINAPE me possibilitaram desenvolver um novo olhar para minha prática pedagógica com importantes e preciosas experiências. O contato com a poesia falada e o trabalho do teatro na educação em diálogo com outros saberes me fizeram querer colocar em prática, de maneira mais atenta, planejada e sistemática, o encontro dessas duas linguagens no trabalho com os alunos.

Um movimento que me fez despertar, ver sentido e potência na junção dessas duas linguagens foi o Slam³³. Lembro-me da primeira vez que estive nesse evento e do quanto as palavras me tocaram, de como fiquei impactada com a presença daqueles corpos e a relevância dos assuntos narrados.

O slam se configura como um círculo poético onde as demandas ‘do agora’ de determinada comunidade, suas questões mais pungentes, são apresentadas, contrapostas e organizadas de acordo com suas vivências e experiências (D’ALVA, 2014, p.112).

Favorecer a expressão legítima do aluno, a partir de uma narrativa própria, na escrita de uma poesia autoral em diálogo com o corpo, que também fala, cria, age e precisa expressar suas verdades e urgências, é a principal aposta dessa pesquisa.

Comecei molhando os pés, sentindo a temperatura da água, avaliando o vento. Era preciso investigar e colocar em prática, de

³³ Poderíamos definir o *poetry slam*, ou simplesmente slam, de diversas maneiras: uma competição de poesia falada, um espaço para livre expressão poética, uma *ágora*, onde questões da atualidade são debatidas ou, até mesmo, mais uma forma de entretenimento. De fato, é difícil defini-lo de maneira tão simplificada, pois, em seus 25 anos de existência, ele se tornou, além de um acontecimento poético, um movimento social, cultural e artístico, que se expande progressivamente e é celebrado em comunidades em todo o mundo” (D’ALVA, 2014, p.109).

maneira mais consciente, num trabalho sistematizado e atento, o encontro dessas duas linguagens na educação e a ser realizado numa equipe interdisciplinar.

A vontade de fazer um mestrado era antiga, mas não existia um assunto que me provocasse tanta verdade. Todo esse universo de episódios pedagógicos e vitais chegou como uma canção de Iara, como a ira de Poseidon e precisava ganhar corporeidade escrita e prática. A ideia estava translúcida: “A singularidade da poesia falada em diálogo com o teatro - um campo fértil no chão da escola”.

Infelizmente, a proposta inicial foi naufragada! No início do ano de 2019, o setor passou por um maremoto, impossibilitando-me de colocar em prática o trabalho pensado. Uma mudança de gestão colocou em risco a continuidade do PROINAPE. Tudo indicava um - desmonte do programa, e havia a possibilidade de os professores saírem, por conta de possíveis mudanças que os prejudicariam³⁴.

Fiquei sem rumo. Estava no início das aulas de mestrado na UNIRIO. Expectativas! Euforias! Vontade de colocar em exercício

³⁴ Quando o professor está desempenhando uma função fora de sala de aula, descaracteriza regência, então perde o direito a aposentadoria especial (25 anos) e na característica de um trabalho administrativo, tem que cumprir, ao menos 25 horas de trabalho, sem ganhar a mais por essas horas “extras”. Alguns professores, concursados em 16 horas, já cogitavam a possibilidade de sair do programa, caso houvesse essa exigência. O professor que compõe um trabalho no PROINAPE, embora esteja fora da grade escolar, não perde sua regência, pois desenvolve trabalhos pedagógicos com os alunos, garantindo a prática do magistério. A equipe solicitou uma reunião com a Secretária de Educação, Talma Suane, que teve uma escuta atenta e garantiu olhar com cuidado essa demanda. Entretanto, a solução dessa questão aconteceu somente a partir do segundo semestre, tendo eu, então, a missão de repensar meus próximos passos.

tudo que pensava. Contudo, mais uma vez estava à deriva. Fui atropelada e literalmente! Saindo de uma escola para outra, fui atropelada por uma moto. De fato, isso aconteceu! Não sei como o policiamento marítimo não localizou uma moto em pleno alto mar!

Ondas agitadas, meu corpo, em imensidão, a atravessar a nado, experimentando cansaços e câibras, que me obrigaram a sair desse que deveria ser um mergulho profundo, para pegar fôlego.

Era preciso parar.

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço.” (LARROSA, 2002, p.24)





**Parar não é só importante,
é a única opção pra chegar até o objetivo.
Sem parar, você vai longe, mas morrerá no caminho.
Você só sentirá a faixa sendo rasgada na linha de chegada
se lembrar de, no caminho, não ignorar as paradas.
Demorei pra aprender e entendi o sentido da jornada:
só continua, quem para.**

(Nathália Amorim, aluna desse projeto)



Ao parar pude olhar... escutar... pensar... sentir... de-vagar. Só assim tive condições de continuar. E o que já era translúcido, se tornou claríssimo. Durante todo o percurso do meu trabalho com a poesia falada, muitos alunos, principalmente alunas, se aproximaram do processo por uma identificação com minha escrita poética e feminista, o que aconteceu fortemente a partir da poesia: “Meu território”.

Então escolhi fazer um recorte e direcionar meu projeto para o diálogo entre o teatro e a poesia falada na subjetividade feminina. Convidei seis alunas, quatro da EMAC Coelho Neto e duas da EMAC Charles Anderson Weaver, ambas na 6ª coordenadoria, onde pude, durante três anos, desenvolver o trabalho ao lado de Jair Junior. Todas participaram do processo de poesia falada e, por motivações diferentes, chamei-as para compor esse projeto.

Eu me descubro, não só quando me olho no espelho,
mas também quando eu olho pra vocês!
Não somos apenas aquilo que nós vemos,
a resiliência me toca e me faz descobrir
coisas que eu nunca senti,
nos faz descobrir, nos faz olhar,
me faz te olhar e, simplesmente, ver a mim.

(Maria Paula Grecco

Aluna desse projeto).

Depois de cinco anos trabalhando em uma equipe interdisciplinar na educação, retomei o meu lugar de educadora solo, especificamente nessa pesquisa. Com uma bagagem repleta de aprendizagem, mas vendo a necessidade de trilhar junto com essas seis estudantes o caminho da construção desse trabalho. Via em cada uma dessas alunas, adolescentes contestadoras, reflexivas e expressivas em âmbitos diferentes, que irei relatar ao longo do processo.

O objetivo era trabalhar essa temática e considerar a desigualdade de gênero e o lugar que ainda é conferido à mulher na sociedade e, obviamente, na escola, que é reflexo dessa sociedade.

Dentro do universo escolar, vemos frequentemente meninas sofrendo assédio dos meninos. Eles tocam em seus corpos sem autorização, as diminuem com palavras hostis e de baixo calão e, por vezes, são agressivos, chegando a agir com violência física e ameaças. É possível ver meninas naturalizando alguns comportamentos abusivos, considerando-os normais, justamente por serem tão recorrentes e tantas vezes não serem problematizados.

Ao transitarmos por muitas escolas nesses cinco anos do programa, trazemos como proposição de trabalho discussões de temáticas referentes à herança colonial, debates sobre racismo, homofobia, xenofobia, machismo, dentre outras que surgirem como necessidade dentro do grupo em que estivermos trabalhando nas escolas onde circulamos. Cabe ressaltar que esses assuntos surgem por interesse dos estudantes. As alunas demonstram extrema necessidade de discutir o machismo, narram situações nas quais se sentem

incomodadas e compartilham nas rodas de conversa casos de violência e desigualdade de gênero. O teatro se mostra potente para trazer situações que, por vezes, são difíceis de serem externadas. Em propostas de improvisação e jogos teatrais, as alunas utilizam a cena para tocar em determinados assuntos.

Os meninos, ao participarem também do processo, podem minimamente visualizar suas atitudes, o que lhes provoca uma autorreflexão. Mas, muitas vezes, os argumentos são rebatidos pelos mesmos com mais pitadas de machismo, com comentários do tipo: “Elas gostam”! “Ela pediu!” “Ela não reclamou!” “Ela também passou a mão em mim”!

Há um longo e árduo caminho pela frente e necessitamos seguir.

Não tenho notícias da chamada “Era dos descobrimentos ou das grandes navegações” serem lideradas por mulheres e não me interessa, com esse trabalho, perpetuar lógicas de dominação, colonização ou apropriação. Ao contrário, me interessa andarilhar caminhos decoloniais:

- ✓ Problematizar discursos naturalizados e visões cristalizadas sobre gênero;
- ✓ Desafiar e questionar estruturas sociais, políticas e culturais;
- ✓ Refletir sobre frases que são bandeiras, que já obtiveram avanços expressivos, mas que ainda precisam ser amplamente refletidas, compreendidas e

garantidas: “Lugar de mulher é onde ela quer estar!”;
“Não é não!”; “Meu corpo, meu território”;

- ✓ Desterritorializar corpos que, não só em outros tempos, mas **ainda** em dias atuais, são propriedades de tantos senhores feudais que **ainda** transitam no cotidiano dos lares e fazem com que os meninos estudantes reproduzam e naturalizem o lugar construído socialmente para as mulheres, que **ainda** estão na classificação de seres inferiores. É preciso que, enquanto mulheres, tenhamos posse de nosso próprio corpo e que nos entendamos como sujeitos de nossas histórias;
- ✓ Legitimar o conhecimento que vem de vozes e escritas femininas, caminhos esses que já vêm sendo trilhados por pedagogos, professores e profissionais da educação.

[...]muitos docentes têm também procurado incluir no currículo outras Histórias: a das mulheres, a dos povos indígenas, a dos negros, por exemplo. Tais inclusões preenchem algumas das lacunas mais encontradas nas propostas curriculares oficiais, trazendo à cena vozes e culturas negadas e silenciadas no currículo. (CANDAU, MOREIRA, 2007, p. 33).

Pensar em epistemologias decoloniais deveria ser um caminho a ser percorrido por todos os educadores em seu cotidiano escolar. A reflexão da prática pedagógica deve ser constante, em um movimento de autoavaliação e autocrítica, na construção de planejamentos e na

elaboração de estratégias de ensino que não corroborem com a perpetuação da hegemonia eurocêntrica.

A história nos chega referenciada com a visão do colonizador. Chimamanda Adichie nos alerta sobre o perigo de uma história única: “A história única cria estereótipos, e o problema com os estereótipos não é que sejam mentira, mas que são incompletos. Eles fazem com que uma história se torne a única história” (ADICHIE, 2009, p.14). É preciso possibilitar um outro olhar da história, tornando o colonizado protagonista da sua narrativa.

[...]o currículo a serviço de um projeto de sociedade democrática, justa e igualitária. Um ideal de sociedade que avança na cultura política, social e também pedagógica. Uma sociedade regida pelo imperativo ético da garantia dos direitos humanos para todos. Diante do ideal de construir essa sociedade, a escola, o currículo e a docência são obrigados a se indagar e tentar superar toda prática e toda cultura seletiva, excludente, segregadora e classificatória na organização do conhecimento, dos tempos e espaços, dos agrupamentos dos educandos e também na organização do convívio e do trabalho dos educadores e dos educandos (CANDAUI, MOREIRA, 2007, p. 14).

O conhecimento legitimado das classes ditas superiores desconsidera o que há de história e cultura das pessoas classificadas como inferiores, no que concerne à raça, ao gênero e à sexualidade, e onde residem as relações de exploração, dominação e conflito (MIGNOLO, 2016).

É na educação que a destituição da hegemonia epistêmica pode e deve ganhar força e espaço. Trilhar um caminho de libertação dos

conceitos ocidentais como inerentes e absolutos, não com o propósito de abandoná-los ou ignorá-los, mas de ressignificá-los, ampliá-los e possibilitar-lhes novas leituras, olhares e saberes.

A estrutura patriarcal, naturalizada e perpetuada produz masculinidades hegemônicas, associando, como um dos muitos estereótipos, a força ao masculino e a fragilidade ao feminino, numa expectativa de papéis sociais e sexuais naturalizados impostos, a negar outras perspectivas e construção de outros ideais (JUNIOR, 2017). “O gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder” (GOMES, 2018, p.68).

Nesse sentido, seria urgente o deslocamento do pensamento hegemônico e a ressignificação das identidades, sejam elas de raça, de gênero ou de classe, para que se pudesse construir novos lugares de fala com objetivo de possibilitar voz e visibilidade a sujeitos que foram considerados implícitos dentro dessa normatização hegemônica. (RIBEIRO, 2019, P. 43)

Trabalhar questões de desigualdade de gênero dentro do universo escolar é conferir à mulher o mesmo direito a ocupar cargos importantes, assim como os homens, é conferir autenticidade de falas e saberes que, por vezes, são desconsiderados por virem de mulheres, é conferir uma tão idealizada e necessária equidade de gênero.

O avanço dos movimentos sociais e as conquistas adquiridas em conferências nacionais e internacionais de direitos humanos possibilitou a criação de documentos que provocaram mudanças expressivas na política mundial. Com destaque para a “IV Conferência

Mundial sobre a Mulher: Igualdade, Desenvolvimento e Paz de 1995”, ocorrida em Pequim, China, que tratou as questões referentes aos direitos humanos das mulheres e, de forma inédita, introduziu nas discussões a igualdade de gênero – tendo o gênero em substituição da categoria sexo. A partir desse momento, os assuntos relacionados às teorizações de gênero são considerados e ponderados pela ONU e demais órgãos executivos (BRABO, SILVA, MACIEL, 2019). Esse importante cenário reflete de maneira considerável e expressiva na educação brasileira:

Segundo Brabo (2004), nos anos de 1990 a escola pública brasileira contou com mudanças essenciais: a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional em 1996 juntamente dos Parâmetros Curriculares Nacionais que mantém gênero e temas relacionados à diversidade humana contemplados e previstos para a educação em todo o país. Deste momento em diante, o Brasil dispõe de constantes elaborações e feitos nas políticas públicas e educacionais em defesa dos direitos das mulheres e da diversidade sexual e de gênero e superação de desigualdades/discriminações presentes no país. Ressaltam-se, assim, o I Plano Nacional de Políticas para Mulheres (PNPM), aprovado na I Conferência Nacional de Políticas para Mulheres (I CNPM) em 2004 e o II Plano Nacional de Políticas para Mulheres de 2008 [...] (SILVA, MACIEL, BRABO, 2019, p. 164).



Vivemos um contexto político desafiador, no qual trazer à tona discussões que mobilizem um pensamento crítico-reflexivo e um comportamento decolonial é estar em meio a um campo minado que pode explodir a qualquer momento. “Creio que nunca precisou o professor progressista estar tão advertido quanto hoje em face da esperteza com que a ideologia dominante insinua a neutralidade da educação” (FREIRE, 1996, p. 98).

É importante salientar que, embora os desafios sejam grandes, por serem temáticas amplamente questionadas por algumas lideranças políticas e religiosas, que buscam formas de negar e barrar debates acerca de gênero, abarcando aqui, também, a diversidade (a qual não me proponho abordar), não podemos perder de vista o que está garantido por lei:

Contudo, a educação emancipatória trazida pela perspectiva de educação em direitos humanos – atendendo-se todas as reivindicações e temas no íntimo das teorizações acadêmicas sobre gênero e sexualidades –, baseada na superação das desigualdades ancoradas na história humana, permanece legal e registrada nos documentos nacionais de educação, por mais que os novos documentos tenham sofrido censuras, temas como gênero, sexualidades, dentre outros, como raça e etnia (também alvo censuras) estão respaldados por uma série de documento da educação brasileira. (SILVA, MACIEL, BRABO, 2019, p. 166).

A sala de aula é o lugar privilegiado para essa discussão, é onde ela deve acontecer, por ser um espaço de formação de sujeitos. Permitir a perpetuação de condutas e atitudes abusivas e ignorar que esse tipo de comportamento é nocivo para vida das mulheres, seria

uma irresponsabilidade docente. “Qualquer discriminação é imoral e lutar contra ela é um **DEVER** por mais que se reconheça a força dos condicionamentos a enfrentar” (FREIRE, 1996, p. 60, grifo da autora).

As discrepâncias de gênero e o alto índice de feminicídio demonstram a importância de falar sobre a desigualdade de gênero no contexto escolar. Há que se garantir, dentro das escolas, debates e reflexões que abordem essa temática. Junto a esse grupo de alunas, proponho-me a desenhar um projeto, onde teatro em diálogo com a poesia autoral possam apresentar outras perspectivas para os nossos alunos.

A proposição da prática de uma escrita poética autoral legítima e genuína das alunas em diálogo, com a construção de novas possibilidades e experimentações de novos caminhos a partir da linguagem teatral, confere uma prática decolonial.

Necessitamos de um teatro que não nos proporcione somente as sensações, as ideias e os impulsos que são permitidos pelo respectivo contexto histórico das relações humanas (o contexto em que as ações se realizam), mas, sim, que pregue e suscite pensamentos e sentimentos que desempenhem um papel na modificação desse contexto (BRECHT, 1963, p.113).

Um grupo formado por alunas poetisas contestadoras, reflexivas e dispostas a desconstruir comportamentos impostos faz parte de uma experiência teatral que se propõe decolonial, que se desenha em moldes poéticos autorais, questionadores, e que se pretende transformadora.



Áudio

De colônia, pouco resta nesse grupo que vos falo,³⁵
Nem dessas que dão cheiro, pois as mesmas provocam espirros.

Por saber que algumas moças, das donzelas às rebeldes,
Muitas delas possuem alguma “ITE”: sinusite, rinite ou bronquite.

Evitemos a fadiga e dispenseemos os cheiros indesejáveis,

Pois são outras alergias, inflamações e infecções

Que atemorizam essas moças e as fazem torcer o nariz.

Tão jovens, mas já escrevem suas histórias
com uma apropriação que às vezes assusta.

Sobreviventes na selva moderna,

Elas procuram negar as formas coloniais de dominação,

Vislumbram independência financeira

Fogem das relações abusivas e abominam maus tratos.

Elas se desenham em corpos decoloniais

E querem se despir dessa roupagem que lhes foi imposta,

Destituir as velas que lhes foram traçadas! “Sulear” caminhos!

Elas têm outros planos e pretendem segui-los!



³⁵ https://youtu.be/pT_Day8WHW4 (Áudio poesia)

QR code:

Nota 3 – página 18



Nota 10 – página 25



Nota 17 – página 35



Nota 18 – página 36



Nota 23 – página 42



Nota 31 – página 47



36

³⁶ Todas as imagens utilizadas nesse projeto foram retiradas do banco de imagens gratuitas do site Canva:

https://www.canva.com/?irgwc=1&utm_medium=affiliate&utm_source=Skimbit+Ltd.&clickId=wmvTRg031xyLTYQ0T7RMwz4PUkE1aZWrx19Ro0

Referências Bibliográficas



ADICHIE, Chimamanda. **O perigo de uma história única**. Companhia das Letras, 2009.

ALMEIDA, Alessandra, MORAIS, Andreia: **Projeto Corpo Expressivo**. Rio de Janeiro: NIAP, 2017.

BOAL, Augusto. **Jogos para atores e não-atores**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002

BOTELHO, Iura, MALANGA, Eliana. **A análise Laban do movimento aplicada ao ballet clássico**. ARTEREVISTA, v.2, n.2, jun/dez 2013.

BRABO, Tânia, SILVA, Matheus, MACIEL, Talita. **Direitos Humanos das mulheres e das pessoas LGTB: A relação agridoce entre gênero e educação em meio a desafios contemporâneos**. Interfaces Científicas, 2019.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte - terceiro e quarto ciclos: introdução e Apresentação dos Temas Transversais / Secretaria Fundamental de Educação**. – Brasília: MEC / SEF, 1998.

BRECHT, Bertold. **Estudos sobre teatro**, Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1963.

CANDAU, Vera, MOREIRA, Antônio. **Indagações sobre currículo: Currículo, conhecimento e cultura**. Organização do documento: Jeanete Beauchamp, Sandra Denise Pagel, Aricélia Ribeiro do Nascimento. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

D'ALVA, R. E. **Teatro Hip Hop** - A performance poética do ator-MC. 1 Ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.

DAYRELL, Juarez. **A escola “faz” as juventudes?** Reflexões em torno da socialização juvenil. Educ. Soc., Campinas, vol. 28, n. 100 – Especial, p. 1105-1128, out. 2007. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br> Acesso em: 03 Ago. 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FRONCKOWIAK, Ângela. **Como andar sem poesia? – A leitura de poemas na Educação Infantil.** II Colóquio Leitura e Cognição” do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade de Santa Cruz do Sul em outubro de 2005.

GOMES, Camilla. **Gênero como categoria de análise decolonial. Dossiê: Gênero e sexualidade.** Civitas, Porto Alegre, v. 18, nº1, p, 65-82, jan.-abr. 2018.

JUNIOR, Jair. **Amarr(a)ção.** Rio de Janeiro: Letras e Versos, 2019.

JUNIOR, Paulo. **“Se der mole... Eu passo o rodo”:** quando as questões de gênero, sexualidades, masculinidades e raça invadem o cotidiano escolar. Revista Café com Sociologia, Vol 6, nº 01, 2017.

LABAN, Rudolf. **Domínio do movimento,** São Paulo: Grupo Editorial Summus, 1978.

LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência.** Rev. Bras. Educ. [online]. 2002, n.19, pp.20-28.

MIGNOLO, Walter. **Desobediência Epistêmica: A opção decolonial e o significado de identidade em política.** Tradução de Ângela Lopes Norte. Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade, nº 34, p.

MORAIS, Andreia; OLIVEIRA, R.; JUNIOR, J. **Poesias ao vento**. Nova Iguaçu: Editora Entorno, 2017.

MOREIRA, Maria. **O jogo teatral e suas alianças: experiências no âmbito escolar para uma dramaturgia identitária e emancipatória**.

MORRONE, Beatriz. **A importância do ensino das artes na escola**. Entrevista com Ana Mae Barbosa. Revista Época, 2016: <https://epoca.globo.com/ideias/noticia/2016/05/importancia-do-ensino-das-artes-na-escola.html>

OLIVEIRA, Camilla. **Poesia Falada: a arte de deflagrar tráfegos no cotidiano escolar**. Rio de Janeiro, 2017. Dissertação de Mestrado. Programa de pós-graduação de Psicologia da Universidade Federal Fluminense.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. Feminismos Plurais. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

SALIN, M. A. **Sentir, pensar, agir. Corporeidade e Educação**. O controle do corpo na escola. São Paulo: Papirus, 1994.

TOMPAKOW, Roland e WEIL Pierre. **O corpo fala**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2019.

ANDREIA CARLA CERQUEIRA MORAIS SALGADO

ENTRE LUTAS E AFETOS:

**O DIÁLOGO ENTRE O TEATRO
E A POESIA FALADA
NA SUBJETIVIDADE FEMININA**

ORIENTADORA:

MONICA FERREIRA MAGALHAES

2020



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
UNIRIO
CENTRO DE LETRAS E ARTES – CLA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM ENSINO DE ARTES CÊNICAS -PPGEAC
MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE ARTES CÊNICAS**

ENTRE LUTAS E AFETOS:

**O DIÁLOGO ENTRE O TEATRO
E A POESIA FALADA
NA SUBJETIVIDADE FEMININA**

RIO DE JANEIRO – RJ

2020



Diário de Bordo

No cais 07

Encontros

Nathália Amorim 10

Jenyffer Guttman 17

Lindsay Reis 21

Ana Maria Grecco e Maria Paula Grecco 24

Bruna Nascimento 32

Na proa do navio: Uma breve introdução 36

Primeiro encontro: *UNI*mos nossos *VERSOs* 42

Segundo encontro: *Nossas histórias* 57

Terceiro encontro: *Nosso corpo* 65

Quarto encontro: *Como ser apenas um sonho?* 71

DesEncontro: *À deriva* 77

Quinto encontro: *Eu serei o príncipe e serei a princesa* 82

Sexto encontro: *O que é ser mulher pra sociedade* 88

Sétimo encontro: *Você que só notou naquela tarde de domingo* 99

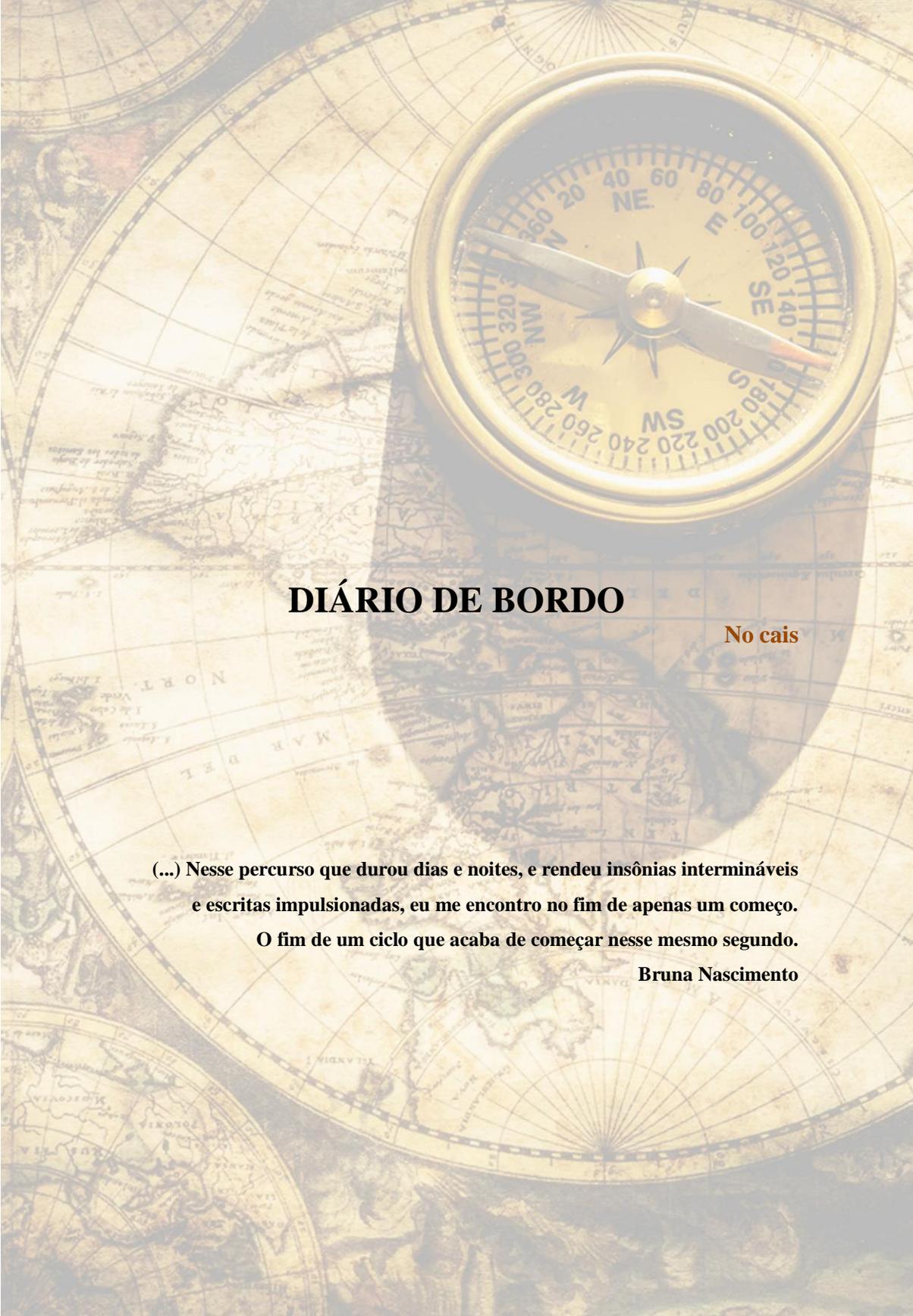
Encontro: *Estamos em constante avaliação* 110

Encontro: *Uma ajudando a outra* 118

Encontro: *Tudo é quieto perto do coração acelerado* 123

Programações culturais: *Deixa a poesia te tocar* 136

Apresentações e debates nas escolas: <i>Todos gritam calados, mas eu grito escrevendo</i>	150
Encerrando 2019: <i>Mas tínhamos a certeza de onde queríamos chegar</i>	175
Iniciando 2020: <i>Me esbaldar em poesias</i>	182
Levantamento de cenas: <i>Uma mulher cansada ainda é revolucionária</i>	184
Finalização do texto teatral: “Uma andorinha só não faz verão”..	205
Texto Teatral UniVersos: <i>Nunca desistirá de ser emancipado</i> ...	212
Encontros Virtuais: <i>Sou Maria Mulher</i>	226
Decisões importantes em tempos de Pandemia	236
Desenhos: Por Thawã Braga	239
A qualificação e a reverberação dos próximos passos	246
Considerações finais: Um ciclo se fecha... ou se abre?	255
QR Code	260
Referências Bibliográficas	262



DIÁRIO DE BORDO

No cais

(...) Nesse percurso que durou dias e noites, e rendeu insônias intermináveis e escritas impulsionadas, eu me encontro no fim de apenas um começo. O fim de um ciclo que acaba de começar nesse mesmo segundo.

Bruna Nascimento

Enfim, sejam bem vindas, bem vindos, bem vindes a bordo.

No primeiro momento, vocês irão tomar conhecimento de como esses corpos, palavras, afetos, sintonias e lutas se esbarraram. Irei narrar como conheci as alunas na cronologia do tempo.

Em seguida, trarei a descrição de todo nosso processo, construção e andamento do trabalho, frequência dos encontros, impulsos para as escritas, reflexões, discussões, jogos, improvisações, programações culturais e metodologias utilizadas.

Proponho-me a trazer uma narrativa dos episódios vividos e de tudo que foi construído até a escrita do texto teatral. Por certo, alguns momentos serão difíceis de transpor para o papel. Perdas, angústias, tentativas frustrantes ou, ainda, euforias, felicidade extrema, amadurecimento. Por vezes, as palavras faltarão, bem sei. Mas, que eu seja capaz de trazer, neste relato, o desejo e o porquê da existência desse projeto.



Encontros¹

No céu, encontro vocálico.

Na terra, consonantal.

Na estrada que esperanço em verde,

A junção do amarelo

Com o azul celestial.

No sol com o luar, eclipse solar.

O rio com o mar pode pororocar!

Açúcar e sal, sabor agridoce,

Encontro de salivas, um beijo doce.

Braços entrelaçados, abraço.



Áudio

Por Andreia Morais

Encontro de gametas,

Geração de vidas:

Que se cruzam

Se complementam

Se reinventam

E enumeram possibilidades.

Encontro de mulheres é

Doação, sororidade

Luta, transformação

Afeto, perspectiva

Comunhão.

Andreia Morais

<https://youtu.be/NiyWLVB0PeQ> (Áudio poesia)

EMAC Coelho Neto.

Num dia de trabalho com a equipe PROINAPE, a professora Márcia pediu que eu auxiliasse algumas estudantes que faziam uma apresentação teatral na reunião de responsáveis (Vide Prólogo Diário de Bordo, p. 27).

Três alunas participaram da abertura da cena: Brenda, Nathália e Vitória.

Depois da sugestão e do acolhimento da poesia, imprimi “Meu território” para trabalharmos.

**Quero sangrar somente o que a natureza me exigir.
Meu corpo, meu território! Será que é pedir muito?
Quantas vezes teremos que repetir? Uma? Duas? Dez? Trinta? Trinta e três?
Quantas vezes teremos que repetir? Todos os dias? A cada 11 minutos?
Quantas vezes teremos que repetir? Em quantas línguas? Dialectos?
Ouço a música que eu quero, visto a roupa que eu quero,
Saio com quem eu quero, com que EU quero, entende?
Não importa se estou de saíote ou de decote
Não importa se estou de burca ou de saia curta
Não me toque sem a minha autorização.
Não queira se apossar daquilo que não te pertence
Eu pertencço a mim mesma e me dou a quem eu quiser.
Advérbio de negação de fácil entendimento: NÃO! Não é não!
Se não quero e não consinto, é estupro sim!
Às vezes até acompanhado de adjetivos;
Estupro "instinto natural", estupro matrimonial, estupro coletivo
Estupro corretivo. Corretivo, sim
Acontece na comunidade, só por isso não lhe traz indignidade?**

Se sou negra, branca, gorda, magra, feia, bonita, pobre ou rica,
Não entre, se não for convidado, não sou brinquedo de diversão

Minha carne me é cara.
Meu corpo, meu território!
Instinto animal? Se controla, rapaz!
"Homem é assim mesmo"? Se liga, seu ordinário!
"A gente não está com a bunda exposta na janela pra passar a mão nela"

A cada toque não querido, gritemos!
A cada assédio investido, gritemos!
A cada cantada nojenta e indesejada nas ruas, gritemos!
A cada encoxada no ônibus lotado, gritemos!
A cada alisada de braço, nada inocente, gritemos!
A cada espiada numa porta entreaberta, gritemos!
A cada motivo que queiram criar para nos culpabilizar,
quando na verdade somos vítimas, gritemos!
Gritemos quantas vezes forem necessárias,
Gritemos o nosso uivo de fêmea,
Que exige, que luta, que quer mudança, que não cala,
Gritemos em uníssono!
Somos todas Beatriz, Maria da Penha, Antônia
Não sejamos anônimas. Não nos calarão!
Chega de impunidade! Chega de barbaridade!
Cultura do estupro, cultura do medo, cultura da submissão,
Cultura da opressão, cultura do machismo!
Já basta! Meu corpo, Meu território, Meu firmamento
Meu universo, MEU!
Andreia Morais²

² Essa é uma versão para escola. A original se encontra no livro “Espelho Meu” e pode ser assistida numa edição do Slam das Minas: <https://www.youtube.com/watch?v=rSAyBDIIWns> (QR Code na página 253).

Fiz uma primeira divisão do texto com o intuito de uma leitura compartilhada. As alunas leram a poesia, e, juntas, discutimos cada estrofe, ampliando o entendimento dos assuntos expostos no poema e a contextualização com a nossa realidade. Na primeira leitura, fiquei impressionada com a compreensão de Nathália, que interpretou com clareza cada linha lida por ela. Era um texto desconhecido para o grupo de alunas e por mim escrito, depois do caso do estupro coletivo de uma adolescente de 16 anos, ocorrido na Praça Seca³. O episódio foi amplamente debatido nas escolas e, embora as rodas de conversa da EMAC Coelho Neto já desenvolvessem discussões relacionadas ao machismo, violência contra mulher e outras temáticas do universo feminino, a professora Márcia relatou que algumas meninas ainda culpabilizavam a vítima.

Ao longo de muitos anos, e ainda na contemporaneidade, vemos mulheres sendo culpabilizadas, quando, na realidade, são vítimas em casos de estupro ou de violência doméstica. Os atos violentos são justificados pela roupa que vestem, por andarem sozinhas à noite numa rua deserta, por terem bebido demais ou, ainda, por continuarem com seus parceiros mesmo depois de sofrerem violência. Todas essas inverdades são repetidas e reproduzidas. Mesmo as que já sofreram algum tipo de violência ou vivem numa relação abusiva não se dão conta de que são vítimas e se autoculpabilizam. Situações que são perpetuadas e, embora a discussão já tenha avançado, ainda é preciso progredir nesse debate.

³ <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2016/05/27/quando-acordei-tinham-33-caras-em-cima-de-mim-diz-menor-estuprada-no-rio.htm>
(QR Code na página 253)

Queremos também priorizar os aspectos subjetivos das opressões enfrentadas por nós mulheres, nas quais, com frequência, as oprimidas parecem boicotar-se, paralisar-se ou atuar como aliadas de seus opressores. No caso da violência (física e/ou psíquica), por exemplo, a dificuldade de pedir ajuda está vinculada à vergonha e à culpa e ao medo de ficar sozinha. Assim como a propagação do machismo se beneficia das manifestações sutis e da violência maquiada de romantismo. (SANTOS, 2019, p. 77)

Durante a apresentação, pude observar mães chorando e/ou muito emocionadas com o texto dito pelas alunas. Enquanto equipe PROINAPE, só participamos do início da reunião. Depois, a direção seguiu a pauta com assuntos que não nos cabia continuar.



Algum tempo depois, recebi uma mensagem da professora Marcia, dizendo que uma das mães, questionou a apresentação e a indagou: “Que história é essa da minha filha usar a roupa que ela quer”? A mãe era de uma religião ortodoxa e a professora, com muito manejo, conseguiu conversar com a mesma, explicando da melhor forma o contexto proposto pela apresentação.

A escolha de trabalhar com essas temáticas na escola, embora deva ser uma prática pedagógica necessária, muitas vezes, amedronta professores, justamente por episódios como esse.

Boal nos alerta o quão nocivo são as mensagens subliminares que nos chegam diariamente pelos diversos meios de comunicação, que invadem nosso cérebro criando coroas de neurônios fundamentalistas:

Segundo a Teoria dos Neurônios Estéticos, quando um ser humano é bombardeado diariamente com as mesmas informações dogmáticas repetitivas – sejam elas de cunho religioso ou esportivo, belicista, sexista, racista ou de qualquer outra ordem-, essas informações, por mais absurdas que sejam, cravam-se em nossos cérebros e formam impenetráveis e agressivas Coroas de Neurônios Fundamentalistas, que rejeitam qualquer pensamento contraditório e transformam suas vítimas em seres sectários da religião e do futebol, da arte e da política. Transformam seres humanos em estações repetidoras de conceitos que não entendem e de valores vazios. (BOAL, 2008, p. 247)

Após essa apresentação, demos início a Eletiva de Poesia Falada com um grupo de aproximadamente 15 alunos e pedimos que as meninas falassem a poesia que fora apresentada na reunião dos responsáveis. Em seguida, abrimos para uma roda de conversa. Dentre

muitos questionamentos, indagações e relatos, destaco a declaração feita por Nathália durante a conversa. Ela morava com o pai e com os irmãos e disse que as tarefas domésticas só eram destinadas a ela, e que, até então, achava isso natural. Após entrar em contato com a poesia e toda discussão ao redor dessa temática, ela pôde perceber que a desigualdade de gênero não deveria ser naturalizada.

Nathália foi se aproximando cada vez mais do processo da poesia falada e nos levando suas escritas, que revelaram muito das suas relações pessoais, uma ampla contextualização com o universo em que vivia e uma subjetividade latente.

[...] **Caro Olavo Bilac:**

Será que os pássaros realmente diriam isso se pudessem falar?

Porque hoje eu digo: tragam a esplêndida gaiola dourada,

Me deem alpiste, água fresca, ovos e tudo,

Porque é por opção que me permaneço mudo,

Me deixem dormir,

Juro que posso entoar minhas tristíssimas cantigas aqui.

Liberdade é ser livre, e ser livre é individual.

Preso, solto ou submisso você é responsável por isso,

O contrário de liberdade não é prisão, o contrário de liberdade é falta de visão

Porque eu posso ser presa, por opção ou não! ⁴

Nath Amorim

Nathália iniciou esse processo na escola com 14 anos e, quando fiz o convite para que participasse do projeto de mestrado, ela estava com 17, no segundo ano do Ensino Médio. Durante o trabalho na escola, e mesmo quando ela saiu do município, não perdemos o

⁴ Parte do poema: “Minha gaiola dourada”, que está no livro “Poesias ao vento”.

contato e pude acompanhar seu amadurecimento. Sua escrita potente e a compreensão impressa em sua leitura, me despertaram o interesse de que Nathália pudesse compor esse trabalho comigo e com as outras alunas.

Nathália me provoca admiração, espanto, encantamento, identificação e esperança. Uma adolescente muito madura em suas escritas e colocações. Sei que ela tem muito a dizer e sei o quão importantes serão suas palavras para adolescentes como ela, assim como suas palavras serão importantes para adultas como eu.

Bem vinda a bordo, Nathália Amorim!



O ano era 2016, estava na eletiva de Conversa Franca na Escola Municipal Coelho Neto. Íamos apresentar uma peça na reunião dos pais para participá-los dos assuntos que estavam sendo abordados nos últimos meses na nossa roda de conversa. A peça retratava a realidade de uma menina que estava num relacionamento abusivo. A Márcia, professora que dirigia a eletiva, me apresentou a Andreia em um dos ensaios, eu não conhecia o trabalho dela e nem a potência de sua escrita. Quando sentei pra conversar com a Andreia e ela me mostrou o texto, eu fiquei completamente impactada. "Meu território" falava tudo que eu sempre quis dizer, foi muito bom. Comecei a ensaiar com a Brenda e a Vitória, que também participavam da eletiva e que, durante o processo, me cativaram e nos tornamos grandes amigas. No ano seguinte elas saíram do colégio e eu me mudei pra eletiva de Poesia falada com o Jair e a Andreia.

Nathália Amorim

EMAC Coelho Neto.

Essa unidade escolar, era o que chamamos de escola de acompanhamento, e, ao menos uma vez na semana, íamos à escola, não só para a realização das oficinas, mas para atendimento de diversas demandas que surgiam.

Lembro-me do dia em que conheci Jenyffer. Jair me chamou e falou pra ela: “*Lê pra Andreia, o que você escreveu*”. Ela me olhou desconfiada. Fugiu o olhar, sem graça, se negou a princípio. Jair insistiu, e ela acabou lendo. A primeira escrita que ouvi dessa aluna foi direta, sem curvas, objetiva. Tive conhecimento, logo em seguida, de que ela escreveu esse texto em solidariedade a uma amiga que estava em conflito na relação com o pai.

Será que meus pais me odeiam? Ou melhor, será que meu pai me odeia?

Não consigo entender por que ele me trata assim, de uma forma tão ruim.

Cansada de sempre: Puta, Piranha, Vadia! Saiba que elas também têm vida.

Parece que você não vê que um dia eu vou crescer,

e a perigete que você tanto protege,

Um dia, vai se tornar uma bela advogada, veterinária.

E com você, papai, o que vai acontecer?⁵

Jenyffer Guttman

Jenyffer também participava da oficina de poesia falada. Sempre próxima dessa amiga, escolheram para falar, juntas, uma

⁵ Parte do poema: “Será”, que está no livro “Poesias ao vento”.

poesia da Mariana Félix, poeta/*slammer*⁶ de São Paulo, que traz nas suas escritas o empoderamento feminino e a emancipação da mulher negra. Lembro que, na ocasião, pesquisando poesias na internet, encontrei o trabalho da *slammer* numa final de campeonato que aconteceu no *Slam* da Guilhermina⁷. Quando mostrei o vídeo para as alunas, a identificação foi imediata, e elas transcreveram a poesia “Das músicas”⁸ dessa poeta.

Durante o processo, Jenyffer demonstrou algumas resistências para falar poesia e, por vezes, relatou que seu prazer estava em escrever e não em ser “*dizedora*”⁹. Lembro de uma vez que elogiei uma de suas poesias, e ela me respondeu: “às vezes escrevo e nem sei de onde vêm as ideias, simplesmente elas vêm e eu coloco no papel”(sic). Destaco, aqui, a importância da inspiração para uma escrita poética. Porém, como nos alerta Sorrenti:

⁶ Poetas que batalham em *Slams*.

⁷ O *Slam* da Guilhermina é intervenção artística e cultural nascida em 2012, na Zona Leste de São Paulo que reúne poetas marginais da periferia de São Paulo. Acontece na Praça anexa à estação de metrô Guilhermina – Esperança, linha vermelha: <https://fpabramo.org.br/2017/06/09/slam-da-guilhermina-esperanca-e-resistencia/> (QR Code na página 253)

⁸ <https://www.youtube.com/watch?v=aDGIHQ9t6g> (QR Code na página 253)

⁹ Termo utilizado para quem diz poesia, e não declama.

[...] A bem na verdade, a inspiração está longe de ser a condição única para construção de um bom texto poético. É sabido que ela ajuda muito e pode até constituir a força primeira para a criação do poema, mas sozinha não vai muito longe. O fazer poético depende da imaginação e do trabalho artesanal com a palavra. (SORRENTI, 2009, p. 50).

Tais afirmações nos fazem pensar que, embora Jenyffer considere que sua escrita surge “do nada”, há um debruçar nessas palavras que certamente a favorece em seu processo ensino-aprendizagem.

Suas escritas oscilavam em declarações de um amor não correspondido e metáforas existencialistas.

**[...] Na vida me prendo, na poesia me liberto,
Me permito escrever, mesmo não sabendo ir ao certo.
Escrevo tudo o que minha mente manda,
Já me perdi de mim mesma e nem sei aonde fui parar,
Não sou o que costumava ser e muito menos voltarei a ser.
Vivo em um mundo que só eu me vejo,
Um abismo cheio de desejo.¹⁰
Jenyffer Guttman**

Jenyffer iniciou esse processo na escola com 13 anos e, quando a fiz o convite para participar do projeto do mestrado, estava com 15, no primeiro ano do Ensino Médio.

¹⁰ Parte do poema: “Anjos e demônios (Ou porque escrevo)”, que está no livro “Poesias ao vento”.

Jenyffer me desperta curiosidade, provocação e me convoca com seu existencialismo e sua dose de rebeldia. É indagadora e questionadora. Suas metáforas intuitivas enriquecerão esse projeto. Espero que sua resistência seja elemento potencializador em nosso processo.

Bem vinda a bordo, Jenyffer Guttman!



Quando uma pessoa entra na sua vida, você não sabe o impacto que ela pode causar. Na verdade, você espera que ela não cause impacto algum, que ela seja mais uma pessoa que apenas entrou na sua vida. Mas, tudo muda quando a pessoa decide ficar, mesmo com os seus medos, suas imperfeições, seus demônios. A primeira lembrança que tenho da minha pessoa é dentro de uma sala rodeada de estantes cheias de livros. Existe um círculo de cadeiras no centro, ocupadas por jovens que só precisavam ser ouvidos, e ela estava disposta a cumprir a tarefa mais difícil: ouvir. E, por questão de minutos, aqueles jovens, rebeldes, “*projetinho de marginal*”, ou seja lá a palavra que você usa para insultar adolescente que julga não ter mais solução, saíram da sala calados, aprenderam que gritar em um mundo surdo levaria apenas a exaustão.

“A minha pessoa” causou um impacto diferente e inesquecível na minha vida, ela me fez sentir que finalmente estava sendo compreendida.

Jenyffer Guttman

EMAC Coelho Neto.

O trabalho com a poesia falada vai ganhando corpo na unidade escolar e em todos os eventos artísticos, culturais e/ou pedagógicos. Os alunos “*dizedores*” de poesias tem sua participação garantida. Com isso, mesmo os alunos que não participavam da eletiva encontravam suas maneiras de se aproximar e de fazer chegar até a equipe poesias autorais.

Um dia, passando pelo pátio da escola, um aluno que não conhecia me chamou: “*Professora Andreia, professora Andreia. (Se aproxima) A senhora conhece a Lindsay? Ela escreve, mas tem vergonha de mostrar as poesias*” (*sic*). Respondi, pedindo pra que ele a encorajasse e que me procurasse para que eu a conhecesse.

Nesse mesmo dia, estava saindo de uma atividade que realizávamos no auditório, veio esse aluno, puxando uma menina pelo braço. Era Lindsay, com seus olhos tímidos, mas, ao mesmo tempo, grandes e expressivos. Apresentei-me a ela, e a mesma abriu um largo sorriso. Seu amigo a incentivou a ler sua poesia. Olhei pra ela e disse: “*pode ler, estou curiosa pra te ouvir*” (*sic*). Lindsay começou a ler a poesia. No meio da poesia, fui tomada por uma forte emoção, as palavras de Lindsay me atravessaram e me tocaram de maneira inesquecível.

Amor? Amor é só de mãe, moça!

[...] Olha moça, já passei de tudo nessa vida.

Infelizmente suas palavras de consolo não curarão minhas feridas.

A cada dez homens que passam, nove se aproveitam da minha fragilidade.

Doente ou saudável, isso acontece com qualquer moça em qualquer idade.

[...] Gritei alto por todos os gritos abafados e senti a dor, a dor de gritar sozinha,
De lutar uma luta que parece perdida. Agarrei o ódio com unhas e dentes.
Esmaguei meu próprio coração com toda minha força,
Porque amor... Amor é só de mãe, moça!¹¹

Lindsay Reis

Quando ela terminou de ler, não consegui conter a emoção. Ela me olhou assustada, talvez não tivesse noção do impacto que aquela leitura me causaria. Perguntei: “*Você tem outras aí?*” Ela respondeu: “*só em casa*”. Nessa ocasião, já estávamos recolhendo poesias autorais para escrita do livro e, apesar de ela não participar da eletiva, pedi que levasse outras para que pudéssemos ler, afinal, o projeto de publicação era para todos os alunos da escola.

Outras poesias da Lindsay, tão fortes quanto essa, foram publicadas no livro e, embora ela não tenha feito a eletiva, começamos a convidá-la a falar suas poesias em eventos da própria escola, CRE ou SME, nos lançamentos que realizávamos do livro.

Costumo dizer que as poesias da Lindsay são “um soco no estômago”, e a contradição entre sua docilidade e as durezas escritas em suas linhas sempre me intrigou. Um jogo com as palavras e seus múltiplos sentidos, peculiaridade de uma escrita poética.

Uma das principais características do fenômeno poético é exatamente a plurissignificação, os múltiplos significados. Por isso se diz que o poema nunca está lotado de sentidos para o leitor: sempre cabe mais uma interpretação. (SORRENTI, 2009, p. 42).

¹¹ Parte do poema: “Meu grito”, que está no livro “Poesias ao vento”.

Convido-a para o projeto, porque, além de suas escritas, Lindsay fez dança na escola e será um elemento fundamental para o nosso trabalho, trará uma importante diversidade para o grupo.

Lindsay iniciou esse processo na escola com 14 anos e, quando a fiz o convite para participar do projeto de mestrado, estava com 16, no primeiro ano do Ensino Médio.

Durante o trabalho na escola, e mesmo quando ela saiu do município, não perdemos o contato. Ela me mandava novas poesias por *WhatsApp*, e eu sempre sugeria que ela me mandasse por áudio, para que pudéssemos trabalhar juntas, mas sempre me enviava por escrito.

Lindsay me desperta emoção e deslumbramento. Sua escrita é arrebatadora, política, denunciadora, com uma realidade escancaradamente cruel das desigualdades sociais. Suas palavras pulsam e parecem não caber na impressão do livro. E é por isso que as novas poesias que surgirão no processo ganharão vida em cena.

Bem vinda a bordo, Lindsay Reis!



Ana Maria Grecco e Maria Paula Grecco

EMAC Charles Anderson Weaver.

Uma das escolas que atendíamos enquanto equipe PROINAPE. Diferentemente da Coelho Neto, não era uma escola de acompanhamento, mas tínhamos uma boa frequência, lidando com casos individuais. Durante um período, a pedido da direção, trabalhamos com rodas de conversa com um grupo de alunas, tratando questões relacionadas ao machismo, à desigualdade de gênero e às violências contra a mulher.

Concomitantemente à oficina de poesia dada aos alunos da Coelho Neto, também abrimos uma turma para compartilharmos a metodologia com as professoras de Sala de Leitura da 6ªCRE, e os encontros também aconteciam na Coelho Neto. Participou dessa turma a professora Viviane Rodrigues, que atua na sala de leitura da Charles Anderson Weaver.

Algumas professoras, ainda durante o processo das oficinas, compartilharam que estavam desenvolvendo o projeto em suas escolas, e Viviane era uma delas. Ela nos contou o envolvimento de alguns alunos e que levou a poesia “Meu território” para trabalhar com eles. Ela narrou que duas alunas estavam falando essa poesia muito bem e com muita propriedade. Agradei o retorno e disse que, quando fôssemos de novo à escola, gostaríamos de conhecê-las.

Em um dia de trabalho, fomos solicitados a atender uma demanda nessa U.E. Ao chegarmos, encontramos com Viviane no corredor, que nos recebeu e falou meu nome. Em seguida, três alunas vieram em nossa direção e falaram diretamente com Viviane: “É a

Andreia, Andreia Moraes?” As outras repetiam com encantamento: “*Andreia Moraes? É ela, Viviane?*”. Elas começaram a chorar, e, ali, já imaginava que eram as alunas que falavam minha poesia. Começamos a rir, pela reação das meninas. Viviane pediu que as alunas falassem a poesia. Ana Maria Grecco e uma amiga falaram, no meio do corredor, a poesia “Meu território”. Agora eu quem choro, emocionada com as alunas. Era pura potência e verdade. Viviane não exagerou quando disse o quanto elas falavam bem a poesia. Em seguida, Maria Paula Grecco falou o monólogo “Veneno” da peça “Gota d’água”. Fiquei maravilhada com a força que as irmãs Ana e Paula imprimiam ao falarem os textos. Seus corpos eram extremamente expressivos e nossos olhares não fugiam ao ouvi-las.

Durante o trabalho com a poesia, comecei a frequentar alguns *slams*, principalmente o “*Slam das Minas*”¹². Em alguns que frequentei, cheguei a falar poesia, mas só competi duas vezes, nas outras, participei do microfone aberto. Aos poucos, fui me aproximando do movimento e fiz amizade com as organizadoras. Em 2018 estive muito próxima, me disponibilizei para fazer os registros fotográficos de algumas edições, pois também sou fotógrafa.

As alunas Ana Maria e Maria Paula participaram de uma Oficina de Afro Grafitti, e Tom Brito, poeta/*slammer*, idealizador do “*Slam das Minas*”, também estava presente. Em alguma atividade

¹² *Slam das Minas* é uma brincadeira lúdico-poética para desenvolvimento da potência artística de mulheres (sejam héteras, bis, pans, lésbicas ou trans) e pessoas queer, agender, não binárias e trans: https://www.facebook.com/pg/slamdasminasrj/about/?ref=page_internal (QR Code na página 253)

proposta nessa oficina, as meninas recitaram “Meu território” e recebi uma mensagem do Tom, impressionado com a potência de duas irmãs gêmeas que falaram minha poesia. Já sabia que eram Aninha e Paulinha.

A circulação do “Meu território” em bocas jovens: palavras de luta, resistência e gritos que convocam mudança, vão ecoando ao longo do meu trabalho como educadora e refletindo com verdade as minhas escolhas. As alunas se sentem representadas por essa escrita, que circula em vozes e corpos que acreditam que essas palavras precisam ser ditas.

Tenho notícias de que, no mesmo ano, elas participaram de um curso: “Todo jovem é Rio”, promovido por uma ONG que estimulava jovens da periferia a pensarem em metodologias que pudessem ajudar a cidade.

Os jovens discutiam política e debatiam assuntos relacionados ao seu contexto político-social. As alunas passaram por um processo seletivo, no qual um grupo de adolescentes foi escolhido para desenvolver um projeto. Elas narraram com orgulho que a poesia “Meu território” foi um importante impulso para que isso acontecesse, pois, durante a seleção, elas se apresentaram, falando a poesia e levando a temática para ser discutida. As mesmas foram selecionadas, com mais um grupo de meninas, e ganharam uma bolsa para ajuda de custo.

No decorrer desse curso, era preciso desenvolver uma metodologia que abarcasse as áreas de segurança ou educação. Em roda de conversa e discutindo temáticas diferentes, as adolescentes

selecionadas para o projeto, compartilharam o sentimento de insegurança, relataram que sofriam assédio e se sentiam desprotegidas em seu dia a dia. Decidiram ter como foco a discussão de questões relacionadas ao feminismo. A ideia inicial era buscar um espaço em que meninas e mulheres da comunidade pudessem se expressar. Até que chegaram à proposta de construir um *Slam*. O grupo de adolescentes passou por um processo de formação, com a poeta/*slammer* Tom Brito, que foi convidada pela coordenação da ONG para ministrar uma oficina de *Slam*. Desse coletivo, nasceu o “*Slam das manas*”, que teve sua edição de “formação” na Arena Jovelina Pérola Negra, na Pavuna.

Um novo fenômeno de poesia oral e performática cresce no mundo contemporâneo: são os chamados slams – competições ou batalhas de poesias que dão vez e voz a poetas da periferia, os quais versam sobre as adversidades do seu cotidiano, abordando temas como racismo, violência, drogas, machismo, sexismo, sempre de teor crítico e engajado, que requerem a escuta, a reflexão e a politização do seu público-ouvinte. (NEVES, 2017, p. 92)

Tive a oportunidade de assistir o movimento criado por esse coletivo. Só mulheres batalharam. Eu, Aninha e Paulinha, falamos juntas a poesia “Meu território”, no microfone aberto, e fui convidada a ser jurada. Nos *slams*, os jurados são escolhidos na hora, entre a plateia presente, respeitando a representatividade.

Em outro episódio, estivemos juntas na final do Slam-RJ¹³ e, mais uma vez, falamos, no microfone aberto, a mesma poesia, no Circo Voador. Tive a oportunidade de conhecer Ana Paula Grecco, mãe das meninas. Ela é cantora e estimula suas filhas a estarem envolvidas com a causa feminista e com atividades artísticas culturais.

A atuação nesse evento aconteceu a partir de uma articulação que fiz com o coletivo Slam das Minas, ao compartilhar um episódio de violência doméstica, da qual a mãe de Aninha e Paulinha fora vítima. O *Slam* foi uma rede de apoio, e a arte, um importante dispositivo para falar do assunto. Logo após a apresentação, Ana Paula pediu pra fazer um breve relato sobre o ocorrido e falou da importância das redes que fazemos na vida. Narrou como algumas mulheres se mantêm numa relação por serem dependentes financeiramente do parceiro, ou por medo ou, ainda, por vergonha. Ana Paula foi generosa e corajosa, primeiro, pela decisão que tomou e, também, por contar o fato vivido. Hoje, narrando esse momento, ficam mais evidentes meus caminhos de aproximação dessas alunas.

¹³ O Slam-RJ é um campeonato no qual são escolhidos os representantes para o Slam BR, Campeonato Brasileiro de Poesia Falada, que reúne representantes dos diferentes estados do Brasil. A quantidade de poetas escolhidos, varia de ano em ano. Quem vence o Slam BR representa o Brasil na Copa do Mundo de Poesia Falada, que acontece na França.



*Ana Maria Grecco, eu e Maria Paula Grecco.
Ana Maria Grecco, Maria Paula Grecco, eu e Ana Paula Grecco.
Circo Voador, 16/10/18.
Foto de Flavio Salgado*

Embora Aninha e Paulinha tenham realizado a oficina, com o Tom, de uma escrita poética, não realizam escritas frequentes, como as alunas já citadas até aqui.

As conheço quando as mesmas estavam com 13 anos e, quando as convidei para participar do projeto de mestrado, elas estavam com 15 anos, no município do Rio, no 9º ano.

Quando chamei Ana Maria e Maria Paula, entendi a riqueza na diversidade que teremos no projeto. Ana Maria e Maria Paula fizeram dança e teatro na escola. O projeto terá alunas que se expressam a partir de suas escritas, outras, a partir do corpo e tudo que se produz a partir dele. Será uma troca rica e entendo que, a partir dessas escolhas, inicio o diálogo querido e proposto no projeto.

Ana Maria tem uma curiosidade constante, uma sede de aprender e querer apresentar o seu melhor. Encanta-me sua expressão e a energia que coloca em tudo que faz. Sua intensidade e mergulho trarão movimento vital para o projeto.

Bem vinda a bordo, Ana Maria Grecco!



O ano é 2017, sempre tive um bom conhecimento sobre as coisas de forma geral, por conta da minha mãe, que, de certa forma, sempre me levava pra sarau, eventos culturais etc. Era o meu primeiro ano em uma escola a qual era muito diferente da que eu sempre estudei a minha vida toda. A professora da sala de leitura estava perguntando a alguns alunos quem gostaria de recitar poesias no dia da consciência negra. Como eu tinha uma amizade muito forte com ela, por estar sempre na sala de leitura, ela logo perguntou a mim, a minha irmã e a mais uma amiga se gostaríamos de recitar. Logo respondemos que sim. Lembro a primeira vez que li o poema "Meu território". Lembro que era muito forte, mas eu não sabia o que ia acontecer comigo depois daquele poema. Lembro de quando recitamos e do impacto que causou e causa toda vez que recito. No dia em que a Viviane, professora da sala de leitura, nos disse que a autora do poema, o qual eu não parava de recitar em tudo quanto é lugar, vinha visitar a escola, eu não sabia se ria de nervoso ou chorava. No dia em que eu recitei olhando pra pessoa que tinha me feito entender um pouco mais sobre a vida em um texto, quando a conheci, ela foi e ainda é como uma fonte infinita de inspiração que espero levar pro resto da minha vida!

Ana Maria Grecco

Maria Paula é uma grande questionadora, sempre em busca dos porquês. Admiro sua força, disponibilidade, vivacidade e expressividade. Sua sede e indagações contribuirão muito para o projeto.

Bem vinda a bordo, Maria Paula Grecco!



Sabemos como é você ler um livro e se apaixonar por cada linha, cada verso e estrofe, do início ao fim. Eu não me apaixonei por um livro, mas sim por uma poesia, a qual eu li e pensei: *“o ser que escreveu essa poesia é um anjo das mulheres, que conseguiu falar em um poema tudo que sinto!”* E aos 13 anos eu tive um amor, o qual eu lia na escola, no banheiro, na cozinha, pra minha avó, pra minha tia, pra escola inteira, como se fosse minha. Não era minha. E, num belo dia, eu a conheci, a mulher que pariu meu amor. Eu pensei que não poderia me apaixonar mais ainda, mas me apaixonei. Me aprofundi cegamente em todas as poesias e conheci ainda mais a mulher que era tão doce, mas, também, muito diferente de como eu achei que fosse. Jurava que ela era uma mulher muito chique e que me parecia tão intocável, mas me surpreendi, por ser simples e acolhedora como uma rosa. Uma mãe para tantos adolescentes e uma inspiração pra mim. Não conseguia mais parar de escrever, e me tornei uma pessoa que inspirou outras meninas como eu, que escreveram também e inspiraram outras. Nosso amor nunca morrerá e eu não sei como agradecer as mulheres que colocaram essa mulher na minha vida.

Maria Paula Grecco

EMAC Coelho Neto.

No período em que escolhi me dedicar ao projeto “O Corpo Expressivo no espaço escolar”, pontualmente, fui à Coelho Neto, pois o trabalho de poesia falada continuou sendo realizado pelo Jair e outros integrantes da equipe PROINAPE da 6ªCRE.

Quando retornei, vi que havia alguns alunos e alunas novos e uma delas me chamou atenção. Suas escolhas eram as poesias feministas da Mariana Félix. Na verdade, Jair já havia me falado dela. Bruna falava muito bem e, até então, não sabia que a mesma tinha poesias autorais. De fato, assim como outros alunos, ela começou a escrever a partir da oficina e, como já não tinha um trabalho continuado na escola, não pude acompanhar esse processo. Bruna entrou na eletiva, exatamente no momento em que me afastei.

Em 2018, Jair pediu a equipe do “Corpo Expressivo no Espaço Escolar” para trabalharmos alguns jogos teatrais e exercícios corporais com os alunos da eletiva de poesia falada. Como era um grupo grande e tínhamos somente dois tempos de aula, eu e Alessandra buscamos exercícios que os alunos pudessem falar trechos de suas poesias, impulsionados por exercícios corporais que levamos para compartilhar com o grupo. Consideramos relevante propormos exercícios nos quais o corpo fosse convocado nesse dizer poético.

O projeto Corpo Expressivo tem como premissa o despertar do sujeito enquanto protagonista da sua história, oferecendo um espaço de vivência corporal, despertando habilidades e permitindo uma experiência de contato com a linguagem das artes cênicas. Torna ainda o sujeito consciente das suas potencialidades, num processo de autoconhecimento (do corpo, de seus limites e de suas possibilidades) que propicia o crescimento individual, político, psíquico e social. (GARCIA, 2020, P.119)

Jair já estava planejando e organizando o lançamento do segundo volume do livro “Poesias ao vento”.



Alessandra Garcia, Thawã Braga, eu e Bruna Nascimento.
EMAC Coelho Neto, 2018. Corpo Expressivo na eletiva da Poesia Falada.

Ao entrar em contato com as poesias de Bruna, me surpreendi com a maturidade e profundidade de sua escrita.

**Ouvi dizer que, quando vamos quebrando
qualquer objeto, vivo ou não, encontramos átomos.
Mas não sei muito bem se isso é verdade.
Desde que meu primeiro pedaço
foi quebrado, só encontro vazio em cada um deles. [...] ¹⁴
Bruna Nascimento**

Embora eu não tenha acompanhado o processo do segundo livro, Jair algumas vezes me mandava poesias dos alunos. Até que, quando ele organizou, junto com a equipe, o segundo livro a ser publicado: “*Poesias ao vento: A brisa virou ventania*”, me pediu para que eu fizesse o design e a diagramação da capa, assim como fiz do primeiro. Tive acesso a todas as poesias. Vi que o trabalho seguia com sua potência!

Em encontros posteriores, eu e Bruna fomos nos aproximando e, quando pensei em que alunas podiam compor esse trabalho comigo, Bruna me veio logo a cabeça.

Conheci Bruna com 13 anos e, quando entrou no projeto, estava com 15, no primeiro ano do Ensino Médio.

Bruna me provoca admiração, espanto e perplexidade em suas escritas profundas, que vasculham a existência e questionam o que

¹⁴ Parte do poema: “Nossos átomos”, que está no livro “*Poesias ao vento: A brisa virou ventania*”.

está posto. Sempre inquieta, levará para nosso trabalho escritas com grandes aprofundamentos, mergulhos e propostas de transformações.

Bem vinda a bordo, Bruna Nascimento!



Conheci Andreia acho que em outro mundo, em outra vida... Não sei se isso existe, mas tenho certeza absoluta, e poderia jurar se necessário, de que não a conheci no primeiro dia em que a vi chegando... ou indo embora.

Todos choravam inconsoláveis e corriam por todos os lados como se o mundo estivesse acabando ou uma revolução estivesse começando.

Escutava frases soltas como "As coisas vão mudar a partir de hoje", "Nada vai ser como antes", "Como serão os nossos dias agora?" Perguntava o que estava acontecendo, mas todos estavam eufóricos demais para perceber minha cara de interrogação.

Fui seguindo uns adolescentes atordoados por onde vinham e aonde iam, correndo sem parar, e eu me questionava de onde surgia tanta energia.

Quando cheguei, lá estava ela, em pé, com seu marcante vestido longo e um sapato fechado, tão inconsolável quanto os adolescentes atordoados em seu redor.

Eu nunca a tinha visto assim tão de perto e foi bem no dia da sua partida...

Mal sabia eu que naquele dia, ela, ali, em pé, com seu vestido longo e seu sapato fechado, acabaria de entrar pra minha vida. E eu, sem noção nenhuma ainda do que estava acontecendo, com minha blusa de escola pública e uma calça jeans, agradeço profundamente àqueles adolescentes histéricos e atordoados correndo por todos os lados e me fazendo chegar até ela: Andreia.

Bruna Nascimento

Escrever e relembrar todos esses encontros me faz ter certeza dos meus convites e escolhas.

Sejam todes bem vindes a bordo! Boa viagem!



DIÁRIO DE BORDO

Na proa do navio: Uma breve introdução

[...] Gostaria de saber qual a natureza feminina,
Mas o tanto que eu já tenho pra lavar, passar, cozinhar, esfregar,

E varrer, e servir, e trocar, e limpar e....

E eu não consigo entender a natureza feminina...

Eu não tenho um momento. Sou apenas menina.

Bruna Nascimento

única responsável pelos afazeres domésticos, com papéis sociais claros de submissão e subalternidade em relação aos homens, sempre pronta a servir. Embora tenhamos avançado nesse quesito, esse discurso ainda se reflete nos dias atuais. Quando nos deparamos com um texto como o de cima, podemos facilmente cair na armadilha de vincularmos tais atividades ao gênero feminino.

Avental colado, Corpo hipersexualizado

Em comerciais de cerveja,

Levada por mãos prontas a servir.

Um possante vermelho estacionado.

Foto propaganda: Corpo seminu.

Padrão de beleza!

Creme hidratante, em pele aveludada,

Sendo passado no Corpo exposto...

O que está à venda?

Andreia Morais

Quem é o sujeito oculto dessa história? A que gênero o protagonista desse enredo remete o leitor? De quem é esse Corpo? Existe artigo definido que determine uma leitura direta e precisa?

Campanhas publicitárias: impressas e divulgadas em palavras, imagens e sons, apresentadas em propagandas televisas, estampadas em *outdoors* ou publicadas nas redes sociais. Somos bombardeados! ¹⁵

¹⁵ Bombardear: verbo utilizado por Boal, ao constatar que estamos em plena terceira guerra mundial: somos bombardeados de informações repetitivas, que se tornam verdades absolutas. Ref. pág. 14 desse diário.

Uma guerra silenciosa de mensagens subliminares lançadas diariamente e ininterruptamente pelos meios de comunicação que invadem nossos cérebros criando coroas de neurônios fundamentalistas que com o tempo, passam a rejeitar pensamentos contrários, eliminando no sujeito, a capacidade de reação. (SARAPECK, 2019, p.1)

Palavra é discurso! Imagem é discurso! Som é discurso!

Os meios de comunicação manipulam, induzem, influenciam as pessoas e indicam modos de ser e de viver. O apelo erótico, ou alusão à sexualidade ao que o corpo da mulher é submetido, caracteriza um marcador de forte exploração do lado sexual da mesma. Comparam seus corpos a um produto de desejo, desconsideram sua objetificação, reforçam relações de dominação, dão a leitura de que elas estão disponíveis e podem ser “consumidas”. Estereótipos são vendidos em corpos padronizados que ferem a moral das mulheres. Estimulam direta/indiretamente atos de abuso, violência, subserviência, conformidade, opressão.

Como combater esses estereótipos amplamente perpetuados e massificados?

Que recursos e armas podemos utilizar para desconstruir conceitos, ideias e estruturas tão arraigadas, difundidas e reproduzidas?

Como isso chega aos nossos alunos e alunas e como os mesmos elaboram essas informações?

As ideias dominantes em uma sociedade são as ideias das classes dominantes, certo, mas, por onde penetram essas ideias? Pelos soberanos canais estéticos da Palavra, da Imagem e do Som, latifúndios dos opressores! É também nestes domínios que devemos travar as lutas sociais e políticas em busca de sociedades sem opressores e sem oprimidos. Um novo mundo é possível: há que inventá-lo! (BOAL, 2008, p.15)

Em seu último livro, “Estética do Oprimido”, Boal afirma que existem duas formas humanas de pensamento: o simbólico (palavra) e o sensível (som e imagem), ambos são manipulados e engendrados pelas ideologias dominantes. Defende que não somente as palavras produzem conhecimento e reitera que o pensamento sensível é uma atividade cognitiva, não apenas uma sensação. É a partir do pensamento sensível que produzimos arte e cultura, dispositivos¹⁶ fundamentais para libertação dos oprimidos.

Somos massacrados constantemente com ideias pré-concebidas e impostas pelo sistema, a nos forjar verdades absolutas, que nos impossibilitam a construção de um senso crítico diante das circunstâncias sociais a que somos submetidos. A “Estética do Oprimido” aposta na arte como um caminho de construção de verdades próprias, usando as armas de igual poder, ativando os neurônios estéticos como fonte de conhecimento através dos sentidos. Se nossos cérebros são invadidos pelos canais estéticos da Palavra, do Som e da Imagem, o teatro se utiliza dos mesmos recursos para que

¹⁶ Uso aqui dispositivo no sentido defendido por Barros: “O que caracteriza um dispositivo é sua capacidade de irrupção naquilo que se encontra bloqueado de criar, é seu teor de liberdade em se desfazer dos códigos que procuram explicar dando a tudo o mesmo sentido” (BARROS, 1997, p. 189).

tenhamos condições de nos libertarmos das opressões a que somos sujeitados.

Nas linhas que se seguem da narrativa de trabalho com as alunas, trarei experiências, vivências, relatos de algumas metodologias do Teatro do Oprimido, dentre outras, que possibilitaram um processo criativo e legítimo de escrita e prática corporal das alunas/poetas/artistas.

O conceito da “Estética do Oprimido” é um forte, necessário e rico argumento para esse processo de trabalho, o que não significa que o projeto em questão segue à risca essa metodologia, tampouco seja sua única fonte argumentativa, embora, repito, seja de suma importância para fundamentação do mesmo. Precisamos urgentemente revisitar nossa capacidade de ler o mundo e corroboro com Boal que é a partir do diálogo/acesso/apropriação do pensamento simbólico e do sensível que seremos capazes de construir nossas verdades.

O trabalho na educação nos exige coragem, leitura de mundo, jogo de cintura, capacidade de improvisação e uma boa pitada de intuição, para lidar com todos os atravessamentos que se manifestam no cotidiano escolar. Enquanto educadores, bebemos de muitas fontes e, com o passar do tempo, vamos nos apropriando, adequando exercícios e jogos teatrais, criando, reinventando e, principalmente, retroalimentando os nossos conhecimentos com o que aprendemos com os nossos alunos.



DIÁRIO DE BORDO

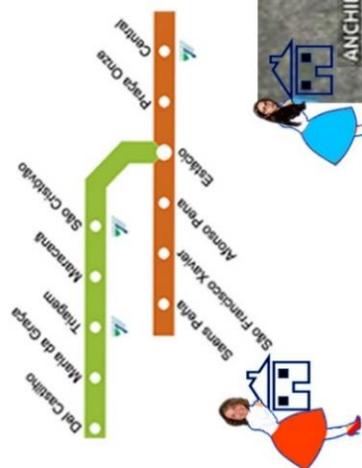
Primeiro Encontro: 11/06/2019

[...] Disse sim, sabendo como seria difícil,
disse sim, sabendo que teria que atravessar
incontáveis desafios e, mesmo assim, eu disse sim.
A partir desse "sim", UNImos nossos VERSOs[...].

Bruna Nascimento

Viagem iniciada.

Quando precisei e decidi mudar o rumo da minha pesquisa, o primeiro passo foi marcar um encontro com as alunas. Mandeí mensagem para cada uma delas e disse que tinha um convite para fazer, mas que gostaria de fazê-lo pessoalmente. Elas ficaram eufóricas e curiosas para saber do que se tratava. Começam os desafios: conciliar agenda, encontrar local, deslocamentos, custos e, principalmente, disponibilidade, artigo raro na contemporaneidade. Elas estudavam em turnos diferentes, com isso não tínhamos como marcar no horário comercial, o que já vi como uma questão delicada. Não podia ser na escola, por termos que marcar no turno da noite. Pensei num lugar que tivesse movimento e que fosse acessível para todas, já que Jenyffer e Nathália moravam em Anchieta, Lindsay, em Marechal Hermes, Bruna, em Guadalupe, Aninha e Paulinha, em Coelho Neto e eu, na Tijuca. Marquei, então, no Shopping Guadalupe, por achar um lugar mais acessível a todas. Sendo o primeiro encontro, só um bate papo, o shopping não seria um problema.



Horário marcado: 18h. Combinei na Praça de Alimentação, em uma lanchonete específica para nos encontrarmos, porque nenhuma das alunas tinha sinal de internet na rua.

Cheguei um pouco antes e aguardei...

10 minutos...

15 minutos...

20 minutos...

25 minutos...

30 minutos...

Chegou a primeira aluna, às 18:30, Ana Maria. Perguntei pela sua irmã, e ela disse que Maria Paula estava gripada. Em seguida chegou Bruna, que comunicou que Jenyffer não poderia ir porque a mãe não havia autorizado. Lindsay avisou por mensagem que também não poderia. Só faltava Nathália. Comecei a me preocupar. Eram quase 19h e não tinha como entrar em contato. Embora tivesse o telefone de seu pai, não queria preocupá-lo. Até que Nathália chegou, e respirei aliviada.

O fato de a minha narrativa ser minuciosamente detalhada para um simples início de encontro é para trazer a tensão do que é ser mulher e saber dos perigos que atravessam os nossos caminhos. A ideia de construir um trabalho, ainda sem local definido, sem ter um horário mais acessível, já me trazia nesse primeiro encontro preocupações, porque...

Ser mulher de dia é difícil, e, de noite, é questão de sorte.

Bruna Nascimento.

Iniciamos enfim nosso encontro. Comecei falando um pouco sobre os possíveis caminhos na universidade, a continuidade de formação e narrei a minha trajetória no mestrado, os atropelos e a decisão que me fizeram chegar até elas. Embora já soubesse qual era o objetivo que queria atingir com meu novo objeto de pesquisa, estava desenhando um caminho e, poder ter o retorno delas, mesmo que tivesse somente a metade das alunas, faria toda diferença. O entusiasmo transmitido por mensagem ganhou volume na presença. Elas estavam eufóricas e faziam perguntas: “Como vai ser?”; “Onde vai ser?”; “Quando vai ser?”.

Disparei uma primeira proposta. Pedi para que elas desenvolvessem uma escrita para o nosso próximo encontro a partir da seguinte provocação: “O que é ser mulher na sociedade”? Acrescentei que a escrita deveria ser desenvolvida com o máximo de fluidez, que elas não fossem diretivas e escrevessem sobre um contexto geral, mas sim que essa mulher representasse cada uma delas. Dei alguns exemplos: como é ser mulher na escola? Como é ser mulher em casa, nas relações com pais e irmãos? Como é ser mulher na comunidade? Como é ser mulher no seu contexto de vida?

Tudo começou com o meu próprio big bang.

Uma explosão de incertezas que dão origem a um ser inominável

Com duas ou mais personalidades e semblantes indescritíveis e indecifráveis.

Lindsay Reis

Durante todo processo, a proposta foi que a escrita nascesse de uma linguagem poética, a ser transformada posteriormente em texto teatral.

Poesia é palavra, palavra é pensamento simbólico, mas a poesia transcende: palavra poética é pensamento sensível.

Depois que lancei a proposta:

Bruna riu nervosa!

Aninha se demonstrou preocupada e disse que não tinha o hábito de escrever, que não sabia escrever poesias!

Nathália disparou: “*Andreia, você tem ideia de como isso pode mexer com a gente? Como isso pode nos afetar?*” (sic).

PAUSA

Primeira pausa dramática no grupo.

Começou o espetáculo!

De fato era um mergulho e uma pergunta difícil, com muitos desdobramentos e questões a serem refletidas e discutidas.

A mulher não é uma realidade imóvel, e sim um vir a ser; é no seu vir a ser que se deriva confrontá-la com homem, isto é, que se deriva definir suas possibilidades. (BEAUVOIR, 1949, p.62)

Você que é professora, professor, quantas vezes você se colocou em silêncio para uma pergunta, na qual as respostas não estão nos livros, nas enciclopédias ou mesmo com o avanço da tecnologia, mesmo com isso, não estão em sites de busca?

**Você vai precisar estar preparado,
não só para as perguntas relacionadas às matérias,
mas sim para todas as indagações;
aquelas que você se fazia quando adolescente
e que, até hoje, não encontrou resposta.
Por muitas vezes, será tratado como se possuísse todo o saber,
como se o universo o visitasse todas as noites,
trazendo as soluções para esses questionamentos, que até você se pega fazendo.
[...] Na hora da chamada, a pergunta
será como aquele aluno que não faltará um dia
e participará o tempo inteiro de todas as aulas, já a resposta, quase reprovará
por não alcançar a média de frequência exigida?
Assim será, não só na escola, mas na vida. [...]**
Nath Amorim

Após uma breve pausa e pensar em que retorno dar, respondi que as mesmas deviam se respeitar. Caso essa escrita lhes provocasse algum mal estar, que elas descontinuassem a proposta, elaborando uma segunda escrita, na qual elas pudessem escrever sobre esse mal estar, numa espécie de diário, e que num próximo encontro pudéssemos falar sobre isso. Também me disponibilizei para trocarmos mensagens via *WhatsApp*. Reafirmei que não esperava uma resposta direta, pronta e objetiva, mas sim de suas impressões, vivências e experiências de vida.

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. (LARROSA, 2001, p.21)

A partir dali, uma rede foi construída. Não só tecnológica, mas rede de vínculo, afeto, troca, crescimento, conhecimento, maturação, luta e confiança.

Espaço de busca de superação da culpa, da vergonha e da competição; de enfrentamento do silêncio que oculta temas tabus; e de reconhecimento, visibilidade e empoderamento. O Objetivo era que os participantes pudessem refletir sobre as opressões, intercambiar ideias e propostas, e se fortalecer mutuamente para lutar por novas conquistas e pela aplicação dos direitos conquistados. (SANTOS, 2019, p. 50 e 51)

Além disso, Nathália também questionou se o projeto só serviria para ser apresentado como um objeto de pesquisa acadêmico, se não iríamos além com essa proposta. Essa pergunta me causou euforia, porque minhas expectativas eram maiores, mas não poderia supor que esse pudesse ser um interesse das mesmas. Assim como Nathália, Bruna e Ana Maria concordaram que precisávamos avançar. Marcamos o próximo encontro, já cheia de expectativas do que estava por vir. Acordamos de nos encontrarmos de 15 em 15 dias, aos sábados.

Ao sair do encontro, apesar de ter dado pra Nathália uma resposta, a pergunta reverberava: “*Você tem ideia de como isso vai mexer com a gente*”? Fiquei refletindo que, a partir desse momento, não estava numa equipe interdisciplinar, com o auxílio e companhia de um psicólogo. Realmente precisava pensar no que iria propor para esse trabalho. Não tinha ideia dos caminhos pelos quais esse projeto poderia nos levar.

Abaixo estão as poesias que nasceram da primeira provocação feita. Para as alunas que não estiveram nesse primeiro dia, pedi para quem esteve presente fazer um resumo em áudio para as que faltaram.

As primeiras a mandarem as poesias foram Jenyffer e Bruna.

São muitas poesias construídas durante o processo. Embora seja um material riquíssimo, não tenho aqui a pretensão de discutir todas. Ao mesmo tempo, apesar de não ser o objetivo do projeto, levantar, detalhar e analisar as escritas, elas são fonte primeira no processo desse trabalho. Destacarei elementos que considero relevantes, que provoquem diálogos com leituras e estudiosos que alicerçam esse projeto.

“O que é ser mulher?” – Por Bruna Nascimento

Sou menina. Em breve serei mulher...

Crescer, para uma criança, deveria significar sua maior vontade,

Mas, nos novos tempos, todos nós temos medo da sociedade.

Em breve serei mulher, e o tanto que eu já tenho pra lavar, passar, cozinhar, esfregar e varrer, e servir, e trocar, limpar e... E ainda sou apenas menina.

"Menina, feche as pernas, senta que nem moça"

"Menina, cuidado com o que fala, olha a boca"

"Menina, tem homem em casa, troca essa roupa"

Meu coração bate mais forte... É meu destino ser mulher.

Ser mulher de dia é difícil, e, de noite, é questão de sorte.

E de quantos anos eu vou precisar pra ser humana, não apenas... MULHER?

Sou menina, mas já sei o que é sangrar desde cedo.

Sou menina e já tenho tanto medo...

Sou menina mulher e tento entender essa minha essência.

Sou menina demais, mas nem tanto pra me convencer de que não é uma sentença.

Gostaria de saber qual a natureza feminina.

Mas o tanto que eu já tenho pra lavar, passar, cozinhar, esfregar,

E varrer, e servir, e trocar, e limpar e....

E eu não consigo entender a natureza feminina...

Eu não tenho um momento. Sou apenas menina.

“O que é ser mulher?” – Por Jenyffer Gutman¹⁷



**Quando apenas uma menina, me disseram
que havia nascido do sexo frágil**

E que, por ser menina, eu o pertencia.

**Nova demais para saber o que aquilo poderia significar,
não dei a mínima.**

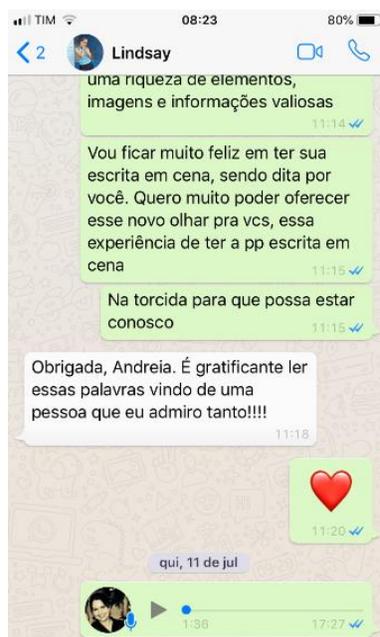
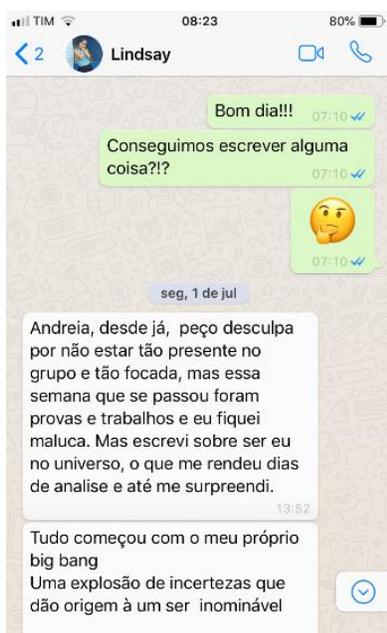
**Conforme o tempo foi passando, eu fui percebendo que não era aquilo que eu
queria. Eu não queria me casar, um filho para criar,**

Roupa para passar, louça para lavar e casa para arrumar.

Eu não queria ser submissa a um homem.

Áudio
Por Andreia Morais

Lindsay mandou em seguida, embora não tenha comparecido aos primeiros encontros, como veremos mais à frente. Por isso, mandei uma mensagem para entender o que estava acontecendo, se de fato ela tinha interesse de participar do projeto e tive a seguinte resposta, seguida desse *big bang* poético.



¹⁷ <https://www.youtube.com/watch?v=0XyOrVgR09U> (Áudio poesia)

“O que é ser mulher?” – Por Lindsay Reis¹⁸

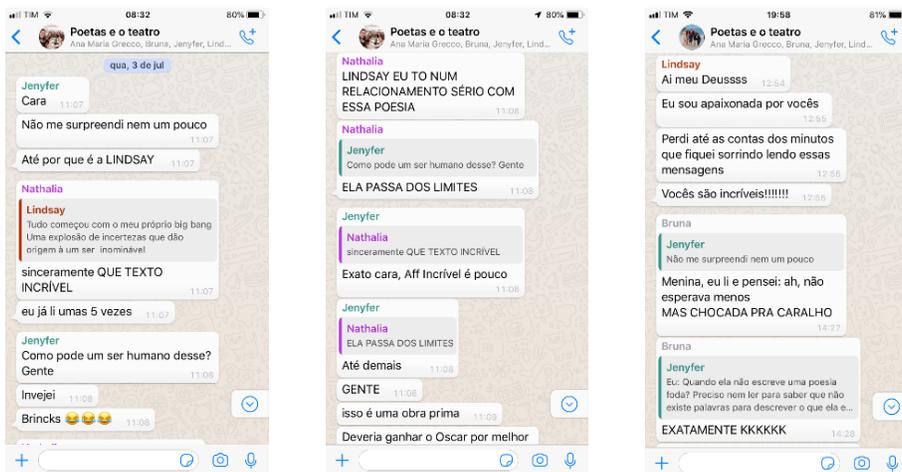
Tudo começou com o meu próprio big bang,
Uma explosão de incertezas que dão origem a um ser inominável
Com duas ou mais personalidades e semblantes indescritíveis e indecifráveis.
Uma mulher, às vezes homem,
Com um olhar penetrante e um mistério irresistível,
Com um sorriso multifuncional,
Que quase sempre serve pra intimidar, não para expor alegria.
Um coração de menina, uma mente maquinada e totalmente racional.
Uma criança emotiva, com raiva. Um ser matador e imortal, totalmente moral.
Um muro de razão, trepado por flores de ingenuidade,
Cercado por espinhos de mágoa e desamor,
Com raízes em uma terra rica de ternura e igualdade.
Quando chove, são gotas de tristeza, por um céu inseguro e sabotado,
Que entregou seu sol a um universo perverso e inexplorado.
Dentro dela existem rios de atenção,
Um universo dentro de um universo dentro de um esqueleto,
Revestido por carne, que não vê a hora de estar em ascensão.
De natureza sensual e venenosa, digna de honra,
Mais misteriosa e imperceptível que o desabrochar das rosas,
Mas impactante como o esplendor de uma aurora.
Outrora confiava em tudo o que o olho via.
Agora confia no estudo minucioso que sua mente aplica.
E existem muitos pedaços de terra, nela, inexplorados.
Um universo vivendo no universo é um tanto quanto apertado, as vezes sufoca,
às vezes seu céu chove um bocado. Um universo que ama dois gêneros, dentro
de um universo que mal sabe o que é ser amado, que decide seu destino ao invés
de ser programado, que reluta contra os impulsos de um universo que é
totalmente impulsionado, um universo que se vê ferido toda vez que é criticado
Por um universo que forma opiniões segundo opiniões, e não fatos, de fato.
Um universo que respira com dificuldades porque já não suporta mais respirar
Esse ar de repressão que o universo em que habita tem lançado.
Um universo que, em meio ao caos dos outros universos,
Continua se mantendo tranquilo e calmo. Um universo que tem se afogado,
Que tem se marcado na esperança de não se perder para o universo ao lado.
Um universo laçado, um universo inseguro, um universo inexplorado.
Um universo que só versa quando o peito aperta e a dor inspira e faz estrago.
Um universo que só para de versar quando a mão já criou calos.
Deixo concluído que um universo dentro de um universo
É algo complexo e cheio de relapsos,
Mas o universo sufocado pelo universo nunca desistirá de ser emancipado.



Áudio:
Andreia Morais
e alunas

¹⁸ <https://youtu.be/H7reataLqQc> (Áudio poesia)

Quando Lindsay mandou a poesia no grupo, as outras alunas ficaram eufóricas.



Quando fiz o pedido desse texto, Nath me perguntou se podia dar continuidade a uma poesia que já vinha escrevendo e que entendia que era uma resposta ao que foi sugerido. Respondi que sim. Nathália chegou a finalizar essa poesia e a me mandar no mês seguinte. Porém, no início de 2020, ela escreveu a poesia abaixo e disse: *Andreia, essa de fato é a minha poesia em resposta à pergunta: “O que é ser mulher na sociedade?”* (sic).

“O que é ser mulher?” – Por Nathália Amorim¹⁹

Sou corpo exposto, vendido, violado, traumatizado por tudo que entra em mim sem a minha permissão: Palavras, substâncias, membro; tudo que vem após o meu NÃO. Quem dera as batalhas fossem só no Slam, que as rivalidades fossem só em competições. Gritam em meus ouvidos o tempo inteiro que preciso provar que sou a fiel amada, a princesa resgatada, a mulher educada. Preciso carregar meu filho pesado no colo e sustentar o trabalho doméstico não remunerado, mas não posso demonstrar força em alguns cargos porque, afinal, sou o sexo frágil.

¹⁹ <https://youtu.be/e9RrJb8rVaw> (Áudio poesia)

Tenho que correr de salto nas vielas desertas,
Tenho que ficar em pé nas conduções
Para não sentar ao lado de um possível violador.
Tenho que fechar as portas, a boca, as pernas
E abrir quando sinto a calça sendo puxada
sem nem que me peçam por favor.
Quando se torna mulher, entende que o respeito é negociável,
Depende da minha postura como o outro irá se comportar.
Se eu tivesse realmente o poder de controlar como o outro age,
Não existiriam mulheres expostas, vendidas, violadas, traumatizadas.
Ser mulher é mágico! Porque quando se torna mulher,
Automaticamente suas roupas ganham vida, capazes de conversar com os
Rapazes e os incitarem a se aproximarem, e a tomarem partida.
Ser mulher é trágico! Dizem que eu sou louca, mas são vocês que escutam um
pedaço de pano falar. Minhas roupas falam, mas a minha boca nunca é ouvida.
Interrompem minha fala, meu progresso e a minha vida!
Era o meu bem, como eu não teria confiado? O homem cuidado, amado, chegou
armado. E eu? Grito por quem? Se, nessas horas, nunca tem ninguém na casa
ao lado. Afinal, o que tem, né? Se nessas brigas não se mete a colher, nem garfo,
nem nada. O homem amado armado pegou a faca, puxou a arma e apertou o
gatilho: patum na frente dos meus filhos. E cadê o Estado? Os juízes e o
presidente? Acontece todo dia na sua frente,
E não importa onde estava, nem o que fazia, nem como vestia,
Porque, quando se torna mulher, é preciso o entendimento que
Depende unicamente do outro o destino da sua vida.
Quando me tornei mulher, passei a evitar as rugas que nem sabia se teria.
Quando me tornei mulher, aprendi a ser forte,
Mas não tanto, porque a força não cabe ao meu gênero.
Quando me tornei mulher, aprendi que o apoio masculino
É condicional e efêmero.
Quando me tornei mulher,
Me tornei um universo repleto de perguntas sem respostas,
De decretos criados e perpetuados pela história
Que ousou vasculhar, remexer, buscar, entender
Os porquês que tanto me aprisionam.
Quando se torna mulher, torna-se somente um aumento na estatística,
Torna-se somente um caso nunca solucionado.
Quando se torna mulher torna-se um corpo exposto, violado, vendido,
traumatizado e colocado em uma gaveta num cemitério qualquer.



Áudio
Por Nath

Aninha e Paulinha também mandaram a poesia no ano de 2020, e podemos ver nas duas escritas, influências das escritas das outras alunas.

“O que é ser mulher?” – Por Ana Maria Grecco²⁰

Desde criança, me falaram o que é ser mulher.
Fica difícil falar o que é ser mulher, quando
já colocaram em sua cabeça desde muito nova,
ainda mais pensar e refletir sobre

O QUE É SER MULHER NA SOCIEDADE.

Bom, quando menina não só me falaram, como também me ensinaram

O QUE É SER MULHER PRA SOCIEDADE.

Me falaram que eu não podia me exaltar, tinha sempre que me comportar e me ajustar. Me mostraram como se cozinha, como se serve, como se limpa e como é ser submissa a um homem. Mas nunca me falaram o que é ser mulher na sociedade, de fato. Ser mulher na sociedade é conviver com medo batendo na porta 24 por 24 horas, é pensar duas vezes antes de colocar a saia ou a calça, que pode depender de me manter viva, é saber que você precisa se esforçar 10 vezes mais do que o homem pra concorrer pra mesma vaga, é entender “*que depende unicamente do outro, o destino da sua vida*”.

“O que é ser mulher?” – Por Maria Paula Grecco²¹

De mulher pra mulher, sabemos o que passamos. Sabemos tudo que enfrentamos, e não é de hoje que lutamos. Mulheres guerreiras que não conheci, morreram sabendo que um dia tudo isso ainda vai ter um fim. E luto hoje pelas mulheres do futuro, minhas filhas, minhas netas e as próximas também. Só nós entendemos a dor, o medo, a insegurança, de atravessar aquela passarela e rezar pra não ter um homem esperando para sermos a próxima vítima. Mas, mesmo com medo do outro, eu sigo lutando, porque o meu medo se torna uma esperança. Uma mulher não nasce pra ser o que mandam, ninguém nasce pra lavar e arrumar, a menos que a pessoa queira! Mulher nasce pra ser o que quiser e fazer o que quiser, sem padrões, sem julgamentos, sem depender de um homem. Somos livres e independentes!

E agradeço tanto por existirem mulheres como eu,

Que fez um medo se tornar coragem e que luta contra o patriarcado.

Somos o que somos, e isso torna a nossa resistência mais forte.

Se sou magra, negra, baixa, gorda, parda, não importa pra você,

Mulheres do passado, tornando as mulheres do presente

A força pra mulheres do futuro.



Áudio
Por Ana Maria



Áudio
Por Maria Paula

²⁰ <https://youtu.be/I4wwDMfqHDU> (Áudio poesia)

²¹ <https://youtu.be/--CD0X-p91U> (Áudio poesia)

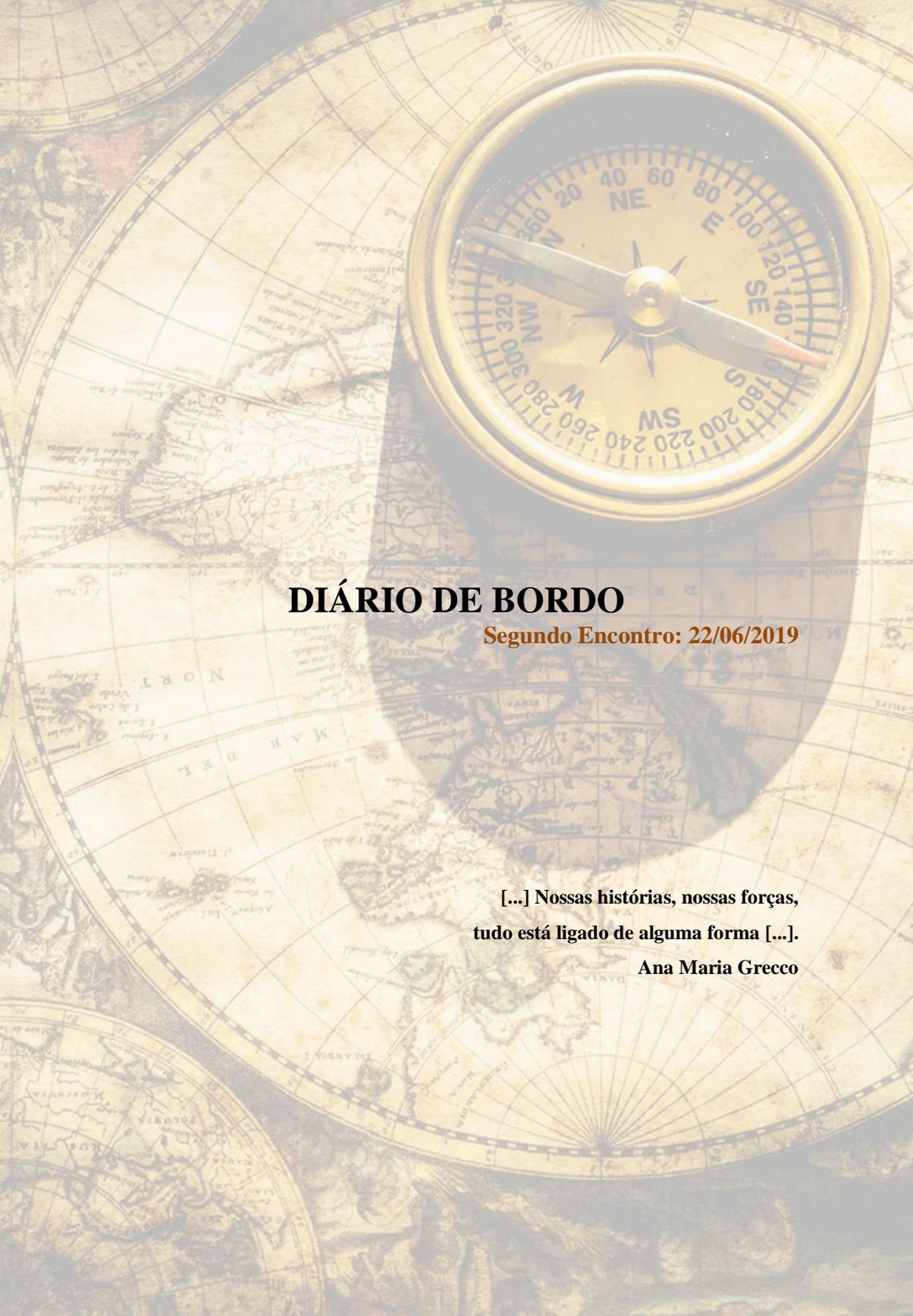


Primeiro Encontro: Bruna, eu, Aninha e Nath: 11/06/19

**Resumo do primeiro encontro,
pelo olhar de Ana Maria Grecco:**

Nosso primeiro encontro foi uma mistura de ansiedade e felicidade. A ansiedade em saber qual era a grande novidade e surpresa que a Andrea iria nos falar e a felicidade de encontrá-la. Bom, nem todas que marcaram, puderam ir, mesmo assim foi maravilhoso, e tenho certeza de que todas nós amamos a surpresa, que era uma ideia de montar uma peça retratando a nossa vida na sociedade, o que é ser mulher na sociedade. Ela nos fez essa pergunta. Tenho certeza de que todas nós saímos bem pensativas desse encontro e com uma grande expectativa de que seria maravilhoso.

Ana Maria Grecco



DIÁRIO DE BORDO

Segundo Encontro: 22/06/2019

**[...] Nossas histórias, nossas forças,
tudo está ligado de alguma forma [...].**

Ana Maria Grecco

Ainda sem espaço onde pudéssemos nos encontrar, combinei o ensaio na minha casa. Nath e Bruna chegaram com o pai de Nath, que trabalha de Uber e circula pela região da Tijuca, onde moro. Aninha e Paulinha foram de metrô, e pedi ao Flavio, meu marido, que as pegasse na estação próxima à minha casa. Jenyffer e Lindsay, mais uma vez, não compareceram. Pensei, pra esse dia, em ouvir as escritas pedidas no primeiro encontro e de assistirmos algum documentário feminista. Nós nos jogamos no sofá da sala e o papo começou a fluir entre elas, com pouquíssima interferência minha. Elas começaram a narrar como foi o encontro delas com a poesia e com o teatro, como nos conhecemos, suas histórias com o feminismo, dentre outros assuntos.²² No meio do papo, surgiu o assunto de onde o feminismo podia chegar. Aconteceu uma pausa na conversa e coloquei o clipe da cantora Bia Ferreira que fala sobre o feminismo fora do apartamento, subindo a comunidade²³. Depois de discutirmos sobre o clipe, as meninas sugeriram que pudéssemos fazer alguns exercícios corporais. Comecei com propostas simples, com o intuito de trazer conexão entre elas e liberação de movimentos, a começar o despertar desses corpos. Por termos pouco espaço, sugeri os jogos teatrais a seguir.

²² <https://youtu.be/mc9kE6hqJRY>
(Vídeo registro: Roda de conversa. QR Code na página 253)

²³ https://www.youtube.com/watch?v=xITsc4nm_NI
(QR Code na página 253)

Hipnose: Em dupla, uma das participantes punha a palma da mão a poucos centímetros do rosto da outra e essa ficava como que “hipnotizada”. Quem estava “hipnotizando” iniciava uma série de movimentos com a mão, trabalhando planos e lateralidades, fazendo com que a colega “hipnotizada” movimentasse todo o corpo, experimentando possibilidades e limitações. Em seguida, o jogo foi invertido, quem estava “hipnotizando” passou a ser “hipnotizada”.

Espelho: Em dupla, uma de frente para outra. Uma iniciou o comando e a outra acompanhou, imitando os movimentos e respeitando a ideia de reflexo. Sugeri movimentos iniciais moderados e livres, a perpassar os três planos: alto, médio e baixo. No decorrer da ação, muda-se o comando. Em seguida, sugeri movimentos do cotidiano, mas na mesma dinâmica de atenção, calma e conexão, para que quem estava imitando, pudesse acompanhar. Alertei para a importância do olhar, que não deveria se perder. Em um momento, pedi que uma dupla fizesse e a outra observasse. Quem observava tentava descobrir quem estava no comando.

Depois conversamos sobre como foi a experiência. Paulinha falou que nós éramos o espelho umas das outras, e, a partir dessa fala, sugeri uma escrita em 10 minutos sobre “o olhar através do espelho”.

Depois do que cada uma escreveu, propus uma leitura diferente da maneira que elas já estavam habituadas a falar poesia. Geralmente, eram corpos parados e só as mãos gesticulavam e toda poesia era comunicada apenas com as mãos. Sugeri que essa comunicação circulasse por todo corpo, sendo experimentada de maneiras diferentes, quase como se, dependesse do movimento do corpo, a emissão das palavras. Sugeri que elas valorizassem as pausas, a respiração e que as diferentes intenções fossem experimentadas, observando, com essas mudanças, o que alterava no corpo.

Aninha e Paulinha teatralizaram o texto. Já Nathália e Bruna demonstraram um certo estranhamento com a proposta. O intuito foi levar o corpo para um campo de experimentação, sem a preocupação de se chegar a lugar específico, mas sim convidar as alunas a terem consciência de seus corpos e de suas possibilidades.

Trabalhar a expressão dos corpos é favorecer a possibilidade do debate, da resposta ou de novos questionamentos. Precisamos falar, pensar, expressar! Entender que cada sujeito tem o seu funcionamento próprio, suas vontades e desejos, que precisam ser respeitados. Precisamos potencializar as habilidades dos sujeitos e seus saberes, que muitas vezes não são reconhecidos pelos educadores, fazendo com que os educandos não se reconheçam, se afastem ou sofram no ambiente escolar. (GARCIA, 2020, P.118)

Escritas produzidas nesse dia:

“O olhar no espelho” – Por Nathália Amorim

O olhar no espelho reflete muita coisa em mim.

Algumas admirações, reprovações. Será que tenho, de fato, me conectado comigo mesma, os óculos têm melhorado minha visão ou tem me atrapalhado a enxergar as coisas como realmente são?

Fico pensando em como consigo conviver 17 anos

com uma completa desconhecida, que me surpreende mais a cada dia.

O olhar no espelho amedronta, capaz de me deixar tonta, porque a descoberta de quem sou, contraria a verdade que defendo quando penso que matar meu EU é a escolha correta. Aflorá-lo é perigoso ou libertador?

Talvez o meu EU seja ter medo de quem eu realmente sou.

Sinto que esse espelho ainda está sujo, enxergar o reflexo é complicado ou, talvez, eu não o limpe por medo dessa sujeira estar do outro lado.

“O olhar no espelho” – Por Ana Maria Grecco

O olhar no espelho, nos reconhecermos e nos espelharmos no que somos

E o que queremos passar para o próximo:

Nossas histórias, nossas forças, tudo está ligado de alguma forma.

É só a gente reparar nos mínimos detalhes, que nós podemos ver esse olhar.

Um olhar de maldade sobre os nossos corpos, que enxerguei de uma forma boa.
É maravilhoso ver que tudo isso, pode ser uma bela fonte de inspiração.
Nossos caminhos se abrem a ideias maravilhosas.

“O olhar no espelho” - Por Bruna Nascimento

Pergunto para o reflexo no espelho: Quem é você? Ela chorou
Desesperadamente ao me ouvir e me devolveu a pergunta: Quem é você?
Olho para mim... Não tenho nada além das lágrimas
E ela me diz: tá tudo bem chorar, tudo bem não estar bem.
Lágrimas não significam sua derrota, maquiagem escorre pelo meu rosto,
O reflexo no espelho se torna algo novo a cada momento
Ela me pergunta: Quem é você?
Por um momento, minha existência se resume ao que aquele reflexo acha de
Mim e, por fim, digo: eu não sei. Mas não me importo em tentar descobrir.
Saio ainda chorando enquanto atravesso a porta.
Mas não importa, lágrimas não significam a minha derrota.

“O olhar no espelho” – Por Maria Paula Grecco²⁴

Eu me olho, me vejo, me sinto, meu rosto
tão delicadamente agressivo.
Eu me toco, revoltado e volto à estaca zero,
tento me encontrar diante de um olhar, um relance.
Tento entender como me tornei isso, como cheguei aqui.
Eu, eu choro, penso, em uma fração de segundos, coisas que eu poderia fazer,
eu fiz. Como eu fiz? Passou tão rápido, aquela cena da agressão, aquela noite
que parecia nunca ter fim. Eu? Eu danço e tento não esquecer esse
EU tão frágil que me deixa mais forte diante de cada coisa que eu já passei até
aqui. Será que é só comigo? A voz que invade a minha cabeça e me grita tão
alto que eu sinto a necessidade de libertá-la. É tanta coisa que mexe dentro de
mim, me invade e me rasga por dentro e é somente no momento em que me
olho no espelho. Eu? Eu me descubro, não só quando me olho no espelho, mas
também quando eu olho pra você! Eu me sinto, eu olho, eu te toco, eu me
identifico. Não somos apenas aquilo que nós vemos, a resiliência me toca e me
faz descobrir coisas que eu nunca senti, nos faz descobrir, nos faz olhar, me faz
te olhar e simplesmente ver a mim.



Áudio
Por Maria Paula

²⁴ <https://youtu.be/UGNZ5kcKczE> (Áudio poesia)

Embora não tenha participado do encontro, Jenyffer também escreveu sobre o tema.

“O olhar no espelho” – Por Jenyffer Guttman²⁵



Áudio
Por Jenyffer

Um espelho se materializa diante dos meus olhos.
Nele há algumas rachaduras, e, por conta disso,
vejo meu reflexo distorcido.
As rachaduras pareciam ser tão profundas
e cheias de segredos, o que me fez querer tocá-las, porém,
por um breve segundo, pensei ter ouvido
o meu próprio reflexo falar comigo.
Mas não, essa voz que pensei ter ouvido não vinha do meu reflexo,
e sim das rachaduras. Uma delas me disse:
“Você controla as mudanças da sua vida”.
Ao ouvir aquilo, desabrochei um sorriso sincero e, automaticamente,
esse pedacinho do espelho se completou deixando de ser rachadura,
passei os dedos, encantada com o que tinha acabado de acontecer.
Como aquilo poderia ser possível?
Sentei no chão, querendo saber o que mais essas rachaduras
poderiam me dizer, então uma decidiu falar e me disse assim:
“Não existe dor que não possa suportá-la”.
Ao ouvir aquilo, fechei meus olhos e dei um suspiro profundo,
Era como se uma carga negativa tivesse acabado de sair de mim,
E, assim que os abri, uma rachadura que ficava bem no meio do espelho,
com a voz mais alta e grave que as outras, me disse: “Tu és Lua”!
Ao ouvir aquilo fiquei de pé novamente, em frente ao espelho.
Eu sabia exatamente o que aquilo queria dizer,
e uma luz branca saiu das rachaduras, tão clara que me faz cobrir os olhos.
Assim que a luz se apagou me virei para encarar o espelho, desta vez,
ele estava completo, as rachaduras haviam sumido
e ele estava inteiro novamente.
Sorri para o meu reflexo e disse:
“Hoje sou Lua e tenho várias fases,
deixo que às vezes me vejam pela metade e,
quando acham que deixei parte de mim ir,
provo que nunca deixei de ser inteira”.

²⁵ https://youtu.be/u2petXY_EqM (Áudio poesia)

Depois de um tempo, Nath escreveu outra poesia sobre o mesmo tema.

“O olhar no espelho II” – Por Nathália Amorim²⁶

Toda vez que me despia, ele me encarava,
eu tirava cada vestimenta,
e o olhar fixava, me constrangia no começo.
Eu, com a pressa de sempre, nem o indagava.
Mas aquela encarada deixava
meu pensamento do avesso, revoltada.
Os dias passavam, e ele continuava...
Era só tirar as peças de roupa que ele começava.
Certo dia, o indaguei:
"Quem és tu?" O coitado ficou calado.
Repeti, e ele ficou um pouco irritado.
Até que, um dia, ele me respondeu:
Disse que nunca me conheceu, que nunca foi apresentado,
Que conhecia cada curva do meu corpo,
mas que não sabia nem meu nome,
Que, se eu o notasse, perceberia que ele era o meu clone.
Eu achei estranho, era tudo tão complexo...
E foi então que notei que estava, o tempo todo, na frente do meu reflexo.
Como pude não me reconhecer? Será que mudei tanto assim?
Ou a pressa não me permitia parar para me ver?
E agora, de frente para mim,
Insisto em perguntar: "Quem é você?"
Agora compreendo as encaradas que não achava normal,
mas me entristece ver que o meu próprio olhar,
para mim mesma, era tão superficial.
Olhava meu corpo e mal compreendia quem estava por trás.
Me distanciei da minha identidade.
Com o tempo, com a idade,
Não olhei para o lado de dentro nunca mais.
E agora, o que faço, espelho meu?
Se o estranho, a todo momento, era... EU.



Áudio
Por Christine
Mãe de Nath

²⁶ <https://youtu.be/6sBIDNRdcRk> (Áudio poesia)

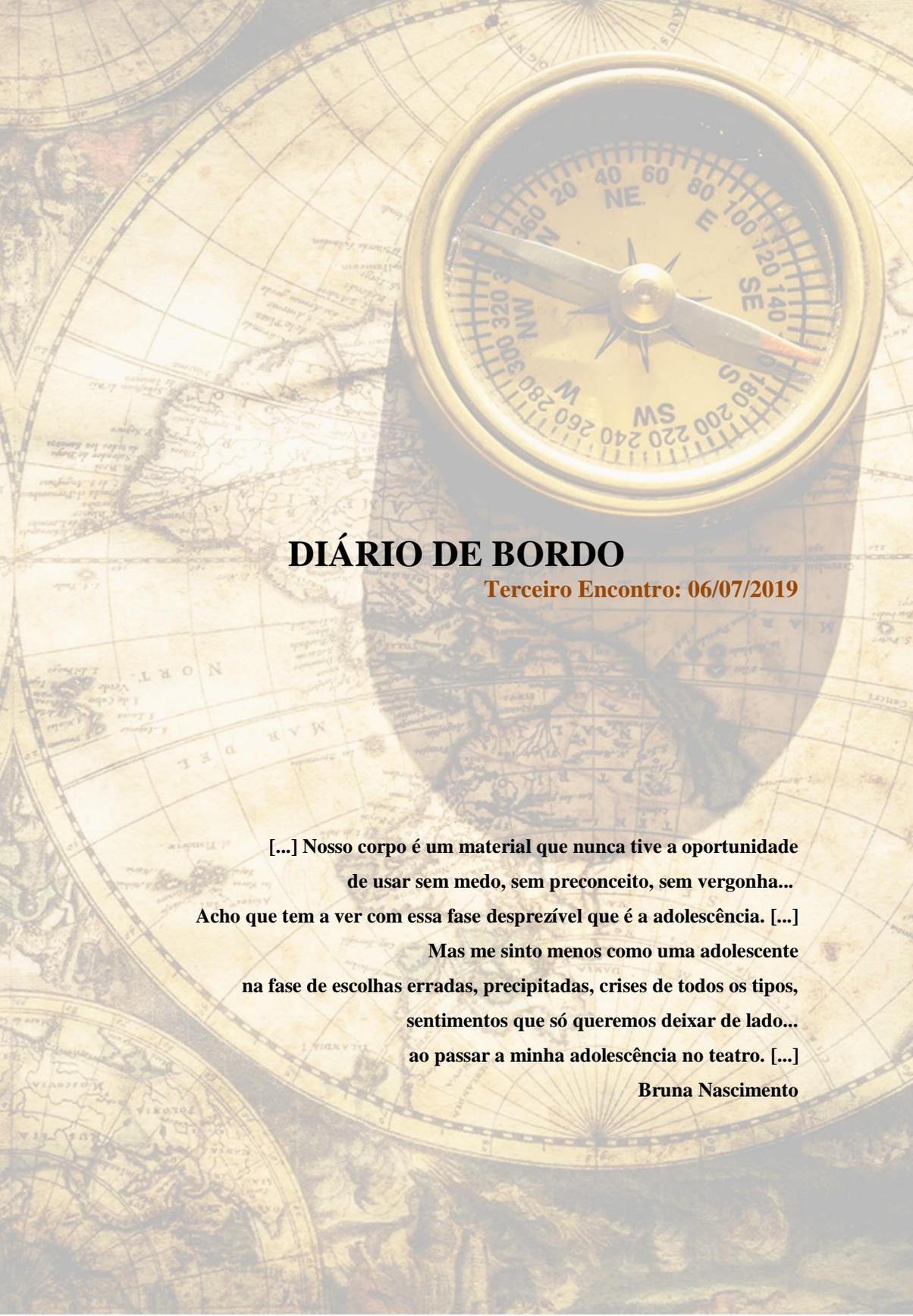
**Resumo do encontro,
pelo olhar de Bruna Nascimento:**

Foi o encontro com mais debates e assuntos para expor nossas opiniões. Passamos mais ou menos duas horas conversando sobre temas como desigualdade, tanto de gênero, raças, etnias etc. Ao fazermos exercícios corporais, paramos na frente do “espelho”, e a Maria soltou então a frase que dá início a toda a peça: “um olhar no espelho”. Escrevemos, cada uma, textos já inclusos no projeto sobre o que essa frase transmitia pra nós. E, então, tentamos transmitir uma frase da poesia na forma corporal, falar a poesia com o nosso corpo. Foi uma tarefa fácil para umas e para outras nem tanto.

Bruna Nascimento



Segundo encontro: Aninha, Bruna, eu, Paulinha e Nath - 22/06/19.



DIÁRIO DE BORDO

Terceiro Encontro: 06/07/2019

[...] Nosso corpo é um material que nunca teve a oportunidade de usar sem medo, sem preconceito, sem vergonha... Acho que tem a ver com essa fase desprezível que é a adolescência. [...]

Mas me sinto menos como uma adolescente na fase de escolhas erradas, precipitadas, crises de todos os tipos, sentimentos que só queremos deixar de lado... ao passar a minha adolescência no teatro. [...]

Bruna Nascimento

Depois de muito pesquisar um local no qual pudéssemos ensaiar aos sábados, entrei em contato com a Lona Cultural de Guadalupe, e o coordenador Jorge Conti nos disponibilizou uma sala para que pudéssemos realizar nossos encontros. Estiveram presentes nesse dia, Nath, Aninha e Paulinha. Foi muito bom ter um local apropriado para propor um trabalho corporal com as meninas. Ana e Paula, diferentemente de Nathália, já passaram pela experiência de terem aulas de teatro na escola.

Com o objetivo de fazer com que as alunas se tornem cada vez mais conscientes dos seus corpos e de suas possibilidades, iniciei o encontro com um exercício simples de ocupação de espaço e trabalhei com planos, direções e ritmos. Em seguida, propus o trabalho com cada parte do corpo, isoladamente, valorizando cada uma delas, em movimentos retos e circulares. Durante o aquecimento, batia palma, e elas trocavam de lugar ou de plano ou de direção. A ideia era que elas pudessem ter a percepção desse corpo fragmentado, explorando a vivacidade e a riqueza de cada parte. Em seguida, ditei verbos, e as alunas reagem como se o corpo fosse a própria ação. Verbos como: deslizar, cortar, chicotear, soluçar, despertar, libertar, dentre outros.

Em continuidade ao trabalho corporal, exploramos a ideia do corpo estendido e corpo reduzido, buscando as possibilidades e os limites desses corpos, e, principalmente, a consciência do mesmo. Movimentos expansivos e encolhidos. O corpo ocupava o máximo do espaço, intercalando com o mínimo de espaço. Primeiro, numa conexão consigo mesmo, depois, numa proposta relacional, em trio, à distância, jogando na dualidade da expansão e do encolhimento.

O exercício evoluiu até o contato corporal entre as três, mantendo a ideia central.

Finalizei o aquecimento com o exercício do espelho, já utilizado como proposta no segundo encontro, porém agora com as três juntas²⁷.

Depois expus para as meninas, uma variedade de fotos impressas que retratavam uma diversidade de mulheres, com cores, contextos e sentimentos diferentes. As fotos foram espalhadas pelo chão e pedi que cada uma delas escolhesse três fotos:

Primeira: Uma imagem que você se identifique.

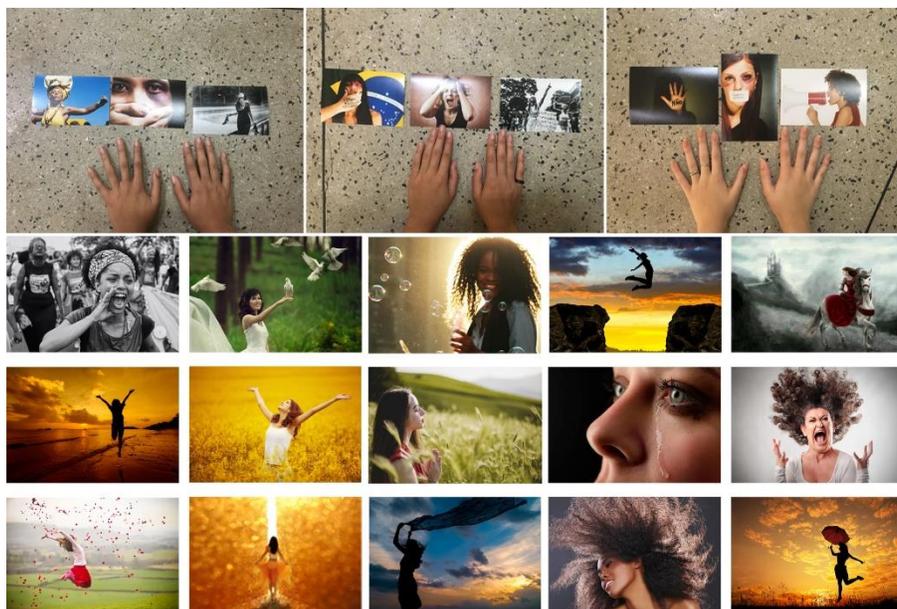
Segunda: Uma que represente algo que você deseja.

Terceira: Uma imagem que você não quer pra você.

[...] reflexão aprofundada por meios estéticos (imagem, som e palavra), começamos a ver o que não olhávamos e a tomar consciência do processo de construção do “ser mulher”, ferramentas utilizadas para inculcar ideologias que definem papéis sociais [...] (SANTOS, 2019, p.64)

²⁷ <https://www.youtube.com/watch?v=I50RfMKJulc>

(VÍDEO REGISTRO: Espelho e Teatro Imagem. QR Code na página 253)



Depois das imagens escolhidas, pedi que as meninas escolhessem uma das três imagens e narrassem a história daquela personagem em terceira pessoa. Em seguida, pedi que elas escolhessem uma segunda imagem e criassem uma história, se colocando no lugar da personagem. Sugeri que elas deixassem registradas na memória, a vida que elas deram àquelas personagens.

Em seguida, pedi que ficassem de costas para mim, em fila, uma ao lado da outra e, a partir de um bater de palmas, elas viravam e faziam uma imagem de acordo com os sentimentos indicados. Citei sentimentos que estavam imbuídos nas histórias que foram narradas por elas, com o intuito de trazer para o corpo o entendimento das emoções que envolviam aquelas personagens.

A seguir, propus uma das técnicas do Teatro do Oprimido (TO)²⁸, Teatro-Imagem (TI)²⁹, utilizando as imagens impressas das mulheres como impulso para criação. O objetivo era desenvolver a capacidade de expressão desses corpos, explorando imagens e movimentos como meio de comunicação, primeiro, sem utilizar a palavra.

Primeira etapa: Improvisação com imagens em grupo. Uma de cada vez se colocou no espaço cênico com uma imagem corporal que indicava uma ação estática, e as outras jogadoras, a partir da imagem que já tinha sido feita, se encaixavam com uma ação que fizesse sentido com o que já estava sendo proposto pela primeira. A primeira participante teve a liberdade de criar livremente a primeira imagem, a que o seu corpo a conduziu. Quando todas estavam no espaço cênico com suas imagens, tivemos uma cena estática.

Segunda etapa: O jogo foi conduzido da mesma forma que na primeira etapa, mas, nesse momento, após realizarem as imagens, foram, na ordem que entraram em cena, falando uma frase, som ou palavra que o personagem estaria dizendo a partir da imagem. Indico que é importante que a jogadora não entre no jogo com algo já elaborado mentalmente e se deixe conduzir pelo que o grupo estiver construindo e improvisar no seu momento de criação.

Terceira etapa: Todas as etapas foram refeitas e, após o final da última etapa, as alunas começaram uma improvisação, até que fui conduzindo ao fim.

A partir da técnica do TI, as alunas puderam produzir novas leituras das imagens impressas, romper com uma estrutura dramática inicial – a gerar um deslocamento estético e a criação de um novo drama, a problematizar o que estava posto, provocando conflitos e a

²⁸ Irei utilizar a sigla TO para Teatro do Oprimido.

²⁹ Irei utilizar a sigla TI para Teatro Imagem.

solução dos mesmos – tudo a favorecer um movimento de possibilidades, releituras e busca de modos de viver, agir e pensar.

**Resumo do encontro,
pelo olhar de Nath:**

Foi nosso primeiro encontro na Lona Cultural de Guadalupe.

Andreia começou, pedindo pra gente se movimentar.

Ela dizia algumas palavras e a gente ia dando vida a cada uma delas através do nosso corpo.

Cada uma, de forma bem individual, ia deixando fluir os gestos de acordo com o sentido do que estava sendo dito.

Foi algo muito libertador, me peguei dançando inúmeras vezes de tão livre que estava me sentindo, senti que cada uma foi se encontrando durante essa dinâmica. Depois, fizemos o exercício do espelho.

Como éramos três, fizemos um triângulo, uma de frente pra outra e cada uma ia se movimentando devagar, enquanto as outras iam acompanhando, como se realmente fosse o reflexo.

Foi tão gostoso que chegou num momento que eu nem sabia mais quem estava controlando quem, estávamos completamente ligadas umas nas outras, e os movimentos foram simplesmente fluindo.

Depois a Andreia pegou algumas imagens e colocou no chão, nos pediu pra escolhermos três: uma que você se identificasse; outra que representasse algo que você quer e por fim uma que representasse algo que você não quer pra você.

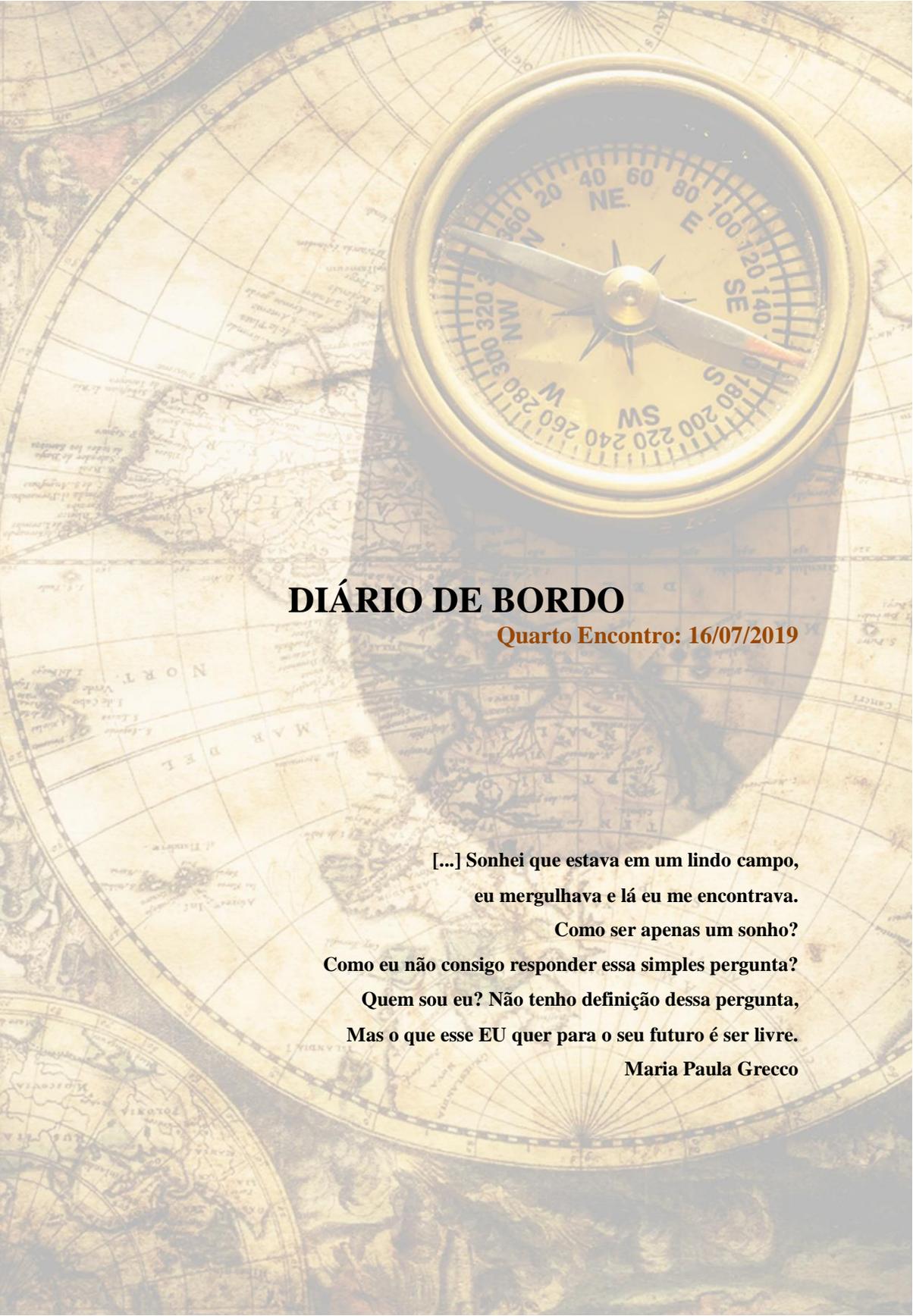
Cada uma tinha que ir lá na frente e criar uma história pra personagem da foto, dando sentido e história à imagem. Depois disso tivemos que criar algumas cenas, era tudo no improviso: uma ia lá na frente e fazia uma posição, a segunda complementava a cena fazendo uma posição que tivesse ligação com a posição da primeira e a terceira, idem.

Depois a gente dava vida à imagem que estava sendo representada por nós, essa parte foi incrível, não havia nada combinado.

Depois, ela pediu que cada uma escolhesse uma imagem das três que havíamos escolhido e teríamos que criar uma cena que tivesse sentido com cada imagem. Ela nos deu alguns minutos sozinhas para criarmos. As imagens, por incrível que pareça, se interligavam

muito e não foi tão difícil. Mas, discutimos somente o que cada uma iria fazer, a parte da atuação foi toda na hora e deu super certo.

Nath Amorim



DIÁRIO DE BORDO

Quarto Encontro: 16/07/2019

[...] Sonhei que estava em um lindo campo,
eu mergulhava e lá eu me encontrava.

Como ser apenas um sonho?

Como eu não consigo responder essa simples pergunta?

Quem sou eu? Não tenho definição dessa pergunta,

Mas o que esse EU quer para o seu futuro é ser livre.

Maria Paula Grecco

Estiveram presentes Aninha, Bruna e Paulinha. Inicialmente conversamos amplamente sobre os últimos encontros e o que eles trouxeram para todas.

Em seguida, propus que elas deitassem no tatame e fechassem os olhos. Proporcionei para o grupo uma vivência guiada. Com uma música suave ao fundo, sugeri que elas se imaginassem num lugar calmo, arborizado, ouvindo o som dos pássaros e caminhando pela grama verdinha. Disse que cada uma estava só, contemplando a natureza e se percebendo nesse espaço. Continuando na condução, pedi que retomassem a atenção para si mesmas, que fizessem um mergulho de autoconhecimento. Lancei a pergunta: “Quem é você?” Aos poucos, solicitei que as mesmas fizessem um autotoque, ainda de olhos fechados, se percebendo. Guiadas pela minha voz, convidei-as a desbravar seus próprios corpos, passando pela face – cada detalhe, cada curva, percebendo as texturas, asperezas, demorando-se mais nos locais pouco visitados, trabalhando o sentido do tato. Após esse processo, pedi que, aos poucos, elas abrissem os olhos e sugeri que escrevessem sobre a experiência.

“Quem é você?” Por Maria Paula Grecco

**Eu me pergunto toda vez em que me olho.
Dentro de mim há coisas que eu não consigo explicar,
Uma menina forte e, ao mesmo tempo, tão insegura diante de si mesma.
Eu não sei exatamente o que eu busco, mas sei que busco algo.
Busco paz. Qual tipo de paz?
Tenho um EU que faz perguntas mais do que essa sociedade que me julga.
Ser livre ou não?
Isso não está sendo uma escolha e eu tento me descobrir diante dessas paredes
Que comem a minha imaginação.
Hoje tive um sonho; sonhei que estava em um lindo campo, eu mergulhava e lá
Eu me encontrava. Como ser apenas um sonho?**

Como eu não consigo responder essa simples pergunta? Quem sou eu?
Não tenho definição dessa pergunta,
Mas o que esse EU quer para o seu futuro é ser livre.

“Quem é você?” – Por Bruna Nascimento

Um dia me disseram: “Você tem medo de viver.
Por que não pode apenas ser? Eu sou ou já fui.
Fui filha, estudante... Sigo sendo poeta e jovem.
Internamente uma jovem idosa que vem sendo preservada.
Por que não apenas ser?
Confesso que não tenho medo de ser, tenho medo do porquê.
Sigo sendo poeta, jovem e idosa.
Serei liberdade! Liberdade é? Liberdade é ser? Se não for, quem sou eu?”

“Quem é você?” – Por Ana Maria Greco

Eu sou Ana Maria, um ser de sexo feminino
Que tenho que me encaixar nos padrões da sociedade.
Porém o que eu mais quero é poder descobrir meu verdadeiro eu.
Mas... Eu? Eu sou apenas uma jovem que está cansada de tudo isso.
O cansaço se tornou algo meu, mas me cansei não só das coisas ou das pessoas,
Mas também de mim mesma. A cobrança é muita diante de uma pessoa só.
Eu tento me descobrir mais e mais a cada dia que se passa,
Mas fracasso de tanta solidão.

Depois desse exercício, passei um breve aquecimento, iniciando com ocupação de espaço. Em seguida, repetimos o exercício da hipnose e finalizei o aquecimento com o exercício “O guia e o cego”³⁰, com o objetivo de ampliar outros sentidos, além da visão.

O Guia e o Cego: Pedi que uma das alunas ficasse de olhos fechados e a outra fosse a sua guia, levando-a pelas mãos, tentando deixar o corpo mais livre possível, sem levantar a mão, no intuito de saber o que está à sua frente. Sugeri que o ritmo do andar variasse, assim como os planos. Esse exercício, além de explorar o movimento dos corpos e os sentidos, trabalha relação de confiança entre as participantes.

³⁰ https://www.youtube.com/watch?v=V_DhZfHyggk
(Vídeo registro: O guia e o cego. QR Code na página 253)

Temos que concordar: os sentidos têm sentido! Não são meras sensações que se apagam com o tempo: têm sentido e direções! (BOAL, 2009, p.27)

Depois de exercícios de exploração dos sentidos, propus um improviso que trouxesse a experiência dos sentidos para o concreto. Embora não saiba que pedagogo teatral ou, ainda, que teatrólogo tenha criado esse exercício, ele traz em seu cerne elementos trabalhados nos jogos teatrais da Viola Spolin: “Onde (lugar)”, “Quem (Personagem)” e “O que (Ação)”, apresentando os elementos de construção de uma cena teatral.

Jogo das cadeiras: Cena vazia. São dispostas três cadeiras, uma ao lado da outra. Duas alunas de um lado e outra no outro, prontas para entrarem no jogo, sem combinações prévias. A que entrou primeiro ocupou uma das cadeiras e começou a estabelecer a construção de alguns elementos: Que lugar é esse? Quem é esse personagem? O que ele está fazendo? A segunda participante deu continuidade ao que foi estabelecido pela primeira, até que todas estivessem em cena e criassem uma narrativa com um desfecho pra história.

Assim que finalizaram a cena, pedi imediatamente que transcrevessem o improviso. Foi uma primeira experiência de escrita cênica, que considere importante para o processo.

(Primeiro personagem entra diante de três cadeiras vazias)

EU1: Esse lugar não faz mais sentido. *(Fala entrando na cena e senta na cadeira)* Isso é só uma sala vazia. O que eu vim fazer aqui? Ficar sentada nessa maldita cadeira e olhar pra cara de quem nem me conhece e ouvir ele dizendo: “Ok, tudo bem, isso vai passar”. Eu tô há mais de uma hora aqui e ainda não estou conseguindo entender o que eu vim fazer aqui.

EU2: Ok, tudo bem! Isso vai passar *(Fala ocupando outra cadeira)*.

EU1: Isso é patético! Esse lugar é só uma sala vazia com pensamentos vazios.

EU2: É só você se imaginar fora da caixinha, se imagina em outro lugar.

EU3: Não entendo o motivo de estarmos aqui. Pra que isso?

EU2: Para nos conhecermos. Conhecer quem nós somos.
EU1: Quem é você?
EU2: Eu sou você e você sou eu!
EU3: E quem sou eu então?
EU2: Você sou eu. Na verdade vocês duas são eu. Vocês estão em meus pensamentos.
EU3: O que eu vim fazer aqui? Isso é escroto! É só uma sala vazia.
EU2: Vocês estão aqui para me ajudar, para nos ajudarmos.
EU1: Eu estou há mais de uma hora aqui e ainda não entendi quem sou eu.
EU3: Você sou eu?
EU2: Vocês são eu.
EU1: Isso não está dando certo.
EU2: Viemos para nos descobrirmos.
EU3: Ai gente, isso não está dando certo. Vou deixar vocês sozinhas.
EU2: Mas, você sou eu! Você vai sair assim?
EU3: Tchau! *(Fala saindo de cena e levando a cadeira)*
EU1: Eu estou de saída também. Estou há mais de uma hora aqui.
EU2: Mas, você também sou eu! Volta aqui! Não me deixa sozinha!
EU1: Eu sou você, só que bem diferente! Você vai se virar, você consegue. *(Sai e pega sua cadeira)*

Fechamos o encontro, como de praxe, fazendo uma breve avaliação, e as meninas compartilharam como foi a experiência. Elas ficaram eufóricas com a improvisação e com a possibilidade de construção coletiva da escrita de uma cena teatral, a partir da prática.

**Resumo do encontro,
pelo olhar de Maria Paula:**

Tivemos mais um encontro extraordinário. Sabemos o que queremos, mas não fazemos ideia do que vai sair durante cada preparo. Nunca é como imaginamos. Conversamos bastante sobre os últimos encontros e o que eles trouxeram para nós. Depois a Andreia nos propôs deitarmos no tatame e fecharmos os olhos. Ela começou a falar sobre nos imaginarmos em um lugar calmo e seguro, onde só uma de nós estivesse, um lugar só nosso. Muito surpreendente, pois o jeito como ela falava e a música que tocava no fundo da voz dela me deram a sensação de estar naquele lugar e de me sentir muito livre. Após esse processo, ela pediu para escrevermos quem nós somos em uma folha, em apenas 10 minutos, para refletirmos sobre o que tinha acontecido. Pediu para andarmos na sala e para fazermos quase a mesma coisa que no último encontro. Andar em plano médio, alto e baixo. Depois, propôs que uma, de olhos fechados, fosse guiada pela outra. Por último, pediu para criarmos uma cena onde a primeira pessoa entra, seguida das outras, que vêm complementando e dando vida a cena totalmente improvisada, com três cadeiras no centro da sala, onde cada uma se sentava e dava vida a cena. Primeiro começou com a Bruna, que falou sobre estar muito calor. Depois, a Ana Maria entrou, incrementando com a ideia de estarmos em um carro no meio do deserto. Entrei em seguida, pedindo para invertermos a situação, pensando em frio, ao invés de quente. Ela pediu para fazermos de novo e colocarmos mais daquilo que estava em pauta no nosso encontro. Eu comecei a cena reclamando por estar há mais de uma hora esperando, sentada, na cadeira, e que era um absurdo esperar por alguém que não ia me ajudar em nada, que era só uma sala vazia com pensamentos vazios. Aninha entrou, perguntando se eu estava bem e pedindo para eu ver o lado bom das coisas. Eu insistia, dizendo que era só uma sala vazia. Bruna entrou, afirmando minha triste decisão. Aninha falava que não era pra ficarmos assim, porque nós éramos ela. Depois ficamos a cena toda falando quem era quem, e foi a ideia de cena mais divertida e aleatória que tivemos. A Andreia pediu para escrevermos toda a cena no papel. Depois disso, fomos para casa, felizes, sem imaginar a loucura que seria aquela manhã.

Maria Paula Grecco



DIÁRIO DE BORDO

DesEncontro: À deriva

**[...] Pararia o tempo, se pudesse, para lhe dizer algumas palavras,
E se não tiver ninguém que possa fazer isso por mim,
Então ninguém pode me ajudar.**

Jenyffer Guttman

Dia 24 de julho de 2019, quarta-feira, recesso escolar, por isso estava em casa. Eram aproximadamente 10 horas da manhã, quando recebi uma mensagem do Jair, pelo *WhatsApp*. Não era dia de encontro, na verdade foi dia de desencontro. Jair me perguntou se estava tudo bem, perguntou pelo trabalho com as alunas e se Lindsay estava participando. Respondi com empolgação através de um áudio, contando dos quatro primeiros encontros, que tudo estava muito potente, mas que Lindsay ainda não tinha comparecido a nenhum deles, porém havia me mandado uma poesia, e encaminhei para que ele pudesse ler. Logo em seguida, ele perguntou se podia me ligar. Disse que sim. Recebi a notícia que não queria ouvir. Custei a acreditar. O choro veio de imediato, mas quis negá-lo. Havia de ser um engano. Desliguei o telefone, entrei nas redes sociais, mandei mensagens no *WhatsApp* e a infeliz confirmação: Lindsay se foi. E a notícia foi um soco no estômago! O mesmo sentido ao ouvir as palavras que brotavam com uma força ímpar desse serzinho paradoxal de transparente doçura e implacável existência. Palavras essas que foram interrompidas no tanto que ainda poderia ser dito. Perdemos uma aluna e uma grande poeta.³¹

Lindsay tinha sobre mim, e sei que sobre muitos, um efeito ímpar. Ouvir ou ler suas palavras faziam minhas células piruetarem. A lembrança estampada na minha memória é a de seu sorriso despretenso, alguém que, mesmo tão jovem, já dominava a dureza das palavras necessárias.

³¹ <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/07/24/familia-e-baleada-dentro-de-casa-na-zona-norte-do-rio.ghtml> (QR Code na página 253)

Lindsay não esteve presente em nenhum dos quatro encontros, mas estava presente no grupo, mesmo estando distante, procurava participar da maneira que lhe era possível. Escreveu para esse trabalho: “O que é ser mulher?” e provocou euforia em todo grupo. Para algumas pessoas para quem li essa poesia, percebia uma perplexidade ao se depararem com uma escrita tão rica de elementos, repleta de metáforas e de muitas questões a serem trabalhadas.

A poesia escrita estará em nosso trabalho. Não podemos ter Lindsay de volta, mas ela continuará presente no projeto e em nossas vidas.

Dia 25 de julho de 2019, dia da despedida.

Dor... indignação... dor... tristeza... dor... saudade... dor.

Nathália, Jenyffer e Bruna não vão ao enterro. Somente Aninha e Paulinha, que conheceram a Lindsay no mesmo dia em que se despediram. Dor pela despedida. Saudade daquilo que elas nem viveram. Dor, dor e dor.

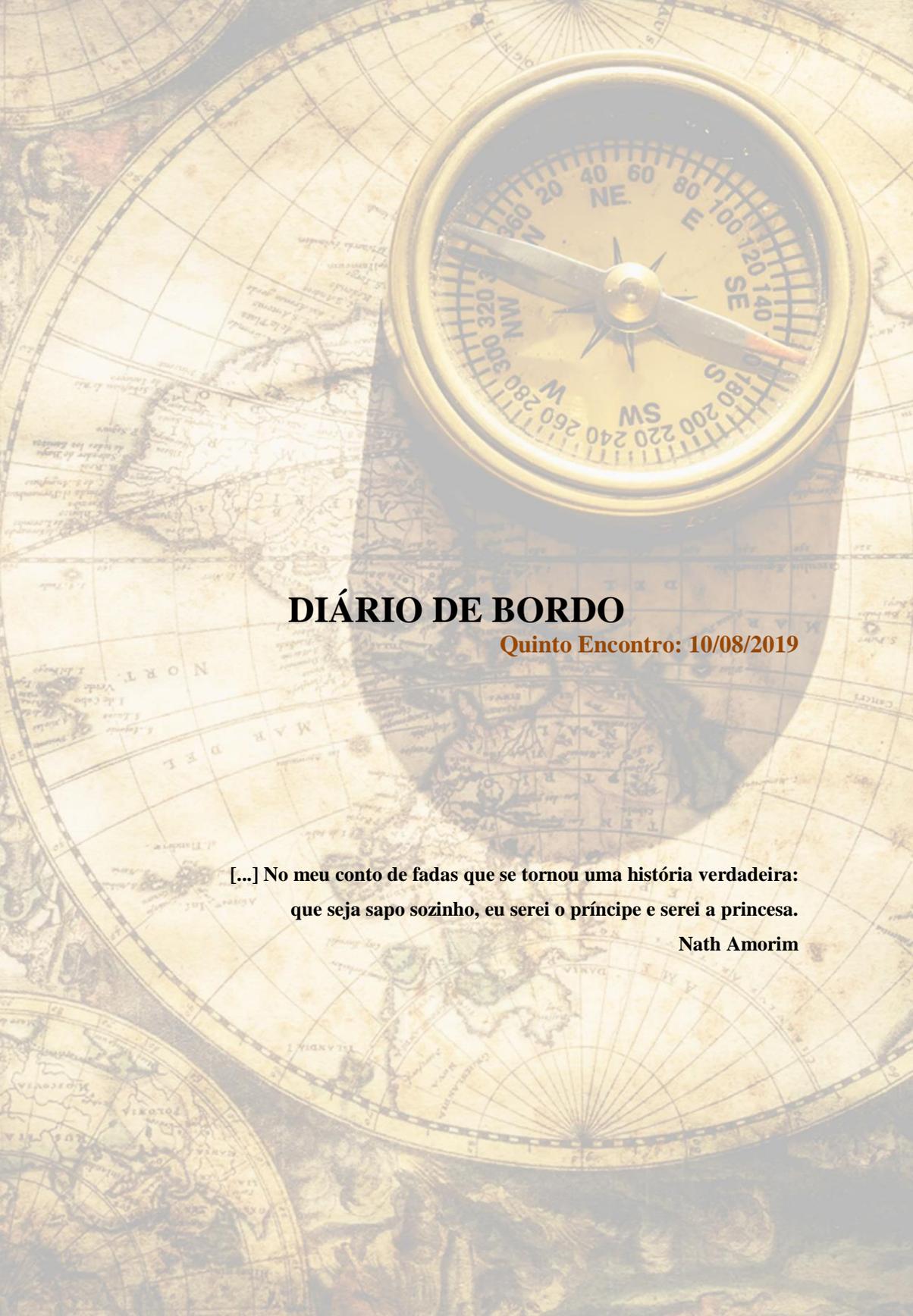
Bruna entrou em contato para confirmar se nos encontraríamos no dia 26/07/19 como havíamos combinado. Minha vontade era a de não ir. Sabia o quanto estava doído para todas e, para mim, não estava diferente. Perguntei suas opiniões e resolvemos nos encontrar. Fiquei pensativa sobre que fazer, não podia negar o ocorrido, mas como tocar no assunto, como manejar essa situação para que não ficássemos remoendo dores, sem produzir sentido? Acolher a tristeza de todas, era possível fazer, mas como elaborar uma morte tão violenta de uma jovem tão querida e tão cheia de possibilidades?

Num grupo de WhatsApp com amigas do mestrado, narrei o ocorrido, pedindo às colegas uma ajuda. Luiza Rangel logo respondeu, sugerindo que eu não ficasse somente falando do episódio, mas que eu pudesse produzir algo com elas e, em algum momento, tocasse no assunto. Sugeri que eu levasse sucatas, jornais, revistas, colas e que pedisse para as meninas criarem uma escultura, trazendo uma estética para produzir algo nesse momento de dor. Ana Mangeth contou que conversou com uma amiga, professora de filosofia, e que, nesse dia, elas falaram exatamente sobre a morte. Essa amiga pontuou que tocar nesse assunto é um tabu, mas salientou o quanto é importante falar sobre ele, tão importante como falar da vida. Ana sugeriu trabalhar com a música de Raul Seixas: “Canto para minha morte”. A partir das contribuições das colegas, planejei o encontro do dia seguinte.

Dia 26 de julho de 2019, como de costume, ofereci carona da estação de Coelho Neto até a Lona de Guadalupe, para Aninha e Paulinha. Meu trajeto até chegar a Lona: metrô do Estácio até Coelho Neto, partindo, então, para Guadalupe de Uber. Recebi, através da Aninha, a notícia de que elas não poderiam comparecer. Imediatamente entrei em contato com Nathália e Bruna. Bruna disse que estava disponível e, como morava perto, só estava aguardando a confirmação. Tentei de todas as formas falar com Nathália, e não consegui. Aguardei, aguardei, aguardei e nada. Depois de mais uma hora de tentativa, avisei à Bruna e resolvi voltar pra casa. Rolos de papel, plástico bolha, materiais de papelaria, mal estar, tristeza e dor, todos embrulhados, acompanhando-me no metrô de volta para casa.

[...]E certa vez, durante a viagem, ainda longe do destino,
 Esse ônibus precisou parar.
 Ele foi desacelerando porque alguém precisava descer.
 Parou numa rua um pouco fria,
 E uma menina muito bonita havia chegado em seu destino,
 Ela desceu e eu nem pude me despedir daquele olhar lindo,
 Mas... O ônibus precisava continuar.[...]
 Nath Amorim





DIÁRIO DE BORDO

Quinto Encontro: 10/08/2019

**[...] No meu conto de fadas que se tornou uma história verdadeira:
que seja sapo sozinho, eu serei o príncipe e serei a princesa.**

Nath Amorim

Depois do furo, conversei com as meninas no grupo, dizendo que entendia que era um momento de dor para todas, mas que havia ficado chateada com a falta de retorno das mesmas, afinal, juntas, decidimos que julgávamos importante nos encontrarmos naquele dia. Elas se desculparam e marcamos para o dia 03 de agosto, que se transformou no dia 10, devido à dificuldade de conciliar nossas agendas.

Por fim, Aninha e Paulinha não foram, Bruna só podia ficar até um determinado horário e Nathália chegou muito atrasada. Meu planejamento pra esse dia ainda era falar sobre a morte da Lindsay, o que não aconteceu.

O caminho possível foi conversar individualmente com Nath e Bruna sobre o que elas estavam pesquisando sobre feminismo e acabamos, nos dois casos, falando das relações familiares.

Bruna se queixava de que sua mãe não entendia suas colocações sobre o feminismo, que tinha opiniões muito diferentes das dela. Bruna tem como característica forte o embate e, constantemente, relatava as “brigas” que tinha com sua mãe – que, frequentemente, reproduzia o machismo – e/ou com sua tia na defesa de suas ideias.

A imagem que aceitamos como sendo quem somos, como imagem própria e que, muitas vezes, atua contra o que queremos, reforçando apenas o sistema que nos oprime. (SANTOS, 2019, p. 81)

Retornei, sugerindo que ela procurasse ter um olhar diferente para sua mãe e que levasse em consideração sua história de vida, sua

formação, suas relações e, principalmente, que ela colocasse em prática a sororidade com a própria mãe.

Compartilhei com ela um pouco da relação que tive com a minha mãe na minha adolescência, que, hoje, sendo uma mulher mais madura, entendia muitos comportamentos e posições na minha relação com ela que antes não compreendia. Hoje, sabendo e entendendo mais da sua história, percebia o quanto minha mãe interferiu no que sou e no que acredito, mesmo não se intitulando feminista. Ainda sugeri que ela se colocasse no lugar da própria mãe, imaginando como se sentiria com sua filha dizendo o que é certo e o que é errado. Tivemos que encerrar a conversa, porque Bruna trabalhava em alguns sábados, ajudando no restaurante da sua tia.

Aguardei Nathália e, quando a mesma chegou, fiz a mesma provocação. Mais uma vez, entramos no contexto familiar. Ela mora com seus pais, uma irmã e um irmão. Apesar de morarem juntos, os pais não se relacionavam, só dividiam o mesmo espaço. Fazia pouco tempo que a mãe voltara para casa. Nath dividiu o quanto seu olhar em relação à sua mãe havia se modificado. Antes, Nath reproduzia o que ouvia e achava que a mãe havia abandonado os filhos. No entanto, naquele momento, via e entendia de outra maneira. Na verdade, achava que a mãe fora corajosa por ter saído de casa *para tentar viver!* Nathália escreveu essa poesia, que relata subjetivamente essa história:

Numa das discussões, ele citou um acontecimento.

Disse que ela abandonou os filhos para encarar um sonho que não deu certo. Por quê? Por que temos uma visão tão negativa quando é ela que toma partida?

Talvez, se na história tivesse um gênero diferente, automaticamente começaríamos a justificar essa ida,

usando algumas frases como se fosse instintivo e natural.
Mas com ela, com ela não, tem que existir uma razão plausível para essa
decisão. Ir, só por vontade de ir? Como assim?
“Te dei todo meu amor, tudo de mim e se foi mesmo assim?”
Sempre tive dificuldade de começar relacionamentos,
de começar textos, mas impecável quando o assunto é um fim, um desfecho.
O motivo? Necessidade de partir. Sem razão, só pela vontade de ir.
Já acostumei a ser a vilã, a covarde,
a que tranca a porta e que nunca sente saudade,
odeia impulsividade e a que pouco sonha,
porque realizar é o que realmente importa.
Eu te obedecia, sempre obedeci, se gosta de ser respeitado, eu respeito, todas as
vezes que indiretamente me mandou ir embora,
todas as vezes que a casa era sua e não nossa.
Te convém me ter ao lado porque eu me viro: me tinha de frente, de lado, de
quatro, de cinco, éramos 6 e eu, uma única vez, me fiz uma,
podendo ser duas com quem eu decidisse. Isso é meu, sua opinião, eu anulo.
Olhando ao redor, o vazio daquela nova casa que me preenchia bem mais que
seus entulhos, olhando cada espaço que eu preencheria comigo,
Que sou tão detalhista e amiga,
foi a primeira vez que usei minha bondade comigo mesma,
que me acolhi e me abri no meu espaço.
A casa não tinha meu nome, não era o lugar que escolhi, não decidi nada,
decidiram por mim, e eu cansei, cansei desse aluguel nunca pago,
de cuidar de algo que nunca será meu.
Saí de um aluguel que vivia dentro de uma casa própria e consegui minha casa
própria dentro das parcelas do aluguel.
Ali eu me fiz e refiz no meu conto de fada, na minha história encantada,
no meu conto de fada que se tornou
uma história verdadeira: que seja sapo sozinho,
Eu serei o príncipe e serei a princesa.

No nosso primeiro encontro na Lona, no início de junho, durante nossa roda de conversa, sugeri fazermos um café com as mães, com o intuito de poder compartilhar com as mesmas o que é o projeto, explicar os objetivos e deixá-las cientes do que estava sendo proposto, afinal as alunas tiveram seus primeiros contatos comigo nas escolas, e é para escola que levaremos o resultado do trabalho. Entretanto, o processo estava sendo desenvolvido em espaços diferentes. Mais do que isso, seria uma maneira de nos aproximarmos ainda mais, trocarmos experiências e afetos. Lembro que quando falei da ideia, umas acharam bacana, outras ficaram preocupadas. Fomos amadurecendo a proposta e levei, nesse dia, um convite impresso, já explicando um pouco como seria. Pensei nesse encontro, como uma possibilidade de proporcionar a essas meninas e mulheres outros olhares entre si.



Conteúdo do convite:

Antes de fazer o convite, eu gostaria de agradecer. Tenho aprendido ao longo dessa vida que a gratidão é um dos sentimentos mais importantes que devemos carregar. Então agradeço a oportunidade de aprender com suas filhas.

Ainda antes do convite, gostaria de parabenizar. Não sou mãe, mas sou mulher e filha, e compreendo que ser mãe é dádiva, é natureza, mas não necessariamente toda mulher está pronta ou quer sê-la. Não posso supor todos os caminhos atravessados de medo, euforia, mudanças de hormônio, amor incondicional, superproteção, cansaço e sentimentos indizíveis que perpassam o

universo maternal. Isso sem levar em consideração algumas decisões que, quando são tomadas pela mulher (mãe), a tornam alvo de julgamento, acusação e única responsável por alguns acontecimentos que ocorrem com seus filhos, lhe colocando num lugar de culpabilidade, como se a mesma não tivesse um companheiro, parceiro ou marido, **PAI**, que também deveria ser responsabilizado por essa criação. Sei que cada uma de vocês tem suas particularidades, experimentaram seus momentos de luta, vitórias e decepções, enquanto mulheres e enquanto mães, mas posso lhes dizer com propriedade de quem convive minimamente com a filha de vocês: que trabalho lindo que vocês fazem! Acredito que na vida, somos todos seres especiais, afinal de contas, cá estamos, obras do criador. Mas, tenho que compartilhar o carinho e admiração que tenho por essas meninas, as fazendo, pra mim, extremamente especiais, e não tenho dúvida nenhuma de que elas tiveram boas referências.

O trabalho que estou desenvolvendo junto a elas parte da criação de todas nós juntas. Inspiração, estudos, escritas, caminhos, expressões, tudo feito por mim e esse grupo de meninas, com as quais tive orgulho de trabalhar. Agradeço a oportunidade de poder novamente junto a elas construir o que para mim é uma realização muito cara. Sei que todo esse vínculo é especial pra mim e para elas. Estamos crescendo juntas, entendendo, discutindo, vasculhando o universo feminino, nossos avanços, nossas vitórias, nossas frustrações e como podemos, cada vez mais, ser respeitadas e continuar avançando em nosso caminho, e é a arte que nos fortalece, sendo mola mestra dessa jornada. É a partir do teatro e da poesia que nossos passos estão desenhando essa trajetória.

Acabamos de passar por um momento de extrema delicadeza, um momento de dor e de perda. Mas, sei que iremos transformar esse sentimento, precisamos.

Não posso prever aonde chegaremos, mas se trata de uma pesquisa, de um trabalho acadêmico que tem pra mim um objetivo claro: construir, a partir do diálogo entre o teatro e a poesia, o nascimento de uma expressão legítima e genuína dessas meninas, na qual o ator principal é a subjetividade delas mesmas, que representam muitas outras dessa geração, geração essa por tantas vezes criticada e desacreditada. Saibam que essas adolescentes me fazem acreditar. Brincamos dizendo que somos espelho umas das outras e, a partir dessa fala, estamos delineando esse projeto. Espero que todas vocês possam prestigiar o resultado final. Será um prazer para todas nós.

Agora sim, chegou o momento do convite! Na verdade, se pudesse o entregaria em mãos, para poder olhar nos olhos e lhes dar um afetuoso abraço. Como a correria da vida não permite fazê-lo, resolvi mandar esse por escrito, assim saberão um pouco mais do trabalho. Seria um prazer se pudéssemos nos encontrar todas num piquenique, para um bom papo entre meninas e mulheres, para que possamos trocar e nos conhecermos melhor. Também seria uma oportunidade de estarem com suas filhas, pois imagino que a correria do dia a dia não proporcione a vocês se curtirem como gostariam.

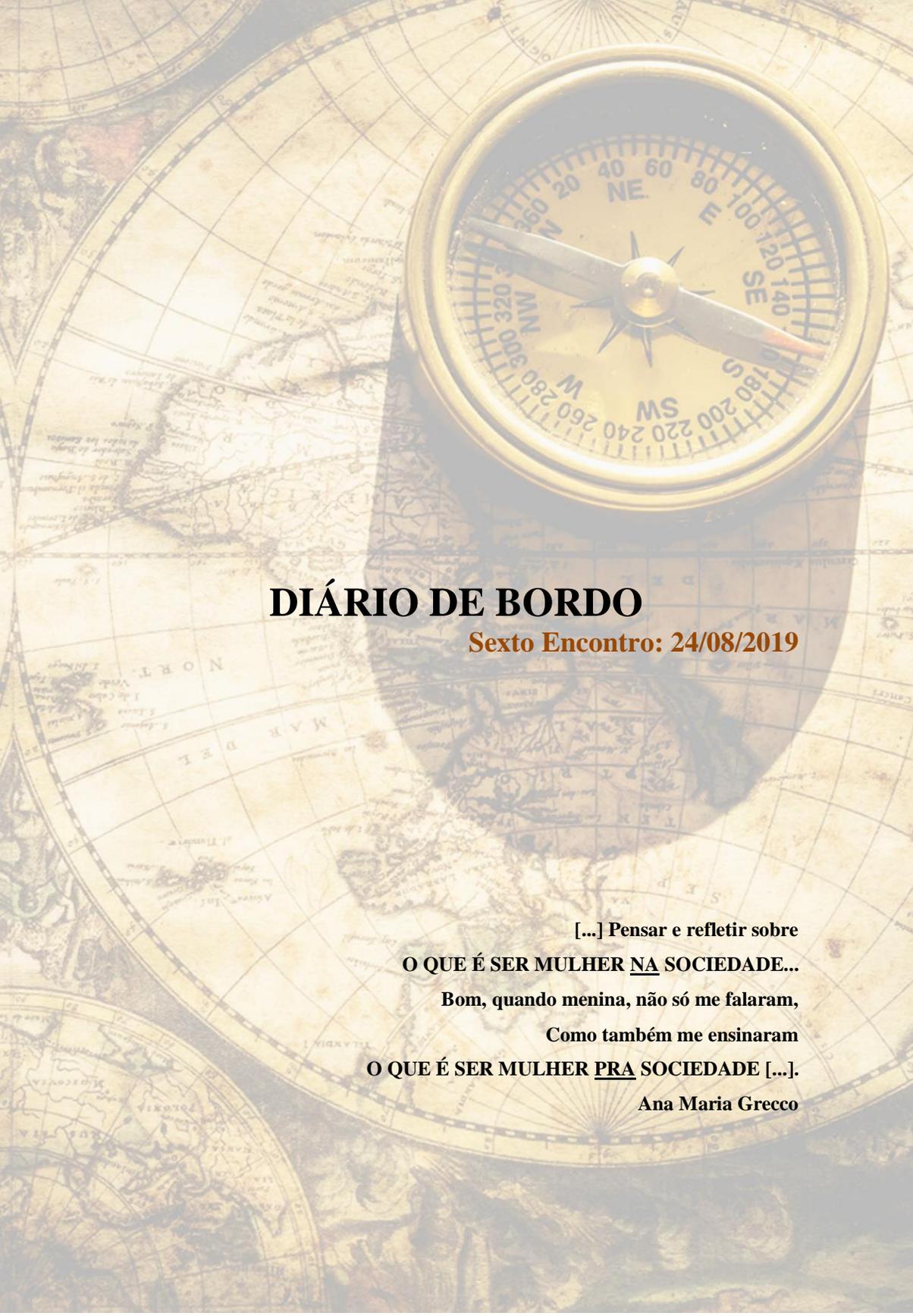
Sugestão de data: 25 de agosto **Sugestão de horário:** 10:00

Sugestão de local: Aterro do Flamengo

Digo que são sugestões porque estou disponível para quaisquer mudanças.

Será um prazer receber um sim. aguardo retorno. Um afetuoso abraço!

Andreia Morais



DIÁRIO DE BORDO

Sexto Encontro: 24/08/2019

[...] Pensar e refletir sobre
O QUE É SER MULHER NA SOCIEDADE...
Bom, quando menina, não só me falaram,
Como também me ensinaram
O QUE É SER MULHER PRA SOCIEDADE [...].
Ana Maria Grecco

No início do encontro estavam presentes Nath e Bruna. Aninha e Paulinha, no turno da manhã, estavam fazendo reforço escolar. A decisão de marcar mais cedo somente com Nath e Bruna foi por dois motivos: além de ter mais tempo de produção, poderia explorar o trabalho corporal com as mesmas, que necessitavam mais dessa vivência.

Numa proposta adaptada de umas das vertentes do Teatro do Oprimido, o Teatro Fórum, pedi que Nath e Bruna pensassem em três situações, nas quais elas ou alguma mulher próxima a elas tivesse vivenciado uma situação de opressão, só por serem mulheres.

Primeiro fiz par com Nathália e pedi que ela me narrasse a primeira situação. Na história contada, assumi o lugar do opressor, Nathália o da oprimida e fizemos uma improvisação. No auge da opressão, congelamos a cena e sugeri que Bruna entrasse no lugar da oprimida e propusesse uma desconstrução dessa opressão.

Em seguida, pedi que Bruna narrasse sua história, e repetimos a mesma ideia.

Fizemos a mesma dinâmica com todas as histórias narradas e depois paramos para conversar. Elas relataram a dificuldade de encontrar uma forma para fugir da opressão, mesmo sabendo que era uma cena. Complementaram que aquelas situações de fato aconteceram e o quanto era mais difícil ainda de lidar, quando acontece na vida real. Considerei as falas, as dificuldades e destaquei a importância do exercício, reafirmando que o teatro nos possibilita trazer questões difíceis da vida, para pensarmos, discutirmos, e o quanto isso pode nos ajudar a enfrentar essas cenas na vida real.

O Jogo Dramático permite às crianças (**adolescentes**)³² o uso do corpo, das sensações e sentimentos, exercitando suas capacidades criativas, estruturando a sua personalidade numa emoção estética compartilhada. [...] É um jogo que não exige cenário, figurino ou outros meios para sua realização; utiliza a ficção sem a preocupação de formar artista, mas formar um ser em crescimento, capaz de repensar a sua vida e a própria sociedade em que vive – ressignificando o social. (THOMAZ, 2009, p. 21)

Na primeira história proposta, Nathália trouxe uma situação que aconteceu em sua casa, o que a deixou muito sensível e a fez chorar. Acolhi e perguntei se ela queria parar para falar sobre o ocorrido, e ela respondeu que preferia continuar.

Acredito que a proximidade com as histórias narradas e o fato de, obrigatoriamente, quem estava de fora de cena ser a única pessoa responsável em encontrar uma saída para aquela opressão foram elementos que dificultaram o desenvolvimento da proposta. Como narrei no início da descrição do exercício, parti de uma adaptação de Teatro Fórum, ciente, contudo, de que era necessário um número maior de participantes, para que a temática circulasse e diferentes caminhos fossem sugeridos. Mas, considereei que a experiência foi válida e nos trouxe a real dificuldade dos fatos, os desafios e pensamentos de enfrentamento com as opressões vividas, como bem nos disse Boal:

Acredito que muito mais importante do que chegar a uma boa solução é provocar um bom debate. Na minha opinião, o que conduz à auto-ativação dos espect-atores é o debate, não a solução que porventura possa ser encontrada.

³² Palavra e grifo da autora

Mesmo que se chegue a uma solução, pode ser que ela seja boa para quem a propôs, ou para as condições em que o debate se desenrolou, mas não necessariamente útil ou aplicável para todos os participantes do fórum. (BOAL, 2000, p.326)

Em seguida, pedi que as meninas citassem coisas que são do universo feminino e depois do universo masculino. As citações estão no campo dos estereótipos, daquilo que insistimos em reproduzir. Problematizei e questionei que alguns elementos levantados por elas não necessariamente deveriam ser relacionados a um gênero ou outro. Elas se surpreenderam e perceberam que facilmente caímos na armadilha da reprodução, mesmo naquilo que trabalhamos diariamente para ressignificar.

Nesse sentido, seria urgente o deslocamento do pensamento hegemônico e a ressignificação das identidades, sejam elas de raça, de gênero ou de classe, para que se pudesse construir novos lugares de fala com objetivo de possibilitar voz e visibilidade a sujeitos que foram considerados implícitos dentro dessa normatização hegemônica (RIBEIRO, 2019, p.43).

Logo após, pedi que elas elencassem, dos exemplos citados, “5 coisas de menina” e “5 coisas de menino”, mesmo que fosse no campo dos elementos estereotipados. Primeiro, com as “coisas de menina”, pedi que elas experimentassem corporalmente cada ideia. Depois que passaram pela experimentação dos cinco elementos, pedi que elas criassem uma partitura corporal³³. Construída a sequência, sugeri que elas repetissem em tempos e ritmos diferentes, alternando as intenções

³³ <https://www.youtube.com/watch?v=UYM7YtV3IvA>
(Vídeo registro: Partitura Corporal. QR Code na página 253)

em cada repetição. Fiz a mesma proposta com as palavras que elas relacionaram ao universo masculino. Depois do mesmo passo a passo, propus uma interação entre as duas partituras, alternando, além de ritmos, intenções e variações, que as partituras pudessem dialogar, que fossem experimentadas como uma só.

Nesse processo, a vivência carimbada e registrada no corpo é despertada através das atividades estéticas. A inspeção registrada no papel ou no movimento revela os enfrentamentos vivenciados pelo corpo. A perspectiva pessoal encontra análise coletiva, que multiplica o caso particular em experiência de grupo. Uma comunicação que não depende da linguagem verbal. Uma reflexão que surge a partir do corpo e serve para ali despertá-lo. (SANTOS, 2019, p.79)

Como última proposta pra essa dupla nessa manhã, sugeri que as mesmas improvisassem uma cena de opressão, na qual o homem deveria ser o oprimido. Elas criaram uma história, na qual dois homens conversavam em um bar sobre uma mulher que abusou sexualmente de um menino de cinco anos. Eles diziam: *“O menino deve ter gostado, afinal de contas, ele é homem. Caso contrário, é “viado””*. Foi interessante perceber que elas construíram uma inversão, porém mantiveram discursos naturalizados, da relação do homem com o sexo, o colocando no lugar do instinto, mostrando que a sociedade, desde a infância, constrói estereótipos.

Paramos para lanchar enquanto Ana Maria e Maria Paula não chegavam, até que somente Ana chegou. Disse que Maria Paula estava pensando em desistir por achar que não ia dar conta de tantas coisas que estava envolvida. Disse que conversaria com ela depois.

Desde a morte da Lindsay não conversamos e/ou tocamos no assunto. Depois de pedir ajuda à Ana e à Luiza, colegas do mestrado, e receber dicas e palavras preciosas, criei um planejamento para que pudéssemos falar sobre o assunto, mas que também criássemos algo que trouxesse algum sentido para aquilo que não temos resposta pronta, a morte.

Ofereci a cada uma um papel pardo do tamanho de uma cartolina e sugeri que elas balançassem o papel, em movimentos livres, indicando aos poucos que o corpo entrasse no ritmo que o papel produzisse de som. Fiz o exercício junto com elas e fui conduzindo. Pedi que as mesmas explorassem os movimentos, que encontrassem uma relação do corpo com o papel, variando ritmos e planos. Criei uma narrativa de interação com o objeto, ser inanimado, mas que ganhou vida no jogo estabelecido.

Em seguida sugeri que esse papel fosse amassado, e que, nesse ato, elas colocassem todas as angústias e dores, amassando e colocando pra fora tudo que as estava incomodando. Depois do papel bem amassado, pedi que as mesmas abrissem o papel e tentassem balançar. Naturalmente o papel não se movimentava como antes e não emitia o mesmo barulho. Levantei uma metáfora entre vida e morte. O papel não fazia mais barulho e não tinha mais o mesmo movimento, mas ele ainda existia.

Em seguida, pedi que as meninas ressignificassem o papel amassado, sugerindo que aquele papel fosse moldado e transformado em uma obra, numa escultura, ganhando novo sentido, revivendo de alguma forma. Também disponibilizei plásticos bolhas, durex,

barbante, giz de cera, cola e outros materiais, para composição da obra que seria criada. Coloquei uma música clássica de fundo, enquanto fazíamos as esculturas.

Quando terminamos, pedi que as meninas deitassem e coloquei a música do Raul Seixas, “O canto para minha morte”, para que elas ouvissem. Li alguns trechos, junto com a música. Depois distribui papéis e pedi que elas escrevessem o que quisessem. Perguntei quem gostaria de ler o que escreveu e então conversamos mais abertamente sobre a morte da Lindsay. Fui me preparando pra esse momento, mas desabei quando toquei no assunto. Não havia me dado conta, até o momento de fazer esse relato, que exatamente nessa data estava fazendo um mês que Lindsay havia morrido.

Bruna compartilhou que não se deixou levar pelo exercício, racionalizou pra se proteger. Não quis mergulhar por medo de não dar conta. Nathália disse que aconteceu a mesma coisa e falou o quanto para ela foi sofrível e o quanto é confuso pensar na morte, que evitava ao máximo pensar sobre isso, porque a deixava muito assustada. Ana relatou que o fato de não conhecer a Lindsay não significava que ela não tenha sofrido. Pensar que a Lindsay tinha praticamente a sua idade e o quanto admirava sua escrita deixava-a num estado de muita tristeza. Retornei, falando que respeitava o sentimento de todas e suas escolhas em não se entregarem ao exercício. Compartilhei também minha dificuldade em falar sobre tudo o que aconteceu, mas que era necessário falar, que a morte é, sim, assustadora, mas inevitável e, quando ela vem assim, sem avisar, de maneira tão brutal, de uma menina tão jovem e com tantas possibilidades, nos enche não só de

medos e incertezas, mas também de revolta e que, de alguma forma, era necessário falar sobre isso e produzir alguma coisa.

As alunas falaram das suas construções. Nath fez um rosto feliz, disse que o que mais guardará de Lindsay é o seu sorriso contagiante e sincero. Pintou seu rosto com duas cores, azul e rosa, pelo fato de Lindsay ser bissexual, justificou ela. Bruna fez um buquê de rosas, sobre o qual disse que a beleza, a delicadeza e a força das rosas estavam na presença de Lindsay e ofereceu o buquê a ela.



Ana Maria fez uma espécie de estrada, com linhas tortuosas, sem caminhos claros, disse que a criação surgiu intuitivamente. Eu construí um rio, com um corpo no meio dele, como se esse corpo pudesse desaguar em muitas direções. Seu curso fora interrompido, suas águas, porém, foram lançadas e não poderiam ser impedidas de fluírem.



Canto para minha morte

Eu sei que determinada rua que eu já passei, não tornará a ouvir o som dos meus passos. Tem uma revista que eu guardo há muitos anos e que nunca mais eu vou abrir. Cada vez que eu me despeço de uma pessoa, pode ser que essa pessoa esteja me vendo pela última vez. A morte, surda, caminha ao meu lado e eu não sei em que esquina ela vai me beijar. Com que rosto ela virá? Será que ela vai deixar eu acabar o que eu tenho que fazer? Ou será que ela vai me pegar no meio do copo de uísque? Na música que eu deixei para compor amanhã? Será que ela vai esperar eu apagar o cigarro no cinzeiro? Virá antes de eu encontrar a mulher, a mulher que me foi destinada, e que está em algum lugar me esperando. Embora eu ainda não a conheça? Vou te encontrar vestida de cetim, pois em qualquer lugar esperas só por mim e no teu beijo provar o gosto estranho que eu quero e não desejo, mas tenho que encontrar. Vem, mas demore a chegar. Eu te detesto e amo morte, morte, morte, que talvez seja o segredo desta vida. Morte, morte, morte que talvez seja o segredo desta vida. Qual será a forma da minha morte? Uma das tantas coisas que eu não escolhi na vida. Existem tantas. Um acidente de carro. O coração que se recusa abater no próximo minuto. A anestesia mal aplicada. A vida mal vivida, a ferida mal curada, a dor já envelhecida. O câncer já espalhado e ainda escondido, ou até, quem sabe. Um escorregão idiota, num dia de sol, a cabeça no meio-fio. Oh morte, tu que és tão forte. Que matas o gato, o rato e o homem. Vista-se com a tua mais bela roupa quando vieres me buscar. Que meu corpo seja cremado e que minhas cinzas alimentem a erva, e que a erva alimente outro homem como eu, porque eu continuarei neste homem. Nos meus filhos, na palavra rude que eu disse para alguém que não gostava e até no uísque que eu não terminei de beber aquela noite. Vou te encontrar vestida de cetim, pois em qualquer lugar esperas só por mim e no teu beijo provar o gosto estranho que eu quero e não desejo, mas tenho que encontrar. Vem, mas demore a chegar. Eu te detesto e amo morte, morte, morte. Que talvez seja o segredo desta vida. Morte, morte, morte que talvez seja o segredo desta vida.

Raul Seixas

Escritas produzidas nesse dia:

Por Nathália Amorim

Gosto de iniciar e por fim. Gosto de começar e terminar, mas há algumas coisas que não gosto de tocar porque encarar é uma decisão sem volta, uma vez que abro essa porta jamais poderei fechar.

A morte sempre foi desrespeitosa, ousada e, com isso, se aproveita do medo que nos causa. E pode chegar aos poucos, ou do nada, amanhã ou hoje.

Há alguns encontros que ela falta, outros ela chega sem ser convidada.

Quando ausente, passa despercebida, quando presente, é a mais notada.

Há loucos que a procuram, que a buscam e, na insistência, a encontram.

A certeza é só uma: ela chega, traz o fim, menos resposta.

Por Ana Maria Grecco

Penso sobre as coisas, mas ao mesmo tempo penso em não pensar.

É incrível como damos valor ao que nem tem importância

E deixamos de acreditar em nós mesmas.

Mas, deveríamos parar com essa mania e somente viver,

Viver intensamente, como se não houvesse amanhã,

Pois a vida é muito curta.

A vida vai como um sopro e não devemos dar fôlego para que ela acabe,

Pois quando acaba não volta.

Penso somente em coisas boas, porque a graça que tudo isso tem

é sobre a vida e de como ela é curta demais para não a aproveitar.

Por Bruna Nascimento

Olhei no espelho e vi muitas marcas,

Marcas novas.

Não vi mais as que vi ontem aqui nesse mesmo lugar.

Vejo cicatrizes, cortes, retalhos.

Engraçado é que ninguém mais as enxerga.

Estaria eu louca? Por que nada faz com que elas sumam?

Como me olha desse jeito? Como me olham e não enxergam?

Em algum lugar lá fora há minha cura.

Ou talvez em algum lugar aqui dentro às escuras.

Por Andreia Morais³⁴

Da minha janela não vejo mais o sabiá.

Por onde será que ele foi cantar? A quem será que ele foi encantar?

Disseram que algum homem desalmado cortou suas asas,

impedindo que ele aqui pouse

a alegrar minhas manhãs com seu canto encantador.

Com esses olhos que nasci,

e desses caminhos que meu otimismo insiste em seguir,

vejo que esse homem, além de cruel, é tolo,

não sabe que, ao cortar as asas do sabiá,

não fará com que ele deixe de cantar?

Vejam só! Ou melhor, ouçam só!

Vocês podem ouvir? Por que eu ouço.

Cortaram suas asas, sabiá,

Mas, o seu canto, meu coração sempre vai escutar.



Áudio
Por Andreia Morais

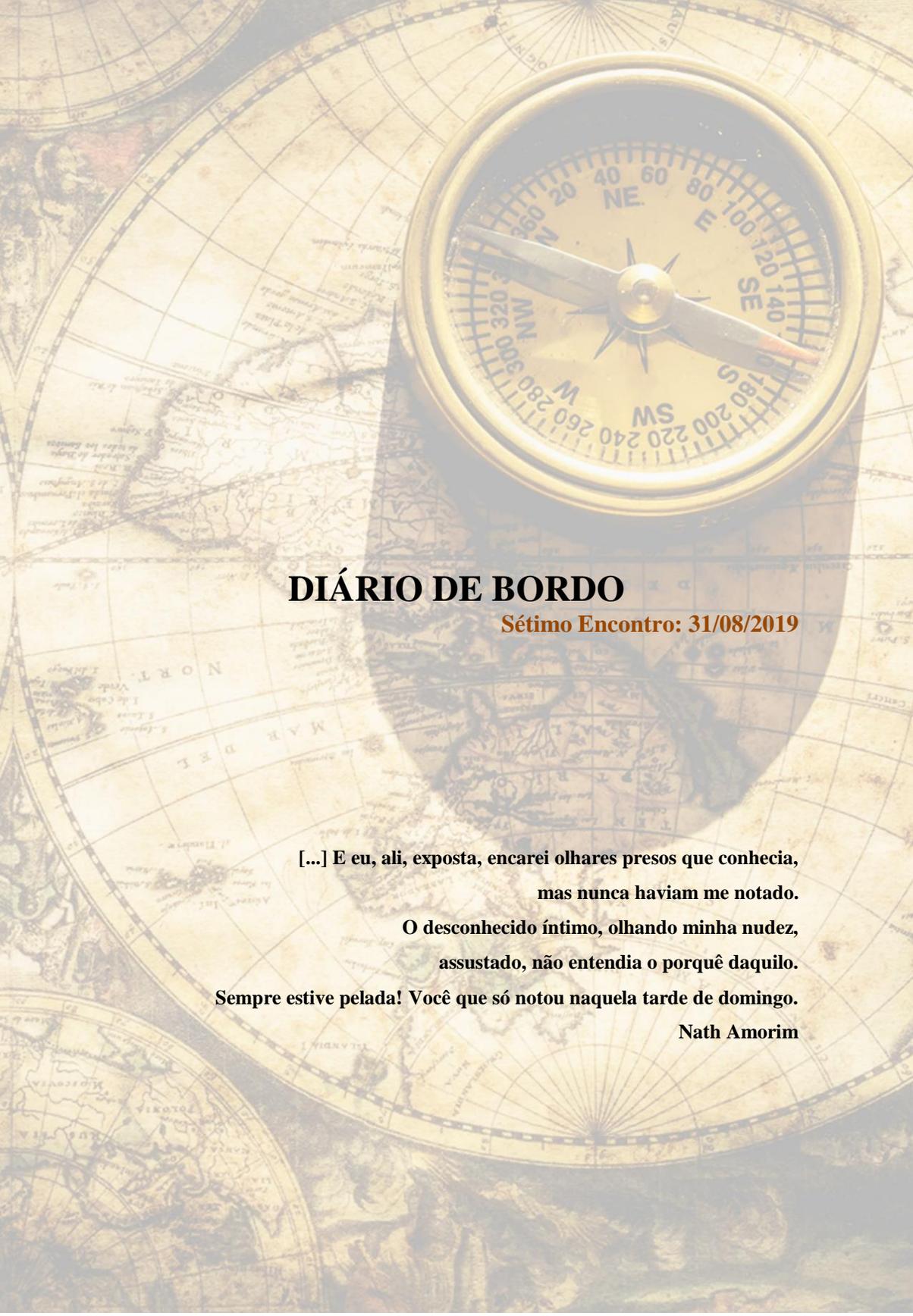
³⁴ https://youtu.be/M0Dp_L5oeFM (Áudio poesia)

Resumo do encontro, pelo olhar de Bruna:

Foi uma experiência sensacional de conexão Conosco. Encontro mais demorado e mais produtivo. Andreia nos pediu para contar 3 situações que nos aconteceu, ou com alguém próximo, que fez com que a gente se sentisse oprimida. Depois tivemos que encenar a história e, no momento exato da opressão, a gente trocava de lugar (se a Nath tivesse encenando a cena dela eu entrava no lugar e vice versa) e dava uma solução de como sair daquela opressão. Andreia nos pediu que disséssemos coisas de meninas e de meninos, e depois coisas em comum.

Com essa proposta percebemos que ainda reproduzimos muito machismo, pela sociedade ter nos ensinado dessa forma, pois na realidade, não existe coisa de menina e de menino. Em seguida, fizemos uma lista com cinco coisas de menina e cinco de menino, criando uma cena pra cada palavra escrita, juntando tudo como uma linha depois, como uma coreografia. Nathália e eu improvisamos uma cena de opressão, na qual o homem era o oprimido: uma mulher abusava sexualmente de um menino de 5 anos, o que era comentado por dois homens em um bar. Diziam que o menino devia ter gostado, já que era homem. Caso contrário, ele era "viado". Foram distribuídas 4 folhas de papel, sentimos o papel e fizemos dele parte de nós. Depois, distribuindo pra ele toda dor e todo sentimento ruim que não queríamos conosco, amassando-o. O papel não era mais o mesmo. Não fazia o mesmo barulho, não tinha a mesma aparência, mas ele ainda existia. Transformamos aquele papel em uma escultura, com durex, fita, barbante, tesoura, cola, e giz de cera. Conversamos sobre todo o ocorrido com a Lindsay, choramos e, por fim, desabafamos umas com as outras.

Bruna Nascimento



DIÁRIO DE BORDO

Sétimo Encontro: 31/08/2019

[...] E eu, ali, exposta, encarei olhares presos que conhecia,
mas nunca haviam me notado.

O desconhecido íntimo, olhando minha nudez,
assustado, não entendia o porquê daquilo.

Sempre estive pelada! Você que só notou naquela tarde de domingo.

Nath Amorim

Assim como todas, estava ansiosa pra esse encontro. O único planejamento foi o local e o que levar para comer. Ah! E algumas poesias que achava que não podiam faltar para esse dia.

Durante a semana, as meninas mandaram mensagens, curiosas sobre o que eu falaria, como iria conduzir e, principalmente, preocupadas com a reação de suas mães, caso o tema “feminismo” entrasse na roda de conversa. Eu as tranquilizei, dizendo que deixaríamos as coisas fluírem, para que não se preocupassem, pois o principal objetivo do encontro era que pudéssemos todas termos um tempo entre nós, um tempo para nós! Curtir a natureza, jogar conversa fora, nos olharmos. Mas, a preocupação imperava!



Ao chegar ao Aterro com minha mãe, Bruna, já estava por lá com Mônica, sua mãe. Escolhemos uma parte da grama e fomos organizando, esticando os tecidos, colocando os quitutes. Sentamos e

começamos a conversar. O papo fluiu muito rapidamente. Naturalmente nossas mães compartilharam suas histórias. Mônica narrou episódios de superação e nos falou sobre assuntos íntimos e delicados. Num certo momento, comparou a mulher dos dias de hoje com a do seu tempo. Falou que atualmente a mulher se coloca muito mais e que muitas já não aceitam ter relações sexuais sem ter prazer. Disse que tentava conversar com a Bruna sobre isso, mas que ela não se sentia confortável. Bruna se mostrou envergonhada quando a mãe tocou nesse assunto. Percebi uma atitude de afeto e cuidado na relação com essa filha.

Aninha e Paulinha, chegaram em seguida com a mãe, Ana Paula. Logo depois, Nathália, sua mãe e sua irmã.

Depois que todas chegaram, o papo fluiu tarde a fora. Falamos de relações amorosas, criação, relações entre mães e filhas, ausência de pais, perdas e superações. Ana Paula, contou que teve uma criação muito rígida, por isso criava seus filhos com liberdade. Relatou que procurava criá-los igualmente, sem essa determinação entre tarefas de meninas e meninos. Mônica falou que uma vez ficou triste quando Bruna falou do livro da escola em que sua poesia estava escrita e ela não estava atenta. Mônica: “Não entendi como aquilo era importante pra ela e um dia perguntei pra Bruna: por que você não me falou sobre isso?” E Bruna respondeu: “Eu falei, você que não presta atenção nas coisas que eu falo”. Mônica disse que aquilo a deixou muito mal e que, depois desse episódio, passou a valorizar mais a escrita da Bruna e a ficar mais atenta à filha. Cristine, mãe de Nathália, ficou mais reservada, porém presente, atenta e por várias vezes balançava a

cabeça num gesto de concordância com o que as outras mulheres diziam. Num momento ela falou pra Nathália no meio da roda: “Posso te fazer uma pergunta?” Nathália respondeu que sim. Então ela disparou com uma certa inocência: “Você já beijou seu namorado?”. Todas riram e Nathália respondeu que sim.

Já no final da tarde Mônica retomou seu depoimento sobre superação e disse que se orgulhava de chegar aonde chegou, que ela batalhou muito pra ser quem é hoje, o que me fez automaticamente lembrar de uma poesia de Rupi Kaur, que estava entre o acervo que havia levado. Pedi para ler e realmente a poesia caiu como uma luva.

O que o sol faz com as flores

**Será que você já bateu o olho num bicho igual a mim
tenho uma amoreira no lugar da coluna um girassol no pescoço
às vezes sou deserto, noutras mato, mas sempre indomável
minha barriga transborda na cintura da calça
os pelos arrepiados formam um cordão salva-vidas
levei um bom tempo pra virar essa rebelião tão bonita
já me recusei a regar minhas raízes até que um dia entendi
se sou a única capaz de ser a selva, então me deixa ser a selva
o tronco não pode ser galho, a floresta não pode ser grama
então porque eu deveria - não falta nada nesse lugar que sou eu.”**

Rupi Kaur

Pensei que, depois dessa leitura, poderia ser um gancho pra darmos prosseguimento a leituras de poesias que as alunas quisessem falar, mas começou a chover e a ventar. Chegamos mais próximo da árvore para tentarmos nos proteger. Em seguida, as meninas

correram pra areia para fazer fotos. Deixei minha mãe com as outras mães e fui ao encontro das alunas, para também fazer fotos. Foi uma farra, corremos, pulamos e demos muitas gargalhadas. Voltamos para grama para irmos embora. No retorno, Bruna comentou que não falei do meu projeto, e disse que o meu projeto estava vivo naquele domingo que compartilhamos juntas.

No caminho, próximo ao calçadão, numa parte com muitas árvores, Aninha comentou: “Poxa, aqui que estava bom pra nos protegermos da chuva”. Então sugeri de darmos uma breve parada e fazermos uma rodada de poesia. Aproveitei e falei de maneira mais detalhada do meu projeto. Como cheguei até ali, o que estávamos fazendo e o que eu pretendia. Em seguida, todas falaram poesias que escolheram, inclusive eu. Ana Paula, que é cantora, cantou uma música, Mônica, que também canta no Coral da igreja, soltou a voz num louvor, e assim fechamos nossa tarde de domingo, prometendo nos vermos num próximo encontro, num almoço na minha casa.





Ao chegar em casa, nasceu a poesia abaixo, que enviei não só para as meninas, mas também para as mães, num grupo de WhatsApp que criei com as mesmas.

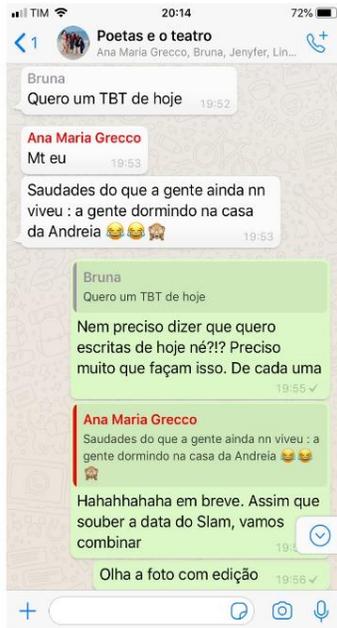
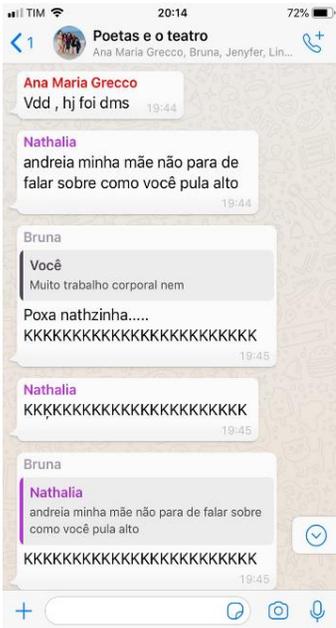
Por Andreia Morais³⁵

“Sabe quando o coração está a ponto de explodir de tanta gratidão?
É assim que estou me sentindo nesse momento.
O encontro de hoje foi de muitas expectativas.
Vai ter poesia? Vai ter música?
Todas estarão presentes? Será que vai chover?
Perguntas, questionamentos, apontamentos, encantamentos
Unir diferentes gerações, compartilhar afetos, trocar confidências, se permitir,
se revelar, se desnudar, se aprender, se surpreender.
O tempo nublado e todas essas mulheres dando cor ao cinza
que tantas vezes insiste em tingir nossas estradas.
Tempestade se armando e tantas vozes melódicas,
criando outras sintonias a reverberar no espaço
e nos fazer ouvir somente a música que queremos dançar.
As gotas de chuva se confundiram com lágrimas de felicidade,
emoção e afetos entrecruzados, entrelaçados.
Somos rede, nos fizemos rede.
O sol não saiu nessa tarde de domingo,
mas algumas intimidades luziram e o que vejo é começo,
continuidade e caminhos de possibilidades.
Identificação, revelação, pulsação!
Aprendizagem em via de mão dupla, mulheres mais novas
passando a marcha do longo caminho que virá pela frente,
porém alicerçadas de mulheres
mais experientes que geraram vida e se fazem vida.
Obrigada pela troca, obrigada pela generosidade,
obrigada pela coragem em estarem tão despidas nesse encontro,
que espero que seja o primeiro de muitos.
Não tinha dúvidas que essas preciosidades
eram frutos de mulheres tão potentes, guerreiras e vibrantes!
Até a próxima!



Vídeo do piquenique

³⁵ <https://www.youtube.com/watch?v=LCZusNgIN2s&t=13s>
(Vídeo registro: Piquenique)



Escritas desenvolvidas desse dia:

Por Bruna Nascimento

Olho todos os dias nos seus olhos
e ainda não tinha observado seu olhar.
Incrível como uma simples tarde de domingo
me fez por um milhão de novos caminhos andar. Ri, corri e principalmente vivi.
Te vi e me vi em ti de uma forma tão singular que se torna complexo.
Sem jeito cheguei, mesmo que perto das minhas irmãs.
É que a mãe natureza nos acolheu como filhas genuínas
e eu tão órfã e nua nos seus aposentos,
Apresentei-me para aquela nova vida: prazer mãe, sou eu, sua filha.
Surpreendente a quantidade de momentos que são vividos
numa tarde de um domingo cinzento.

Por Maria Paula Grecco

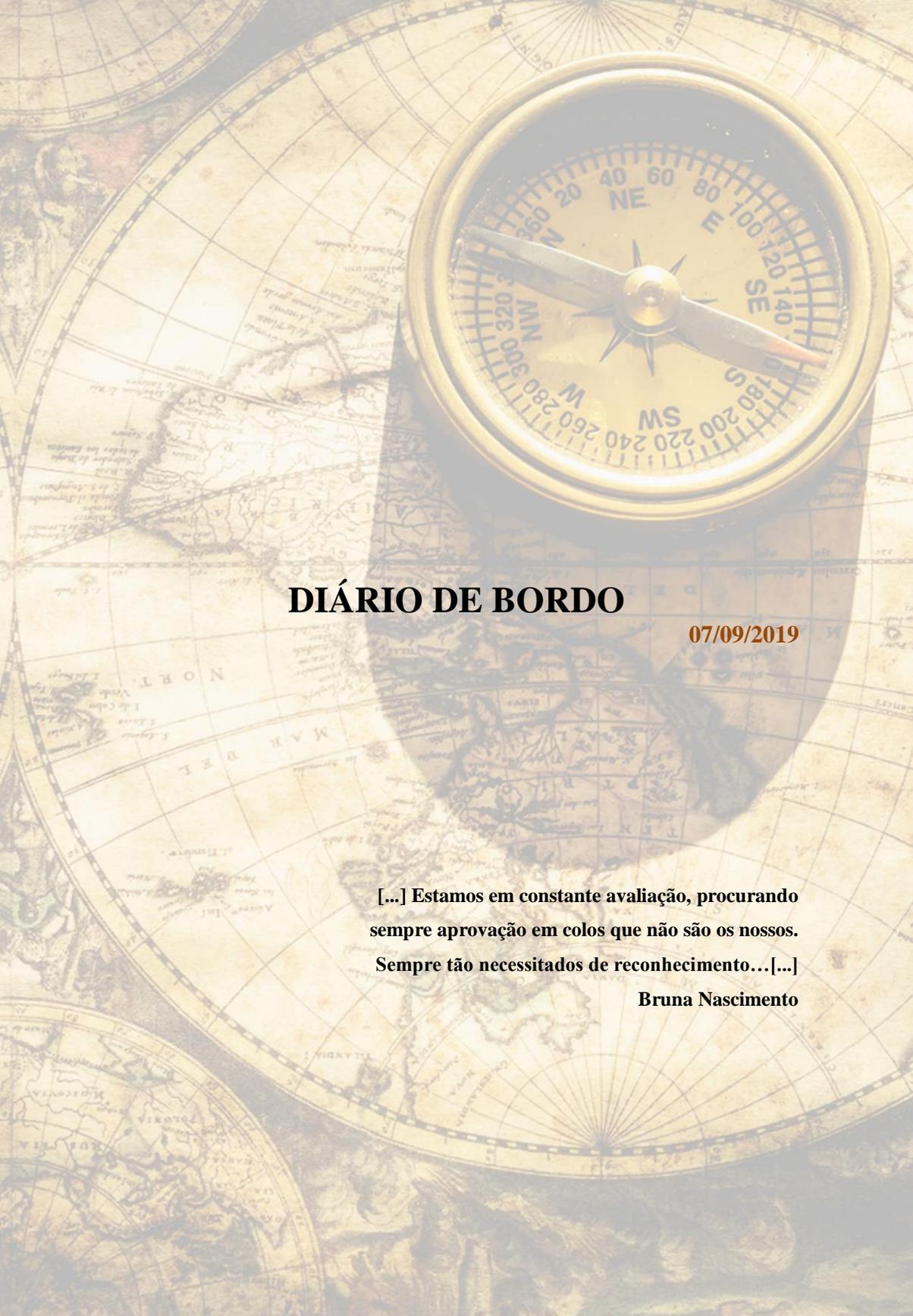
Nossa mãe é quem nos pariu, nos concedeu, nos trouxe a vida.
Ela conhece nosso jeito, nossas manias.
Pode não conhecer alguns detalhes, mas sabe tudo e mais um pouco sobre nós.
Já passei tantas coisas com minha mãe,
histórias pra chorar, rir, se emocionar.
Quando estamos na adolescência, descobrimos o que gostamos,
e eu descobri tudo que amava: a dança, a poesia, o teatro.
E tudo isso me levou a tantos lugares,
mas o mais especial foi quando tive a dádiva de participar
do grupo com a Andreia Moraes e mais algumas meninas. Eu admiro
muito a Andreia, mas não tínhamos um afeto tão pessoal nessa época.
Eu não conhecia as meninas e na verdade estranhei no começo.
Houve afastamentos, complicações e perdas muito difíceis.
Quando a Andreia propôs de fazermos um encontro com as mães,
eu me senti muito insegura, e somente ao chegar lá,
percebi o quão especial e sublime que foi. Todas conheceram as mães umas das
outras e todas contaram histórias para rir,
chorar e se emocionar.
Estar divertindo nossas mães foi algo sem palavras.
Foram poucos os momentos em que me senti assim com minha mãe
e acho que houve isso com todas.
Após o encontro nos conectamos mais umas com as outras
e construímos uma relação muito melhor.
Eu nunca vou esquecer desse dia e do quão unidas somos.
As coisas simples se tornam inesquecíveis.

Por Nathália Amorim

Foi estranho e confuso, muito confuso!
O dia cinza não tinha clima. Vontade de pôr tudo no mudo
De não interagir com o mundo, mas principalmente, comigo.
Não queria me olhar, me expor, me posicionar.
Não queria risadas e nem dor, muito menos falar.
Ali, me senti tirando a roupa, mostrando os pelos,
os seios, as pintas, a boca. Me senti nua, sem acessórios,
sem nenhuma conduta, sem as travas que tanto me forço ter.
Estava sem as coisas que eu uso para me esconder.
E eu, ali, exposta, encarei olhares presos que conhecia,
mas nunca haviam me notado.
O desconhecido íntimo, olhando minha nudez,
assustado não entendia o porquê daquilo.
Sempre estive pelada!
Você que só notou naquela tarde de domingo.

Por Ana Maria Grecco

O encontro que tivemos com nossas mães foi maravilhoso.
Superou completamente minhas expectativas.
Por ser algo com as mães eu pensei que seria algo muito sincronizado.
Na ida pro encontro foi muito legal, pois eu,
minha irmã e minha mãe parecíamos três adolescentes.
É sempre bom sair ao encontro de mulheres tão maravilhosas,
mesmo que eu não as conhecesse eu sabia que seria maravilhoso.
Amei a forma de como tudo ocorreu tão espontaneamente
e lindo ao mesmo tempo.
No primeiro momento eu posso dizer que todos se conheceram
um pouco e ocorreu tudo tão natural que houve uma conexão única.
Logo depois foi um momento relaxado nosso, sem as mães,
momento liberdade, afeto, carinho. Nossa! Foi tão bom!
Depois disso ocorreu nosso momento “Slam”,
Onde quase todas recitavam ou cantaram uma música,
enfim foi tão maravilhoso!
Só que atrapalhou nesse dia foi o mau tempo,
que de certa forma deixou de ficar mau.



DIÁRIO DE BORDO

07/09/2019

[...] Estamos em constante avaliação, procurando sempre aprovação em colos que não são os nossos. Sempre tão necessitados de reconhecimento...[...]

Bruna Nascimento

Dia sete de setembro foi feriado, então nos reunimos na minha casa. Presentes, Aninha, Nath e Bruna. Construí um material com fotos e vídeos do piquenique, com o áudio da poesia que escrevi. Iniciamos o encontro, assistindo ao vídeo, com o intuito de trazer mais fortemente a memória emotiva daquele dia.

Aninha começou, falando que ficou impressionada com a fluidez do encontro e que ficou feliz em ver as mães se relacionando. Compartilhou que é muito organizada e que planeja na sua cabeça como tudo tem que acontecer. Entretanto, infelizmente, elas se atrasaram, o que a deixou preocupada com o quanto isso poderia interferir no piquenique. Relatou que sentiu como se ela, sua mãe e sua irmã fossem três adolescentes e que sentiu prazer em estar com sua mãe.

Bruna dividiu a preocupação que tinha em relação à sua mãe, por não saber o que poderia acontecer no encontro. Relatou que, ao chegar ao piquenique, viu uma mãe que não conhecia e disse o quanto ficou surpresa com a participação dela.

Nathália disse que amava sair com sua mãe, mas que, infelizmente, elas não faziam isso com frequência por falta de grana. Disse que, em muitos momentos durante o piquenique, saía em pensamento do espaço, refletindo o que era aquele momento, sua irmã e mãe entrando no seu universo, que sempre, de alguma forma, estava protegido, contudo, agora, estava sendo revelado a elas, e que isso a incomodava. Mas, também, o quanto foi significativo ver o interesse das mesmas pela temática feminina. Compartilhou o quanto foi importante elas se olharem de outra maneira.

Por último, compartilhei como foi pra mim e qual era a minha principal intenção ao pensar nessa reunião. Lembrei-me de como as mesmas estavam preocupadas de como seria, o que teríamos que fazer, se tocaríamos no assunto de feminismo etc. Dividi com as meninas que tudo superou minhas expectativas, assim como as delas. Citei, algumas vezes no grupo, que deixaria as coisas fluírem, que iríamos a fim de curtir a natureza, curtir a companhia umas das outras, e assim foi. A conexão entre todas nós foi muito forte, e meu maior objetivo foi alcançado. Queria que essas mulheres, mães e filhas, em suas relações tão cotidianamente agitadas, sem tempo de se olharem, de se perceberem e de se relacionarem, pudessem, nesse evento, se reconectarem. Para minha surpresa, enquanto falava isso com elas, pude perceber que me reconectei também com minha mãe.

Depois de esgotarmos o assunto sobre o piquenique, pedi que elas escrevessem como foi essa experiência, escritas já compartilhadas neste diário.

Em seguida, repliquei o que estava aprendendo na disciplina Clínica Somático Performativa³⁶. Pedi que as meninas sentassem uma

³⁶ Disciplina realizada nesse semestre: Multiplicando e Expandindo a Clínica Somático-Performativa, intitulado na grade curricular como "TREINAMENTO PARA O PERFORMER". O curso teve como proposta formar multiplicadores da Clínica em diversos espaços: escolas, empresas, associações, ONGs... Foi ministrado pela Artista-pesquisadora e professora no Departamento de Atuação Cênica, Mestrado e Doutorado de Artes Cênicas da UNIRIO, Tania Alice, em parceria com o psicólogo, artista e esquizoanalista, Bruno Cuiabano. A Clínica Somático-Performativa é uma Clínica Poética, um espaço de acolhimento e cuidado, com o objetivo de promover e fortalecer sua saúde física e emocional. As sessões incluem práticas de escuta empática, caminhadas, diversos tipos de meditação, movimento livre, processos criativos, yoga do riso, rodas de conversa, massagens, yoga, desenho, reiki, sempre dentro de uma perspectiva de criação em performance.

de frente para a outra e, por três minutos, uma duplaalaria para a terceira todas as características físicas que via e percebia nesta. Somente aspectos físicos deveriam ser falados para quem estivesse sendo observada, que, por sua vez, não esboçaria nada, nem em fala, nem em expressão, só repetiria em silêncio: “eu não sou isso”. Todas passaram pela experiência. Percebi a dificuldade que tiveram em não qualificar o que citavam, por exemplo, “seus olhos são castanhos” e, em seguida, vinha, “e muito expressivos”. Depois, com a mesma proposta de exercício, citariam as características de personalidade da pessoa. Coisas que a pessoa gosta de fazer, manias, o que a deixa irritada, chateada, seu modo de ser e se comportar. Pedi que, quem falasse, explorasse ao máximo aquilo que não sabia sobre a pessoa, como num jogo de adivinhação, tentando mergulhar no universo da pessoa observada. Ao acabar, falamos da vivência. Todas compartilharam a dificuldade de negar o que estava sendo dito, mesmo que aquilo não tivesse relação com elas, mas que, de alguma forma, as faziam se questionar se elas eram aquilo ou não, e relataram como isso mexeu com elas.

Escritas produzidas depois desse exercício.

“O que vejo em você” – Por Nathália Amorim

Ouvir mais, falar menos!

Não foi tão difícil manter o silêncio, o difícil foi a grande batalha que lutei para que meus pensamentos permanecessem naquela sala.

**Eles insistiram em seguir aquelas palavras,
eram tão rápidas que eu nem sabia em qual avião estava,
em que sentido estava indo, qual palavra estava seguindo.**

**Hoje, o dia foi tudo assim, me perdendo nas palavras,
conversas, e errando os destinos, errando nas ruas, nas vilas, nas vielas.
Quando finalmente abri a boca, falei mais sobre mim do que sobre elas.**

“O que vejo em você” – Por Ana Maria Grecco

**Eu quase pirei, foi muito confuso e invasivo.
Me senti vazia, como se eu não tivesse personalidade,
E elas estivessem me dando ou desenhando o que eu sou
E o que eu deveria ser.
Temos e devemos ter mais empatia com o próximo,
Sem julgar, mas só ouvir e apoiar.**

“O que vejo em você” – Por Bruna Nascimento

**Você não é isso! Você não é isso! Espera, eu sou isso... Não! Você não é!
Eu não quero ser o que pensa. Mas, o que pensa?
Estamos em constante avaliação, procurando sempre aprovação
Em colos que não são os nossos.
Sempre tão necessitados de reconhecimento...
Seja por uma nota alta na escola
Por uma cor ou modelo de uma roupa nova
Eu sou mais que isso, e você é mais também.
Não sou sua opinião formada, eu não quero ser o que você pensa
Mas, por favor, me diz: o que você pensa?**

Nesse dia, pedi que as meninas levassem dois objetos: um que fosse uma espécie de amuleto, com o qual elas tivessem uma relação sentimental, e outro que fosse associado, de forma estereotipada, ao universo feminino.

Na primeira proposta, com o intuito de falar sobre o objeto cênico, pedi que elas utilizassem, numa improvisação previamente combinada, o objeto de valor sentimental. Elas construíram uma cena muito simples, na qual o objetivo foi alcançado, a percepção de que o objeto cênico tem uma utilização/função e não é só um adereço.

Em seguida, pedi que elas usassem os objetos pejorativos, ressignificando-os, numa proposta de venda daqueles objetos, dando a eles qualidades diferentes do que de fato eles representavam na realidade. Bruna trouxe um pincel de maquiagem, Nath, um pedaço de

Bombril e Aninha, uma boneca. Elas demonstraram muita dificuldade, pois racionalizavam e não conseguiam criar muitas possibilidades. Lembrei-me do exercício do gromelô e pensei em utilizá-lo como uma estratégia de soltura e descontração que pudesse auxiliar no processo de criação.

Primeiro, pedi que elas experimentassem e descobrissem seu gromelô³⁷. Expliquei que era uma língua inventada, com características linguísticas próprias. Dei exemplo, falando o meu gromelô. Em seguida, pedi que cada uma fosse para um canto e fizesse a pesquisa. Depois, em dupla, pedi que uma contasse uma história e a outra traduzisse. Nath começou e adorou a experiência. Aninha traduziu e liberou sua imaginação. Em seguida pedi para Bruna falar o gromelô e Nath traduzir. Bruna bloqueou totalmente e não conseguiu fazer. Insisti, dizendo que não existia certo nem errado, que era só um exercício, que ela tinha total liberdade para tentar. A marca de certo ou errado, na educação, é muito forte, muitas vezes, o medo de errar bloqueia o processo criativo. O trabalho com o teatro proporciona experimentações e possibilidades de construirmos nossos caminhos.

Ao ver o programa “Sangue Latino”, no qual o jornalista Eric Nepomuceno entrevista a poeta Matilde Campilho, uma das falas da poeta ecoou sentido para o que penso da antítese entre o erro e o

³⁷ https://youtu.be/K1kwd_2syus

(VÍDEO REGISTRO: Gromelô. QR Code na página 253)

acerto. A partir da pergunta feita por Eric: “Como é que você lida com o erro?”, a poeta respondeu:

O erro... eu acho mesmo que o erro é construção. Ontem mesmo eu pensava nisso, se alguma coisa se atravessa no meu caminho, isso destrói a construção ou é parte dela? E nos últimos anos da minha vida, olhando pra trás, sempre que aconteceu o erro, houve uma renovação da história, houve um começo novo e depois que a gente olha outra vez, não é exatamente um começo novo, aquilo era uma vírgula e era necessária. O erro é construção e não...se eu posso controlar pra tentar errar o menos possível, aquela coisa do Beckett: “falhe outra vez, falhe melhor”. Eu tento isso, mas não o nego, não deixo que ele não venha, porque o erro fez por mim, eu acho que o erro faz muito pelo homem. (Matilde Campilho)³⁸

No teatro existe o exercício da repetição, de aprender com o “erro”. Evito ao máximo usar essa palavra na prática com os alunos, por entender que o ato de criação é singular e que todos somos capazes de construir criativamente.

Apesar da minha insistência e argumentação, Bruna não conseguiu e pediu pra ficar por último. Então, ela traduziu o gromelô da Ana e fez depois. Pude reafirmar que o caminho de construção, sempre tem um ponto de partida.

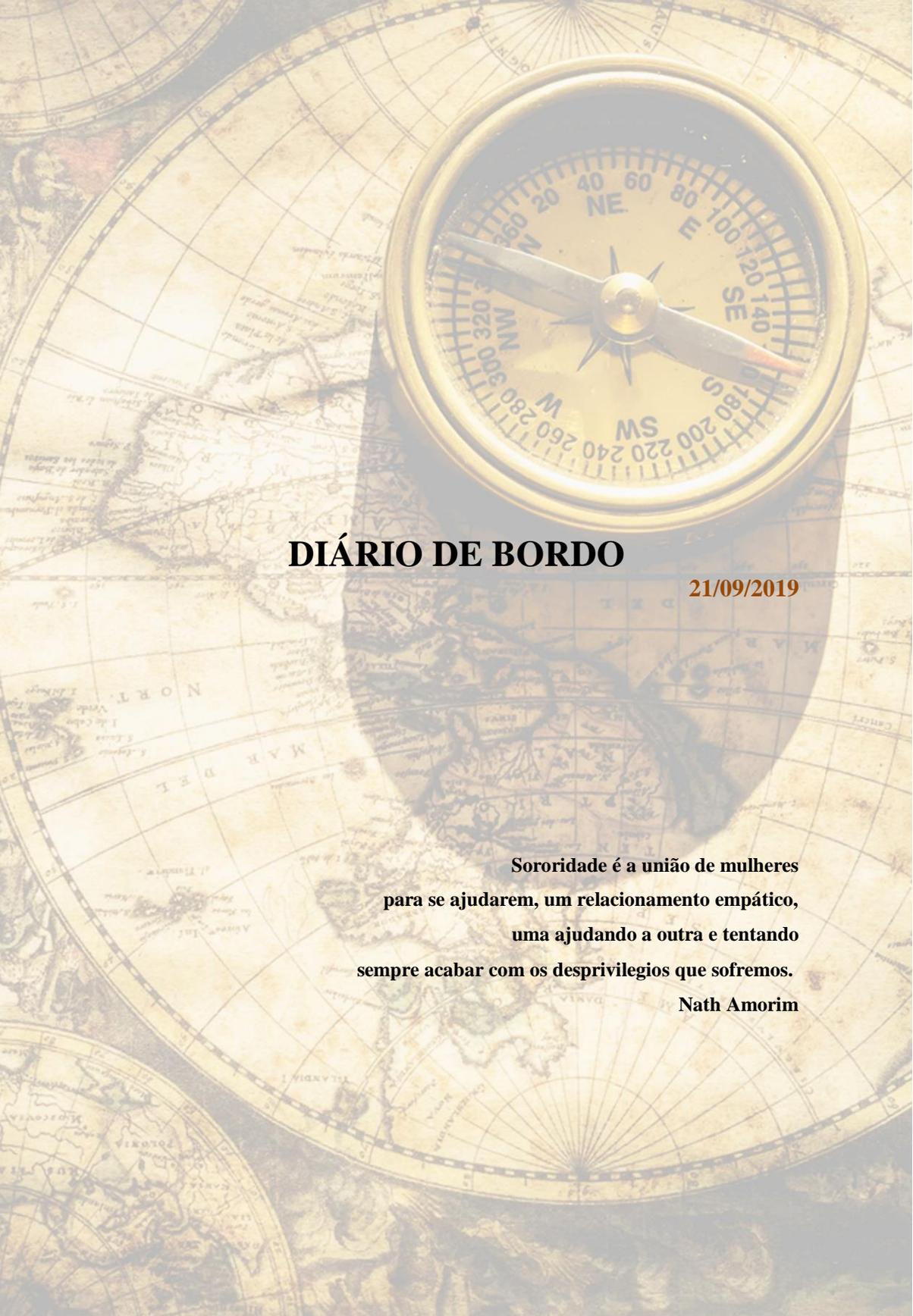
Depois dessa etapa, propus o mesmo exercício realizado anteriormente, onde elas deveriam vender objetos com utilidades diferentes de suas funções reais, sendo que, agora, elas venderiam em gromelô. Disponibilizei outros objetos domésticos, como: vassoura,

³⁸ <https://www.youtube.com/watch?v=VldpHiRir4c>
(QR Code na página 253)

funil, concha, luva. Elas escolheram o objeto, e dei um tempo para que pudessem criar. O exercício fluiu de outra maneira, trazendo outras perspectivas e, de fato, um processo com criatividade.

Ao finalizarmos esse exercício, Nathália perguntou se elas podiam ler as escritas daquele dia. Aninha apresentou certa resistência, não estava à vontade, e pediu pra ler somente a do piquenique. Retornei, dizendo que ela poderia ler o que quisesse. Ela iniciou, depois Nath leu e Bruna finalizou. Muito bom ouvir essas escritas lidas por elas nesse dia. Achei que já estaria esgotado o que esse encontro com as mães poderia ter proporcionado, mas me enganei. Primeiro, valorizei e agradei a Aninha pela coragem de dividir conosco sua escrita, pontuando que a prática tem trazido mais maturidade para suas palavras. Em seguida, a poesia da Nath, que sempre nos chega de forma arrebatadora e com um poder de síntese poética que sempre me surpreende. E Bruna... ouvir sua poesia sobre o encontro só confirmou a necessidade e riqueza desse momento.

**Olho todos os dias nos seus olhos
e ainda não tinha observado seu olhar.
Bruna Nascimento**



DIÁRIO DE BORDO

21/09/2019

**Sororidade é a união de mulheres
para se ajudarem, um relacionamento empático,
uma ajudando a outra e tentando
sempre acabar com os desprivilegios que sofremos.**

Nath Amorim

Hoje, no início do encontro, na Lona de Guadalupe, estavam presentes Nath e Bruna. Como aquecimento corporal, sugeri que elas relembassem a partitura construída no último ensaio que tivemos na própria Lona. Em seguida, conversamos um pouco sobre os próximos passos. Levantei algumas questões que considerava relevantes de estarem presentes em nossas escritas. Indiquei que, a partir do improviso que fizemos no encontro anterior, pensava que poderíamos aproveitar a técnica do Gromelô para falarmos sobre determinadas temáticas. Elas adoraram a ideia. Então, pedi que as mesmas improvisassem uma cena de programa de auditório³⁹. Uma criou uma figura importante no contexto feminista, vinda de outro país, para relatar suas experiências e conhecimentos sobre a temática, a outra fez a apresentadora do programa e traduzia as falas para os telespectadores. As meninas fizeram um rico improviso, contemplando temáticas extremamente importantes e ainda não citadas no texto. Sugeri que invertessem os papéis e experimentassem, além de outras personagens, outros assuntos ainda não abordados. Gravei as cenas para que as meninas pudessem transcrevê-las. Debates o que foi construído e demos continuidade, fazendo a primeira leitura do texto que elas improvisaram.

Compartilhei com Bruna e Nath que tudo que estava sendo produzido de poesia tinha uma proposição de transformação de uma escrita poética para uma escrita cênica. Relatei o quanto era

³⁹ <https://youtu.be/10G4Kz527NE>

(Vídeo registro: Improviso programa de auditório. QR Code na página 253)

importante a opinião delas e que existia uma expectativa na construção de um trabalho coletivo, onde elas poderiam e deveriam fazer interferências.

Nathália precisava sair mais cedo, então eu e Bruna aguardamos Aninha. Recebemos a mensagem de que mais uma vez Paulinha não iria comparecer, pois havia passado mal. Aguardamos Ana chegar, o que já aconteceu praticamente no horário de ir embora. Bruna narrou como foi o trabalho desenvolvido no dia e fizemos novamente a leitura do texto.

Primeira improvisação

Apresentadora: Bruna

Entrevistada: Nathália

Apresentadora: Chegamos ao quadro mais esperado do programa: O Debate com Especialistas. Recebemos, no programa de hoje, Nath Augustin, que é *Influencer*, ativista e referência do movimento feminista no país dela. Venha pra cá Nath Augustin!

Entrevistada: (*Gromelô*)

Apresentadora: Como ela não fala nossa língua, eu vou perguntando e tentando traduzir ao máximo. Vou deixar ela falar um pouco da vida dela, do país e do que ela faz lá.

Entrevistada: (*Gromelô*)

Apresentadora: Ela disse que o país dela é completamente patriarcal, e ela foi criada no meio dessa cultura machista, mas que sempre se sentiu oprimida e estudou muito pra fazer a diferença nisso. Então, ela criou causas sociais com outras mulheres, pra entrar em escolas, universidades e alcançar diferentes mulheres de diferentes idades.

Entrevistada: (*Gromelô*)

Apresentadora: Ela disse que sentiu muito a pressão disso tudo na infância e na adolescência, quando todos diziam que ela não podia brincar com tais brinquedos, não podia usar tais roupas, falar de tal maneira, e ela se via muito oprimida e nunca teve total compreensão do porque isso acontecia.

Entrevistada: (*Gromelô*)

Apresentadora: Ela disse que, no futuro, não quer criar seus filhos e, principalmente, suas filhas com toda essa pressão que ela e toda a geração de

mulheres dela sofreu. Agora é hora das perguntas! Podem mandar anonimamente também se preferirem, e Nath estará tirando todas as suas dúvidas. Chegou aqui a primeira pergunta selecionada pela produção. A pergunta é anônima e ela ou ele está perguntando: por que você acredita tanto nesse movimento feminista?

Entrevistada: (*Gromelô*)

Apresentadora: Ela disse que se sente muito representada por um movimento onde ela se sente acolhida, onde ela não se sinta objetificada e faz ela se desprender de todos os padrões patriarcais impostos. Próxima pergunta: uma mulher disse que já sofreu muita violência doméstica por parte do marido dela, mas que ela não consegue denunciar porque o ama muito e também tem forte dependência dele.

Entrevistada: (*Gromelô*)

Apresentadora: Ela disse que isso é algo que sempre ocorreu e que ainda hoje, mesmo com todo esse movimento, é muito comum e que, desde nova, a mulher é ensinada a ser: submissa, amar o seu marido e aceitar tudo em nome do casamento. Lembrou também que a Lei Maria da Penha aqui no Brasil entrou em vigor em 2006 e ela vai encontrar forças pra se libertar. Então estamos finalizando o programa de hoje... Não fiquem tristes que amanhã estaremos de volta. Agradeço a presença da Nath aqui no nosso programa e todo o conhecimento que ela nos trouxe.

Segunda improvisação

Apresentadora: Nathália

Entrevistada: Bruna

Apresentadora: Voltamos dos nossos comerciais! E agora vamos falar com a Ana, que é uma super *influencer* no país dela e que fala sobre vários assuntos da atualidade. Um deles, inclusive, é a temática do nosso programa hoje: feminismo e machismo. Todo mundo ainda tem muita dúvida sobre isso! Vamos conversar um pouquinho com a Ana!

(*Senta na cadeira ao lado da entrevistada. Fala em Gromelô*)

Entrevistada: (*Gromelô*)

Apresentadora: Já comecem a mandar suas dúvidas e perguntas com a *hashtag* do programa que vamos fazer aqui hoje. A Ana não entende o português então eu irei traduzir as falas dela. Ana, como é no seu país, fale um pouquinho de você.

Entrevistada: (*Gromelô*)

Apresentadora: (*Traduzindo*) As mulheres, em toda a história, sempre tiveram desvantagens, um exemplo disso foi na época das indústrias, em que as mulheres trabalhavam bem mais que os homens, por conta dos filhos, do lar, e do trabalho de fora, elas recebiam metade do salário dos homens. No meu país isso ainda é muito real, mesmo que a mulher estude muito, ela tem pouquíssimas oportunidades.

Apresentadora: Vamos para a segunda pergunta da internet. Estão perguntando por que o feminismo, que busca a igualdade, acaba buscando certos privilégios para o sexo feminino.

Entrevistada: (*Gromelô*)

Apresentadora: (*Traduzindo*) As mulheres sempre estiveram na condição de servir, dentro de casa, na casa dos outros, SEMPRE. Fazemos o trabalho de casa, da família e na rua. Buscamos igualdade! Nada de privilégios! Eu mesma, quando mais nova, mesmo sendo a caçula, sempre fiz tudo em casa e sem a ajuda dos meus irmãos homens.

Apresentadora: Como é sua relação como mãe e mulher, sendo tão influente no seu país?

Entrevistada: (*Gromelô*)

Apresentadora: (*Traduzindo*) Eu fui abandonada pelo meu ex-marido quando meus filhos ainda eram pequenos, ele me agredia muito! Inúmeras vezes me senti culpada e não tive o apoio dos meus familiares. Entendo a posição deles, todos nasceram num meio patriarcal e não aceitavam minha situação. Lá no meu país, cenas como essas são bem comuns.

Apresentadora: A última pergunta dos internautas é sobre a diferença de elogio e assédio.

Entrevistada: (*Gromelô*)

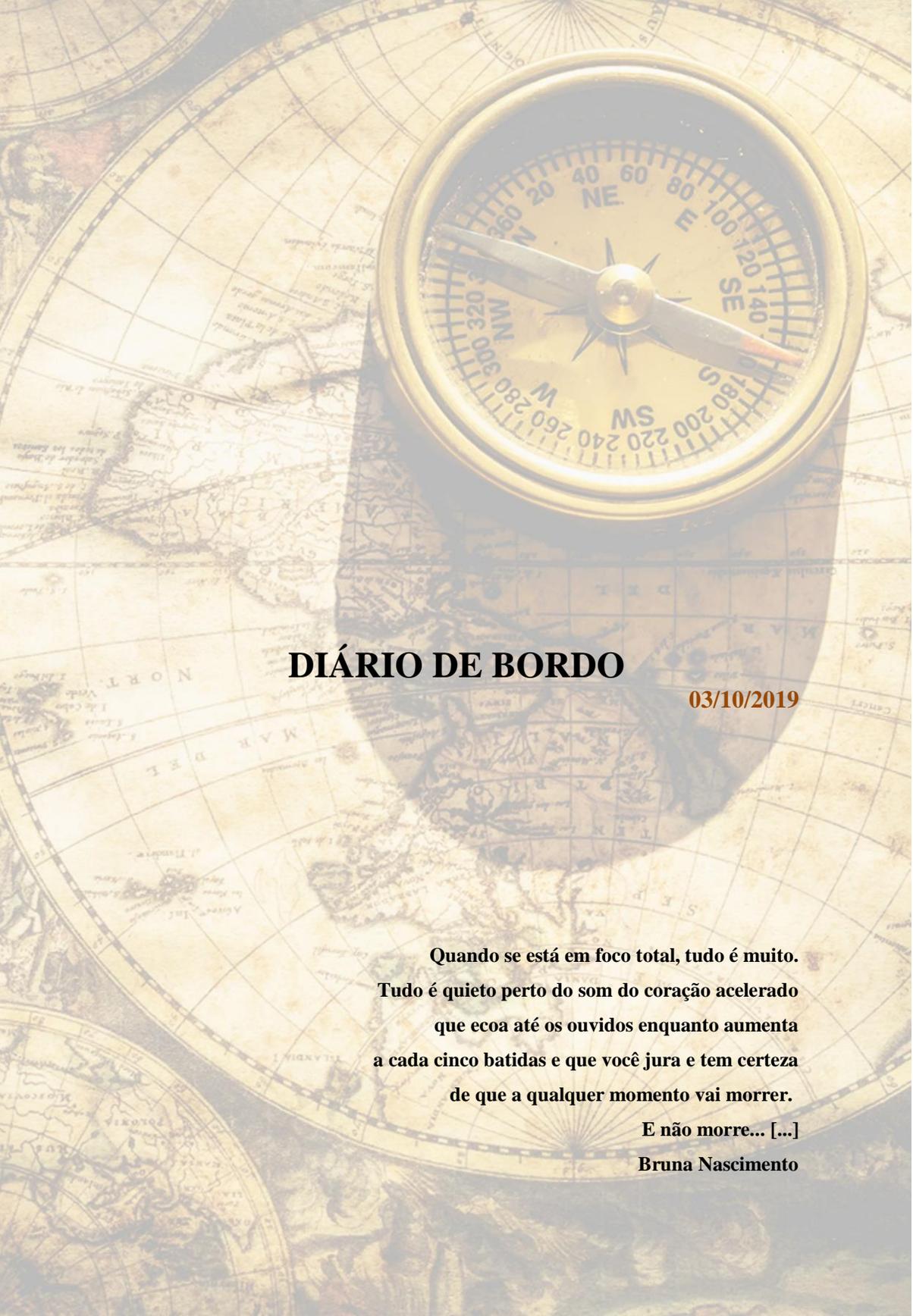
Apresentadora: (*Traduzindo*) Elogio é dizer algo bom sobre alguém. Elogie a capacidade da sua companheira, diga como seu cabelo está macio, diga que sua roupa está elegante. Assédio é tudo aquilo que traz desconforto, gritar da calçada que a bunda de uma desconhecida é gostosa e redonda COM CERTEZA não é um elogio.

Apresentadora: Vamos à pergunta da plateia.

Plateia: A minha vizinha diz que é feminista, a gente sempre foi amiga, a gente sempre conversou, mas esses dias ela veio com uma palavra estranha, até corrigi ela. Falei que não é Sororidade é sonoridade, ela disse que eu tenho que pesquisar mais, que existe sim Sororidade, que eu teria que ter mais Sororidade com outras mulheres. Eu nem falo mais com essa vizinha, sou uma mulher casada, amo meu marido! Depois de velha vou ficar me relacionando com outras mulheres?!

Entrevistada: (*Gromelô*)

Apresentadora: (*Traduzindo*) Sororidade é uma palavra bem atual. Sororidade entre mulheres não é um relacionamento afetivo, com beijos, abraços e etc. Sororidade é a união de mulheres para se ajudarem, um relacionamento empático, uma ajudando a outra e tentando sempre acabar com os desprivilégios que sofremos.



DIÁRIO DE BORDO

03/10/2019

Quando se está em foco total, tudo é muito.
Tudo é quieto perto do som do coração acelerado
que ecoa até os ouvidos enquanto aumenta
a cada cinco batidas e que você jura e tem certeza
de que a qualquer momento vai morrer.

E não morre... [...]

Bruna Nascimento

No dia 24 de julho de 2019, recebi um e-mail da minha orientadora, Mona Magalhães, sugerindo que eu participasse do XIX Colóquio do PPGAC⁴⁰ - A pós-graduação em artes: entre expectativas e realidades, que aconteceu no Centro de Letras e Artes / Escola de Teatro, entre os dias 30 de setembro e 04 de outubro de 2019. O objetivo do evento, de caráter interno aos programas PPGAC e PPGEAC, foi reunir pesquisadores dos cursos de mestrado e doutorado que estavam regularmente matriculados, bem como pós-doutorandas e pós-doutorandos, para que pudessem apresentar suas pesquisas – em estágio inicial ou em andamento.

Automaticamente, entrei em contato com as alunas, convidando-as a estarem no evento comigo. Nesse momento, já tínhamos alguns textos escritos, e a ideia era a de que, nos encontros que fizéssemos em setembro, já começássemos a fazer um esboço do texto final. A participação nesse Colóquio fazia muito mais sentido, podendo levar as alunas e falar sobre o trabalho a partir da prática.

Como nunca havia participado antes de um evento como esse, fiquei aguardando a confirmação por e-mail, achando que teria uma antecedência maior para esse recebimento. Porém, a confirmação com data e horário saiu na semana de véspera do evento. Entrei em contato com as alunas e comuniquei que faria uma criação de um texto a partir de algumas poesias e que teríamos que nos dedicar pelo menos em dois dias mais intensos de ensaio. Euforia total! Todas toparam,

⁴⁰ <https://www.youtube.com/watch?v=amcLGNvoaCw>
(Vídeo registro: Colóquio. QR Code na página 253)

embora estivessem nervosas por fazerem a primeira apresentação em uma universidade. Foi a primeira apresentação teatral de Bruna e Nathália.

Construí o texto para participação das quatro e informei que não havia necessidade de decorarem, pois a ideia era falar sobre o processo, e faríamos uma leitura dramatizada. Como tinha pouco tempo de fala, fiz uma cena curta, onde parte do projeto pudesse ser narrado.

Com muitas dificuldades de conciliar agendas, só conseguimos marcar o ensaio na véspera do evento. Nesse mesmo dia, recebi a notícia que Paulinha não iria participar. Retomei o texto, já construído para quatro atrizes, adaptei para três e mandei prontamente, para que as três alunas que iriam participar recebessem as modificações.

Optei por colocar novas poesias com duas poesias antigas, que Bruna e Nath escreveram antes do processo, tratando a temática feminista. Fiz essa escolha com o intuito de trazer mais segurança para as alunas, além de possibilitar uma experiência e construção de uma nova forma de interpretá-las.

Durante o ensaio, Bruna demonstrou dificuldade em falar sua poesia antiga. Emocionou-se, chorou e disse que, embora já tivesse falado esse texto outras vezes, não estava conseguindo externar tudo que essa poesia estava provocando nela. Quando fizemos uma primeira leitura, fiz alguns questionamentos e sugeri um olhar mais atento ao que estava sendo dito, que entendessem o que estavam falando e porque escolheram falar sobre aquilo. O que percebi durante esse tempo que trabalho com poesia falada é que, muitas vezes, as

escritas são intuitivas, e que decorá-las e dizê-las com frequência não significava necessariamente entendê-las e ter a real ideia de sua dimensão.

Dediquei um tempo a trabalhar essas poesias de Nathália e Bruna, já ditas antes, porém, precisando ser repensadas, visto que estão na composição de um texto teatral, a dialogar com outras propostas.

A poesia abaixo foi a que Bruna não conseguiu falar.

No escuro da noite em um quarto sozinha,
uma menina chora por não suportar a própria companhia.
Choro por não conseguir ser minha.
Olho no espelho e rejeito, quebro ele com meus próprios dedos.
Abro em mim machucados com os próprios cacos e, ao nascer do dia, me
reconstruo, carregando na alma machucados profundos.
Fui julgada pelo mundo que parecia surdo para todos os meus gritos
de socorro mudos. Tentei me encaixar no padrão: alisei os cabelos,
usei maquiagem desde cedo e evitava dizer "não".
Afinal, essa não era obrigação de uma mulher de respeito?
As calças e shorts sempre muito apertados,
meus cabelos sempre grandes e muito bem alisados,
para tentar agradar patriarcado, que, cá entre nós, nunca fomos aliados.
E sabe o que aconteceu? À luz do dia, numa casa sozinha,
uma menina mulher renasce fruto de sua própria rebeldia.
Naquele dia eu a conhecia... A tão desejada autoestima!
Cortei os cabelos pra agradar só a mim.
Digo "não" constantemente, porque, sinceramente, eu não tô nem aí.
E faço questão de que todos saibam
que nunca mais conseguirão me reprimir.
Vou ser julgada por isso também, por querer o meu bem,

e, principalmente, por não ligar pra mais ninguém.
Não quero seus olhares marotos, não quero seus comentários sobre meu corpo,
e, se ser julgada é o preço para receber isso..., fica com o troco.

Na véspera do Colóquio, pedi às mães que as alunas pudessem ficar na minha casa, já que minha participação seria no turno da tarde, teríamos tempo para ensaiar. Depois de passar a cena algumas vezes, Bruna chorou novamente com a mesma poesia e não conseguiu dar continuidade. Sugeri que deixássemos para decidir no dia seguinte, e que ela pensasse na possibilidade de falar outra poesia. Ela se demonstrou preocupada, por conta do tempo. Reafirmei que nossa ideia no Colóquio era falar sobre o processo, que, no dia seguinte, deixaríamos somente essa parte para pensarmos e decidirmos.

Logo pela manhã, retomamos o ensaio. Perguntei se Bruna gostaria de tentar falar a mesma poesia, e ela disse que sim. Chegando à mesma parte, Bruna começou a chorar. Sugeri, então, que não insistíssemos, que era preciso respeitar os sentimentos que estavam chegando até ela. A poesia falava de autoconhecimento, de autoestima e de processo de mudança, de desconstruir padrões estabelecidos. Isso acionou um gatilho nunca percebido antes por Bruna, e era preciso deixar esses sentimentos e o que eles estavam desencadeando se assentar, para ser trabalhado ao longo do processo.

A poesia não separa, mas religa o pensar e o sentir, o perceber e o imaginar, a criatividade e a comunhão. Assim, desperta e desenvolve a capacidade de interpretar. Revela-se imprescindível para o educar a capacidade de interpretação: **mais do que as linhas, as entrelinhas.** (ANTÔNIO, 2009 apud OLIVEIRA, 2017, p.70. Grifo da autora)

Texto final apresentado como leitura dramatizada.

Roteiro para as 3 atrizes

(As alunas estão sentadas junto à plateia e, depois de uma deixa minha, elas começam a falar o texto)

(Falando para um grupo ou para uma pessoa) Ser mulher de dia é difícil, e de noite é questão de sorte. E de quantos anos eu vou precisar pra ser humana, não apenas... MULHER? Gostaria de saber qual a natureza feminina. Mas, o tanto que eu já tenho pra lavar, passar, cozinhar, esfregar, e varrer, e servir, e trocar, e limpar e... E eu não consigo entender a natureza feminina. Eu não tenho um momento. Sou apenas uma menina. *(Repetem o texto mais uma vez e vão caminhando em direção ao palco, repetindo a frase)* Sou apenas menina! *(Até quando todas chegam e Ana começa o texto. Em cena três cadeiras colocadas paralelamente)*

Ana: Quando apenas uma menina, me disseram que havia nascido do sexo frágil e que, por ser menina, eu o pertencia. Nova demais para saber o que aquilo poderia significar, não dei a mínima. Conforme o tempo foi passando, eu fui percebendo que não era aquilo que eu queria. Eu não queria me casar, um filho para criar, roupa para passar, louça para lavar e casa para arrumar, eu não queria ser submissa a um homem.

Nath: Sou menina, em breve serei mulher. Crescer para uma criança deveria significar sua maior vontade, mas, nos novos tempos, todos nós temos medo da sociedade.

Bruna: Em breve serei mulher e o tanto que eu já tenho pra...

TODAS: Lavar, passar, cozinhar, esfregar e varrer e servir, e trocar, limpar e...

Ana: E ainda sou apenas menina.

Nath: "Menina feche as pernas, senta que nem moça".

Bruna: "Menina cuidado com o que fala, olha a boca".

Nath: "Menina tem homem em casa, troca essa roupa".

(Nath e Bruna sentam. Ana continua o texto)

Ana: Meu coração bate mais forte... É meu destino ser mulher. Ser mulher de dia é difícil, e de noite é questão de sorte. E de quantos anos eu vou precisar pra ser humana, não apenas... MULHER? Sou menina, mas já sei o que é sangrar desde cedo. Sou menina e já tenho tanto medo... Sou menina mulher e tento entender essa minha essência. Sou menina demais, mas nem tanto pra me convencer de que não é uma sentença. *(Pensativa)* Gostaria de saber qual a natureza feminina! Mas, o tanto que eu já tenho pra...

TODAS: Lavar, passar, cozinhar, esfregar. E varrer, e servir, e trocar, limpar e... *(Falam isso repetidamente, fazendo gestos mecânicos, robotizados)*

Ana: E eu não consigo entender a natureza feminina... Eu não tenho um momento. Sou apenas menina. *(Senta, ao mesmo tempo em que Nath levanta, dando continuidade, uma emendando no texto da outra)*

Nath: Prazer, Maria! Desfiz cada opinião e substitui cada gesto pelo teu, cuidei do seu coração e me desculpei por ser eu. Aí estava o meu erro, deixei você quebrar coisas que eu sabia que não tinham conserto, só porque meus tímpanos se contorciam caso ouvissem seu choro com medo... Medo de ser contrariado! E eu, que escrevo, odiava a maneira como encarava a vida, seu mundo de fantasia me causava ânsia e preguiça. Desculpa ser tão realista, pessimista e calculista, mas te mostrei isso no: "Prazer, Maria!" (*Aperta a mão de Bruna, como se tivesse se apresentando*) Te apresentei todos os meus defeitos e, se insistiu, deveria saber onde estava colocando o dedo. Se algo falhou, consciência está limpa! Desculpa, mas a culpa não é minha. Como Drummond disse; vou dançar um samba violento sobre a sua tumba, (*dança em direção a outras meninas, que levantam da cadeira, sambando, rindo e curtindo*) talvez você leve esse seu orgulho pro caixão, mas, antes, se doe de corpo e alma pra outra paixão porque eu nunca fui sua e nem minha, mas tomo posse dessa ilusão vazia só pra agradar seu mundo encantado. Danço contigo, louca para que dê 00:00 (*dança valsa com Ana*) e descer do salto, te deixar à procura da perfeição de 23:59, noite essa que eu rezo e peço para que nunca volte, porque quero te apresentar o meu pior lado, aliás, único lado que tenho. Todo esse encanto quebrado e jogado num canto frustrou seus sonhos ao meu lado. Então vai... Continue procurando dentro de mim a Bela. É uma pena não aceitar a Fera. É uma pena não aceitar uma garota tão madura. É uma pena você dizer que minhas palavras são muito duras. Mas eu serei EU, antes mesmo de ser TUA.

(*Nath senta e automaticamente Bruna se levanta, com o mesmo jogo feito na outra transição*)

Bruna: Queria novamente a sensação de andar na rua sem preocupação, de mãos dadas com a minha mãe, pulando radiante, fazendo bolhas de sabão. (*Ana solta bolinhas de sabão, enquanto essa parte do texto é dita. Fecha o frasco com precisão, quando Bruna finaliza a frase: mais uma vida roubada*) Era um verdadeiro conto de fadas, caminhar com as chances quase nulas de levar facadas, pelo chão ser arrastada, minha roupa totalmente retirada, minha alma completamente ignorada... O resto, já sabemos... Mais uma vida roubada. Queria brincar com as minhas bonecas, fazer comidinhas nas minhas panelas. Nem conhecia o machismo até escutar de um menino...

Nath: (*Com atitudes de menino "moleque"*) Não brinco de talher porque isso é coisa de mulher.

Bruna: Mas eu entendo o preconceito, ele era uma criança e nem sabia o que estava falando direito. Pena eu tenho da mãe dele, que, provavelmente, estava sendo tratada daquele jeito. Andava na rua com medo, sem receber o mínimo de respeito. Eu, ainda tão nova, olhava aquilo e achava normal. Desde que eu me lembre, mulher sempre sofreu todo dano estrutural. Minha mãe, com pensamentos tão machistas, dizia...

Ana: Se ela é espancada, é porque é burra ou merece.

Bruna: E todos da cidade olhavam aquilo e riam.

(*Ana e Nath riem descompensadamente, enquanto Bruna anda pelo palco, como se andasse pela cidade*) Enquanto aquela mulher violada, no chão, perecia. Há muitos anos me liberei de ser queimada, mas ainda hoje ando desviando de todas as pedradas, todas as facadas, todas as roupas tiradas. Ainda hoje luto pela minha

liberdade roubada, pelo meu lugar de fala. Eles tentam nos matar, tentam nos calar, fazem de tudo para nossa mente infectar, nossos corpos manipular... Eu não vou deixar. Então vai, não pare. Tente me matar, tente me calar... Mas não vai adiantar nada. Minhas ideias são à prova de balas. (*Abaixa na frente de alguém da plateia e fala diretamente pra essa pessoa*) Crie sua filha para ser feminista, você querendo ou não, ela já nasce na briga. Não deixe o nome dela entrar pra lista de vítimas. (*Fala diretamente para as alunas em cena*) Garotinhas, escutem com atenção: Você crescerá cedo, roubarão sua inocência e lhe farão ter medo. Mas eu vou te contar um segredo (*fala no ouvido da Ana, que fala no ouvido da Nathália, que fala pra plateia*)

Nathália: Nossa existência vem sendo tentada, a cada dia, a cada hora, a cada segundo... Em toda parte do mundo.

Bruna: (*Falando para as outras*) Levantem a cabeça e não desanimem, isso tá longe de acabar... Enquanto isso...

TODAS: A luta contra o machismo não pode parar.

No Colóquio, as alunas assistiram às apresentações antes e depois da nossa e ficaram super envolvidas, embora algumas tenham sido mais difíceis de acompanhar devido às suas especificidades.

Ao final das apresentações, foi aberto ao público fazer observações e perguntas. Bem próximo de acabar, Nathália levantou a mão e perguntou se podia falar, a mediadora disse que sim, então Nathália fez a seguinte observação: disse que ficou muito reflexiva com o que viu, que nunca havia parado pra pensar como era estar no lugar do professor, que, muitas vezes, ela, enquanto aluna, fez questionamentos, mas sem se dar conta de como deve ser difícil estar nesse lugar, de ter que dar respostas que não necessariamente a pessoa saberá responder. Finalizou, parabenizando os participantes.

Pedi a Mona⁴¹ pra levar as alunas para conhecerem a sala de caracterização, onde ela ministra as aulas e elas ficaram encantadas.

⁴¹ **Mona Magalhães** é Doutora em Estudos de Linguagem – UFF - 2010; Mestre em Ciência das Artes – UFF - 2004; Especialista pela *Make-up Designory* - Los Angeles *School of makeup – Makeup designory* - USA; Bacharel em Artes Cênicas –



Interpretação – UNIRIO. É Professora Associada II da Escola de Teatro da UNIRIO, responsável pela disciplina de caracterização. Responsável pela caracterização de mais 70 espetáculos teatrais e de diversos grupos de teatro, entre eles: Grupo Galpão (MG); Grupo Clowns de Shakespeare (RN); Grupo Ser Tão teatro (PB), Cia. Pequod Teatro (RJ). (Grifo da autora)

Ao sairmos, levei-as pra fazer um lanche na Praia Vermelha e, depois, deixei-as na estação do metrô de Botafogo para irem pra casa.

Após deixá-las na estação, fui ao encontro do meu marido para irmos ao cinema. Logo depois de comprarmos os ingressos, recebi uma mensagem de Mônica, mãe de Bruna, perguntando por onde as meninas estavam. Respondi que as tinha deixado na estação de metrô, em Botafogo, e que estavam a caminho. Mônica contou que havia um confronto entre facções de traficantes rivais das comunidades do Chapadão e da Pedreira, e que alguns ônibus haviam sido incendiados na Av. Martin Luther King Jr. As estações do Metrô e da Supervia, próximas à região, foram fechadas⁴². Fiquei extremamente preocupada e disse que tentaria entrar em contato com as meninas. Bruna e Nath teriam que ir até Pavuna e, de lá, pegariam o ônibus para suas casas. Aninha teria que descer na última estação possível, que era Irajá, de onde conseguiria ir andando para casa. Somente o telefone de Bruna recebia ligações. Eu ligava insistentemente e o telefone só dava fora de área. A angústia só crescia, e não demorou muito para as outras mães entrarem em contato. Quando estava bem próxima de entrar na sessão, consegui falar com Bruna. Respirei um pouco mais aliviada. Consegui dar as coordenadas para que todas descessem em Irajá. Aninha foi a pé pra casa. Pedi um Uber para Nathália e Bruna. Via o filme, monitorando a chegada das meninas em casa. Embora Irajá seja muito próximo à Anchieta, o trajeto levou quase 40 minutos, devido ao engarrafamento que foi provocado pelo episódio. Assistia ao filme

⁴²<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/10/03/guerra-entre-faccoes-fecha-metro-em-costa-barros-zona-norte-do-rio.ghtml> (QR Code na página 254)

“Bacurau”⁴³, de roteiro tenso e violento, que só ampliava a palpitação do meu coração. Enfim Nathália chegou em casa. Contudo, Bruna não quis ir, sozinha, de Uber para casa (não preciso dizer que, por ser mulher, não se sentia segura de continuar a viagem), então desceu na estação de Anchieta, próximo à casa de Nath, e pegou um ônibus para sua casa em Guadalupe. A respiração ainda não fluía naturalmente, a preocupação ainda rondava a sala de cinema, já densa do enredo que passava no telão.

Enfim, Bruna estava em casa!

Não podia mensurar que uma sessão de “Bacurau” latejaria tanta tensão para essa espectadora.

Abaixo, para trazer alívio e relembrar a potência e importância desse dia, as poesias produzidas pelas alunas.

Somente Bruna e Nathália escreveram. O estímulo e a provocação sempre foram feitos a todas as envolvidas, mas nem sempre elas produziram tudo que foi solicitado, o que sempre procurei respeitar como o processo de cada uma.

Participação no Colóquio – Por Bruna Nascimento⁴⁴

**Quando se está em foco total, tudo é muito.
Tudo é quieto perto do som do coração acelerado,
que ecoa até os ouvidos, enquanto aumenta a cada 5 batidas
E que você jura e tem certeza de que a qualquer momento
E não morre...
Quando se está em foco total, seja em cima de uma mesa,**



Áudio
Por Andreia Morais

⁴³ [https://pt.wikipedia.org/wiki/Bacurau_\(filme\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Bacurau_(filme)) (QR Code na página 254)

⁴⁴ <https://youtu.be/rXW6hAMF2ks> (Áudio poesia)

Na frente de uma sala, ou até mesmo num palco...
Você jura que vai morrer e a cada sílaba que sai da sua boca
Você tem certeza de que a próxima não sairá
E que o coração não tem mais lugares para onde bombear todo o sangue
E acaba que o mesmo sobe todo pro seu rosto
Que assusta com a vermelhidão das bochechas.
Enquanto todo sangue está no seu rosto, no corpo não existe o suficiente.
Então as mãos falham, gelam e tremem em velocidade semelhante
Com as batidas do coração que não para um segundo
de bombear todo seu sangue para seu rosto.
As pernas falham enquanto se movem...
Você acha que esse é só mais um sintoma de que você vai morrer
E de novo não morre.
Quando acaba, os olhos de todos ainda estão em você
E, quando batem palmas, você não escuta...
O som do coração ainda é mais alto, você sorri sem perceber...
E viu que conseguiu, mesmo achando que ia morrer.

Participação no Colóquio – Por Nathália Amorim

Não sei ao certo o nome do que sinto.
Entre milhares de palavras, não encontro uma
que represente ao certo como estão aqui dentro.
Não sei se por ignorância ou incompetência da língua portuguesa,
Talvez sobrevivência ou soberba do homem achar
que a comunicação funcionaria se déssemos nome para o que se sentia.
O lado de dentro tem órgãos, esqueleto, sangue,
Mas ainda tem uma parte mais pra dentro que nossos olhos não podem ver,
nem que abram nossos corpos
É impossível ver a ansiedade e o nervosismo caminhando por ali.
Sentimento não é órgão, não é osso, não é célula,
nem com aparelhos de alta tecnologia podemos ver.
Além de seus efeitos, a felicidade.
Tudo isso se materializa do lado de fora, só se torna algo visível
quando vira movimento: gesto, corpo, mãos, toques, expressões.
Sentimento é movimento: balanço, olhares, digitais, tom de voz.
Sentimento é teatro!
E sentir a mistura e o gosto de cada um ao mesmo tempo
Subir naquele palco, encarar os olhares desconhecidos,
Me senti nua, e tenho me sentido assim com frequência.
Mas dessa vez...
Gostei do corpo exposto, do samba no pé, do corpo falando como a boca,
Amei me sentir sem roupa!

Se colocar no lugar do professor – Por Nathália Amorim⁴⁵



Áudio
Por Nath

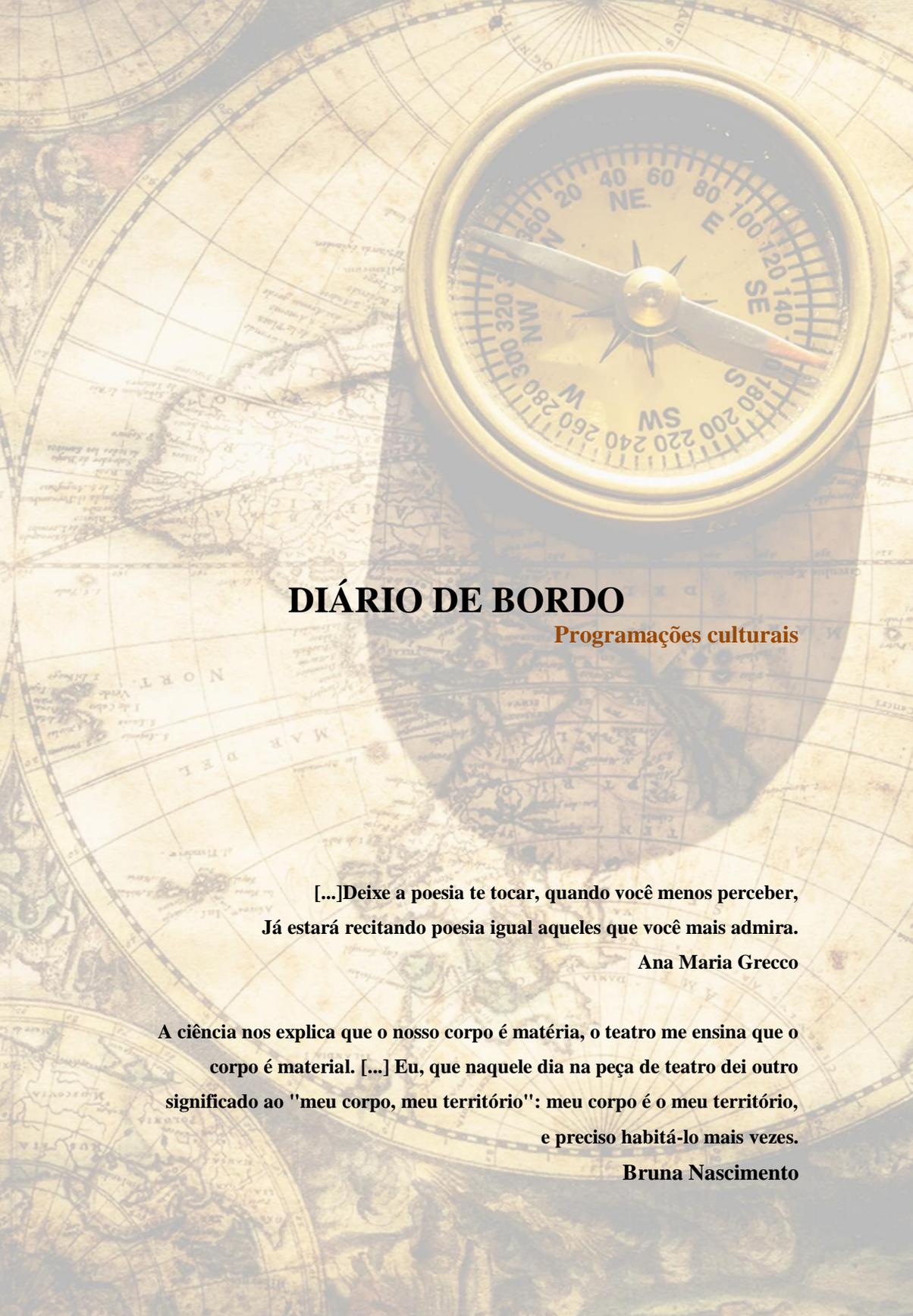
Como é difícil esse lugar. Acredito que, na licenciatura, ninguém os avisa de que as perguntas ultrapassarão, as figuras de linguagem, as equações, as teorias dos filósofos...

As interrogações os perseguirão como sempre. Mas, nessa fase, a interrogação não será o suficiente, ela vai insistir e, até mesmo, pressionar para que responda. Você vai precisar estar preparado, não só para as perguntas relacionadas às matérias, mas sim para todas as indagações, aquelas que você se fazia quando adolescente e que, até hoje, não encontrou resposta. Por muitas vezes, será tratado como se possuísse todo o saber, como se o universo o visitasse todas as noites, trazendo as soluções para esses questionamentos que até você se pega fazendo. Como é duro não dar esse suporte, mas é legítimo para nós, enquanto alunos, entendermos que nem sempre, ou quase sempre, não seremos respondidos e que o silêncio também é resposta! Serão tratados como se tivessem todos os livros gravados na memória, livros que nunca foram escritos, porque possuem conteúdos que a ciência até hoje não conseguiu explicar. Na hora da chamada, a pergunta será como aquele aluno que não falta um dia, e participará o tempo inteiro de todas as aulas. Já a resposta quase reprovará por não alcançar a média de frequência exigida, assim será, não só na escola, mas na vida. Porque vocês são provocadores, nos induzem a pensar, mas não significa que terão solução para tudo que eu perguntar. Hoje, quando subo num palco e olho aqueles corpos buscando sugar o que tenho em mim, entendo um pouco do que sentem todos os dias, dentro de uma sala de aula. É duro não responder, mas até nisso vocês nos ensinam. Aprendemos que a falta de resposta também nos responde algo. Aprendemos mais a cada dia! E em meio a tanto barulho, às vezes o silêncio é o que mais grita.

Se colocar no lugar do professor – Por Bruna Nascimento

Nunca senti, de fato, a empatia sondando um lugar como senti ao sentar em frente a uma sala de aula. Ao estar em lugar de constante questionamento, e sendo alvo de perguntas e declarações que, de alguma forma, me colocaram em uma posição de busca e aconchego, percebi que não temos respostas pra tudo e, mesmo assim, sempre achamos que nossos professores sejam quais sejam, terão. Nunca senti, de fato, a empatia, porque o fato é que nunca me pensei professora um dia e nem cogitei a POSSIBILIDADE de, TALVEZ, em ALGUM MOMENTO, ser esse principal suporte para a formação de um novo indivíduo, me dá sensações extraordinárias mescladas com insegurança. Ser essa escuta de uma pessoa e ser você mesma a pessoa que vai reproduzir falas pra essa escuta, e ter que pensar muito bem nas mesmas, é apavorante! Cada palavra dita, antes mesmo de dizer, tem que ser refletida e quase ensaiada. Uma palavra errada pode mudar tudo ou não mudar nada.

⁴⁵ <https://youtu.be/d1a58fOwDeU> (Áudio poesia)



DIÁRIO DE BORDO

Programações culturais

[...]Deixe a poesia te tocar, quando você menos perceber,
Já estará recitando poesia igual aqueles que você mais admira.

Ana Maria Grecco

A ciência nos explica que o nosso corpo é matéria, o teatro me ensina que o
corpo é material. [...] Eu, que naquele dia na peça de teatro dei outro
significado ao "meu corpo, meu território": meu corpo é o meu território,
e preciso habitá-lo mais vezes.

Bruna Nascimento

Arte é o objeto, material ou imaterial. Estética é a forma de produzi-lo e percebê-lo. Arte está na coisa; Estética, no sujeito e em seu olhar. Existem saberes que só o Pensamento Simbólico pode nos dar; outros, só o Sensível é capaz de iluminar. Não podemos prescindir de nenhum dos dois. (BOAL, 2008, p. 22)

Ao longo do projeto, construindo vínculo e confiança com as mães, iniciei um movimento de levar as alunas a programações culturais. Como elas moram mais distante do Centro e da Zona Sul e, geralmente, os eventos acontecem próximo dessa região, à noite, era preciso que elas dormissem na minha casa. Conseguindo essa autorização, dentro das possibilidades, financeiras e de agenda, pudemos usufruir, juntas, de alguns programas culturais, momentos importantes para o projeto e para o processo ensino-aprendizagem das mesmas.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais legitimam que o ensino em Artes envolve, além da produção artística realizada pelos alunos, a importância de compreensão do que fazem e o que os outros artistas produzem, *pelo desenvolvimento da percepção estética, no contato com o fenômeno artístico como objeto de cultura na história humana e como conjunto de relações.* (PCN, 1998, p. 43)

Nem todas estavam presentes em todos os eventos, entretanto, considerei essa experiência muito importante para o processo, podendo colaborar com a expansão do conhecimento estético das alunas, num caminho de construção de um senso crítico, do gosto e da apreciação das múltiplas linguagens artísticas. Além de contribuir para o desenvolvimento de potencialidades no campo da observação,

percepção, imaginação, interpretação e sensibilidade, elementos fundamentais para quem aprecia e para quem faz arte.

Não basta consumir cultura: é necessário produzi-la. Não basta gozar arte: necessário é ser artista! Não basta produzir ideias: necessário é transformá-las em atos sociais, concretos e continuados. Em algum momento escrevi que ser humano é ser teatro. Devo ampliar o conceito: ser humano é ser artista! Arte e Estética são instrumentos de libertação. (BOAL, 2008, p. 19)

Abaixo as programações que fizemos juntas:

12/10/19: *Slam* das Minas – Edição Final de 2019.
Aninha, Bruna e Nath

13/12/19: CCBB: Exposições: “Egito Antigo” e “Vaievem”
relação entre redes de descanso e a cultura”.
Teatro Municipal: “O Lago dos Cisnes”
Bruna e Nath

26/12/19: Shopping Nova América: Confraternização de Natal.
Aninha, Bruna, Paulinha e Nath

30/01/20: Cinema Estação Itaú: Filme “Adoráveis mulheres”.
Aninha, Bruna, Nath e Paulinha

03/02/20: Monólogo: “A descoberta das Américas”.
Aninha, Bruna e Paulinha

09/02/20: Peça com a Cia Militantes em Cena:
Classe Média no espelho.
Bruna

Gostaria de destacar dois eventos que acreditei serem muito importantes de terem a participação das alunas.

O primeiro foi o “*Slam* das Minas”, primeiro *Slam* que as alunas assistiram. Embora Aninha e Paulinha tenham organizado o “*Slam* das Manas” e Bruna, o “*Slam* Granito”, suas referências foram assistir aos slammers pela internet. Aninha e Paulinha passaram pela formação com o slammer Tom Grito, e Bruna participou de um processo de *Slam* Escolar. Elas estavam com muitas expectativas para esse dia, e foram espectadoras extremamente atentas.

Nesse espaço, existe notoriamente uma performatividade corporal na forma de dizer poesia, além de temas atuais, políticos e sociais serem abordados.

Como bem conclui Alcalde (2016, p. 10): “É preciso mostrar poetas para além dos livros didáticos. (...) É preciso trazer a poesia para a oralidade, para o corpo, para a atualidade”. (NEVES, 2017, p. 107)

Nas regras da batalha de *Slam*, não se pode usar adereços, instrumento musical ou objeto cênico, é o poeta, o corpo/voz e a poesia.

Tudo isso traz teatralidade às performances, pois a necessidade de composição minuciosa obriga os slammers a explorarem o máximo de seus “corpos-vozes”, em sua musicalidade, dinâmicas de respiração e movimentação corporal, presentificando nessa dança-representação, imagens, sentimentos e cores, na busca pela comunicação imediata e urgente. (D’ALVA, 2011, p.123)

Considereei uma experiência muito importante, além de poderem ver diferente dinâmica de um corpo num outro fazer artístico,

também foi importante pelos contextos apresentados nas escritas poéticas das *slammers*. No “*Slam das Minas*”, como já sugere o nome, somente mulheres podem batalhar, homens são bem vindos para ouvirem/assistirem. Questões relacionadas à desigualdade de gênero, machismo, violência doméstica, padrão de beleza, gordofobia, homofobia, estão no cerne do movimento, inclusive a interseccionalidade de tais marcadores.

[...] tais eventos culturais garantem o empoderamento das classes minoritárias e estigmatizadas, dão voz aos emudecidos pelo sistema, valorizam a arte popular, marginal, periférica [...] (NEVES, 2017, p.105)

Pedi para que as alunas presentes nesse dia, Aninha, Bruna e Nath, escrevessem sobre o movimento e a sensação de estar naquele lugar.

Por Bruna Nascimento

Ao falar de poesia, vou tentar não enfatizar muito na língua poética, mesmo que todos saibam que sempre que consegui me expressar, foi poeticamente falando.

O *Slam* é um lugar que traz segurança.

Pra mim, que sou mulher e nunca havia experimentado, de fato, a segurança que eu mesma estou aqui relatando, me senti segura e liberta naquele dia.

Fiquei dias, semanas e meses pensando sobre como dar vida aos sentimentos que experimentei naquele local. Falar de segurança me parecia muito banal, mas entendi que, quando se torna mulher, falar de segurança é raridade, quando não se está falando na ausência da mesma.

E a sensação de segurança me invadiu por completo naquele dia, e eu sabia,

Eu sabia, que nenhuma vida ali seria perdida.

A sensação de segurança naquele espaço invadiu a todos!

De repente, ninguém tinha medo de amar, de falar, de se vestir como quer, de andar, ou de ser mulher...

Quando o *Slam* chegou ao fim, e tive que sair pras ruas, percebi que a vida sem poesia é um tanto assustadora e esquisita. E é por isso que de novo falhei em escrever um texto não poético. Naquele dia, me invadiu segurança e poesia.

Por Ana Maria Grecco⁴⁶



Áudio
Por Ana Maria

Sabe quando você se sente tão confortável
em um lugar que parece que está na sua própria casa?
O Slam tem uma coisa poderosa,
conforta todos aqueles que, por algum motivo,
se sentem tocados pela poesia. E para aqueles que não se sentem representados
em tal espaço, sente... Ouça. Deixe a poesia te tocar,
Quando você menos perceber, já estará recitando poesia,
igual àqueles que você mais admira.
Mas, o que é lindo mesmo é a resiliência e a força de todos aqueles que lutam
pela igualdade, nesse mundo tão machista, hipócrita e preconceituoso.
Então ouça: deixe a poesia te tocar!
E, mano, se você quiser contrariar, vai caçar sua turma pra lá,
E deixe o trabalho duro pra aqueles que sabem lutar.

Embora não tenha escrito uma poesia sobre o Slam, Nathália fez uma escrita inspirada numa conversa que tivemos quando voltamos para casa. Na verdade, foi um jogo que a mesma propôs, enquanto lanchávamos na cozinha. Girávamos uma garrafa na mesa: a pessoa que estava na outra extremidade da garrafa falava uma qualidade e um defeito de quem era apontado pelo objeto. Sugeri que fosse dito o que a gente admirava naquela pessoa e os atos que a gente considerava importante serem revistos pela mesma, não simplesmente no sentido de acusar ou apontar defeitos, e sim uma fala consciente e cuidadosa, que pudesse fazer a pessoa reconsiderar suas atitudes e levá-la a reflexão. Não esperava que Nathália pudesse refletir tanto sobre essa proposta. Apesar de não ter pedido uma poesia desse momento, alguns dias depois, ela mandou a próxima poesia, que considero uma das suas escritas mais maduras e que, inclusive, com a

⁴⁶ <https://youtu.be/P7DNwBlnNGg> (Áudio poesia)

autorização da mesma, mandei para algumas amigas, como pílulas poéticas.

Por Nath Amorim⁴⁷



Áudio

Por Andreia Morais

Sempre tive um apego incontrolável
com muitas coisas, me envolvo intensamente
com tudo que faço, entrego todo o tempo e dedicação
E gostaria que criassem mais horas para o dia, até mesmo aqueles nublados.
Me cobro com constância e exagero
de que preciso me doar pra tudo, no mínimo, o dia inteiro.
Costumo descartar o cansaço, a fadiga, os sentimentos que pulsam aqui dentro
Para estar disponível para o outro a todo momento.
Me tornei a pessoa que socorre o mundo de todos e sinto uma frustração
imensa e um sentimento de incompetência
e inutilidade quando falho na missão de super-heroína.
Sinto que preciso impedir a gilete nos pulsos alheios, o olhar cabisbaixo, a
corda ansiosa pelo pescoço, o corpo sentindo o vento enquanto cai de um
edifício, o carro que está indo de encontro ao outro, a discussão de dois amigos,
o descaso dos políticos corruptos da cidade.
E eu que sempre me cobre constância por ser,
ao meu ver, uma completa quebra de pequenas continuidades,
Me olho, hoje, buscando algo biologicamente inalcançável,
Porque a própria natureza, com ou sem meu consentimento,
Uma hora ou outra vai me fazer parar.
Eu sempre grito e me reprovo, buscando ser o que todos exigem:
a perfeição e a teoria incrível de que alguém sempre tem que continuar!
Você está de pé e seu corpo começa a pesar mais, suas pernas começam a doer,
Mas você insiste, abre alguma rede social, lê a mensagem motivacional, dizendo
que você pode tudo, não desiste!
E você acredita, acredita nas palavras escritas
por um alguém que nunca parava
E, quando parou, nunca mais levantou.
Por isso espalha a ilusão de que você não se levantará mais
Caso sente um pouco e descanse,
Mas, na verdade, não entendeu
Que a quebra da continuidade é o que nos faz constante.
O segredo da vida não está em se manter de pé sempre,
E sim em repousar sempre que preciso para levantar novamente.
Às vezes, a âncora do barco é sua mania de perfeição,
É a sua vontade de controlar tudo ao redor,
São as mãozinhas que você dá para todos e esquece de se ajudar.

⁴⁷ <https://youtu.be/g1XP96djFf0> (Áudio poesia)

**E como? Como respirar com o olhar sufocante do outro insistindo por ajuda?
E como? Como respirar com o olhar sufocante dos sanguessugas?
A verdade é que quando você, que sempre se doou pro outro,
tenta pensar um pouquinho em você, as pessoas simplesmente vão embora por
se sentirem feridas. Mas é importante analisar a importância dessas partidas!
Veja: há uma gritaria! Um barulho ensurdecedor,
Milhares de pessoas clamando por você e rogando para que as ajude.
Conforme notam a falta de retorno, se ferem e vão embora!
Aos poucos o silêncio vai ganhando o espaço, até que o ocupa completamente,
e só assim você consegue ouvir um pedido de socorro permanente,
ignorado por nunca ser ouvido, por nunca ter atenção quando insiste em dizer.
Só assim você nota que o maior pedido de socorro estava vindo de dentro de
você! Parar não é só importante, é a única opção pra chegar até o objetivo.
Sem parar, você vai longe, mas morrerá no caminho.
Você só sentirá a faixa sendo rasgada na linha de chegada,
Se se lembrar de, no caminho, não ignorar as paradas.
Demorei pra aprender e entendi o sentido da jornada: só continua, quem para!**

As alunas nunca tinham ido ao teatro. Já havia visto “A descoberta das Américas”⁴⁸ há muitos anos e lembrei do quanto o trabalho corporal daquele ator havia me impactado. Palco nu, sem cenário, iluminação ou figurino, um ator que desenhava com seu corpo todos os elementos da cena, numa performance cênica primorosa. Quando soube que ele faria apresentação, não pensei duas vezes, organizei para levar as alunas. A expressão de encantamento e admiração delas foi impagável. Por certo, foi uma aula.

Escritas desenvolvidas desse dia:

Por Bruna Nascimento⁴⁹

**A ciência nos explica que o nosso corpo é matéria.
O teatro me ensina que o corpo é material.
Um corpo em cena parece tão pouco se comparado
ao tamanho de um palco ou ao tamanho dos olhos arregalados**



Áudio
Por Bruna

⁴⁸ <https://www.youtube.com/watch?v=RUGFkyYkKws> (QR Code na página 254)

⁴⁹ <https://youtu.be/Om8iMOXxAL4> (Áudio poesia)

e curiosos das dezenas de pessoas focadas somente no que seu corpo fará.
Nosso corpo é um material que nunca teve a oportunidade de usar sem medo, sem preconceito, sem vergonha...
Acho que tem a ver com essa fase desprezível que é a adolescência.
Como adolescente, posso dizer que nunca fantasiei a adolescência: a fase de escolhas erradas, precipitadas, crises de todos os tipos, sentimentos que só queremos deixar de lado...
Mas me sinto menos como uma adolescente na fase de escolhas erradas, precipitadas, crises de todos os tipos, sentimentos que só queremos deixar de lado... Ao passar a minha adolescência no teatro.
Era um homem, uma plateia e diversos olhares diferentes naquele mesmo local.
Disseram-me que, em determinados momentos, eu olhava a cena com certa demência.
O que não vou negar que é verídico.
Esse "olhar de demência" que elas situaram, pra mim, significa parar e apreciar, ter uma visão mais ampla e em câmera lenta...
Reparei como, em alguns momentos, os dedos dos pés desse homem, não tocavam juntos no chão, como ele olhava o que sua sombra fazia nas paredes da sala, e como eu não aguentava o peso do seu olhar sobre mim de vez em quando.
O olhar de demência me desligou da voz daquele homem por segundos intermináveis, enquanto eu só observava o balançar, o correr, o parar do corpo dele.
Eu, que desde de que me recorde escrevo, sempre fui muito curiosa e faminta pela arte.
Eu, que desde o ventre sou mulher, sempre vi a imensa necessidade de ocultar meu corpo aos outros olhos, o máximo que for possível.
Eu, que, naquele dia, na peça de teatro, dei outro significado ao "meu corpo, meu território":
Meu corpo é o meu território, e preciso habitá-lo mais vezes!

Por Maria Paula Grecco

Sempre fui muito ligada ao teatro e, desde que me entendo por gente, amo atuar, mas foram poucas peças de teatro a que eu assisti, e estar presenciando um momento tão mágico e que nunca sai da sua memória é especial.
Na segunda feira, tive a oportunidade de assistir a uma coisa tão peculiar e maravilhosa. Um monólogo, um homem e uma história já tão contada e ensinada, mas nunca vista de uma forma tão criativa. A história da colonização no Brasil é algo que, aprendemos lá no primário e vemos isso em todos os anos de escolaridade. Confesso, dá sono, mas tratar sobre isso no Teatro é algo que nos permite visualizar e imaginar.
Agora, pensa: um homem em um monólogo, explicando do jeito dele a história mais vista e contada. Você deve pensar que ele vai dar uma aula no meio da cena e vai fazer você babar de tanto sono.

Foi isso que eu pensei também, mas a forma como ele encenava era tão fixador e encantador, que não desviei o olhar sequer uma vez.

O seu corpo se movimentava e contracenava a peça inteira.

Não havia momentos de tédio ou de preguiça, ele ocupava tudo, e não tinha como não prestar atenção. Era só o seu corpo explicando e atuando: os animais, os índios, os espanhóis e qualquer outro personagem que entrasse em cena. Nunca tinha visto uma forma tão criativa e, com certeza, eu nunca vou esquecer. Desde que vi a peça, a coisa em que mais almejo agora é poder transformar o movimento e a fala em um espaço tão divertido e inspirador para muitas pessoas.

Escritas produzidas depois da Exposição CCBB: “Vaievem” - relação entre redes de descanso e a cultura”. Sugerir das alunas pensarem da nossa conexão com a natureza.

Por Ana Maria Grecco⁵⁰

Eu não possuía algum tipo de ligação
Super amorosa com a natureza.
Foi quando, em uma bela noite,
Me peguei em minha laje, olhando para a lua,
E percebi que estava errada.
Eu admirava a natureza,
Mas agora tenho motivo para amá-la.
Os intervalos que faço comigo mesmo,
Olhando a lua,
Sem dizer nada, só olhando mesmo,
É, de certa forma, uma demonstração
De afeto e carinho.
Gosto de pensar que a natureza
É uma mulher forte e intensa,
Que nem todos sabem entender ou descrever
Gosto de pensar que temos coisas em comum,
Pois um dos meus únicos momentos de paz
Tem sido na resiliência de falar com ela.



Áudio
Por Ana Paula
Mãe de Ana

⁵⁰ <https://youtu.be/okNp18tozR8> (Áudio poesia)

Por Bruna Nascimento

Sem nos darmos conta, trocamos um olhar ao céu
por horas com a cara em telas de smartphones.
Sem nos darmos conta, trocamos redes de pano por bancos acolchoados
e camas de molas com o dobro do tamanho.
Sem nos darmos, conta trocamos o amor
pelas plantas por séries de desmatamento.
Sem nos darmos, conta as gerações vêm e vão sem saber suas origens.
Estamos cada vez mais longe do que costumávamos ser,
estamos cada vez mais fechando os olhos para aquilo
que, por mais que tentemos, é impossível não ver.
A vida bem vivida virou uma utopia, a "vida bem vivida"
é baseada em mentiras, em olhos fechados,
em olhar torto para o ser humano do lado, a vida bem vivida é seletiva.
Temos orgulho de falar da natureza e até subir hashtag nas redes sociais.
Está contando como luta diária, tornou-se impossível ver a natureza
bem cuidada na esquina de casa.
Tornou-se impossível sentir o perfume das flores
com tanto cheiro de fumaça. Nossa casa pega fogo,
E só me lembro da pergunta que, quando criança, me faziam:
"Sua casa está pegando fogo, quem você salvaria?"
Sempre dizíamos que nossa mãe era a primeira opção.
Mentimos descaradamente. A mãe natureza pega fogo.
E claramente, ao escolher salvar, a primeira opção sempre será a gente.

Por Maria Paula Grecco⁵¹

Todos os dias, nos matam, nos maltratam, nos ferem,
nos humilham, nos jogam fora.
Todos os dias, a nossa beleza
e a nossa delicadeza deixam de existir.
Não merecemos ser tratadas assim,
nós temos muitas coisas boas a compartilhar. Muitas vezes,
nos fazemos brutais para sermos respeitadas, mas, ainda assim,
nunca recebemos o direito devido.
Somos estudadas por anos e conscientizadas por muitas,
mas a sociedade nunca aprende.
Eu e a natureza temos muitas semelhanças,
me rasgam como um papel que foi cortado de mim mesma
e me usam como uma simples folha, e eu não sou só isso.



Áudio Por
Andrea Morais

⁵¹ <https://youtu.be/8RpPf5NqnlQ> (Áudio poesia)

Resumo das programações culturais, pelo olhar de Bruna Nascimento:



Confraternização do Shopping: Chegamos, naquele dia, pra colocar o ponto final no capítulo do projeto que foi 2019. Chegamos e, de repente, Andreia SUMIU. Depois do que pareceram séculos, ela voltou com quatro bolsas enormes e pediu pra escolhermos. Cada uma pegou sua bolsa, que continha um livro dentro. Um pequeno livro com conteúdos extremamente necessários de serem discutidos. Ela pediu para que fizéssemos rodízio dos livros para que todas lessem todos. Aquele encontro passou longe de ser um encerramento, um desfecho como estamos de fato acostumados a ver e a entender como o ponto final de uma história. Mas foi, sim, um encerramento e um desfecho de um caminho que foi lindo e fortemente difícil e doloroso por passar por estradas esburacadas e desniveladas. O caminho foi lindo, mas o encontro deu um desfecho de uma história que ainda havia por onde trilhar.



Peça “A descoberta das Américas”: A primeira ida ao teatro é sempre inesquecível, e, naquele dia, entendemos o que é ser ator, o que é não ter nada além do seu corpo pra fazer arte. Eu nunca imaginei que um dia iria assistir algo assim e que até mesmo alguém pudesse fazer algo assim. Essa peça rendeu diversos assuntos durante semanas e, ainda hoje, quando falamos sobre todos os eventos a que fomos, com certeza é o primeiro a ser lembrado.



Bruna, eu, meu parceiro de vida, Flavio Salgado, e os queridos amigos: Warley e Manu

Peça “A classe média no espelho”: Sempre que eu penso nesse dia, eu penso em como eu gostaria que todas as outras meninas estivessem do meu lado também. Diferente da peça “A Descoberta das Américas”, era um elenco inteiro, que também nos fazia questionar a atual situação política do nosso país, de uma forma exagerada, e que deixa ecoando diversas perguntas na cabeça no fim do espetáculo. É difícil escrever sobre essa peça, a última coisa que me lembro dessa peça é que, no fim dela, a Andreia olhou pra mim e perguntou: gostou? Gostei, é óbvio que gostei. Mas, depois, eu pensei se outras pessoas contrárias às ideias

propostas pelo espetáculo também gostariam? Talvez fosse uma peça de um público só. Talvez tenha faltado cuidado do roteirista.



Meu amigo, o psicólogo
Jair Augusto, Bruna,
Nath, eu e Aninha

Slam das Minas: A experiência do *Slam* das Minas foi, sem dúvidas, uma experiência marcante e única na vida de todas nós que estávamos lá. Naquele dia, não sabíamos o que esperar, mas sabíamos que seria inesquecível. Conhecemos diversas poetas que admiramos e que, até mesmo, nos iniciaram dentro da poesia e no mundo do *Slam*.



Filme “Adoráveis mulheres”: Naquele dia tinha absolutamente tudo pra dar errado. A chuva tomou conta do Rio de Janeiro inteiro, mas parecia que algo não nos deixava desistir de ir ao cinema. Atravessamos ruas alagadas, e mais ruas alagadas... A capa de chuva não foi o suficiente pra impedir que o corpo inteiro de cada uma ficasse completamente encharcado. Se fosse com outras pessoas, eu, com certeza, iria o caminho inteiro reclamando e completamente estressada por termos decidido sair na rua com o mundo acabando em água, só porque queríamos muito ver um filme que nem dublado era. Mas com elas não, fazemos qualquer perrengue virar risada. Assim que entramos no cinema, todos olharam em nossos olhos, como se tivéssemos saído de alguma daquelas poças. A correria foi intensa, já o filme...

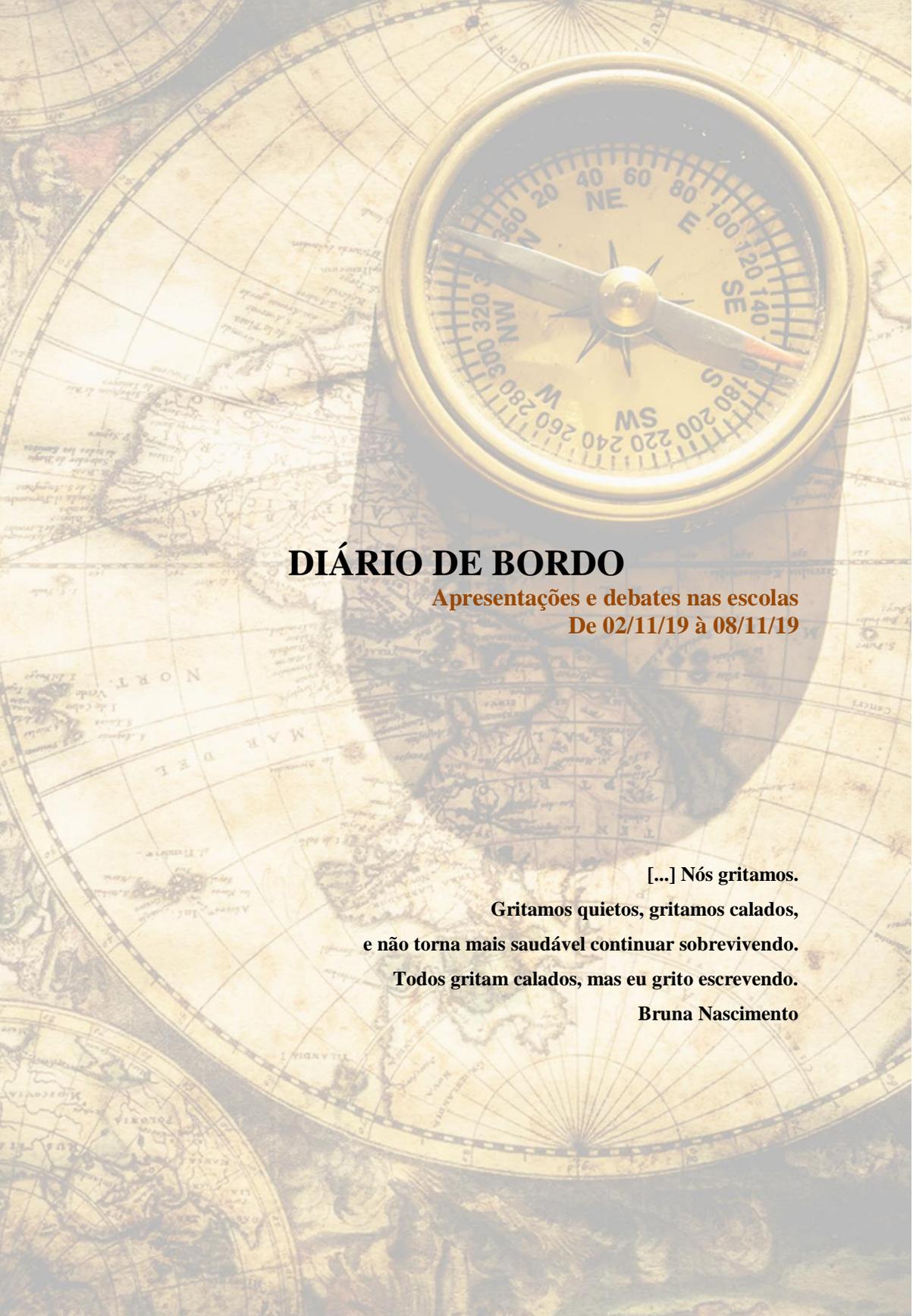
Pelo olhar de Nath Amorim:

O dia havia sido incrível! Na volta, conversamos sobre como o *Slam* era importante. Foi uma experiência nova, inimaginável, que mudou muito a minha maneira de pensar. Quando chegamos em casa, pensamos que só íamos comer e dormir, já estava de madrugada, e a gente estava muito cansada. Sentamos, eu, Bruna, Andreia e Aninha, na cozinha, e ficamos conversando sobre o dia. Do nada eu sugeri um jogo que cada uma falasse um defeito e uma qualidade da outra. De início elas ficaram um pouco desconfiadas, imagino que elas tenham questionado o porquê pensei nisso, mas toparam! Tudo que é proposto é sempre assim. Dá medo, mas a gente sempre topa. O jogo começou bem, falamos nossas qualidades e conseguimos descobrir admirações que tínhamos umas pelas outras que nem sabíamos. E, depois, com cuidado e sinceridade, falamos nossos defeitos. A Andreia ficou responsável por falar um meu, ela disse, com palavras leves e cuidadosas, que eu precisava parar de querer agarrar o mundo inteiro e resolver tudo, que isso fazia mal pra minha saúde mental, que todo amadurecimento precoce não podia me fazer responsável por problemas que não são meus. Foi importante demais ouvir isso. Eu passei a vida inteira me cobrando soluções e responsabilidades que não deviam ser destinadas a mim, e isso custou minha saúde. Nessa época, havia perdido 10kg e cortei o cabelo, tudo pra me encaixar numa rotina completamente corrida.

Emagreci absurdamente e nem percebi.

Depois daquela conversa eu me avaliei, comecei uma nova escrita e passei a me respeitar mais.

Nath Amorim



DIÁRIO DE BORDO

**Apresentações e debates nas escolas
De 02/11/19 à 08/11/19**

**[...] Nós gritamos.
Gritamos quietos, gritamos calados,
e não torna mais saudável continuar sobrevivendo.
Todos gritam calados, mas eu grito escrevendo.**

Bruna Nascimento

Logo após a apresentação no Colóquio, surgiu a ideia de levar a cena poética construída para as escolas. Pensei nessa proposta, por entender a importância de compartilhar parte do que já havia sido montado até então, para poder ter um retorno de como a proposta desenvolvida estaria reverberando nos olhares dos estudantes e o que seria produzido de debate a favorecer o processo de trabalho.

Julgamos que uma educação de qualidade, como a que defendemos, requer a seleção de conhecimentos relevantes, que incentivem mudanças individuais e sociais, assim como formas de organização e de distribuição dos conhecimentos escolares que possibilitem sua apreensão e sua crítica. (CANDAU, MOREIRA, 2007, p. 21)

Conversei com as alunas, que acharam a proposta muito relevante para continuidade do projeto.

As apresentações foram realizadas em quatro escolas, E.M. Coelho Neto, E. M. Charles Anderson, uma escola do Estado, onde Nathália cursava o segundo ano, e outra escola do município, onde eu estava desenvolvendo um trabalho com a equipe do Corpo Expressivo no Espaço Escolar. As apresentações foram oferecidas para turmas de oitavo e nono ano, nas unidades escolares municipais, e para uma turma de terceiro ano do ensino médio no Estado⁵².

O que trarei como narrativa para essas apresentações são os pontos que considere importantes para darmos prosseguimento à construção do trabalho: a forma que alunas e alunos receberam as

⁵² <https://youtu.be/ZivsXcvR9wo>

(Vídeo registro: Apresentação nas escolas. QR Code na página 254)

apresentações, os questionamentos que surgiram a partir delas e os conflitos gerados no momento do debate⁵³. Não, necessariamente, irei especificar o que surgiu em cada escola, mas sim os pontos relevantes para enriquecimento, aprimoramento ou até mesmo mudanças de perspectiva.

Para que pudéssemos ter um retorno mais preciso, sugeri que, após as apresentações, oferecêssemos um debate, onde os alunos espectadores pudessem colocar suas dúvidas em relação ao tema, suas inquietações, opiniões ou até mesmo sugestões.

As apresentações variaram com a representatividade das alunas. Paulinha, nesse período, esteve afastada do projeto, pois estava passando por problemas pessoais. Ficamos felizes quando a mesma superou essa fase e pôde voltar para o projeto. Jenyffer não pôde comparecer aos nossos encontros presenciais, porém a manteve no grupo de WhatsApp, por entender que era um modo possível de sua participação. Jenyffer, além de desenvolver algumas escritas nessa troca virtual, também se colocava em inúmeras questões que surgiam no grupo. Então, tínhamos disponíveis para a apresentação nas escolas o trio Aninha, Bruna e Nath, tendo, em uma das apresentações, a dupla Bruna e Nath, por conta da agenda de prova na escola da Aninha, que a impossibilitou de participar.

Em todas as escolas que apresentamos, antes da cena acontecer, explicava a proposta para turma, falava do projeto e

⁵³ <https://www.youtube.com/watch?v=A1QvhEVIHkM>
(Vídeo registro: Debate nas escolas. QR Code na página 254)

deixava claro que o que estava sendo apresentado fazia parte de um processo de uma pesquisa prática-teórica, uma construção artística educacional e que a participação deles iria contribuir muito para o trabalho.

A primeira apresentação foi realizada pela dupla para a turma de terceiro ano. Considerei um ótimo começo, por avaliar que os alunos mais maduros trouxeram uma perspectiva mais clara sobre a temática abordada. Logo após a apresentação, as alunas espectadoras pediram para falar. Elas relataram inúmeras situações de assédio: na escola, na rua, na condução pública. Eram falas legítimas, cheias de verdade, de indignação, de medo e de cansaço. Percebia que os meninos tinham olhares atentos para o que estava sendo dito, mas não se colocavam. Em todas as apresentações nas escolas, o debate era conduzido com as alunas atrizes liderando o diálogo de frente, numa discussão promovida entre os jovens.

Foi expressiva a participação das alunas. De alguma forma, em todas as escolas, eu estimulava aos meninos a falarem, mas poucos se colocavam, o que pode ser atribuído a inúmeras questões. No contexto apresentado, eles eram os opressores, o que falar em sua própria defesa? Ser machista, muitas vezes, está na cartilha da “boa educação”, na perpetuação de ensinamentos de papéis atribuídos a determinado gênero. Não existe espaço mais propício do que a escola, para questionarmos esses lugares naturalizados e propagados. Nas palavras de Junior (2017, p. 53):

[...] um exercício sistemático de problematização de discursos naturalizados pode ocasionar o desenvolvimento de novas concepções de gênero, de sexualidades e de masculinidades, principalmente entre os rapazes, que necessitam se engajar nas políticas de gênero. Com efeito, as discussões podem contribuir para um maior conhecimento e respeito pelo outro, principalmente pelas mulheres e pelas múltiplas masculinidades presentes nas salas de aulas.

Em uma das escolas, depois de muita insistência para que os meninos pudessem se colocar, e considerando que as falas das alunas espectadoras ficaram significativamente pautadas na marca do assédio, um dos alunos se encorajou e disse que também era assediado pelas meninas nas ruas e que nem por isso ficava reclamando. A reação das alunas foi imediata, elas ficaram enfurecidas, seus corpos estavam prontos para o ataque, falavam ao mesmo tempo, e eu, com o ouvido atento, pude registrar algumas frases vinda das alunas: “Por um acaso você tem que escolher a roupa quando sai de casa?”; “Não acredito que você está comparando a nossa situação com a sua?”; “Quero saber se alguém já encostou em você num ônibus.” O clima esquentou. Fui, junto com a agente educadora dessa U.E., acalmando as alunas, na expectativa de conduzir aquela fúria a diálogos de discussão para o que estava sendo colocado.

Um dos pontos levantados na cena poética é a diferença entre elogio e assédio, e as alunas atrizes retomaram esse trecho, destacando que quando há incomodo no que é dito para uma mulher, isso se caracteriza como assédio. O mesmo aluno insistiu: “mas e quando eu me incomodo com algum comentário de uma garota, não estou sendo assediado?” Foi quando Nathália me surpreendeu com a resposta:

“Sim! Claro! Isso pode ser caracterizado como assédio, você tem toda razão, homens também podem ser assediados, mas vou te fazer uma pergunta: quando você é assediado, você sente medo?” O adolescente olhou sem entender muito bem a pergunta e respondeu que não. Então Nath disparou: “aí está a diferença, muitas vezes, quando sofremos assédio nas ruas, temos medo, porque esse assédio pode se transformar em um abuso maior, em uma violência, que pode até nos levar à morte”. Novamente a turma se agitou e as alunas reafirmaram a fala da Nathália.

Dentro dessa questão do que é ou não assédio, numa outra escola, um aluno fez a seguinte pergunta: “como eu sei se estou assediando uma garota ou não?” As meninas responderam que era preciso estar atento à reação da menina diante do que foi dito, que ela demonstraria, e que a intenção projetada pelo próprio menino também era um indicativo. O menino retomou a pergunta: “e se a menina não demonstrar?” Então, Aninha teve uma fala super importante, disse que era preciso que os meninos ficassem mais atentos aos sinais, que quando algo é desconfortável para uma garota, ela demonstra, e que é necessário que os homens tenham sensibilidade para perceberem.

Ao trazer a fala de que homens precisam estar sensíveis para perceberem os sinais que as mulheres apresentam, Aninha trouxe um deslocamento para os modos de ser masculino/heterossexual naturalizado e cristalizado, construído numa estrutura patriarcal, que define, dentre outros estereótipos, o masculino como o ativo e o feminino como passivo, homem como força, mulher como delicadeza, homem como razão, mulher como emoção. Tais normatizações

ênfatizam o papel do homem nas relações de poder e ressaltam seus privilégios e deveres nas estruturas patriarcais (JUNIOR, 2017, p. 61).

Nessa mesma escola, uma aluna lançou a pergunta: “Como você combate o machismo na igreja, se na bíblia prega que você tem que ser submissa?” Nathalia, que é cristã, respondeu que era necessário, enquanto membro da igreja, levar diversas temáticas a serem discutidas e problematizadas. Defendeu que, assim como é dito na Bíblia, todos os seres humanos devem ter direitos iguais, sejam ricos ou pobres, homens ou mulheres, samaritanos ou judeus. Acrescentou que a bíblia fala que todos nós temos que nos submeter à lei dos homens, e que a nossa Constituição defende que homens e mulheres são iguais, e se nós temos que respeitar a Constituição, mulheres e homens devem ser iguais.

Embora a resposta de Nath tenha sido precisa e coerente, sabemos que na prática, de maneira maciça, a mulher é subalternizada nas religiões mais ortodoxas, com pouco direito à fala, sendo extremamente difícil se posicionar de forma crítica diante daquilo que recebe como verdade absoluta.

Vale ressaltar que vivemos um momento político em que o retrocesso se faz presente. No discurso de manter a integridade da “família tradicional” brasileira, algumas lideranças políticas e religiosas desconsideram, mais do que isso, buscam interromper e impedir os avanços já adquiridos pelos movimentos sociais, responsáveis pela mudança de paradigmas nacional e internacional em relação ao direito das mulheres, não só no campo dos direitos, mas

também na maneira como as relações sociais se apresentam. Como nos diz SILVA, MACIEL, BRABO (2019, p. 165) percebe-se:

[...]uma precarização na continuidade desse processo de reconhecimento da cidadania, direitos e identidades de pessoas que estiveram oprimidas, excluídas e violentadas à medida que permaneceram invisíveis historicamente. Precarização que vai ser expressa e materializada em um movimento nacional, ainda que acompanhando uma onda internacional do conservadorismo, de resistência já na passagem para o século XXI, quando as reivindicações propostas pelos movimentos sociais são alcançadas e transformadas em medidas/políticas sociais. Tal movimento toma forma na segunda década desse século, já sob efeitos das medidas feitas nas políticas públicas educacionais, o que despertou o interesse dos setores constituintes desse movimento, para retardar, impedir e retroceder na dimensão político-histórico-social do país, mostrando-se principalmente quando se estoura, a nível nacional, as discussões em torno dos novos documentos de educação para os próximos anos.

A experiência que Nathália vive na igreja que frequenta está longe de ser a habitual, mas destaco a relevância da pergunta e da resposta dada pela mesma.

No final de uma apresentação, em uma das escolas, dois alunos quiseram falar conosco no privado, pois ficaram com vergonha de falar para toda a turma. Um menino contou que estabeleceu, na relação com sua namorada, um código de limite, o que ele chamou de “avançar o sinal”. Contou que quando a namorada fala NÃO com ênfase, ele compreende que tem que parar, e faz uma alusão à frase: “Não é não”.

Já a aluna contou que tem sofrido com a desconfiança dos seus pais quanto à sua orientação sexual e narrou que os pais a acham muito masculinizada, por ter cortado o cabelo e por escolher vestir roupas mais soltas, que não marquem tanto seu corpo. Contou-nos que cortou os cabelos e usava esse “tipo” de roupa devido aos inúmeros assédios que sofria no caminho para a escola e que não sabia como contar isso aos pais. As meninas sugeriram que ela pudesse conversar com quem se sentia mais confortável para falar sobre o assunto, a mãe ou o pai, ou alguma tia, e que, a partir disso, seus pais poderiam entender seu sofrimento e suas escolhas. Percebemos que a aluna se sentiu acolhida e disse que iria conversar com sua mãe.

A maneira como os pais veem as escolhas da filha ao “adotar” um estilo deflagra os estereótipos atribuídos ao gênero. A preocupação com a orientação sexual da mesma impedia que os pais vissem que a filha estava em sofrimento.

“*Vocês podem ser feministas, por que a gente não pode ser machista?*” Disparou o aluno durante um dos debates. As alunas dessa turma desataram a falar depois de ouvirem essa frase. A turma ficou extremamente agitada. As alunas atrizes demonstraram certo incômodo com a colocação. Então, Bruna respondeu: “a grande diferença é que o feminismo é um movimento que luta pelos direitos da mulher, em prol da igualdade entre a mesma e o homem, e o machismo é um preconceito, onde o homem se coloca num lugar de superioridade à mulher, favorecendo o gênero masculino em detrimento ao gênero feminino. Não temos como comparar uma luta com uma discriminação” (sic).

Um breve aparte...

A escola que acabei de citar foi uma U.E onde atuei no segundo semestre com minha equipe do projeto “O Corpo Expressivo no espaço escolar”. Realizávamos o trabalho com uma turma de nono ano. Como característica do nosso setor, discutíamos temáticas que eram relevantes para os adolescentes, e o assunto da desigualdade de gênero surgiu de forma expressiva com esse grupo de alunos.

Em nosso primeiro encontro, uma das alunas nos chamou a atenção. Seu corpo estava frequentemente em posição de ataque ou se remexendo. Quando os meninos se colocavam de maneira machista, ela respirava de forma ofegante, como se a qualquer momento fosse “dar o bote”. Seu corpo parecia não caber na cadeira, tamanha expressão de indignação com o que ouvia. Ao longo dos encontros, fiquei muito atenta à essa aluna. Ela relatou que as atitudes machistas dos meninos a faziam sofrer muito, e que isso acontecia não só na escola, mas no mercado de trabalho, por não terem condições iguais aos homens. Disse que a escola era lugar para falar sobre isso, pois iriam viver isso fora dali também. Percebi na sua fala um misto de fúria e mágoa. Além de demandas relacionadas à desigualdade de gênero, sua subjetividade era atravessada por questões raciais. “Mulheres negras, particularmente aquelas que escolheram ser sujeitas radicais podem se mover em direção à transformação social que irá abarcar a diversidade de nossas experiências e necessidades” (Hooks, 2017, p.127).

Embora Aninha e Paulinha se autodeclarem negras, o marcador raça não surgiu como temática nas escritas e também não apareceu nas improvisações e/ou jogos sugeridos. Entre as diversas declarações dessa aluna, mais uma me chamou a atenção e me convocou a fazer o convite para que ela entrasse no projeto de mestrado. Em uma roda de conversa, falávamos sobre *bullying* e todos os males que determinados comportamentos nos trazem. Essa aluna disse que sofria por ser negra: “Eu me olho no espelho e choro, choro, choro. Eu não gosto do que vejo, mas, em outros dias, eu me olho e me amo” (sic).

Quando encaro essa imagem, esse olhar negro, algo em mim se despedaça. Eu preciso recolher os pedaços e cacos de quem sou e começar tudo outra vez, transformada pela imagem. (Hooks, 1992, p.42)

Discutir interseccionalidade no projeto era um desejo, por entender a necessidade de se incluir nos debates de gênero questões relacionadas ao debate de raça. “Um dos objetivos é identificar mecanismos para que instituições trabalhem em conjunto para garantir que a discriminação racial que afeta mulheres e a discriminação de gênero que afeta mulheres negras sejam consideradas mutuamente e não de uma maneira excludente” (CRENSHAW, 2002, p.8). “A interseccionalidade sugere que, na verdade, nem sempre lidamos com grupos distintos de pessoas e sim com grupos sobrepostos” (CRENSHAW, 2002, p.10). Sabemos que, na educação, nos relacionamos com alunas de classes desfavorecidas e muitas meninas negras, o que as colocam nesses grupos sobrepostos e as fazem

enfrentar discriminações de classe, gênero e raça simultaneamente. Não podemos negar a necessidade de isso ser discutido e refletido no contexto educacional.

Comuniquei à minha equipe que iria convidar a aluna para fazer parte do meu projeto de mestrado. Busquei, junto à direção da escola, o contato da mãe. A princípio, estava tudo encaminhado para recebermos mais uma aluna no projeto. Conversei com as outras meninas, que já sabiam do meu desejo em discutir essa temática, e falei do convite feito à aluna. Elas ficaram ansiosas. Sugeri fazermos uma apresentação nessa escola, pois já seria uma oportunidade de elas se conhecerem. E assim aconteceu.

Todas estavam eufóricas para se encontrar. Ficou evidente o esforço que a aluna fez para participar do debate depois da apresentação. As meninas ficaram encantadas com ela – até a segunda página. No mesmo dia, já no final da tarde e início da noite, vi que alguém havia criado um novo grupo no WhatsApp, era Bruna. Ela mandou um áudio narrando o incômodo que sentiu com a entrada da nova aluna, não por ser essa aluna em específico, mas pelo fato da entrada de uma nova integrante interferir em tudo que já havíamos vivido até ali. Ela não conseguiu nomear exatamente o que sentiu, mas contou que se sentiria exposta em sua escrita íntima. Aninha concordou e disse que isso iria mexer com a intimidade delas. Nathália foi a única que não demonstrou incômodo, ao contrário, disse que adorou a entrada de uma nova aluna, que isso iria enriquecer o trabalho e que acreditava que elas iriam aprender muito umas com as outras. Nathália fez um apontamento muito interessante, dizendo que

era natural termos medo do novo. Reforcei a fala da Nathália e acrescentei que tudo vivido até aquele momento não seria perdido, que a entrada de outras pessoas, no caso, dessa aluna, era para garantirmos as representatividades e o reconhecimento de se ver no outro, ou melhor, na outra. Concluí que deveríamos pensar na entrada dela como um começo de uma nova etapa, que nada iria se anular, somente se fortalecer, mas reforcei que era importante falarmos de todos os sentimentos que foram provocados durante o processo, que esse sempre deveria ser o caminho.

A partir da fala da Nathália, em que “é natural termos medo do novo”, sugeri que elas desenvolvessem a escrita a partir da frase: “**O que o novo te provoca?**” e surgiram as escritas abaixo.

Por Bruna Nascimento⁵⁴

**O planeta em que vivemos
tem aproximadamente sete bilhões de pessoas,
e todos os dias, ao andar na rua,
esbarramos com centenas delas
e, dependendo do local frequentado,
talvez até milhares de pessoas diferentes todos os dias.
Nunca estamos de fato preparados para o efeito que causa
as pessoas que entram em nossa vida e, talvez por receio, medo,
e até pânico, não saímos da caixinha.
A exposição involuntária assusta por termos medo de sermos nós mesmos,
Medo de sermos vulneráveis, medo de sentir.
Seguimos mascarando a sensibilidade,
tratando com uma pitada de falsidade nós mesmos,
negando a existência de sentimentos que existem e resistem para serem notados.
Até que ponto chegaremos por negar o inegável,
por tornar realidade o que é somente utopia,
por silenciar o incalável, tentando abafar a voz de quem grita?**



Áudio
Por Mônica
Mãe de Bruna

⁵⁴ <https://youtu.be/2-1xZ2aS84o> (Áudio poesia)

Estamos predestinados a silenciar a nós mesmos.
Nós gritamos. Gritamos quietos, gritamos calados.
A possibilidade de sentir nunca vem ao caso,
como se reprimir-se fosse mais fácil.
Nós gritamos. Gritamos quietos, gritamos calados.
E não torna mais saudável continuar sobrevivendo.
Todos gritam calados, mas eu grito escrevendo.

Por Ana Maria Grecco⁵⁵

O Novo é como um planeta jovem,
com pessoas diferentes e cores diferentes.
Quando temos o nosso primeiro contato
com o novo nos protegemos, ficamos com medo,
nos fechamos e colocamos uma armadura para
nos protegermos daquilo que não conhecemos.
Mas quando se tem convivência, o novo se torna velho, o medo se torna afeto,
tiramos nossas armaduras e, no lugar delas, colocamos sorrisos
e fazemos que todo esse medo se transforme em alegria.
Porém esse processo demora um bocado,
por isso não devemos julgar o novo,
E sim esperar até o certo momento, onde o broto se torna flor.



Áudio
Por Andreia Morais

Por Nath Amorim

Como nomeia aquilo que não tem nome?
Se eu fosse colocar pra fora tudo que está aqui,
preocuparia todos, e a preocupação é tão cansativa...
Por que eu fico doente sabendo o que é a cura?
Será que sou uma farsa escondida nesse poço cheio de ética e moral?
Será que fiz tudo pra ser tão diferente
e descobri finalmente que sou tão igual?
Será que o cansaço é mesmo tão comum?
Ou quando a gente deita descobre que não existe descanso nenhum?
Por que fomos jogados nesse desafio diário, sendo obrigados a socializar?
Se a vida com outro é mais multiplicar problemas do que somar alegrias.
Será que soa egoísta cansar de compartilhar suor no calor do meio-dia
Quando à meia-noite só resta eu? Por que a controvérsia me atingiria?
Se tudo que eu queria era que entendesse sem que eu precisasse explicar,
Por que eu diria?
Se o sentimento supre os silêncios, mas, para isso, você precisaria silenciar,
E eu, que passei a minha vida em meio ao barulho, como iria te cobrar?

⁵⁵ <https://youtu.be/KA3IFHZ9r5o> (Áudio poesia)

**E eu, que sempre me silencieei, como iria te falar?
E eu, que sempre erreii e nem sei a sensação de acertar,
Talvez tenha medo do novo, do acerto e prefira falhar.**

Infelizmente a aluna não entrou no projeto. O convite realizado em novembro foi se estendendo em inúmeras tentativas para que a adolescente estivesse presente a cada novo encontro que acontecia. Porém, além de sua mãe, naturalmente, querer acompanhá-la em seu primeiro dia e ter dificuldade de conciliar agenda por conta do trabalho, também houve o episódio de seu pai ficar doente, e a aluna ser a única pessoa que poderia ajudar a mãe a cuidar do pai. A investida se perpetuou até janeiro, quando cheguei à conclusão de que não era possível esperar pela entrada da aluna, visto a necessidade de avançar no processo.

Voltando à apresentação, naquele dia, na escola, gostaria de destacar a rica contribuição que pude receber de minha amiga de equipe, a psicóloga Camilla Oliveira, e da queridíssima amiga e parceira de trabalho, com quem pude aprender muito no setor em que atuo, a professora Valéria Neves.

Valéria pontuou que, durante a apresentação, pode observar os alunos que assistiam e perceber certa inquietude em alguns, principalmente nos meninos, e sugeriu que o grupo pudesse ter meninos na sua composição, para que eles se sentissem representados e pudessem ter uma outra escuta para a apresentação. Essa ideia já vinha sendo discutida com as alunas, já havíamos levantado a possibilidade de convidarmos meninos para participar do trabalho. Nas outras escolas, já tinha percebido esse mal estar entre os meninos, o que me preocupou. Acredito que, por vezes, é necessário algum mal

estar para provocar mudanças, mas o problema é quando isso provoca afastamento e/ou compromete a escuta. O trabalho se propõe a sensibilizar os alunos, trazê-los à reflexão de alguns de seus atos que tantas vezes são nocivos às meninas. Mas é preciso entender que os meninos também sofrem, que também precisam e devem ser acolhidos em suas questões.

Quando levei esse ponto para minha orientadora, ela me alertou para eu ter cuidado, pois não seria possível acolher tudo que aparecesse no caminho, que era preciso ter claro qual era o objetivo do projeto, para não correr o risco de sempre ir ampliando e trazendo novas questões e consequentes desdobramentos.

Considerarei essa orientação extremamente valiosa, pois me trouxe uma perspectiva do que já havia construído até então. Em verdade, percebi e defendi que era preciso encontrar um caminho, a partir da linguagem cênica, onde essas alunas precisavam ser ouvidas sim pelos meninos, sem necessariamente termos meninos em cena, em que eles pudessem ser representados, não numa perspectiva de falar por eles, mas falar para eles e fazer com que eles ouvissem. Percebi que a lógica de colocar meninos em cena para que eles ouvissem as meninas poderia ser uma reprodução de uma lógica machista, em que homens não escutam mulheres. É preciso constituir proposições para que isso não se perpetue.

Mais à frente, percebi o quanto poderia ser difícil trazer para o projeto a questão da interseccionalidade de gênero e raça, devido ao avanço das discussões e desenho que já vinha sendo desenvolvido no processo. Considerarei que, de alguma forma, discussões sobre a

temática foram balizadas com o grupo de alunas, sem grandes aprofundamentos, porém numa perspectiva de como os diferentes preconceitos que sofremos nos impossibilitam e nos violentam ainda mais, que podemos e devemos trazer essa questão como uma bandeira para o movimento, considerando o lugar de fala de cada uma.

Um dos equívocos mais recorrentes que vemos acontecer é a confusão entre lugar de fala e representatividade. Uma travesti negra pode não se sentir representada por um homem branco cis, mas esse homem branco cis pode teorizar sobre a realidade das pessoas trans e travestis a partir do lugar que ele ocupa. (RIBEIRO, 2019, p.82 e 83)

Outra questão levantada pela Valéria foram os temas que surgiram a partir do debate, que os mesmos deviam ser aprofundados, que era preciso ouvir muito bem todos os lados antes de se colocar tão à frente de uma fala contundente. Destacou que estávamos em uma escola, e que tínhamos que cuidar, pois, muitas vezes, algumas falas poderiam ser mal interpretadas e deturpadas em suas reproduções, principalmente no sentido de como isso poderia chegar em casa.

Concordei que tínhamos que estar atentas e fortes, e que isso não poderia nos desencorajar de tocar em temáticas que precisam ser debatidas na escola, são os riscos que corremos quando tratamos de tais assuntos no universo escolar. Porém acolhi e entendi perfeitamente a fala de Valéria, que nos alertou e sinalizou que era preciso encontrar modos de falarmos com cuidado e responsabilidade.

Camilla perguntou às meninas como elas se sentiam apresentando esse trabalho. Nathália destacou que tinha sentimentos diferentes na apresentação e no debate. Todas, de alguma forma,

falaram que se sentiam expostas com as perguntas que chegavam. Minha condução sempre foi na direção de deixá-las à frente nos debates, na busca de um diálogo que fosse promovido de jovem para jovem. Nos encontros, sempre deixei claro que elas não precisavam e não tinham que saber falar sobre tudo, que isso fazia parte do aprendizado e que estaria ali por perto, sendo esse suporte numa maior necessidade. Mas percebi que era preciso estar mais atenta aos sinais. Nada é óbvio. Não, necessariamente, por termos uma relação mais aberta possível, significava que tudo seria dito. Embora elas falassem com desenvoltura e firmeza, talvez tenha faltado, de minha parte, perguntar mais claramente como elas se sentiam naquele lugar. Não gostei de saber que elas se sentiam expostas.

Camilla também ponderou que, para o debate, elas poderiam levar mais perguntas, produzir um campo de questionamento e argumentação, evitando dar respostas com opiniões próprias e, de certa forma, assertivas.

As colocações de Camilla trouxeram para o meu campo de pensamento a necessidade de reforçar a comunicação, a expressão e a reflexão que o teatro é capaz de oferecer. Era preciso pensar numa estética entre o teatro e a poesia que afetasse alunos e alunas em toda potencialidade que existe no lugar da arte na educação e no mundo. “O artista mostra o escondido, não o óbvio, e nos faz entender através dos sentidos – torna consciente o que estava em nós impregnado (Boal, 2009, p. 57).

No tempo, surpreende o instante; no espaço, o invisível. No teatro – a mais complexa de todas as artes porque a todas inclui com suas complexidades –, os artistas (cidadãos) devem fazer-nos ver o que temos diante do nariz e não vemos, entender o que é claro e nos aparece obscuro. Disse um camponês do MST: “O Teatro do Oprimido é bom porque nos ensina tudo que já sabíamos!” (Boal, 2009, p. 57).

As contribuições de ambas foram importantes para pensarmos nessa etapa do processo. Com olhares de fora, pudemos ponderar, avaliar, discutir, com mais elementos e indicações, em que caminho estávamos e como seguiríamos dali pra frente.

A escolha de entrar na escola com o que havia sido produzido até aquele momento e a promoção dos debates foram fundamentais e primordiais para continuidade do projeto.

Temas como aborto, assédio por parte dos professores, rivalidades entre as meninas (inclusive, muitas vezes, estimuladas), deturpações do movimento feminista, culpabilização da vítima, violência doméstica, feminicídio, masculinidade tóxica e tantos outros delicados assuntos surgiram nos debates promovidos. Não podemos e não devemos isentar a escola da discussão de questões de extrema relevância e necessárias à promoção de mudanças no ambiente escolar e fora dele. Ficou evidente a importância de parcerias na U.E., tanto com outros agentes da comunidade escolar, de professores a direção, quanto de órgãos e entidades de proteção à mulher e, no caso da escola, de proteção à criança e ao adolescente.

Tive o cuidado, em cada escola, de solicitar a participação de um ou mais professores que se disponibilizassem e se interessassem

pela temática abordada, por entender que esse trabalho poderia ecoar após a apresentação, além de considerar a possível continuidade da discussão do tema ou, ainda, pelo cuidado de acolher o que pudesse surgir. Felizmente, todos os colegas que estiveram presentes foram participativos e atuantes.

A seguir, o modelo do questionário preenchido pelos alunos, no final da apresentação/debate, que chamamos, nesse momento, de “O olhar no espelho”.

Avaliação da cena e do debate “O olhar no espelho”

1. Como você avalia o encontro de hoje? Por quê?



(Regular)



(Bom)



(Muito bom)

2. Você acha importante discutir sobre esse tema na escola? Por quê?

3. Que pontos negativos e positivos que gostaria de comentar?

Nas quatro escolas, 160 alunos assistiram e avaliaram da seguinte maneira:

Regular: 05 alunos **Bom:** 31 alunos **Muito bom:** 124 alunos

Trechos e pontos relevantes retirados dos questionários:

1. Como você avalia o encontro de hoje? Por quê?

- ✓ O feminismo se trata de uma causa muito importante para a sociedade;
- ✓ Foi algo falado com muita naturalidade, já que é considerado um tabu;
- ✓ Ajudou muito com minhas dúvidas;
- ✓ Acho importante falarem desse assunto, principalmente nas escolas, que é o lugar em que mais acontece e acham “bonito” para os meninos;
- ✓ Nunca falamos sobre isso abertamente na escola;
- ✓ Me fez entender mais sobre o assunto;
- ✓ Foi um debate para pensar fora da caixa e sair da caverna;
- ✓ O tema é importante para acabarmos com o preconceito enraizado há séculos, chamado machismo;
- ✓ Eu, mesmo sendo homem, sei como isso é importante para as mulheres.

2. Você acha importante discutir sobre esse tema na escola? Por quê?

- ✓ Sim, porque estamos formando nossas opiniões, e as pessoas precisam entender que o feminismo é importante e nos ajudará no futuro;
- ✓ Acho importante, porque passamos por isso constantemente e não temos voz;
- ✓ Sim, porque existem meninas que passam por alguma situação e não conseguem se abrir. Com a peça, veem que seria algo benéfico para si, “por pra fora”;
- ✓ Sim, ajuda muitas alunas e alerta, porque, às vezes, a pessoa não enxerga quando está nessa situação;
- ✓ Muita gente precisa saber o que nós, mulheres, passamos, e foi muito interessante a forma como foi apresentado;
- ✓ Sim, porque as meninas sofrem assédio;
- ✓ Não devemos nos calar;
- ✓ Muitas meninas são vítimas dentro da escola;
- ✓ Maravilhoso! Vocês representaram mulheres que tem medo de falar o que pensam;
- ✓ Sim, porque, na escola, nós recebemos a educação necessária para levar para vida inteira;
- ✓ Sim, pois ajuda na construção do caráter dos jovens e das crianças. Muito necessária a continuação do assunto;
- ✓ Sim, porque, infelizmente, tem muito machismo nas escolas;
- ✓ Sim, porque é necessário conscientizar as pessoas, precisamos lutar muito pra ter o mínimo de segurança;
- ✓ Sim, porque é um assunto recorrente e deve ser muito evidenciado, não só pelas mulheres, mas pela sociedade como um todo;

- ✓ Sim, porque, com discussões como essas, não só as mulheres, mas os homens podem abrir a mente de um amigo que tenha uma forma machista de agir;
- ✓ Sim, porque tudo isso melhora as gerações futuras;
- ✓ É fundamental discutirmos sobre o papel da mulher na sociedade e o feminismo. Esquema de apresentação muito interessante.

3. Que pontos negativos e positivos que gostaria de comentar?

❖ Pontos negativos:

- ✓ A mulher deveria, nas discussões, falar de uma maneira melhor, pois muitos homens se sentem oprimidos;
- ✓ Eu me senti desconfortável quando algumas colegas disseram que nós, homens, temos “tendência” a esse tipo de coisa.

❖ Pontos positivos:

- ✓ Contexto;
- ✓ A interação;
- ✓ As respostas pós-peça;
- ✓ A forma de expressão;
- ✓ Como disseram para nós, mulheres, termos coragem;
- ✓ As poesias me tocaram de verdade;
- ✓ Gerou discussões saudáveis;
- ✓ Entender o constrangimento que uma mulher passa.

Considerarei as respostas expressivamente positivas. Os pontos apresentados pelos alunos contemplaram os objetivos na realização dessa etapa do trabalho. É muito importante ver o quanto as meninas se sentiram representadas, a percepção dos alunos sobre a importância de falarmos sobre esse tema na escola, como um lugar propício para discussões que nos constituem como sujeitos. Relevante, também, foi o fato de eles destacarem como a linguagem comunicou e como alguns se identificaram com a escrita poética. As falas chegaram até os alunos, que apontaram naturalidade e espontaneidade na atuação das alunas atrizes.

Resumo das apresentações/debates, pelo olhar de Nathália:

O primeiro colégio em que nos apresentamos foi o meu. Minha diretora aceitou a ideia de primeira, e, no dia, recepcionaram muito bem a Andreia e a Bruna. Aninha não pôde ir, e Paulinha estava afastada do projeto nessa época. Tivemos que, um pouco antes da hora, passar a peça só com duas. Foi um pouco complicado, mas eu e Bruna conseguimos fazer bem, para uma primeira vez... Era uma turma de terceiro ano. Na apresentação, deu tudo certo, não esquecemos as falas, e a turma até que prestou atenção. No final da apresentação, abrimos para o debate, e a turma se soltou muito, os meninos participaram demais. Mas teve um menino, em específico, que nos chamou muita atenção, ele não teve medo algum de disparar suas perguntas, algumas, como: "E quando uma menina mexe comigo na rua, também é assédio?!" As alunas foram à loucura quando ele disparou essa, inclusive, essa postura mais agressiva fez com que alguns meninos ficassem com medo de opinar e participar da conversa. O debate super fluiu. No fim, como de costume, passamos um papel perguntando o que acharam e, depois, recolhemos. Foi a apresentação mais legal, importante e divertida que fizemos.

Nath Amorim

Escola do Projeto do Corpo expressivo

Chegamos ao colégio – ainda tínhamos bastante tempo, subimos para uma sala para ensaiar. Quando estávamos passando as cenas, Andreia falou sobre se movimentar mais, sobre o corpo, e, na mesma hora, me veio a frase: "sou corpo, exposto, vendido...", na mesma hora, saí da cena e anotei essa frase, foi nesse dia que comecei minha escrita sobre o que é ser mulher. Seguimos o ensaio. Andreia notou que Bruna não estava com a cabeça ali e pediu para a gente parar. Ela disse que nem sempre estamos bem e que é importante a gente tentar externar isso uma para a outra. Andreia sempre pede para a gente não se desrespeitar, ela repetiu isso inúmeras vezes no decorrer do trabalho, que qualquer incômodo, seja relacionado ao trabalho ou fora, precisava ser dito e que ela respeitaria nosso momento. Bruna começou a chorar. Andreia acalmou ela e pediu, como sempre fazia, para que nos abraçássemos. (Off: Eu sempre amei esse momentos, a gente ficava um tempinho abraçada e aquilo fazia tão bem, com certeza essa é uma das lembranças que mais me marcaram). Depois do ensaio, nos sobrou um tempinho, e Andreia foi resolver algumas coisas fora da sala, e a gente acabou se trancando na sala. Foi muito engraçado.



A apresentação foi tranquila, deu tudo certo, a gente não estava tão nervosa, fluiu muito bem. A turma ficou meio tímida durante o debate, conseguimos argumentar e tocar em alguns assuntos importantes, como a questão do aborto, mas não nos aprofundamos, porque sabemos que é um assunto sério demais. Depois de tudo isso, fomos para uma sala e conhecemos a aluna, nova integrante do projeto. Fomos para uma sala com Valeria e Camilla, e elas conversaram sobre a importância e sobre o perigo desse trabalho dentro das escolas.

Nath Amorim

E. M. Charles Anderson (Não lembro de muita coisa)

A apresentação foi tranquila, deu tudo certo, a gente não estava tão nervosa, fluiu muito bem. O debate foi interrompido algumas vezes pela dispersão dos alunos, visto que era uma turma mais nova. As meninas falaram bastante sobre situações de assédio que sofreram dentro da escola. Uma pergunta que me deixou de cabelo em pé, por ser a única cristã do grupo, foi uma menina que me pediu dica de como combater o machismo dentro da igreja evangélica. No final, uma menina quis conversar com a gente, ela contou que tinha o cabelo bem grande e que resolveu cortar porque era muito assediada na rua. Por conta dessa decisão, os pais dela passaram a questionar sua sexualidade.

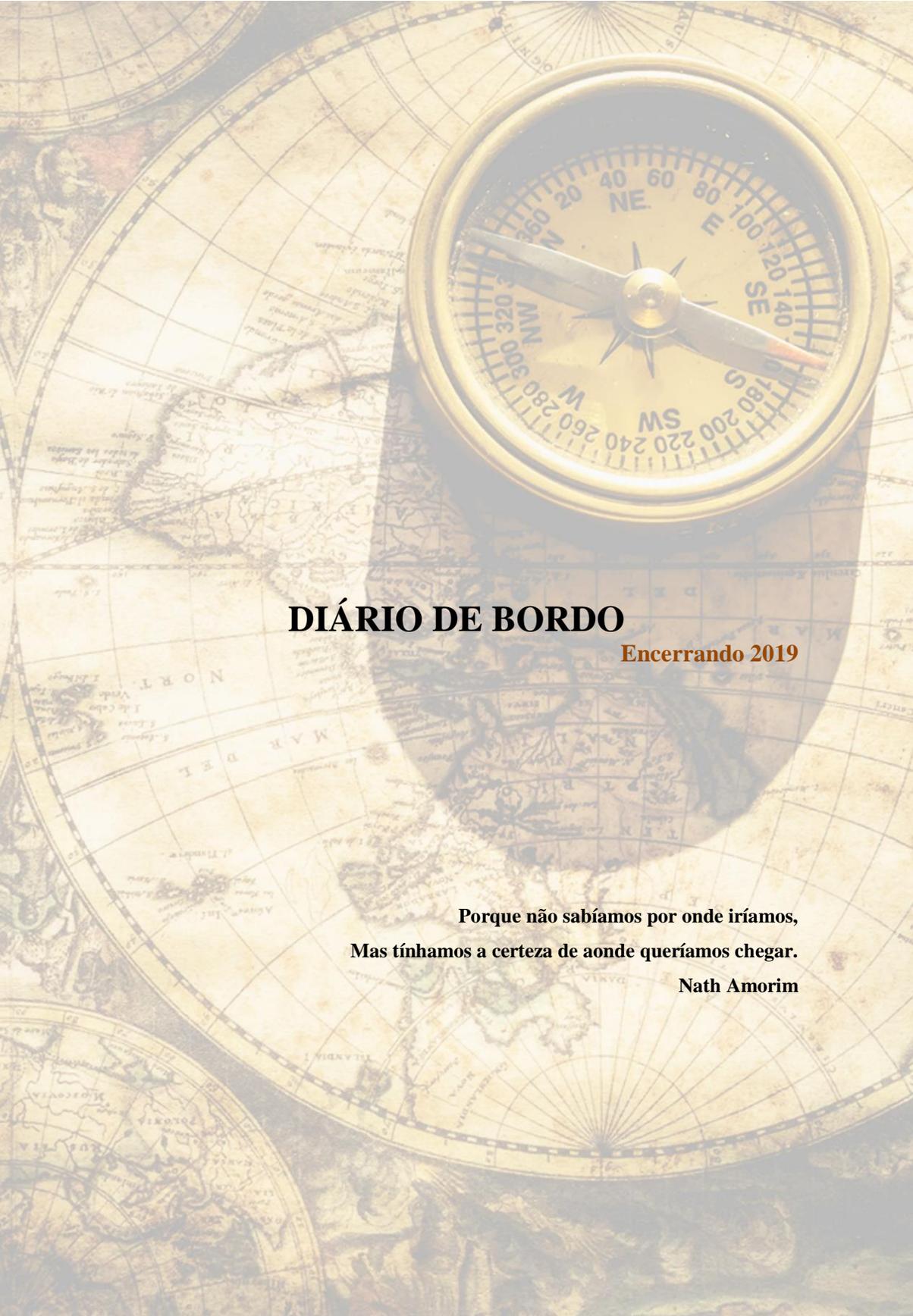
Nath Amorim

E. M. Coelho Neto

Lembro que, nesse dia, meu ônibus demorou demais, mas consegui chegar. As meninas já estavam ensaiando no auditório, e cheguei me entrosando nas cenas. Passamos várias vezes, a acústica lá não era muito boa, fazia muito eco. A turma era mais nova. Na apresentação, os alunos ficaram dispersos, riram em alguns momentos e conversaram também, não foi muito legal. A gente se perdeu um pouco, por conta do espaço, por ser grande, foi difícil. No debate, quase ninguém perguntou nada, os professores participaram mais que os alunos. Essa foi a única apresentação que eu não gostei. Mas valeu de experiência.

Nath Amorim





DIÁRIO DE BORDO

Encerrando 2019

**Porque não sabíamos por onde iríamos,
Mas tínhamos a certeza de aonde queríamos chegar.**

Nath Amorim

Depois que passaram as apresentações, fechamos o trabalho no ano de 2019 e só nos encontramos na nossa confraternização, que aconteceu no dia 27 de dezembro. Tivemos a feliz notícia de que Paulinha estava voltando para o projeto. Nesse dia, pedi para as alunas que escrevessem sobre o nosso processo desde quando iniciamos, em junho/2019, como uma espécie de retrospectiva. Presenteei-as com livros de bolso feministas.



Confraternização Shopping Nova América

Escritas da retrospectiva:

Por Bruna Nascimento⁵⁶



Áudio
Por Bruna

Peguei a mala, coloquei nela minhas poesias
e parti ao meu destino.
Chegando lá, sentei tranquilamente,
mas com uma ansiedade incontável
que me consumia por completo.
Quando a hora chegou, eu me sentia completa,
pronta e, principalmente, preparada para decidir.
Respirei fundo, contei calmamente até dez, dando pausas consideráveis entre
um número e outro, na intenção de acalmar o coração acelerado. Eu disse sim.
Disse sim, sabendo como seria difícil,
Disse sim, sabendo que teria que atravessar incontáveis desafios e, mesmo
assim, eu disse sim. A partir desse "sim", UNImos nossos VERSOs.
Estar presente é o maior presente que um dia já pensei que me daria,
Não abandonar, não esquecer, não deixar, por algum momento,
a ideia se esvaír ou se perder, aceitar que em algum período é impossível
não travar uma guerra mental comigo e permitir
que minhas melhores partes se entrelacem, se achem e se percam por esse
caminho. Esse percurso que durou dias e noites e rendeu insônias intermináveis
e escritas impulsionadas, eu me encontro no fim de apenas um começo.
O fim de um ciclo que acaba de começar neste mesmo segundo.
Nesse caminho, perdi pessoas para a inveja imensurável do céu,
que não lhes permitiu trilhar junto comigo, tive que beber um pouco de água,
respirar fundo e secar as lágrimas pra, quem sabe, em algum momento, sair da
inércia e tornar a prosseguir. Nesse caminho, me despi e segui nua, o peso de se
esconder foi ficando mais leve com o decorrer da caminhada.
Nesse caminho, eu tropecei, caí, me ralei, sentei e me permiti parar
e poder, também, chorar, tive pedras, montanhas
e, até mesmo, criei meus próprios obstáculos imaginários.
Nesse caminho, encontrei guias no exato momento em que pensava desviar e
virar à esquina. Tem dias que bate enjoo, tem dias que parecem inacabáveis,
Tem dias que se notabiliza o cansaço na estrutura pesada do corpo curvado,
dos olhos caídos, e, em meio a tudo isso, sobressai o coração pulsante,
que usa de combustível a vontade de continuar a correr
em tão pouco tempo de uma caminhada que é ainda mais distante,
encontrei pelo caminho, principalmente, aprendizado e incontáveis poesias.
Quando cheguei ao fim desse começo, cheguei ao mesmo lugar de partida,
Sentei à mesa, peguei a mala e acrescentei as novas poesias,
escutei cada palavra dita com atenção...

⁵⁶ <https://youtu.be/wS4Tad769Sc> (Áudio poesia)

Quando a hora chegou, eu me sentia grande, me sentia madura depois de todo o caminho percorrido, então... Eu disse sim.

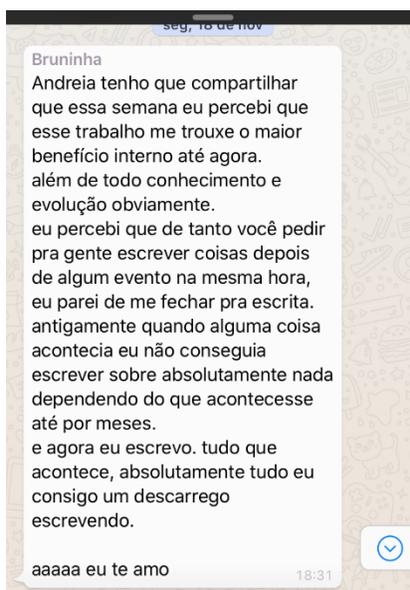
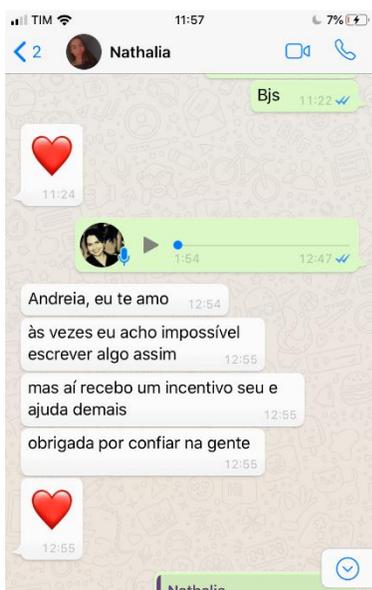


Por Nathália Amorim

***O universo e o 434* (número do ônibus que peguei pra ir ao shopping de Guadalupe no primeiro encontro)**

Eu entrei naquele ônibus, 434, e ele já estava me dizendo tudo que estaria pôr Vir... O caminho até o destino. Mesmo sem eu notar, já estava me dizendo o que aconteceria por lá. Fui para o ponto, Sabia aonde queria chegar, mas não fazia ideia de qual ônibus pegar. Sabia que eu reconheceria o destino quando estivesse chegando, Mas o caminho era desconhecido, e o novo estava me assustando. O ônibus foi entrando em ruas estreitas, apertadas e com buracos. Eu olhava pros lados e não tinha ideia de onde estava, Mas o ônibus só se movimentava, passando por altos e baixos. Às vezes, tinha barulhos do ônibus e das pessoas que estavam dentro, Outras vezes, o barulho era do lado de fora, E, em alguns momentos, pude apreciar o silêncio, Uma viagem mais tranquila e mais calma. Mas logo o ônibus voltava a se movimentar,

Movimentos largos, ocupando todo o espaço daquelas ruas desniveladas.
Por vezes, pensei que o ônibus não aguentaria,
Mas ele, a todo momento, me surpreendia.
E certa vez, durante a viagem, ainda longe do destino,
Esse ônibus precisou parar.
Ele foi desacelerando, porque alguém precisava descer,
Parou numa rua um pouco fria,
E uma menina muito bonita havia chegado em seu destino,
Ela desceu, e eu nem pude me despedir daquele olhar lindo,
Mas... o ônibus precisava continuar.
Ele acelerava, mas respeitava os semáforos.
Algumas pessoas queriam ir nesse ônibus,
mas, infelizmente, não puderam entrar
E algumas que estavam dentro sentiam a necessidade de sair.
No caminho, teve curvas e ruas quase impossíveis de passar.
Desviamos de tantos obstáculos e evitamos tantas batidas...
O ônibus foi desacelerando novamente e se abriu.
À porta da frente, um novo passageiro chegou.
A gente nunca sabe quem de verdade está passando pela roleta,
Mas logo se acostuma com a chegada de mais um.
O ônibus faz o corpo se movimentar.
O ônibus nos obriga a praticar o equilíbrio.
Eu não fazia ideia por onde esse ônibus iria passar,
Mas o destino me soara familiar,
Porque não sabíamos por onde iríamos,
Mas tínhamos a certeza de aonde queríamos chegar.



Por Ana Maria Grecco

Não tenho palavras no mundo pra descrever o que esse grupo foi pra mim esse ano. Quando recebi o convite para participar do projeto, Eu não fazia ideia do que iria sair daquela conversa, Mas, se vinha da Andreia, era coisa boa. Realmente, eu senti uma sensação tão boa e pura, Sensação de que tudo aquilo iria ser bem maior que todas nós, e está sendo. A emoção de estar no palco, refletindo a mensagem no coração de todos, é maravilhosa. Quando estamos juntas, sinto como se estivesse junto de minha própria família, porque é isso que vocês são pra mim. A sensação de conforto é tão grande, é tão gostosa. Amo estar com vocês, Me sinto flutuando em uma espécie de bolha de emoção ambulante! Eu não teria palavras pra descrever TUDO o que vocês foram pra mim em 2019.

Por Jenyffer Guttman⁵⁷

Do alto da torre mais alta,
há uma menina disposta a encarar o mundo.
Por viver em um lugar tão afastado e limitado de opções,
Não sabia como se livrar das amarras
que a prendiam naquele lugar.
Durante anos, teve que suportar a sua própria companhia,
Tendo consigo a única coisa que a mantinha viva:
a esperança de que, talvez, um dia, todo esse pesadelo acabaria.
A pobre menina, por viver tão isolada, criou laços afetivos com as únicas coisas
que nunca a deixaram sozinha: o Sol e a Lua,
que todos os dias vinham lhe fazer uma visita e a inspiravam a escrever.
Sentada perto da janela, admirando a beleza do mundo, assustou-se
Quando, de repente, uma andorinha azul entrou no seu quarto.
Assustada e encantada, se aproximou da avezinha e começou a acariciá-la.
A torre era tão alta que era muito raro conseguir ver uma ave voando por ali,
Mas, por algum motivo, aquela pequena
e inofensiva ave conseguiu chegar até lá.
Assim que a andorinha se foi, algo dentro da menina ansiava por ser libertado,
então ela pegou um papel, uma caneta e começou a escrever sobre tudo:
os ganhos, as perdas, os medos, o que aprendeu, o que a provocou mudança,
mal-estar, o que a incomodou, deixou triste, feliz, o que a frustrou,
enfim, todos os sentimentos que foram presos juntos com ela naquela torre.
Algo dentro da menina dizia: “Uma boa poeta sabe usar as palavras



Áudio
Por Jenyffer

⁵⁷ <https://youtu.be/5hu-ciWXX14> (Áudio poesia)

ao seu favor, use as suas para se libertar”.

E foi isso que ela fez: a menina pegou todas as suas poesias, guardou dentro de si, se aproximou da janela e pulou!

Quando deu por si, havia se transformado em uma andorinha, se tornando uma entre as outras seis. A andorinha azul estava à sua espera, e, juntas, foram à procura de encontrar o seu próprio universo.

Por Maria Paula Grecco

2019 - um ano, pra mim, em que mais vivenciei a poesia em torno de mim. A poesia sempre esteve comigo de muitas formas, mas a mais acolhedora e compreensiva pra mim foi quando eu entrei para o grupo de Poetas e Teatro. Tive certo medo no começo. Minha vida é contraditória e, por algumas vezes, as coisas não dão certo, mas entrar de cabeça nesse projeto não me pareceu ser uma ideia tão ruim. Só de estar com a Andreia Moraes em um projeto, me fez me sentir muito especial. Estar com as outras meninas, me fazia muito bem. Me sentia pequena perto da poesias delas, mas, depois, os desafios me ensinaram que isso era um mero detalhe. Eu nunca fui uma pessoa que escreveu muito, já teve épocas em que eu conseguia facilmente transformar minhas dores em palavras. Mas, estando no grupo, era quase impossível não escrever ou, pelo menos, não querer. Esse ano, tive muitas falhas, mas quem não tem? Eu me afastei do grupo, e é uma das coisas que mais me arrependo na minha vida. Meu maior erro foi achar que, por estar passando por algo difícil na minha vida, eu tinha o direito de me afastar. Perdi muitas coisas do grupo e sei que poderia estar mais presente, mas eu senti um certo desconforto, que não tinha nada a ver com elas, e sim comigo. Foi um ano de perdas inesquecíveis e, pra mim, foi um dos piores e um dos melhores ao mesmo tempo, uma antítese muito grande, mas que serve muito pra definir o meu ano. Chorei ao estar com vocês, e cada encontro foi um presente único. No primeiro encontro eu não fui, mas eu me lembro dos encontros nos quais estive, era emocionante e delicado. A forma que a Andreia fazia para nós lidarmos com o feminismo em si, as meras palavras e a forma em que ela fazia a gente pensar em tantas coisas em 10 minutos era especial. Havia uma sororidade muito grande e um amor envolvido em cada uma, um apego, uma forma diferente da qual se emocionar. Estar com elas me fazia muito bem e, com o tempo, fui soltando as palavras, as poesias. Foi um ano em que perdemos pessoas que nunca imaginávamos. Que Deus abençoe muito a Lindsay e a família dela que está agora aí, ao lado dele. É quase impossível escrever sobre isso e não se emocionar... Calma, respira, vamos enxugar essas lágrimas porque ainda temos muitas coisas para passar na vida, a perda é inevitável, eu sei, mas nos dói muito, de muitas formas. Hoje, no último dia desse ano mais difícil pra todos nós, depois de tudo que vivenciamos, eu só tenho a agradecer, a Deus, por estar viva e com saúde, à minha família, à Andreia, por não desistir de mim e às meninas do grupo, por sempre me acolherem de braços abertos. Espero muito ter vocês no meu 2020 e não vou me permitir vacilar com vocês de novo. Eu amo cada uma de vocês em especial e sou muito grata por tudo!



DIÁRIO DE BORDO

Iniciando 2020

[..] Então, que venham os dias, os meses, o ano,
venha com bastante entusiasmo,
pois eu estarei aqui, ansiosa
para compartilhar e me esbaldar em poesias.

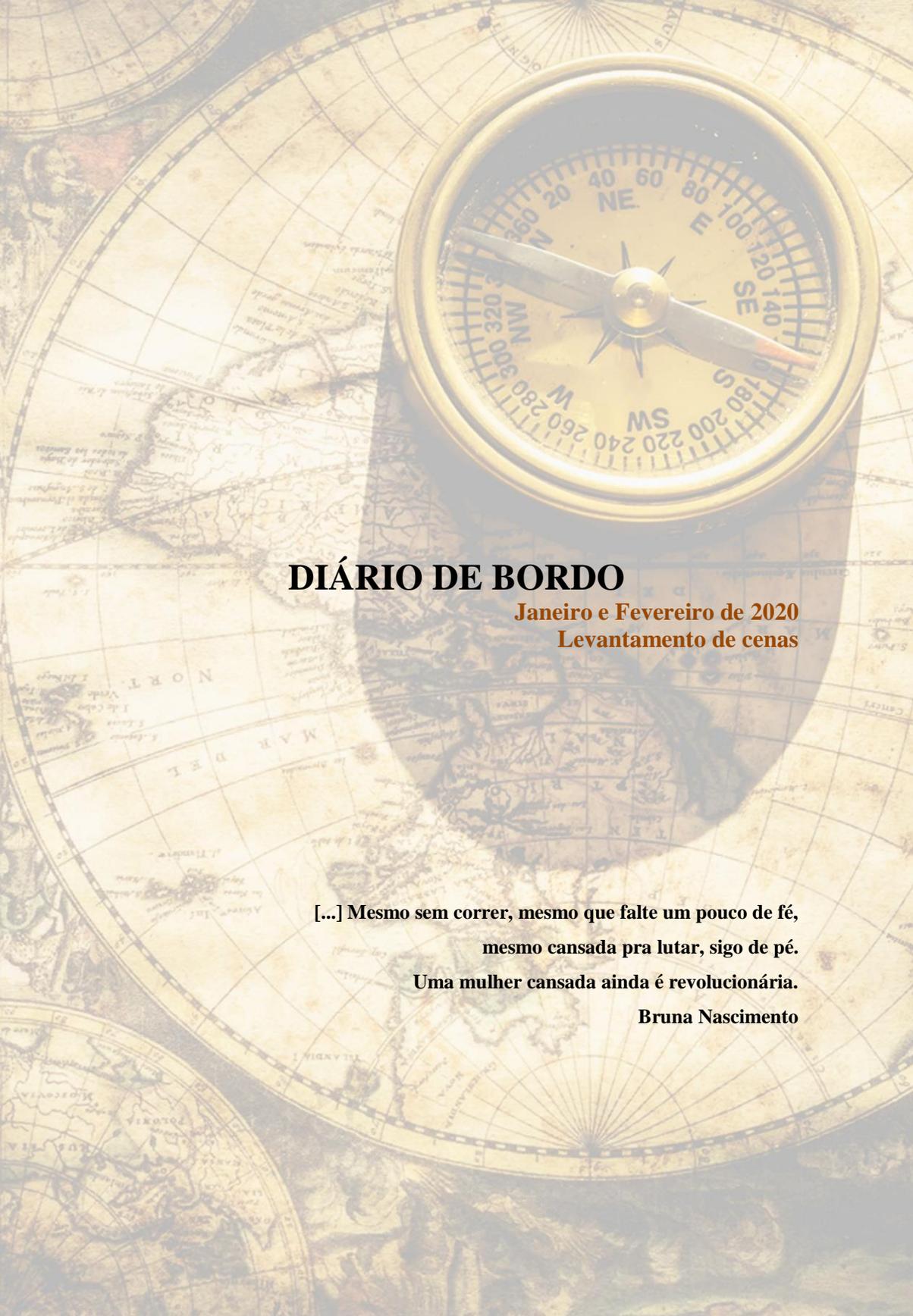
Maria Paula Grecco

Por Bruna Nascimento

Um novo ano se inicia, mais de trezentas novas chances de levantar da cama e ver o brilho do sol com felicidade, e não com descaso.
Andei vivendo os últimos anos me escondendo do lado oposto ao da luz do sol.
Andei o vendo só pela janela e em dias de chuva, pouco via as pequenas gotículas de água que escorriam por todos os lados da cidade.
Andei dizendo que amava a solidão, só porque, até então, nunca tinha tido companhia.
Os últimos anos não foram de total proveito, o clima pesado em que me colocava constantemente me causava medo.
Para os novos dias quero, principalmente, sentir, e me permitir sofrer sem juros.
Não quero fazer juras, metas, pular sete ondas, usar roupa branca... para os novos dias eu quero... sorrir.
Sorrir, dar gargalhadas surpreendentemente altas e agradecer pelo ano que passou e por tudo que aprendi, por todos que conheci, agradecer até mesmo por quem me deixou só, seja por escolha própria ou por desejo de algo que é maior que nós. Quero aprender a me perdoar todos os dias se for necessário e aprender, principalmente, a ressignificar, e entender o que é sofrimento e o que é aprendizado.
Dou como certo de que esse novo ano vem repleto de mudanças e que mudanças também são assustadoras, doídas, apavorantes, mas, principalmente, inovadoras, e inovar é o que o ano novo nos pede. Então, para os novos dias, quero ser nova.

Por Maria Paula Grecco

Eu, toda remoída e remendada como uma boneca de pano depois de mais uma caminhada, mais uma vez.
Mais uma vez em que eu sei que não vai ser fácil.
Sempre perdemos e ganhamos pessoas importantes e sofremos.
Oremos a cada dia para não sermos violentadas, e nem estupradas.
A cada vitória que se passa é mais uma marca para ser costurada em uma etapa final e, por instantes, esquecemos de tudo e temos mais esperanças.
Eu tenho e sei que não estou sozinha.
A cada escrita, cada conquista e a cada derrota também, é motivo da minha esperança, motivo das minhas lágrimas e alegrias.
Um grupo de mulheres dispostas a apoiar e seguir.
Então, que venham os dias, os meses, o ano,
Venham com bastante entusiasmo,
pois eu estarei aqui, ansiosa, para compartilhar e me esbaldar em poesias.
Porque é assim que nos reerguemos,
É assim que seremos fortes para, enfim, sermos costuradas e restauradas mais uma vez.



DIÁRIO DE BORDO

Janeiro e Fevereiro de 2020
Levantamento de cenas

[...] Mesmo sem correr, mesmo que falte um pouco de fé,
mesmo cansada pra lutar, sigo de pé.
Uma mulher cansada ainda é revolucionária.

Bruna Nascimento

Quando iniciamos o ano, o primeiro passo foi conversarmos sobre as apresentações nas escolas. As avaliações dos alunos e as falas vindas dos profissionais atuantes no universo escolar foram fundamentais para darmos continuidade ao trabalho.

A proposta inicial era que levantássemos as poesias escritas até aquele momento, que eram muitas, e selecionássemos as que considerávamos mais relevantes para entrarem no texto teatral, avaliando a diversidade das temáticas a serem contempladas no texto.

Durante o processo das oficinas de poesia falada na E.M. Coelho Neto, um dos alunos teve um envolvimento muito grande com minhas poesias, e lamentei que ele não estivesse participando conosco do projeto, mas foi uma escolha que somente meninas participassem. Thawã foi ao lançamento do meu livro de poesias, “Espelho Meu”, em 2017, junto com Nathália, e os dois falaram a poesia “Meu território”. Foi uma participação muito importante e marcante.



Nathália e Thawã no lançamento do livro
"Espelho Meu", jun.2017.
Centro Cultural Olho da Rua



Desenho feito de café
por Thawã Braga.

Além de ser *dizedor* de poesias, Thawã também escreve e desenha e, como sabe que sou apaixonada por café, me presenteou com um desenho feito de café. A partir dessa lembrança, pensei que essa poderia ser uma maneira de Thawã participar conosco, fazendo algumas ilustrações para o livro. Falei com as meninas sobre a ideia, e elas adoraram.

Como as escolas em janeiro funcionam somente para atividades administrativas, conversei com o diretor, Mário, e a coordenadora pedagógica, Márcia, que são super parceiros, para que pudéssemos ensaiar na U.E. Eles disponibilizaram a sala de leitura e, por lá, fizemos nossos encontros. Convidei Thawã para ir à escola, para fazermos, junto com ele, uma leitura de todas as poesias. Foi uma proposta muito importante, pois, além da leitura pra ele, pudemos entrar em contato com tudo que fora produzido até então, possibilitando que, depois da leitura, pudéssemos escolher o que considerávamos potente para o trabalho.

Depois das escolhas realizadas, pedi que cada aluna escolhesse duas poesias, que seriam direcionadas para os seus personagens. A partir dessas escolhas, comecei a levantar o espetáculo com as alunas e, em consonância, durante os ensaios, estava atenta às possíveis costuras entre as poesias.

Com as poesias escolhidas por cada aluna, fui retomando alguns exercícios trabalhados ao longo do processo que dialogassem com os textos e trouxessem sentido para o desenho cênico que estava sendo construído junto a elas.

Sugeri que pudéssemos abrir o espetáculo com a poesia da Lindsay. Em sua poesia, Lindsay faz uma analogia, na qual ser mulher é ser um universo. Então, sugeri que o nome do espetáculo fosse UniVersos, dando duplo sentido: a mulher como universo, imensidão e um texto teatral que une versos, referenciando a construção de uma escrita cênica a partir da poesia.

Na primeira estrofe, ela escreveu: “Tudo começou com o meu próprio big bang”. Então, retomei o exercício de expansão e encolhimento, individualmente e, depois, em grupo. No momento em grupo, quando todas estavam ocupando o menor espaço possível, sugeri que houvesse uma explosão, fazendo uma analogia desses corpos com o big bang, desenhando um possível início para o espetáculo⁵⁸.



⁵⁸ <https://www.youtube.com/watch?v=8ygdpmz882g>
(VÍdeo registro: Big bang. QR Code na página 254)

Retomamos também as partituras construídas no exercício corporal, com movimentos e gestos que fossem do “universo feminino e masculino”, o que dialogou com a cena da poesia escolhida por Bruna. A mesma escreveu durante o processo, sem uma provocação específica, a próxima poesia.

Por Bruna Nascimento

**Mais uma vez me, vejo sozinha no quarto, deitada na cama, depois de um dia cansativo. Eu tô cansada.
E, apesar do dia corrido, me sentiria igualmente cansada se não tivesse feito nada. Queria um controle pra dar pausa nessa correria, mas também não foi eu quem deu play pra iniciar minha vida...
Não, não quero morrer, não sou suicida, depressiva, ou qualquer outro tipo de coisa a que sua pesquisa sobre pessoas cansadas tenha o levado.
Talvez um pouco sentimentalista, talvez com um pouco demais de melancolia...
Eu só tô cansada de ser mulher todos os dias.
Além do cansaço, tem o medo, além do medo, as estatísticas de mulheres que morrem por ser mulheres, e isso acontece todos os dias.
Todos os dias, um cansaço diferente, todos os dias, lutas sendo travadas, mas, daqui a minutos, talvez, eu não sinta mais nada ou, talvez, daqui a 11 minutos, eu sinta um cansaço a mais, o medo, o peso das estatísticas de ser mais uma mulher que sofreu por ser mulher todos os dias.
Mas mesmo cansada, se eu tivesse a oportunidade de trocar por somente um dia, não trocaria. Não odeio ser mulher, só tô cansada.
Cansada dos padrões. Cansada dos índices de violência.
Cansada das "obrigações". Cansada da necessidade de resistência.
Cansada dos índices de assédio. Cansada de ser vista como objeto.
Cansada do risco iminente de estupro. Cansada dos ÍNDICES de estupro.
Cansada do medo. Cansada da discriminação. Cansada da opressão.
Cansada do peso. Cansada das desigualdades salariais...
Cansada demais... Mesmo sem correr, mesmo que falte um pouco de fé, mesmo cansada pra lutar, sigo de pé.
Uma mulher cansada ainda é revolucionária.**

A proposta de trazer a repetição de movimentos numa partitura corporal, com gestos de atividades que são atribuídas às mulheres, foi para trazer, na prática, a sensação e o sentimento de cansaço que

atropela o nosso cotidiano, em meio a violências, “obrigações”, opressões e desigualdades.

Retomamos, também, o exercício do espelho, ampliando para uma proposta de cena, já que uma das poesias escolhidas por Aninha foi “O olhar através do espelho”, escrita pela Jenyffer. Começamos a desenhar uma cena onde havia um espelhamento entre as gêmeas e tiramos proveito da semelhança entre as duas para construirmos essa ideia.

Paulinha escolheu uma poesia que também não foi diretamente provocada pelo processo, mas sim por uma situação vivenciada por uma amiga que sofreu abuso sexual do padrasto. Partimos da ideia de criar um signo em que uma das alunas atrizes estaria de luva, representando o abusador, e tocaria no rosto da personagem, com gestos e intenções que seguiriam o ritmo e as entonações dadas no texto dito. Seguimos na direção desse corpo sendo manipulado e trouxemos mais uma vez a ideia do espelhamento, agora, Aninha fazendo parte da cena de Paulinha, representando sua infância perdida, ao passar em cena com uma boneca na mão.

Por Maria Paula Grecco⁵⁹

**Eu era apenas uma menina,
e ele me fez pensar que aquilo era bom pra mim.
Nas primeiras vezes, eu me lembro, foi horrível,
eu me senti o pior ser humano do mundo,
mas depois me acostumei.**



Áudio
Por Ana Paula
Mãe de Maria Paula

⁵⁹ <https://youtu.be/d4earAZmTgY> (Áudio poesia)

Ele me seduziu, me fez ter prazeres. Eu não conseguia distinguir: bom ou ruim? Depois vieram as agressões, e ele me dizia que era só pra disfarçar. E eu acreditei. Fui iludida o suficiente para achar que ele era só meu.

Mas o dividia e não consegui mais suportar que era com ela. Na mesma cama, no mesmo teto. Ai de mim se tivesse alguma amiga pra contar a novidade, acho que ele me mataria. Eu não sabia a dimensão da força daquele homem.

Mas eu era apenas uma menina, e fui crescendo. Adolescência... Amigas... Elas nem imaginavam o homem pelo qual me apaixonei. Minha mãe? Sempre me agredia! Informação? Cultura? Só na escola, e foi lá que eu descobri o quanto encrocada eu estava, eu não tinha noção do que aquilo significava.

No escuro da noite, ele sentia prazer, de dia, ele me batia e aquilo era todos os dias. Foi quando decidi contar à minha amiga o quanto apaixonada eu era por ele. Não precisei citar o nome, só queria desabafar, até porque, normal, ela não acharia. Minha mãe sempre quis ter um filho daquele homem.

Ela era tão apaixonada por ele. Pensei que um dia poderia chegar a minha hora, mas pensava no meu futuro. Mesmo morando em um apartamento tão pequeno, meus sonhos eram gigantes.

Passaram-se 3 anos desde que contei pra minha amiga, ela estava desconfiada que era o menino da padaria. Até que contei, e o que restou foi o silêncio.

Ela não imaginava. A fiz jurar de pé junto que nunca contaria.

Mas não havia mais pra onde correr, a barriga iria crescer, e todos iriam saber que não sou mais virgem desde dos 11 anos.

Minha mãe nunca poderia ter o prazer de ser mãe do filho dele,

Mas, sendo avó, quem sabe ela não se arrependeria de não ensinar a uma filha o que é estupro e o que não é!

Nos dois primeiros encontros, que aconteceram na escola, Nathália não participou. O seguinte, combinei de levar as alunas ao cinema e sugeri que elas fossem antes para minha casa, para que aproveitássemos a vinda delas para ensaiarmos. Um dia antes, Nathália me mandou mensagem, dizendo que queria conversar comigo. Perguntei se era somente comigo ou com o grupo, ela respondeu que podia ser com o grupo.

Assim que elas chegaram, fomos conversar, e Nathália compartilhou que estava pensando em se afastar do trabalho. Perguntei se ela poderia dividir conosco o motivo. Ela nos disse que vinha, nos últimos dias, tentando entender e começou, falando da

dificuldade que tinha em fazer os exercícios propostos. Ela tem uma doença hereditária, assim como sua mãe, que afeta os ossos e a faz sentir muitas dores. Mostrei-me surpresa, afinal não tinha conhecimento. Em seguida, disse que se questionava muito em ser atriz, que preferia escrever a atuar. E, por último, disse que teve uma intuição, que algo lhe dizia que era um momento em que ela deveria dar um tempo e se afastar. Compartilhou que, sempre que um pressentimento lhe chegava assim, ela procurava se respeitar. Ouve atentamente todas as suas colocações e percebi o quanto as outras alunas estavam assustadas e tristes com a possibilidade de saída da Nathália. Por certo, seria uma grande perda, mas claro que teria que aceitar sua escolha. Primeiramente, lamentei pelo quadro de saúde dela e falei que teria sido muito importante que ela tivesse me falado isso antes, que, com certeza, iria considerar isso dali pra frente e que isso não seria um problema. Em relação a preferir escrever a ser atriz, falei com ela que o fato de se gostar mais de uma atividade que de outra não impediria de fazermos as duas, a não ser que não houvesse desejo em fazê-lo. E por último, a questão do que ela nomeia como intuição, que considerei mais delicada, pois narra o que é intangível e que, de fato, só caberia a ela decidir, mas disse que estava disponível para discutir e conversar o quanto fosse necessário. Antes de terminarmos a conversa, perguntei à Nathália se essa escolha tinha alguma relação com a igreja, se o fato de tratarmos de tantas questões que, por vezes, estão em caminho inverso ao que algumas igrejas pregam estaria interferindo em suas decisões. Ela me garantiu que não, que, na verdade, não sabia responder com precisão o que era, mas

que a resposta iria aparecer o mais breve, para que ela pudesse dar uma posição para todas.

Depois da conversa, foi difícil fazer alguma proposição, mas, como ela disse que era algo que estava em pensamento, demos continuidade aos trabalhos.

Sugeri ensaiarmos apenas duas cenas, para que pudéssemos nos aprofundar mais. Debruçamo-nos nas cenas da Nath e da Paulinha.

Repassamos o que já havíamos levantado de cena da Paulinha. Como Aninha estava fazendo o personagem da irmã na infância roubada, Bruna era quem estava experimentando o personagem do “abusador”. Em determinado momento, Bruna falou da dificuldade de estar nesse lugar, que não conseguia representar um opressor. Demos uma pausa. Coloquei que nem sempre fazemos personagens com os quais nos identificamos e/ou que representem aquilo que pensamos e queremos, mas que, por vezes, era preciso encararmos certos desafios, para transmitir o que era necessário. Acrescentei que, embora saibamos que isso infelizmente acontece em números expressivos, essa cena, em especial, mexia muito com todas nós, pois sabíamos que era uma escrita inspirada em uma história real muito próxima.

Tive a oportunidade de conhecer a aluna, vítima desse abuso e, na época, não fazia ideia pelo o que a jovem passava. Paulinha nos relatou que foi no contato com a minha poesia “Meu território” que a adolescente começou a despertar para o que estava sofrendo: *“Informação? Cultura? Só na escola, e foi lá que eu descobri o quão encrencada eu estava, eu não tinha noção do que aquilo significava”*.

Em seguida, começamos a levantar a cena da Nathalia, com o texto que a mesma escreveu sobre o que é ser mulher, que começa com a frase: “*Sou corpo exposto, vendido, violado, traumatizado...*”. Havia acabado de participar de um evento no MAR (Museu de Arte do Rio), no qual apresentei uma performance que intitulei: “**Como montar uma mulher?**”⁶⁰ Com uma roupa básica preta, eu me disponibilizava para que os visitantes do museu “construíssem” uma mulher dentro do que eles acreditavam o que é ser uma mulher. Para isso, fiz uma enquete com, aproximadamente, 150 mulheres, na qual perguntei por WhatsApp: “Se você pudesse escolher um objeto que represente o universo feminino, que objeto seria esse?” Com as respostas recebidas, juntei o máximo de objetos possíveis e dispus em uma mesa, e os visitantes selecionavam objetos e “construíam” uma mulher.

Compartilhei essa experiência com as meninas, peguei a mala de objetos e sugeri que pudéssemos começar a pensar a cena a partir dessa experiência. E assim fizemos. Antes de fazer essa proposta, Nathália já havia passado o texto. Depois de propor esse exercício, sua fala saiu com muito mais verdade e expressão.

⁶⁰ <https://www.youtube.com/watch?v=Lfv2HqJKGi0>
(Vídeo registro: Como construir uma mulher? QR Code na página 254)



Acabamos o ensaio, e Nathália ficou de nos dar uma resposta, o quanto antes, sobre o que iria decidir.

Depois do encontro na minha casa, retornamos à escola. Embora todas tenham confirmado presença, Nathália não compareceu.

Repassamos as cenas de Aninha, Bruna e Paulinha. Em seguida, fiz uma nova proposta de escrita para as alunas. Depois das apresentações nas escolas e de perceber o comportamento dos meninos, fiquei pensando como o espetáculo, além de falar das opressões vividas pelas mulheres, poderia trazer o quanto o machismo é nocivo para ambos os gêneros.

Como acordamos de mantermos a cena do programa do auditório, já construída, sugeri que, no momento do programa, tivesse um quadro em que uma telespectadora mandasse uma carta para ser

lida “ao vivo” e indiquei como tema: “Carta para o machista”. Pedi que as alunas sentassem juntas e escrevessem, em trio, essa carta.

As alunas discutiram questões, antes de começarem a escrever, e evoluíram pouco na proposta, apresentando dificuldades em uma escrita coletiva. Como já estava próximo do nosso horário de término do ensaio, pedi que cada uma construísse sua proposta, e juntaríamos, depois, as escritas numa só. A mesma proposta foi passada no grupo de WhatsApp, para que Jenyffer e Nathália também tivessem a possibilidade de escrever.

Por Nathália Amorim

Eu sou uma das tantas, e você, um dos tantos. Há um abismo enorme entre nossas verdades, mas a sua tem me doído todos os dias.

Suas garras têm atravessado minha rotina, meu sono, minha roupa, e têm me feito atravessar as ruas com medo. Sua verdade me oprime, e isso dói.

Sua verdade oprimiu minha vó, oprimiu minha tia, minha mãe, minha irmã, E eu falo sobre a minha verdade,

para evitar que a sua oprima a minha filha também.

Sua verdade criou leis, que só servem pra vocês.

Sua verdade levantou uma escola, colocou mulheres dentro e as ensinou o que é ser uma mulher.

Sua verdade nos chamou de bruxa e nos queimou.

Sua verdade, até hoje, coloca uma vassoura na minha mão, me chama de bruxa, quando não me penteio, e me queima pra rua inteira, quando erro alguma questão que aprendi na escola que sua verdade criou.

Sua verdade não me considerou cidadã por tanto tempo.

Sua verdade me aprisionou em lares, em tanques, em camas, em gemidos altos e vazios que disfarçavam os pedidos de socorro baixinho.

Sua verdade me deu um soco e um buquê, pra disfarçar o olho roxo.

Sua verdade me deu pontapés na barriga que minha filha morava.

E me matou com aquelas leis que não me autorizaram o direito de abortar um feto. Mas sua verdade não te matou por abortar o afeto, o contato, o cuidado.

Sua verdade é muito seletiva. Sua verdade apoia a vida, mas nunca a minha.

Sua verdade me impõe o que eu não autorizo.

Sua verdade tem me matado, e você ainda não se considera um assassino?

Sua verdade fez amizade com a constituição, e o tribunal me colocou algemas.

Sua verdade faz parte do senso comum e ainda acha que não é negligência?

Sua verdade foi escrita por vocês, explicando os porquês, criando leis

sem dar a vez pra quem só quer entender o porquê da dor doer só de um lado desse abismo, pra quem só tá cansada de aprender com um menino o porquê eu, mulher, existo.

Eu sou obrigada a me procurar dentro do universo masculino, e essa procura de séculos tem me cansado e me doído.

Eu só queria o direito que me foi negado,

Porque, realmente, é muito fácil estar do outro lado e silenciar vozes que precisam ser ouvidas.

E rejeitar pedidos do que vocês têm, mas, quando é solicitado por nós, vocês chamam de privilégio. Não é o quê, é quem.

E se te conheço bem, você nem lerá minha carta toda,

Porque sua verdade cria um bloqueio gigante e me chama de louca.

Será que a sua verdade justifica tanta, mas tanta, maldade?

Finalizo a carta com uma pergunta:

Se a sua verdade mata inocentes e me aprisiona mesmo em liberdade,

Não acha que é preciso repensar o seu conceito de verdade?

Por Ana Maria Grecco

Seu moço, com mulher não se brinca.

É melhor você pensar duas vezes antes de colocar essa sua máscara de machista. Se acha superior e ainda fala que é culpa do patriarcado,

Mas vou lhe falar uma coisa: sua "superioridade" não me atinge,

Porque, enquanto você está aí achando tudo isso, muito lindo,

Eu grito e luto pra fazer pessoas, como você, acreditarem que não se trata só de um lugar, e sim de RESPEITO.

É preciso muito mais do que você se sentir superior para isso nos afetar ou nos calar. Então pense duas vezes antes de querer se sentir melhor que uma mulher, pois foi uma que lhe deu a vida.

Não pense que está no direito de mexer com uma, só porque está com decote ou saia curta.

Pense na sua mãe e se pergunte se gostaria que fizessem isso com ela.

Nós devíamos ter o direito de ir e vir,

Sem vocês querendo ditar o que está certo ou errado.

COM AMOR, SEU TERROR.

Por Bruna Nascimento

Pra mim não existe maior hipocrisia do que a quantidade de machista se dizendo "PRÓ-VIDA". Se vocês realmente fossem "PRÓ-VIDA", mulheres não morreriam nas mãos de vocês todos os dias.

Se vocês realmente fossem, não teríamos que lutar pelo simples motivo de querer estar viva. Não ensinariamos, o tempo inteiro, nossas meninas a lavar, passar, cozinhar, esfregar, varrer, servir, trocar e limpar, a sentar que nem moça, a não beijar na boca.

Perdão se pareço agressiva, é que os dias de lutas perdidas contra vocês me deixaram violenta. Me chamar de feminista não me ofende, na verdade, eu

queria nem precisar do feminismo, eu queria nem saber do feminismo, eu queria que nem fosse necessário a existência da luta, eu queria que não precisássemos ir até às ruas.

Eu odeio aquele discursinho que vocês fazem: eu não estupro porque penso que poderia ser minha mãe ou minha filha.

Eu não passo a mão porque penso que poderia ser minha irmã ou minha prima. A questão é que nunca pensam em respeitá-la como ser humano, mesmo que ela não seja da sua família.

Não precisamos ser sua irmã, sua mãe, sua prima...

Só precisamos andar na rua sem ser perseguida. Eu já tô cansada de tentar ser compreensiva e tratar vocês como dignos de serem vítimas, quando, a realidade, sou eu que sofro na pele todos os dias, em cada esquina, do lado da família, na escola, na faculdade, no ônibus.

Como um último pedido sincero, do fundo do coração de quem já não aguenta mais gritar, eu imploro: PAREM DE NOS MATAR !

No encontro seguinte, Nathália apareceu. Foi no dia em que levei um bolo para comemorarmos o aniversário da Bruna. Nathália nos disse que iria se afastar do grupo e argumentou que, na verdade, isso nem era possível, já que tanto dela estava presente naquele projeto. Pediu para ler uma poesia para todos nós. Thawã também estava nesse dia.

Por Nath Amorim

Sempre me gabei da facilidade de dizer adeus,
Que sempre fui mais próxima do distanciamento do que das proximidades.

Quando parava para descrever meu "eu", citava que:

"Fins? Sim! Inícios? dificuldade!"

Mas, hoje, vejo que há muita descoberta pela frente,
que a geminiana, aqui, ainda irá se contradizer de muitas verdades temporárias. Hoje, vejo que partia sorrindo por nunca me envolver com o compromisso de ficar, que pensar no fim de um texto era o que me fazia iniciar.

Mas, dessa vez, foi diferente, joguei minha expectativa acumulada,

O tempo rebelde, minha escrita demorada e meu corpo magro e doente.

Tudo que eu tinha, eu garanto que dei: minhas metáforas, joelhos debilitados, textos tortos, risadas fora de hora... Garanto que me entreguei!

Pela primeira vez, o fim me amedrontou, será que realmente existe o fim de algo? Ah... como eu queria um pouquinho de eternidade, de inícios presos em mais inícios, entrelaçados em mais inícios até o infinito.

Andréia, responda-me: Isso soou onírico? Eu lírico? Místico? Empírico?

Como era mesmo a palavra que significava sonhos?

Ahhh, lembrei! Era... Universo.

Eu nunca senti tanta vontade de mudar o mundo, como senti em cada encontro nosso. Me senti poderosa em cada cena, em cada ensaio, em cada conversa que me fez chorar, que me fez escrever, que me fez.

Esse grupo me fez parir textos indesejados, não planejados e que doeram para colocar pra fora, mas que se tornaram vida, existência, meu texto é alguém, é a gente! Foi um sonho acordada, todo esse tempo, e, a cada momento, eu sou completamente grata e apaixonada por cada uma aqui nessa sala.

Vocês continuarão sendo a minha base, o meu 190, a compreensão de vocês é a única coisa que espero, porque entender... nem eu entendo!

Unimos corpos, unimos história e continuaremos UNIndo VERSOS.

Todas nós ficamos emocionadas. Acolhi tudo que a Nath trouxe como questão, reforçando tudo o que já havia nos dito, mas era inevitável sabermos que íamos perder muito com o afastamento dela, além de saber o quanto isso poderia trazer de conflito e desânimo para as outras meninas. Tive uma fala inicial de agradecimento à Nath, e reforcei o que a mesma trouxe. De fato, ela não tinha como não estar no grupo, visto que suas escritas e toda sua participação no processo fizeram com que seu corpo já estivesse impresso em folhas, espetáculo e memórias. Abri para que as alunas se colocassem. Já há algum tempo, falava com elas que toda a trajetória vivida, toda a construção e processo realizados no ano passado seriam suficientes para que eu pudesse finalizar meu trabalho, mas que gostaria de dar continuidade, porém, respeitando e entendendo o desejo de cada uma de continuar ou não. Abri espaço para que elas pudessem narrar o que estavam sentindo depois da fala de Nathália e como estava na cabeça e coração delas continuar no projeto. Bruna iniciou sua fala, visivelmente emocionada. Chorou e externou o quanto o afastamento da Nath iria mexer com ela. Narrou as viagens que faziam para os

ensaios que tivemos na Tijuca, o quanto isso a fez se aproximar da Nath, tendo-a inclusive como confidente e conselheira. Disse que, por mais doída e triste que estivesse naquele momento, não imaginava a vida dela sem estar nesse espaço, que os encontros, para ela, eram REDE. Aninha falou em seguida e lembrou quando iniciamos nosso processo. Falou do quanto ficou assustada quando sugeri que a peça encenada seria escrita a partir das poesias escritas por elas. Escrever era uma questão pra Aninha. Falei que tudo iria acontecer gradativamente, que se, em algum momento, a escrita não viesse, não seria um problema, mas que esse era um objetivo claro do projeto e que, quando ela menos esperasse, estaria escrevendo. A escolha de chamar cada uma delas fala de um olhar para as suas potencialidades, para a riqueza que cada uma poderia oferecer para o trabalho, e sei que, para umas, a escrita fluía mais e, para outras, a expressão corporal, e o próprio ato de interpretar, era mais significativo. Mas gostaria que o projeto pudesse proporcionar para todas uma trajetória com escritas impulsionadas pelos exercícios propostos, as discussões em grupos de WhatsApp, as idas ao teatro, cinema, dentre outros, assim como algumas propostas de jogos e expressão corporal eram mais facilmente compreendidas, corporalmente falando por umas, e menos por outras. Mas o quanto era rico esses encontros e aprendizagens. E a declaração da Aninha veio exatamente desse caminho. Ela contou que não imaginava que pudesse escrever tanto, e que, quando eu falei isso pra ela, lá no início do projeto, ela não acreditava que seria possível. Paulinha falou pouco, nesse dia ela estava com uma forte dor no estômago, e externou o quanto lamentava

a saída na Nath. Conforme fui ouvindo as meninas, fui me dando conta do quão rica e diversa era a participação de cada uma ali, de que a diversidade que me fez chamá-las, hoje, se fazia presente. Foi então que olhei para Nathália e pensei que seu afastamento poderia ser exatamente por conta desse “Corpo exposto” descrito em sua poesia. Então pensei e, em seguida, lhe fiz o convite: “Que tal você ser esse olhar de fora comigo, como uma assistente de direção?” Já que atuar estava sendo uma questão pra ela, por que não continuar próxima e com outra função? Vi os olhos da Nathália brilhando, e a resposta foi rápida e direta: “Sim!” Foi lindo saber que ela continuaria conosco de uma outra forma, mas continuaria. Todas ficaram felizes com essa possibilidade.

As falas de Aninha e Bruna foram muito preciosas e narraram ganhos expressivos e significativos que o projeto lhes trouxera. Pedi, então, que Bruna escrevesse sobre o grupo ser, para ela, rede, e pedi a Aninha que escrevesse sobre o seu despertar para a escrita. Então escreveram as poesias seguintes.

Por Bruna Nascimento

**Capricorniana, ascendente em áries e apenas 16 anos de vida.
O estereótipo de capricorniana organizada, eu cumpro somente pela metade:
meus textos sempre são entregues e tudo que é palpável, pra mim,
está em ordem, porém meu psicológico sempre foi bagunçado,
minha mania de organização falha em organizar meus pensamentos.
Coloco a culpa no meu ascendente em áries, que parece armar um barraco
e colocar tudo abaixo aqui dentro.
Com o ensino médio incompleto e o mapa astral tão complicado
como a carreira que pretendo seguir um dia, sempre precisei de terapia,
e ela, por acaso ou por incompetência do Estado, nunca coube no meu bolso.
A vida, imprevisível como sempre costuma ser,
me presenteou com um trabalho de terapia intensiva.**

Espero que eu diga suficientemente a elas o quanto são importantes e sei o quanto soa forçado uma capricorniana falando de sentimentos, como soa mentiroso uma capricorniana agradecendo a convivência com seres humanos de gêmeos, como soa falso o fato de vocês fazerem a capricorniana chorar consideravelmente rápido. A verdade é que ninguém nunca conhece bem um capricorniano como acha que conhece... e ser uma também é complicado.

Minha terapeuta diz constantemente pra mim:

"não racionaliza, capricorniana!"

Sinto lhe informar, Andreia Morais, mas racionalizar é o quesito básico exigido na academia dos capricornianos. Então racionalizem mais, geminianos!

Eu sou capricorniana e preciso racionalmente entender como simultaneamente vocês me enlouquecem e me dão mais vontade de viver...

Espero que eu diga suficientemente a elas o quanto impedem minha queda nos momentos de fraqueza, espero ensinar a elas como é mentira esse assunto de que capricorniano combina com frieza.

Espero que saibam que somos uma rede.

E desculpem se, de vez em quando,

eu fico com os pés presos no chão, impedindo

o balançar da rede, é que eu sinto que, se meus pés ficarem firmes,

eu vou poder segurá-las, quando alguma, por algum motivo, não conseguir mais balançar.

Por Ana Maria Grecco

Não era muito familiarizada com o hábito de escrever.

Repugnava o fato de que, com uma folha,

eu poderia expressar os meus sentimentos mais profundos.

Aquilo que nem eu mesma consigo explicar.

Até que, num certo dia, um SABIAR verde que me inspirou a voar,

me perguntou porque eu não tinha o hábito de assobiar.

Já que eu era uma rolhinha, aprendi com esse SABIAR,

muito rápido, o hábito de voar

Mas, com pouca experiência pra assobiar, percebi que sou uma rolhinha

que consegue ser bem expressiva com o voar, pois o voar depende do corpo,

e o assobiar depende mais das palavras

e o entendimento que se tem com o ambiente.

Entendi que, em uma floresta, existem vários pássaros diferentes

e que nem todos possuem o mesmo dom,

Mas, com o convívio, talvez passemos fazer

com que esse assobio seja melhorado

e aprimorado com o tempo.

Hoje sou uma rolhinha que, graças a um SABIAR

e a outros cinco passarinhos, não tem mais vergonha de assobiar.



Nath, Bruna, eu,
Aninha, Paulinha e Thawã

Resumo dos encontros, pelo olhar de Maria Paula

Desde que começamos a entrar de cabeça no projeto, tínhamos muitas dificuldades com os horários. Nas férias, a Andreia Morais teve a genial ideia de começarmos a nos reunir na E. M. Coelho Neto.

No nosso primeiro encontro, na escola, separaram a sala de leitura como um espaço para ensaiarmos, como havia muitas cadeiras e mesas, Andreia pediu para que abrissemos um espaço, já que teríamos uma aula com muitos movimentos e expressões. Compareceremos, nesse dia, eu, minha irmã e Bruna. Andreia colocou uma música bem calma, e começamos a nos separar e a andar pelo espaço. Ela pediu para que tentássemos ocupar o maior espaço possível e, depois, que ocupássemos o menor espaço possível. Após um tempo, ela pediu para que nos juntássemos, para que nós três, juntas, tentássemos ocupar o menor espaço possível.

Parece que é fácil, mas foi bem demorado e engraçado também. Nós nos entrelaçávamos e tentávamos ocupar o mínimo espaço possível, mas não fazíamos ideia do porquê que, do nada, a Andreia tinha pedido isso. Eu, no começo, achei que era uma perda de tempo, mas, depois que ela foi pedindo pra tentarmos sair rapidamente e, em seguida, para que tentássemos, de algum jeito, estar encolhidas o suficiente para entrarmos em uma saia, aí que começamos a sentir um brilho nos olhos. A Andreia compartilhou com a gente mais ou menos o que ela tinha na

cabeça. Logo depois que ficou bem entendido, nós conseguimos perfeitamente nos adaptar à sugestão.

Almoçamos e, quando voltamos para escola para terminarmos de ensaiar, a Andreia falou que não íamos mais fazer movimentos corporais, somente escrever. Ela conversou com a gente e pediu para que escrevêssemos, juntas, uma carta para um machista.

Sentimos muitas dificuldades. Então ela pediu para que escrevêssemos

com muita calma em casa.

Maria Paula Grecco

No segundo encontro que tivemos na E. M. Coelho Neto, estávamos presentes, eu, minha irmã, a Bruna, a Andreia e o Thawã. A Andreia comentou sobre a participação de Thawã e explicou que ele desenharia o figurino da nossa apresentação e, também, estaria desenhando para o livro. Fomos ao ensaio e ela colocou uma música e pediu para que ficássemos tranquilas, pois estávamos um pouco eufóricas. Pediu para que andássemos e ocupássemos todo o espaço e para que fizéssemos movimentos no plano alto, médio e baixo e, em seguida, em diferentes velocidades: rápida e devagar. Depois disso, ela lembrou de um encontro em que só estavam presentes Nath e Bruna. Como eu e minha irmã não tínhamos participado e já tinha feito um tempo, ela explicou detalhadamente. Pediu para que pensássemos em cinco movimentos

que lembrassem uma mulher.

A Bruna deu o exemplo do que ela tinha feito no encontro em que ela esteve presente. Depois nos deu dez minutos para que pudéssemos pensar nesses cinco movimentos. Passados os minutos, cada uma apresentou os movimentos. Em seguida, a Andreia pediu pra fazermos o mesmo, mas sendo um movimento que lembrasse um homem. Depois que cada uma se apresentou, nos separamos e tentamos reproduzir todos os movimentos, mas, depois, só reproduzimos os movimentos em que estávamos representando uma mulher. Depois de um tempo ensaiando, fomos almoçar, e, logo após o almoço, a Andreia contou de forma mais detalhada sobre a entrada do Thawã e de como era importante para o nosso projeto. Ela mostrou as nossas poesias para ele e, com a nossa opinião, escolheu algumas frases para servir de inspiração para os desenhos de Thawã. Em seguida, conversamos sobre o próximo encontro e fomos embora.

Maria Paula Grecco

No terceiro e último encontro que tivemos na E. M. Coelho Neto, era aniversário da Bruna, e decidimos comprar um bolinho e um refrigerante para não passar batido. Nesse dia, comparecemos, eu, minha irmã, Nath, Thawã, Bruna e a Andreia, lógico, e decidimos chegar mais cedo, para montarmos uma mesinha com um bolo, que era uma surpresa pra Bruna, mas não conseguimos chegar cedo o suficiente, e ela ficou sabendo na porta de entrada da escola sobre nosso plano. Naquele dia, eu estava passando muito mal, mas não tivemos nenhum ensaio corporal. Andreia selecionou algumas frases das nossas poesias como inspiração para o Thawã desenhar e juntou todas as nossas poesias, para que pudéssemos corrigir cada uma delas e nos perguntar se todas entrariam no livro ou não. Foi somente isso que aconteceu naquele dia. Conversamos bastante, e a Andreia, pacientemente, sentou com cada uma, para ver erros ou mudanças em cada poesia de cada uma de nós. Foi um dia bem calmo e tranquilo. Nath estava pensativa em deixar ou não o grupo de teatro, mas sabia que parte dela ainda estava envolvida, por ela ter muitas poesias e muitas histórias com a gente. Andreia propôs a ela participar de uma forma em que ela se sentisse bem, e que não precisaria estar atuando, mas ajudando e escrevendo, se ela quisesse. Ela aceitou. Andreia percebeu nossa dificuldade e demora para escrevermos a resposta para carta do machista e propôs que cada uma escrevesse duas perguntas para fazermos a um homem que considerássemos bastante machista e a outro que não considerássemos tanto. Andreia comprou umas canetas para Thawã desenhar e ficamos um pouco na praça, conversando sobre os próximos encontros que teríamos. Depois fomos para casa.

Maria Paula Grecco



DIÁRIO DE BORDO

Março de 2020
Finalização do texto teatral e leitura

“Uma andorinha só não faz verão”
Ditado popular

Com a expansão do coronavírus, a preocupação de como seriam os próximos encontros começou a se apresentar. Marquei com as alunas de nos encontrarmos na minha casa, dias antes de se iniciar o isolamento social. Dediquei-me à finalização do texto, só faltando a proposta que apresentei às alunas da resposta à carta do machista. Nas conversas por WhatsApp, fechamos as perguntas que partiram de sugestões das alunas, para que pudéssemos criar uma resposta do machista, respeitando o lugar de fala dos homens, construindo um texto que partisse de suas respostas.

Questionário:

- 1 - Você se sente incomodado por ser homem? Por quê?
- 2 - Você acha que existe brinquedo de menino e de menina? Por quê?
- 3 - Quando adolescente, qual era a sua obrigação em casa? O que você acha disso?
- 4 - Em sua opinião, qual a obrigação do casal em casa?
- 5 - Você se sentiria incomodado de ter uma mulher que trabalhasse fora, enquanto você fizesse os trabalhos domésticos? Por quê?
- 6 - O que você acha dessa frase: “Homem não chora”?
- 7 - O que você entende sobre o movimento feminista?
- 8 - Como você acha que é uma mulher feminista? Por quê?
- 9 - Você acha que o feminismo é bom pra você? Por quê?
- 10 - Você acha que o estupro tem justificativa? Por quê?
- 11 - Você se considera machista? Por quê?

Durante todo processo, a preocupação com alunos/meninos surgiu como ponto importante a ser olhado. Combater o machismo nas escolas – descontinuar comportamentos nocivos para as meninas – foi o fio condutor e principal desse trabalho. Porém, não podíamos ignorar que comportamentos machistas são frutos de reproduções e construções sociais difíceis de serem modificadas, muitas vezes, os

meninos não têm outras referências e naturalizam comportamentos indevidos e agressivos.

Há uma aposta em sensibilizar e trazer a reflexão, a partir da linguagem cênica poética. Mostrar a verdade nua e crua é uma escolha que pode ter efeitos de reflexões ou, por vezes, de afastamento. Provocar mal estar, incômodo, ocasionalmente se faz necessário para termos um caminho de mudança. Mas e quando você acredita que aquilo é uma verdade absoluta? Quando você só entende daquela maneira?

A construção da “Resposta do Machista” era importante para que os meninos pudessem se sentir representados e se deslocassem de forma mais assertiva. O machismo é um ato de violência em muitas instâncias e não é argumentável, mas o que esse comportamento traz de nocivo, também, para os homens? Como os meninos refletem sobre os seus comportamentos?

Chegado o dia do encontro, o primeiro passo foi construir a resposta para que eu pudesse inserir essa parte no texto final. Todas estavam ansiosas para saberem como tinha ficado o resultado. Depois de lerem as respostas dos seus questionários, fui sugerindo que cada uma anotasse os pontos que consideravam importantes. Pedi que, separadamente, elas escrevessem uma resposta e que, em seguida, juntassem as ideias.

Aninha dividiu o quanto estava difícil criar uma resposta e ter um olhar empático em relação aos homens, devido todo sofrimento pelo qual ela viu sua mãe passando numa relação de violência doméstica. Interrompemos a escrita, e sugeri que ela pudesse falar o

que estava sentindo. Sugeri que se fosse algo que estava distante daquilo que ela acreditava e que, se estivesse difícil de ela continuar, ela não participasse desse momento. Argumentei que a ideia não era justificar nenhum ato de opressão, e sim mostrar para os meninos, nas escolas, que existem outras formas de existir e de se relacionar. Disse que, possivelmente, muitos meninos só recebiam referência de uma forma de “ser homem” e que a possibilidade de eles terem acesso, pela arte, de se pensarem em outros modos de ser era extremamente necessário, como já argumentado nesse trabalho. Depois de uma certa dificuldade, pedi a Nathália que fizesse uma costura com o que já havia sido escrito por todas.

Resposta do machista por Ana Maria Grecco, Bruna Nascimento, Maria Paula Grecco e Nath Amorim

Eu choro, mas eu choro sozinho. A dor também tem doído desse lado do abismo. Aqui é tudo cinza, os dias cansativos.

Eu costumava escrever sobre isso,

Mas falar sobre meus sentimentos aqui também se tornou proibido.

Eu sou o provedor, e qual a graça de provar tudo e não poder provar da minha dor?

E de certa forma tenho a obrigação de ser o homem da casa, o que não chora, e não tenho nem como dizer não, se não sou visto como o rato...

Não posso ser frágil, tenho que ser HOMEM.

Aguentar, não brochar, trabalhar, tenho minhas responsabilidades.

Minha verdade me foi dada sem que eu tivesse a oportunidade de negar.

Essa verdade não é só minha.

E eu não suporto todo esse fardo do julgamento feminista.

Minha verdade está de acordo com a realidade.

Como abrir mão de tudo isso sem ser julgado pela sociedade?

E eu nem entendo porque criamos coisas tão corrosivas...

Eu nem entendo porque sou desse jeito.

Feminismo, aqui, é uma palavra proibida.

Uma vez, perguntei o conceito,

e me disseram que são mulheres que andam nuas pelas ruas, não se depilam e agridem homens na luz do dia.

Eu não sei o que é o feminismo, como vou lutar por algo que me coloca como vilão, se eu nem pude escolher o papel do mocinho?

Abro mão dos meus benefícios

ou aceito todo o prejuízo em prol do bom convívio?

Minha verdade também me silencia e me aprisiona em perguntas e respostas que não fazem sentido na minha vida.

Eu me incomodo com os decretos desse lado do abismo e já tentei imaginar a dor das suas, mas vocês se distanciaram tanto e, longe, a visão fica turva.

Eu também não concordo com as leis,

mas, se eu expuser, sou excluído, massacrado,

expulso desse abismo masculino porque não é másculo, isso é feminino,

e serei jogado no seu abismo, onde também serei massacrado e excluído.

Em qual lado dessa luta eu fico?

Escrevo, te respondendo, sozinho, em sigilo.

Com certeza, seria impossível falar sobre isso na frente dos meus amigos.

Não é te responsabilizando, mas eu queria muito saber,

eu me desconstruo e me construo no quê?

Finalizada a carta, falei com as alunas sobre a sugestão que dei a Jenyffer de mudança em uma de suas poesias. Sugeri que ela trocasse o pássaro sabiá por andorinha. Fiz essa indicação, pois o pássaro trazia artigos masculinos para uma poesia tão feminina, além de querer utilizar no texto o dito popular: “Uma andorinha só não faz verão”. Jenyffer acolheu a ideia, mas não conseguiu adjetivar o pássaro, como havia feito com o “sábio branco”. Compartilhei com as alunas para que pudéssemos, juntas, escolher um adjetivo para andorinha. Então, Nathália foi procurar, no Google, as características da ave e ficou boquiaberta com o que leu e, imediatamente, leu para todas nós, com destaque para: *“Elas não gostam de solidão, então a migração é feita em grupos, sejam eles grandes ou pequenos. É uma maneira de se protegerem dos predadores e de garantirem a companhia no lugar onde chegam”*. *“A posta dos ovos não excede o*

número de seis, mas nem todos sobrevivem".⁶¹ O primeiro trecho, associamos ao próprio movimento feminista e às tantas vezes que, enquanto mulheres, temos que andar em grupo para que possamos nos sentir protegidas e chegarmos com segurança, livres dos predadores que atravessam nossos caminhos. Na segunda parte, foi impossível não lembrarmos da Lindsay. Eram seis alunas no início do projeto. Após a leitura desse trecho, foi impossível segurar o choro. Colocamos, no texto, andorinha azul. Depois que lemos a reportagem sobre o comportamento das andorinhas, o adjetivo era o que menos importava.

Enfim, conseguimos ajustar os últimos detalhes e finalizar o texto. Minha proposta era a de que todas pudessem levar o texto para casa e começassem a decorar os personagens. Como algumas cenas já estavam sendo levantadas, redistribuímos alguns personagens, por conta do afastamento da Nath como atriz. Fizemos uma primeira leitura, ainda no mesmo dia, e experimentamos quem faria os personagens dos programas. No dia seguinte, relemos o texto e demos algumas enxugadas em trechos que estavam muito longos e chegamos de fato a versão final.

Dois dias depois da leitura, foi decretado o isolamento social. Não sabíamos o que teríamos pela frente.

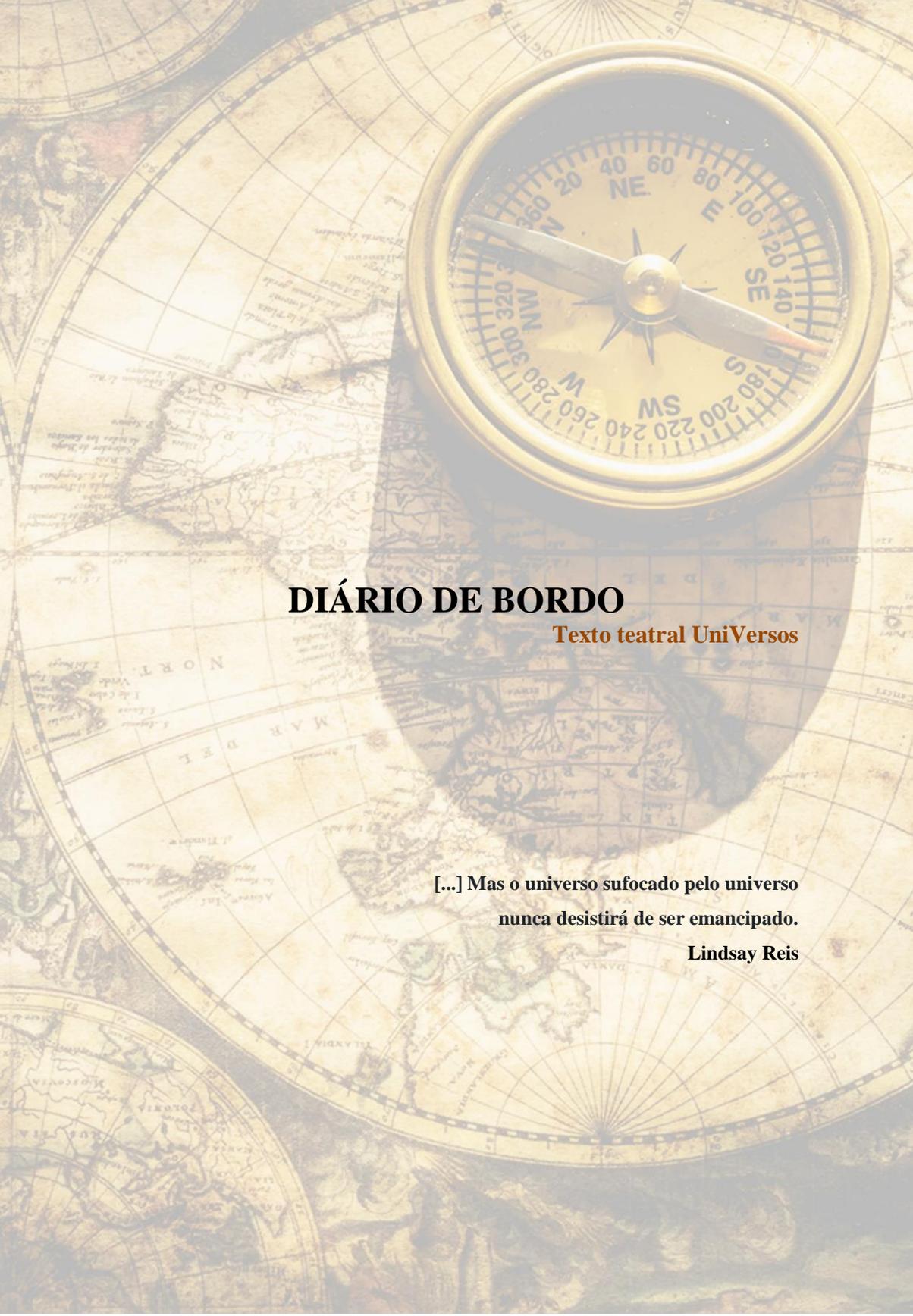
⁶¹ <https://myanimals.com/pt/a-ave-migratoria-mais-conhecida-a-andorinha/>
(QR Code na página 254)

Resumo do encontro, pelo olhar de Paulinha e Nath:

No último encontro que tivemos na casa da Andreia, antes da quarentena, o Flavio, marido dela, nos buscou e nos levou até a casa dela. Nesse dia, dormimos lá (Paulinha, Aninha, Nath e Bruna). Assim que chegamos, já tínhamos o texto da carta para o machista, então decidimos começar o nosso encontro, escrevendo um texto em que o machista pudesse responder essa carta. Depois de algumas horas escrevendo, terminamos, e a Andreia falou que íamos começar a ensaiar, mas, antes disso, teria que ver quem ficaria com o personagem da Nath, já que ela não iria mais fazer parte da atuação, mas estaria nos ajudando em outras coisas. Cada uma leu o texto dela, e decidimos que seria melhor a Bruna fazer, porque ela já conhecia bastante, e iria demorar muito para as outras se apropriarem com tanta determinação. Depois, escolhemos a Bruna para fazer, também, a cena do gromelô, porque as outras tiveram mais dificuldade. Aninha e Paulinha ensaiaram a parte do Silvio Santos. Após isso, a Andreia deu para cada uma a peça inteira escrita, lemos tudo e nos emocionamos demais, choramos, lembramos da nossa estrelinha, e lembramos dos bons momentos. Depois disso, a Andreia pediu para que todas revisassem o texto para ver se faltava algo. Ela percebeu que, no poema da Jenyffer, o pássaro que ela descreve é macho e ela gostaria que fosse fêmea, já que nossa peça é recheada de empoderamento feminino. E ela mandou mensagem para a Jenyffer, perguntando se poderia ser andorinha, porque era no feminino. Jennyfer topou e resolvemos pesquisar como as andorinhas eram. Todas se emocionaram porque nos identificamos demais. As andorinhas andam sempre em grupo, porque, juntas, se protegem e permanecem seguras. A andorinha consegue colocar até 6 pássaros (começamos o projeto com 6), mas nem todos sobrevivem (perdemos uma, a Lindsay). Choramos muito ao ler essas informações. Depois desse baque, tivemos certeza de que seria andorinha. Prosseguimos o ensaio até tarde e, depois, fomos dormir. No dia seguinte, o pai da Nath iria nos buscar às 15h, mas ele se atrasou um pouco e chegou às 17h. Enquanto isso, nós ensaiamos. A Andreia conversou sobre o risco de nos afastarmos por causa da pandemia, que poderíamos ensaiar as nossas falas em casa e que seria um momento difícil. Não sabíamos quando seria o próximo encontro e só tínhamos o nosso amor e a esperança naquele momento. Fomos para casa e, até hoje, não temos certeza de quando será esse reencontro. Esperamos que seja breve.

Maria Paula Grecco

Nath Amorim



DIÁRIO DE BORDO

Texto teatral UniVersos

[...] Mas o universo sufocado pelo universo
nunca desistirá de ser emancipado.

Lindsay Reis

UniVersos

(Blackout. As atrizes-poetas estão debaixo de uma grande saia rodada que AM está vestida e que representa o universo. Uma música vai preenchendo a cena e aos poucos entra o áudio)

AM: Andreia Morais A: Aninha B: Bruna P: Paulinha

Prólogo:

(Áudio em off na voz de AM): Tudo começou com o meu próprio big bang. **(Uma explosão rasga a música, ao mesmo tempo, as atrizes acendem suas lanternas e se movimentam debaixo da saia, com uma sequência de gestos)** Uma explosão de incertezas que dão origem a um ser inominável, com duas ou mais personalidades e semblantes indescritíveis e indecifráveis. Uma mulher, às vezes homem, com um olhar penetrante e um mistério irresistível, com um sorriso multifuncional que, quase sempre, serve pra intimidar, não para expor alegria. Um coração de menina, uma mente maquinada e totalmente racional. Uma criança emotiva, com raiva, um ser matador e imortal, totalmente moral. Um muro de razão, trepado por flores de ingenuidade, cercado por espinhos de mágoa e desamor, com raízes em uma terra rica de ternura e igualdade. Quando chove, são gotas de tristeza, por um céu inseguro e sabotado que entregou seu sol a um universo perverso e inexplorado. Dentro dela, existem rios de atenção. Um universo dentro de um universo, dentro de um esqueleto revestido por carne que não vê a hora de estar em ascensão. De natureza sensual e venenosa, digna de honra. Mais misteriosa e imperceptível que o desabrochar das rosas, mas impactante como o esplendor de uma aurora. Outrora confiava em tudo o que o olho via, agora confia no estudo minucioso que sua mente aplica. **(Apagam e acendem as lanternas)** E existem muitos pedaços de terra, nela, inexplorados. Um universo vivendo no universo é um tanto quanto apertado. Às vezes, sufoca, às vezes, seu céu chove um bocado. Um universo que ama dois gêneros, dentro de um universo que mal sabe o que é ser amado. Que decide seu destino ao invés de ser programado, que reluta contra os impulsos de um universo que é totalmente impulsionado. Um universo que se vê ferido toda vez que é criticado, por um universo que forma opiniões segundo opiniões e não fatos, de fato. Um universo que respira com dificuldades porque já não suporta mais respirar esse ar de repressão que o universo em que habita tem lançado. Um universo que, em meio ao caos dos outros universos, continua se mantendo tranquilo e calmo. Um universo que tem se afogado, que tem se marcado na esperança de não se perder para o universo ao lado. Um universo laçado. Um universo inseguro. Um universo inexplorado. Um universo que só versa quando o peito aperta e a dor inspira e faz estrago. Um universo que só para de versar quando a mão já criou calos. Deixo concluído que um universo dentro de um universo é algo complexo e cheio de relapsos. Mas o universo sufocado pelo universo nunca desistirá de ser emancipado. **(Novamente, a explosão rasga a música e as atrizes saem por debaixo da saia com expressões que oscilam entre descoberta, desconfiança e empoderamento.**

Cada uma se direciona para pegar suas malas, que estão compondo o cenário do espetáculo. AM sai de cena)

Bruna: (Arrastando sua mala) Peguei a mala, coloquei nela minhas poesias e parti ao meu destino. Chegando lá, sentei tranquilamente, mas com uma ansiedade incontrolável que me consumia por completo.

Nath: (Em off) Sabia que eu reconhecera o destino quando estivesse chegando, mas o caminho era desconhecido, e o novo estava me assustando.

Aninha: (Arrastando sua mala) Uma sensação de que tudo aquilo iria ser bem maior que todas nós. Quando temos o nosso primeiro contato com o novo, nos protegemos.

Paulinha: (Arrastando sua mala) A poesia sempre esteve comigo de muitas formas, mas a forma mais acolhedora e compreensiva, pra mim, foi quando embarquei nessa viagem.

Jenyffer: (Em off) Uma boa poeta sabe usar as palavras ao seu favor. Usem as suas para se libertarem.

(As três atrizes olham para o além como se ouvissem aquela voz, em seguida deixam as malas, cada qual num canto, e se olham com curiosidade. Sorriem e vão se aproximando aos poucos. Toca ciranda, cirandinha, e elas se dão as mãos, começam a brincar e a gargalhar. Depois do refrão: “Diga um verso bem bonito, diga adeus e vá se embora”, B e P se afastam, e fica A, no meio, e inicia a cena)

Cena 1:

A: Quando apenas menina, me disseram que havia nascido do sexo frágil e que, por ser menina, eu o pertencia. Nova demais para saber o que aquilo poderia significar, não dei a mínima. Conforme o tempo foi passando, eu fui percebendo que não era aquilo que eu queria. Eu não queria ser submissa a um homem. Eu não queria... lavar, passar, cozinhar, esfregar e varrer e servir, e trocar, e limpar e...

B: Sou menina, em breve serei mulher. Crescer para uma criança deveria significar sua maior vontade, mas, nos novos tempos, todos nós temos medo da sociedade. Em breve serei mulher e o tanto que eu já tenho pra... lavar, passar, cozinhar, esfregar e varrer e servir, e trocar, e limpar e... E ainda sou apenas menina.

P: Ser mulher de dia é difícil, e de noite é questão de sorte. E de quantos anos eu vou precisar pra ser humana, não apenas... MULHER? Gostaria de saber qual a natureza feminina, mas o tanto que eu tenho pra lavar, passar, cozinhar, esfregar e varrer e servir, e trocar, e limpar e...

B: "Menina, feche as pernas, senta que nem moça".

P: "Menina, cuidado com o que fala, olha a boca".

B: "Menina, tem homem em casa, troca essa roupa".

A: Meu coração bate mais forte... É meu destino ser mulher.

B: Sou menina, mas já sei o que é sangrar desde cedo.

P: Sou menina e já tenho tanto medo...

B: Sou menina mulher e tento entender essa minha essência.

P: Sou menina demais, mas nem tanto pra me convencer de que não é uma sentença.

A: (Pensativa) Gostaria de saber qual a natureza feminina! Mas, o tanto que eu já tenho pra...

TODAS: (A repetição num crescente e sendo falado de forma robotizada até dar um pane) Lavar, passar, cozinhar, esfregar. E varrer, e servir, e trocar, limpar e....

P: (Cortando) E eu não consigo entender a natureza feminina... Eu não tenho um momento. Sou apenas menina.

Cena 2:

(A e B cantam Teresinha de Jesus envolvendo P no meio da roda. A entrega a P uma boneca. A e B cantam: “Teresinha de Jesus” até “todos três chapéu na mão”. P continua a música: “O primeiro foi seu pai”, e interrompe no “terceiro”... Enquanto P canta, A pega uma boneca e fica ao seu lado, dançando, e B pega uma cadeira e veste luvas pretas. Ao interromper a música, P senta) Eu era apenas uma menina **(A e P se olham, A pega a boneca da mão de P e sai de cena)**, e ele me fez pensar que aquilo era bom pra mim. **(B toca no rosto de P e vai desenhando movimentos conforme P vai falando)** Nas primeiras vezes, eu me lembro, foi horrível, eu me senti o pior ser humano do mundo, mas depois me acostumei. **(B faz movimento para levantar e girar P)** Ele me seduziu, me fez ter prazeres. Eu não conseguia distinguir: bom ou ruim? Fui iludida o suficiente para achar que ele era só meu. Mas o dividia e não consegui mais suportar que era com ela. Na mesma cama, no mesmo teto. Eu era apenas uma menina. E fui crescendo. Adolescência... Amigas... Minha mãe? Sempre me agredia! Informação? Cultura? Só na escola, e foi lá que eu descobri o quão encercada eu estava. Eu não tinha noção do que aquilo significava. No escuro da noite, ele sentia prazer e, de dia, ele me batia, e aquilo era todos os dias. Minha mãe sempre quis ter um filho daquele homem. Ela era tão apaixonada por ele. Pensei que um dia poderia chegar a minha hora **(Passa a mão na barriga)**, mas pensava no meu futuro. Mesmo morando em um apartamento tão pequeno, meus sonhos eram gigantes. Até o dia que contei pra minha amiga, e o que restou foi o silêncio. Ela não imaginava. A fiz jurar de pé junto que nunca contaria. Mas não havia mais pra onde correr, a barriga iria crescer, e todos iriam saber. Minha mãe nunca poderia ter o prazer de ser mãe do filho dele, mas sendo avó, quem sabe ela não se arrependeria de não ensinar a uma filha o que é estupro e o que não é!

(Música dramática, P sai de cena, sendo levada por B. Entra a voz em off: Mais de 70% da violência sexual contra crianças ocorre dentro de casa. Em seguida, A entra em cena)

Cena 3:

A: No escuro da noite, em um quarto, sozinha, uma menina chora por não suportar a própria companhia. Choro por não conseguir ser minha. Olho no espelho e rejeito. Quebro ele com meus próprios dedos. Abro, em mim, machucados com os próprios cacos. E, ao nascer do dia, me reconstruo, carregando na alma machucados profundos. Fui julgada pelo mundo, que parecia surdo para todos os meus gritos de

socorro mudos. Tentei me encaixar no padrão: Alisei os cabelos, usei maquiagem desde cedo e evitei dizer "não". Afinal, essa não era obrigação de uma mulher de respeito? As calças e shorts sempre muito apertados, meus cabelos sempre grandes e muito bem alisados, para tentar agradar patriarcado, que, cá entre nós, nunca fomos aliados. E sabe o que aconteceu? À luz do dia, numa casa, sozinha, uma menina mulher renasce fruto de sua própria rebeldia. Naquele dia eu a conhecia... A tão desejada autoestima! Cortei os cabelos pra agradar só a mim. Digo "não" constantemente, porque, sinceramente, eu não tô nem aí. E faço questão de que todos saibam que nunca mais conseguirão me reprimir. Vou ser julgada por isso também, por querer o meu bem e, principalmente, por não ligar pra mais ninguém. Não quero seus olhares marotos, não quero seus comentários sobre meu corpo e, se ser julgada é o preço para receber isso..., fica com o troco.

(Entra um fundo musical, com sons de buzina, secador de cabelo, som de comércio e som irritante que será a base para a próxima poesia, que será uma poesia bem ritmada)

Cena 4:

(B e P entram em cena, cantando o seguinte refrão para A): Aguenta e adéque-se, mesmo se for impossível! Aguenta e adéque-se, mesmo se for impossível!

A: O barulho ensurdecedor do mundo te impõe comandos a serem seguidos.

B: Alise os cabelos.

P: Murche a barriga.

B: Coloque uma cinta.

P: Mas cuidado pra não exagerar no decote e parecer vadia.

A: O corpo a ser almejado é o corpo violão.

B: Então, contorno no rosto...

P: No nariz...

A: O corpo a ser almejado é aquele que atrairá mãos sem nem precisar de permissão.

B: Mas quando uma mão não querida aterrissar sobre ele...

P: É óbvio que você estava querendo...

B: Afinal seu corpo pede.

P: Suas roupas pedem.

(A partir daqui, A começa a andar pelo espaço, como se estivesse desfilando com uma música no fundo, e vai reagindo a todas as falas).

P: Salto alto nos pés.

B: Pó BRANCO na cara.

P: Indiferente do seu tom de pele.

B: O branco é o mais adequado.

P: Laquê!

B: Gel!

P: Óleo no cabelo, nenhum frizz pro alto.

B: Um sorriso largo no rosto.

P: Compita com todas as outras.

B: Botox na boca.

P: Sem pelos no corpo.

B: Suporte todos os assédios.

P: Você sempre será o Outro.

B: Seja uma excelente dona de casa.

P: Cuide do seu marido.

B: Não existe isso de mulher não querer ter filhos.

P: Não existe isso de mulher ser dona do próprio umbigo.

B: Seja submissa à família.

P: E repita isso todos os dias.

B: Afinal, esse é seu sonho desde que você era menina

P: Então...

B e P: (Mesmo do anterior) Agunte e adéque-se mesmo se for impossível! Agunte e adéque-se mesmo se for impossível!

A: (Tapando os ouvidos) O barulho ensurdecedor do mundo te impõe comandos a serem obedecidos. E, em meio a tanto barulho, às vezes, o silêncio é o que mais grita. (Sai de cena, e um jogo de luzes com a lanterna é criado, com uma música psicodélica de fundo, aos poucos, entrando trechos de músicas que tenham a palavra MULHER. “Eu gosto de ser mulher” (Bethânia); “Mulher, mulher” – “Dizem que a mulher é o sexo frágil” (Erasmus); “Já tive mulheres de todas as cores” (Martinho); “Mulher de fases” – “Que mulher ruim” (Raimundos); “Eu sei como pisar no coração de uma mulher” (Chico); “Ela é mulher feita” (Projota); “Você mulher” (Paula Fernandes); “Mulher de palavra” – Viviane) Enquanto toca essa colagem de músicas, uma cadeira é colocada em cena, e B senta e é manipulada por A e P, sendo vestida com vários acessórios e objetos que são colocados, tirados e experimentados, até construírem uma mulher montada. A música vai sumindo, B encara a plateia e inicia o texto)

Cena 5:

B: Sou corpo. Exposto. Vendido. Violado. Traumatizado por tudo que entra em mim sem a minha permissão: palavras, substâncias, membro; tudo que vem após o meu NÃO. Preciso carregar meu filho pesado no colo e sustentar o trabalho doméstico não remunerado, mas não posso demonstrar força em alguns cargos porque, afinal, sou o sexo frágil. Tenho que correr de salto nas vielas desertas, tenho que ficar em pé nas conduções para não sentar ao lado de um possível violador. Tenho que fechar as portas, a boca, as pernas e abrir quando sinto a calça sendo puxada sem que nem me peçam por favor. Quando se torna mulher, entende que o respeito é negociável, depende da minha postura, como o outro irá se comportar. Se eu tivesse realmente o poder de controlar como o outro age, não existiriam mulheres expostas, vendidas, violadas, traumatizadas. Ser mulher é mágico! (**Levanta da cadeira**)

Porque quando se torna mulher, automaticamente suas roupas ganham vida, capazes de conversar com os rapazes e os incitarem a se aproximarem, e a tomarem partida. (A e P colocam a mão na saia de B, que terão entradas, como se pudesse manipular um fantoche e dizem frases: “Oi garotão, eu tô facinha hoje, vem em mim” “Ei cara, passa a mão em mim, tô pedindo”) Ser mulher é trágico! (As mãos saem da saia) Minhas roupas falam, mas a minha boca nunca é ouvida. Interrompem minha fala, meu progresso e a minha vida! (**Pausa**) Era o meu bem,

como eu não teria confiado? O homem cuidado, amado, chegou armado. E eu? Grito por quem? Se, nessas horas, nunca tem ninguém na casa ao lado. **(Fala direto, sem pausa)** O homem amado armado pegou a faca, puxou a arma e apertou o gatilho: Patum **(Pausa como se estivesse revivendo a cena)** na frente dos meus filhos. **(Vira revoltada pra plateia)** E cadê o Estado? Os juízes e o presidente? Acontece todo dia na sua frente. Porque, quando se torna mulher, é preciso o entendimento que depende unicamente do outro o destino da sua vida. Quando me tornei mulher, me tornei um universo repleto de perguntas sem respostas, de decretos criados e perpetuados pela história, que ousou vasculhar, remexer, buscar, entender os porquês que tanto me aprisionam. Quando se torna mulher, torna-se somente um aumento na estatística, torna-se somente um caso nunca solucionado, colocado em uma gaveta. **(Pausa)** Quando se torna mulher, torna-se um corpo exposto, violado, vendido, traumatizado e colocado em uma gaveta num cemitério qualquer.

(Na entrada das outras atrizes, B vai se recompondo e tirando os objetos de cena, reagindo ao que está sendo dito)

P: Há muitos anos me livre de ser queimada, mas, ainda hoje, ando desviando de todas as pedradas, todas as facadas, todas as roupas tiradas.

A: Ainda hoje, luto pela minha liberdade roubada, pelo meu lugar de fala.

P: Eles tentam nos matar, tentam nos calar, fazem de tudo para nossa mente infectar, nossos corpos manipular...

A: Então vai, não parem. Tentem nos matar, tente nos calar... Mas não vai adiantar nada.

A e P: Nossas ideias são à prova de balas.

A: (Quebra e aponta a lanterna pra alguém na plateia) Crie sua filha para ser feminista. Você querendo ou não, ela já nasce na briga.

B: (Voltando pra cena) Garotinhas, escutem com atenção, vocês crescerão cedo, roubarão sua inocência e lhes farão ter medo. Mas eu vou lhes contar um segredo... **(Passa para o ouvido de A que passa pra P que fala pra plateia em tom de segredo)**

P: Nossa existência vem sendo tentada, a cada dia, a cada hora, a cada segundo... em toda parte do mundo.

B: Não desanimem, isso tá longe de acabar,

TODAS: Enquanto isso, a luta contra o machismo não pode parar.

Cena 6:

(As atrizes cantam música de programa de auditório. Dançam e colocam três cadeiras em cena. Finalizam a música cantando: “O machista vem ai, ole, ole olá”)

Silvio Santos: Ah oi! Quem quer dinheiro? Quem quer ver mulher bonita?

Apresentadora1 e 2: Mentira!!! O machista não vem aí. Sai fora machista!!!

(Colocam o Silvio pra fora).

Apresentadora1: Chegamos ao quadro mais esperado do programa: O Debate com Especialistas. Recebemos no programa de hoje Nath Augustin, uma *Influencer*, ativista e referência do movimento feminista no país dela. Vem pra cá, Nath Augustin!

Nath: Fala em gromelô.

Apresentadora2: Como ela não fala nossa língua, eu vou perguntando e tentando traduzir ao máximo. Vou deixar ela falar um pouco da vida dela, do país e do que ela faz por lá. **(Apresentadora pergunta em gromelô)**

Nath: Gromelô.

Apresentadora1: Ela disse que o país dela é completamente patriarcal, então, criou causas sociais pra entrar em escolas, universidades e alcançar diferentes mulheres de idades, classes e etnias distintas. Fica triste por ainda existir tanta diferença salarial entre homens e mulheres. No seu país, eles amam futebol e a melhor jogadora de lá já foi campeã do mundo seis vezes, eu disse seis vezes, nenhum jogador homem por lá tem esse feito. O melhor jogador do país dela ganha 800 vezes mais que essa jogadora. Chocada, gente!!! Bom, vamos às perguntas dos nossos telespectadores. Libera a ligação produção.

(Em off, voz de mulher - Jenyffer): Alô, meu nome é Jenyffer Guttman e gostaria de saber qual a diferença entre assédio e elogio?

(Apresentadora pergunta em gromelô)

Nath: Gromelô.

Apresentadora2: Elogio é dizer algo bom sobre alguém. Elogie a capacidade da sua companheira, diga que sua roupa está elegante, como ela é inteligente. Assédio é tudo aquilo que traz desconforto, gritar da calçada que a bunda de uma desconhecida é gostosa e redonda, COM CERTEZA, não é um elogio.

Vamos a última pergunta.

(Em off, voz de homem): Alô, meu nome é João sem Noção e eu gostaria de saber porque a mulher tem o direito de ser feminista e o homem não tem o direito de ser machista? **(As três riem da pergunta)**

Nath: Gromelô.

Apresentadora1: Bom, primeiramente, o feminismo é uma luta das mulheres, e os homens também podem ser aliados nessa luta. O feminismo busca um mundo em que homens e mulheres possam ter os mesmos direitos. Já o machismo é um conceito onde o homem se coloca num lugar de superioridade em relação à mulher e, muitas vezes, isso leva a violências e grandes desigualdades. Ela conclui que não há comparação cabível entre uma coisa e outra.

Apresentadora2: Bom, antes de finalizar, eu gostaria de fazer uma pergunta. Afinal de contas, o que é Sororidade?

Nath: Gromelô.

Apresentadora2: Sororidade é uma palavra bem atual. Sororidade é a união de mulheres. Infelizmente nós somos criadas, muitas vezes, para sermos rivais, e isso não é legal. Nós precisamos nos unir, para nos ajudarmos e conquistarmos novos direitos.

Apresentadora1: Vamos finalizar nosso programa de hoje, mais uma vez, com uma carta de uma de nossas telespectadoras. O tema de nossa carta de hoje é: “Carta ao machista”. Lembrando que, ao final da leitura, damos o direito de fala para quem estamos lendo essa carta, no caso **(Valorizando):** “O machista”. Vamos ouvir nossa telespectadora.

Nath: **(Em off, lendo a carta. Enquanto isso, as atrizes em cena, iluminam o próprio rosto e em linha caminham muito lentamente em direção a plateia)** - De

mulher exausta dessa sentença que chamo de vida, para você: O machista. Eu sou uma das tantas e você um dos tantos. Há um abismo enorme entre nossas verdades, mas a sua tem me doído todos os dias. Sua verdade oprimiu minha vó, oprimiu minha tia, minha mãe, minha irmã, e eu falo sobre a minha verdade para evitar que a sua oprima a minha filha também. Sua verdade levantou uma escola, colocou mulheres dentro e as ensinou o que é ser uma mulher. Sua verdade nos chamou de bruxa, nos queimou e me queima pra rua inteira quando erro alguma questão que aprendi na escola que sua verdade criou. Sua verdade não me considerou cidadã por muito tempo. Sua verdade me aprisionou em lares, em tanques, em camas, em gemidos altos e vazios que disfarçavam os pedidos de socorro baixinho. **(As atrizes pedem socorro só gesticulando com a boca)** Sua verdade me deu um soco e um buquê pra disfarçar o olho roxo. Sua verdade me deu pontapés na barriga que minha filha morava. E me matou com aquelas leis que não me autorizaram o direito de abortar um feto, mas sua verdade não te matou por abortar o afeto. Sua verdade foi escrita por vocês, explicando os porquês, criando leis, sem dar a vez pra quem só quer entender o porquê da dor doer só de um lado desse abismo, pra quem só tá cansada de aprender com um menino, o porquê eu, mulher, existo. **(As atrizes sussurram a palavra cansada)** É muito fácil negar direitos do que vocês têm, mas, quando é solicitado por nós, vocês chamam de privilégio. E se te conheço bem, você nem ouvirá minha carta toda, porque sua verdade cria um bloqueio gigante, e você me chama de louca. Finalizo a carta com uma pergunta: se a sua verdade mata inocentes e me aprisiona mesmo em liberdade, não acha que é preciso repensar o seu conceito de verdade? **(Elas apagam a lanterna e a apresentadora faz uma grande quebra)**

Apresentadora2: Agora, queridas e queridos telespectadores, nosso telefone não para de tocar, vamos atender e ver que machista está na linha pra responder a carta de nossa telespectadora. Alô! Com quem eu falo?

(Entra áudio de resposta à carta. Palco vazio) Eu choro, mas eu choro sozinho. A dor também tem doído desse lado do abismo. Aqui é tudo cinza, os dias cansativos. Eu costumava escrever sobre isso, mas falar sobre meus sentimentos aqui também se tornou proibido. Eu sou o provedor, e qual a graça de provar tudo e não poder provar da minha dor? Tenho a obrigação de ser o homem da casa. Aguentar, não brochar, trabalhar, se não sou visto como o rato e questionam a minha masculinidade. Minha verdade me foi dada sem que eu tivesse a oportunidade de negar. Feminismo aqui é uma palavra proibida. Uma vez perguntei o conceito e me disseram que são mulheres que andam nuas pelas ruas, não se depilam e agridem homens na luz do dia. Eu não sei o que é o feminismo, como vou lutar por algo que me coloca como vilão, se eu nem pude escolher o papel do mocinho? Abro mão dos meus benefícios ou aceito todo o prejuízo em prol do bom convívio? Minha verdade também me silencia e me aprisiona em perguntas e respostas que muitas vezes não fazem sentido na minha vida. Já tentei imaginar a dor das mulheres, mas vocês se distanciaram tanto e, longe, a visão fica turva. Muitas vezes não concordo com as leis, mas se eu expuser minhas opiniões e sentimentos, sou excluído e massacrado, porque isso não é coisa de homem. Em qual lado dessa luta eu fico? Escrevo, te respondendo, sozinho, em sigilo, com certeza, seria impossível falar sobre isso na frente dos meus

amigos. Não é te responsabilizando, mas eu queria muito saber: eu me desconstruo e me construo no quê?

(Desmontando os personagens do programa de auditório, as atrizes iniciam um diálogo reflexivo entre elas e a plateia)

Cena 7:

B: O machismo não é nocivo somente para nós, mulheres, ele fere, também, os homens e nos impede de termos um mundo mais igualitário.

P: Confesso que não tenho medo de ser, tenho medo do porquê.

A: Talvez o meu EU seja ter medo de quem eu realmente sou.

B: Estamos em constante avaliação procurando sempre aprovação em colos que não são os nossos. Sempre tão necessitados de reconhecimento...

P: Até que ponto chegaremos por negar o inegável, por tornar realidade o que é somente utopia, por silenciar o incalável, tentando abafar a voz de quem grita.

A: Estamos predestinados a silenciar a nós mesmos. A possibilidade de sentir nunca vem ao caso, como se reprimir-se fosse mais fácil. Nós gritamos. Gritamos quietos, gritamos calados, e não torna mais saudável continuar sobrevivendo.

B: Todos gritam calados. Mas eu grito escrevendo...

A: Eu grito dançando, atuando, lutando...

(Entra música e inicia-se a partitura corporal, que sugere uma escrita, como se o corpo pudesse desenhar o espaço, até chegar à partitura corporal de cada uma. As atrizes fazem uma partitura composta por 4 movimentos e finalizam com uma corrida que as faz mudar de lugar e reiniciar a mesma partitura. Fazem isso três vezes, até que B para no meio e inicia o texto. Todas correm paradas em lugares diferentes e direções diferentes e vão circulando em torno do próprio corpo. Fazem isso até determinada parte do texto abaixo, falado por B).

B: Mais uma vez me vejo sozinha no quarto, deitada na cama depois de um dia cansativo. Eu tô cansada. **(Giram)** E apesar do dia corrido, me sentiria igualmente cansada se não tivesse feito nada. **(Giram)** Queria um controle pra dar pausa nessa correria, mas também não foi eu quem dei play pra iniciar minha vida... **(Giram)** Não, não quero morrer, não sou suicida, depressiva, ou qualquer outro tipo de coisa a que sua pesquisa sobre pessoas cansadas tenha o levado **(Giram)**. Talvez um pouco sentimentalista, talvez com um pouco demais de melancolia... **(Giram todas pra frente)**

TODAS: (Viradas para frente e com o mesmo gesto) Eu só tô cansada de ser mulher todos os dias. **(Giram)**

B: Além do cansaço, tem o medo, **(Giram)** além do medo, as estatísticas de mulheres que morrem por ser mulheres **(Giram)**, e isso acontece todos os dias **(Giram)**. Todos os dias, um cansaço diferente, **(Giram)** todos os, dias lutas sendo travadas **(Giram)**, mas, daqui a minutos, talvez, eu não sinta mais nada **(Giram todas pra frente)**.

TODAS: Ou talvez, daqui a 11 minutos, eu sinta um cansaço a mais.

B: (A partir daqui A e P, continuam correndo no mesmo lugar e não mudam a direção, somente B vai mudando a direção no seu tempo): O medo, o peso das

estatísticas de ser mais uma mulher que sofreu por ser mulher todos os dias. Mas, mesmo cansada, se eu tivesse a oportunidade de trocar por somente um dia, não trocaria. Não odeio ser mulher, só tô cansada. **(Todas param de correr. A e P começam a caminhar lentamente e se posicionam atrás de B. Enquanto caminham, repetem a palavra cansaço, de maneiras diferentes, com tons e velocidades diferentes e fazem uma fila atrás de B)**

B: Cansada dos padrões. Cansada dos índices de violência. Cansada das "obrigações". Cansada da necessidade de resistência. Cansada dos índices de assédio. Cansada de ser vista como objeto. Cansada do risco eminente de estupro. Cansada dos ÍNDICES de estupro. Cansada do medo. Cansada da discriminação. Cansada da opressão. Cansada do peso. Cansada das desigualdades salariais... **(Forte)** Cansada demais... **(Pausa)** Mesmo sem correr, mesmo que falte um pouco de fé, mesmo cansada pra lutar, sigo de pé. Uma mulher cansada ainda é revolucionária. **(Todas levantam os braços e iniciam uma marcha, buscando um ritmo entre elas).**

P: Vou lutar porque não sou obrigada a seguir seu padrão e entrar em um vão que não me cabe.

A: Seu moço, com mulher não se brinca, é melhor você pensar duas vezes antes de colocar essa sua máscara de machista.

B: Tenho um EU que faz mais perguntas do que essa sociedade que me julga. E essa voz que invade a minha cabeça, me grita tão alto que eu sinto a necessidade de libertá-la.

P: Não sou sua opinião formada, eu não quero ser o que você pensa.

A: Uma palavra errada pode mudar tudo.

P: Ou não mudar nada.

B: Em algum lugar, lá fora, há a minha cura ou, talvez, em algum lugar, aqui dentro, às escuras. **(Depois dessa fala, elas se olham e repetem a frase, como se uma ficha tivesse caído)**

TODAS: (Falam para si próprias) Em algum lugar, aqui dentro. às escuras... **(Blackout ou pausa longa)**

P: (Como se descobrisse algo) A quebra da continuidade é o que nos faz constante. O segredo da vida não está em se manter de pé sempre. E sim em repousar sempre que preciso para levantar novamente. Às vezes, a âncora do barco é sua mania de perfeição.

A: A vida é uma eterna aprendizagem. Sempre me olho no espelho e vejo muitas marcas. Marcas novas. Não vi mais as que vi ontem, aqui, nesse mesmo lugar. **(Entra música, B se afasta, A e P se encaram e iniciam em círculo, movimentos espelhados. A inicia o texto e durante todo o monólogo, elas jogam entre si).**

Cena 8:

A: Um espelho se materializa diante dos meus olhos, e nele há algumas rachaduras, por conta disso vejo meu reflexo distorcido. As rachaduras pareciam ser tão profundas e cheias de segredos que me fizeram querer tocá-las. Porém, por um breve segundo, pensei ter ouvido o meu próprio reflexo falar comigo. Mas não, essa voz

que pensei ter ouvido não vinha do meu reflexo, e sim das rachaduras, uma delas me disse:

P: “Você controla as mudanças da sua vida”.

A: Ao ouvir aquilo, desabrochei um sorriso sincero e, automaticamente, esse pedacinho do espelho se completou, deixando de ser rachadura. Passei os dedos, encantada com o que tinha acabado de acontecer. Como aquilo poderia ser possível? Sentei no chão, querendo saber o que mais essas rachaduras poderiam me dizer. Então, uma decidiu falar, e me disse assim:

B: (De onde estiver assistindo, diz alto) “Não existe dor que não possa suportá-la”.

A: Ao ouvir aquilo, fechei meus olhos e dei um suspiro profundo, era como se uma carga negativa tivesse acabado de sair de mim, e assim que os abri, uma rachadura que ficava bem no meio do espelho, com a voz mais alta e grave que as outras, me disse:

(Em off, com efeito e sobreposição de vozes): “Tu és Lua”!

A: Ao ouvir aquilo fico de pé novamente, em frente ao espelho. Eu sabia exatamente o que aquilo queria dizer, e uma luz branca sai das rachaduras, tão clara que me faz cobrir os olhos. **(B e P direcionam as lanternas em sua direção)** Assim que a luz se apaga, me viro para encarar o espelho, dessa vez, ele estava completo, as rachaduras haviam sumido, e ele estava inteiro novamente. Sorriu para o meu reflexo e digo: “Hoje sou Lua e tenho várias fases, deixo que, às vezes, me vejam pela metade e, quando acham que deixei parte de mim ir, provo que nunca deixei de ser inteira”. **(Música de transição)**

Cena 9:

P: No alto da torre mais alta, há uma menina disposta a encarar o mundo. Por viver em um lugar tão afastado e limitado de opções, não sabia como se livrar das amarras que a prendiam naquele lugar. Durante anos, teve que suportar a sua própria companhia. Tendo consigo a única coisa que a mantinha viva: a esperança de que, talvez, um dia, todo esse pesadelo acabaria. A pobre menina, por viver tão isolada, criou laços afetivos com as únicas coisas que nunca a deixaram sozinha: o Sol e a Lua, **(A e B fazem um jogo de luz com a lanterna)** que todos os dias vinham lhe fazer uma visita e a inspiravam a escrever. Sentada perto da janela, admirando a beleza do mundo, assustou-se quando, de repente, uma andorinha azul entrou no seu quarto. Encantada, se aproximou da avezinha e começou a acariciá-la. A torre era tão alta que era muito raro conseguir ver uma ave voando por ali, mas, por algum motivo, aquele pequeno e inofensivo animal conseguiu chegar até lá. Assim que a andorinha se foi, algo dentro da menina ansiava por ser libertado. Então ela pegou um papel, uma caneta e começou a escrever sobre tudo: **(A e B espalham folhas coloridas ao ar. P vai pegando como se estivesse escrevendo nelas, tudo que está falando)** os ganhos, as perdas, os medos, o que aprendeu, o que a provocou mudança, o que a deixou triste, feliz, enfim, todos os sentimentos que foram presos junto com ela, naquela torre. Algo dentro da menina dizia...

Jenyffer: (Voz em off) “Uma boa poeta sabe usar as palavras ao seu favor, use as suas para se libertar”.

E foi isso que ela fez, a menina pegou todas as suas poesias, guardou dentro de si, se aproximou da janela e pulou! Quando deu por si, havia se transformado em uma andorinha, se tornando uma entre as outras seis. **(Algo na saia que possa ser transformado em asas. E todas correm no palco, como se estivessem voando, som de pássaros e natureza) (Param e direcionam seus olhares para frente. AM volta pra cena)** A andorinha azul estava à sua espera e, juntas, foram à procura de encontrar o seu próprio universo. **(Uma música ao fundo, e todas vão em direção às malas, se olham e vão pegando as folhas que estão no chão e guardando em suas malas. Enquanto recolhem as folhas, vão falando o texto)**

Cena 10:

B: De repente ninguém tinha medo de amar, de falar, de se vestir como quer, de andar, ou de ser mulher...

P: Eu me fiz e refiz no meu conto de fada, na minha história encantada, no meu conto de fada que se tornou uma história verdadeira: que seja sapo sozinho, eu serei o príncipe e serei a princesa.

A: Quem sou eu? Não tenho definição dessa pergunta, mas o que esse EU quer para o seu futuro é ser livre.

B: Em tão pouco tempo de uma caminhada que é ainda mais distante, encontrei pelo caminho, principalmente, aprendizado e incontáveis poesias.

P: Percebi que a vida sem poesia é um tanto assustadora e esquisita.

A: Quando cheguei ao fim desse começo, cheguei ao mesmo lugar de partida, sentei à mesa, peguei a mala e acrescentei as novas poesias, escutei cada palavra dita com atenção... esperei até o momento certo, onde o broto se torna flor.

Jenyffer: (Voz em off) A hora chegou. Me sinto grande e me sinto madura depois de todo o caminho percorrido.

Nath: (Voz em off) Eu não fazia ideia por onde iríamos passar, mas o destino me soara familiar, porque não sabíamos por onde iríamos, mas tínhamos a certeza de onde queríamos chegar.

B: (Olhando pra todas) Espero que saibam que somos uma rede. E desculpem se, de vez em quando, eu fico com os pés presos no chão, impedindo o balançar da rede, é que eu sinto que, se meus pés ficarem firmes, eu vou poder as segurar quando alguma, por algum motivo, não conseguir mais balançar. **(Olham para a AM)**

AM: A hora chegou! Uma andorinha só não faz verão! Vamos! **(Elas se olham, se dão as mãos e iniciam o texto final)**

TODAS: Queremos sangrar somente o que a natureza nos exigir

AM: Meu corpo, meu território! Será que é pedir muito?

A: Quantas vezes teremos que repetir? Uma? Duas? Dez? Trinta? Trinta e três?

B: Quantas vezes teremos que repetir? Todos os dias? A cada 11 minutos?

P: Quantas vezes teremos que repetir? Em quantas línguas? Dialetos?

AM: A cada toque não querido

TODAS: Gritemos

AM: A cada assédio investido

TODAS: Gritemos

AM: A cada desigualdade salarial

TODAS: Gritemos

AM: A cada abuso sexual infantil

TODAS: Gritemos

AM: A cada provocação para sermos rivais

TODAS: Gritemos

AM: A cada padrão de beleza imposto

TODAS: Gritemos

AM: A cada violência doméstica

TODAS: Gritemos

AM: A cada relacionamento abusivo

TODAS: Gritemos

AM: A cada motivo que querem criar para nos culpabilizar, quando na verdade somos vítimas

TODAS: Gritemos!

AM: Gritemos quantas vezes forem necessárias. Gritemos o nosso uivo de fêmea.

A: Que exige

B: Que luta

P: Que quer mudança

AM: Que não cala

TODAS: Gritemos em uníssono

AM: Somos todas

A: Ana Maria Grecco

B: Bruna Nascimento

P: Maria Paula Grecco

A: Nath Amorim

B: Jenyffer Guttman

TODAS: (**Olhando para o alto**) Lindsay Reis

AM: Andreia Morais

TODAS: Não nos calarão

AM: Chega de impunidade! Chega de barbaridade!

A: Cultura do estupro

B: Cultura do medo

P: Cultura da submissão

A: Cultura da opressão

B: Cultura do machismo

P: Já basta!

A: Meu corpo

B: Meu território

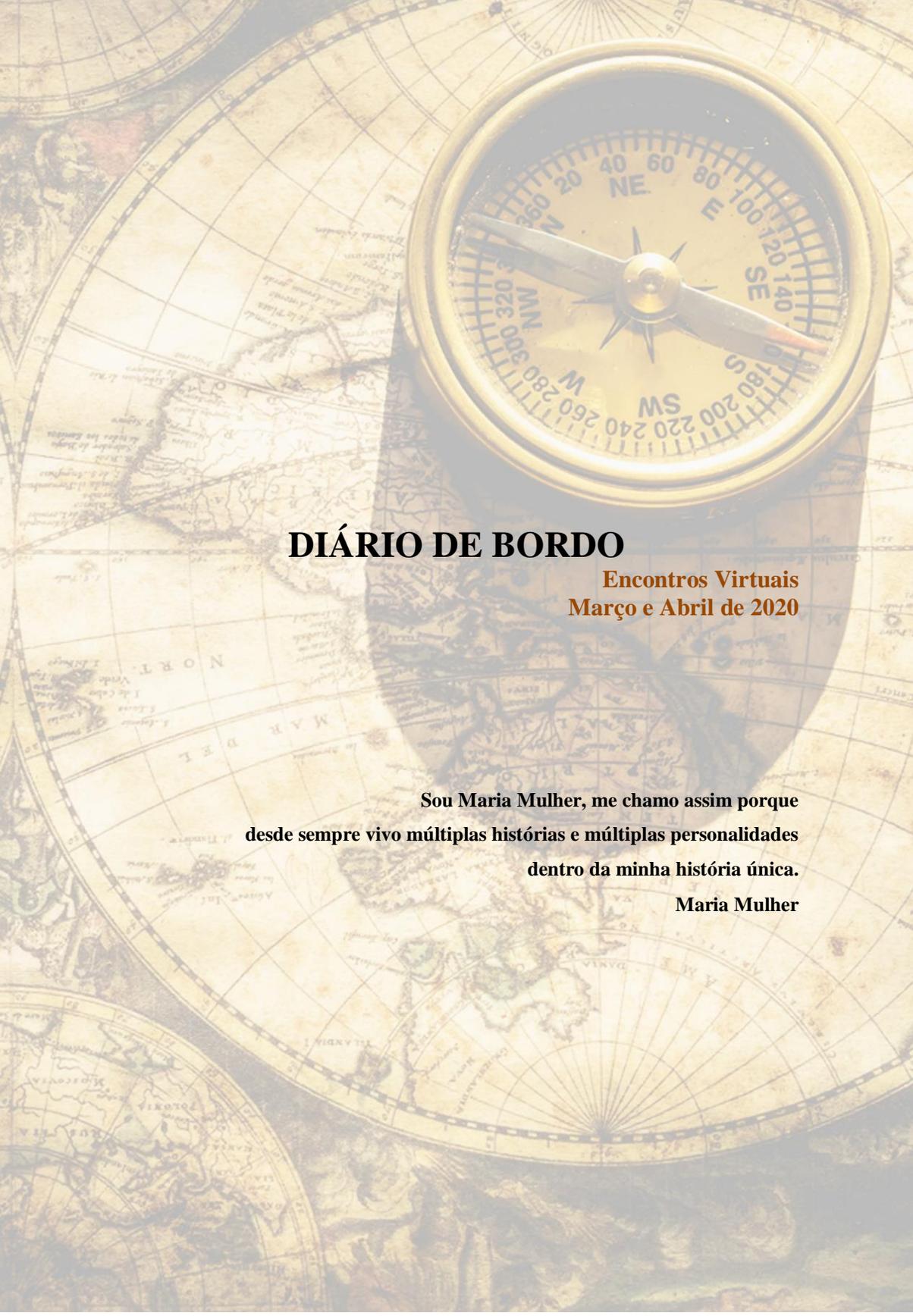
P: Meu firmamento

AM: Meu universo

TODAS: MEU!

(Entra a mesma música do início. As atrizes se olham e saem de cena. AM arrasta sua saia, A, B e P arrastam suas malas, repletas de poesias, que transbordam pelas arestas das malas)

FIM



DIÁRIO DE BORDO

**Encontros Virtuais
Março e Abril de 2020**

**Sou Maria Mulher, me chamo assim porque
desde sempre vivo múltiplas histórias e múltiplas personalidades
dentro da minha história única.**

Maria Mulher

Aproximadamente dez dias depois do início do isolamento, entrei em contato com as alunas, sugerindo que fizéssemos encontros remotos, para prosseguirmos com o trabalho. Levantei a possibilidade de mergulharmos nas intenções dos textos e, de alguma forma, dar continuidade ao processo. Dentro dessa proposta, seria uma oportunidade da Jenyffer estar presente. Porém, no primeiro encontro, participamos, eu, Bruna, Aninha, Paulinha e Thawã. Jenyffer entrou em contato depois, teve um problema de saúde, e Nathália estava sem internet. Iniciei, sugerindo que pudéssemos fazer esse encontro todos os sábados e compartilhar tudo que produzimos durante a semana. Em meio ao caos e diante de todos os atravessamentos que a Covid estava provocando no mundo, vi uma possibilidade de dar prosseguimento ao trabalho dessa forma. Nada substitui a presença física, principalmente quando estamos falando do início de um ensaio de uma peça teatral, mas era o que era possível.

Focamos no trabalho com o texto, intenções e o que isso iria movimentar em cada uma na construção desses personagens. Sugeri encontros individuais no decorrer da semana, onde poderia, com cada uma delas, trabalhar os monólogos. Dividi, com eles, a ideia de convidar alguns amigos para fazer uma espécie de tutoria para as outras funções que cada um iria desempenhar. Convidei a professora de Educação Física e bailarina, Viviane, que deu aula de poesia falada para Aninha e Paulinha. Como elas estarão junto comigo no processo de criação de algumas coreografias para o espetáculo, Viviane faria uma espécie de tutoria. A ideia era fazermos, com cada um desses convidados, um workshop online, falando da especificidade desses

trabalhos e podendo estimular e auxiliar no processo criativo de cada função. Discutimos as imagens que Thawã já havia desenhado, e sugeri que ele falasse um pouco dos desenhos. Ele trouxe uma perspectiva da empatia, do homem ser feminista e sua fala traduziu cuidado, respeito e vontade de entender tudo que nos atravessa e nos fere enquanto mulheres. Em um dos desenhos, as alunas falaram das leituras diferentes que um só desenho traz. Disse que aí estava uma das maiores riquezas da arte, as leituras diferentes que uma mesma obra pode nos trazer. Como Thawã tem habilidades em desenhos, chamei-o para pensarmos, juntos, no figurino e convidei Leonam Thurler, amigo ator e figurinista profissional, que topou o convite e teve um longo e rico papo com Thawã. Como Bruna é apaixonada por maquiagem, convidei a amiga atriz e maquiadora, Ana Paula Rodrigues, que também aceitou o convite. Logo depois desse nosso encontro, Bruna pesquisou e apresentou propostas de maquiagem.

Nos encontros individuais com as alunas, destrinchamos o texto e suas intenções. Repetimos muitas vezes e trabalhamos seu significado, sentimentos, pausas e subtextos. Priorizei a repetição, o entendimento e sugeri que, durante a semana, depois de estudarmos sobre o que esse texto dizia e ao que ele se propunha na cena, elas pudessem se debruçar nas formas que esse texto seria dito em movimento.

Dirigir um trabalho de teatro dessa forma estava sendo um desafio, mas apostei numa escuta cuidadosa e minuciosa do texto, ampliando a discussão e provocando para que o mesmo fosse experimentado nesse corpo em movimento. Lamentava que o jogo

entre elas não estivesse acontecendo nesse momento, mas entendia a necessidade e a importância de propor o trabalho dessa forma, mantendo vivo o nosso contato e possibilitando, além de continuidade, novos modos de lidarmos com as ausências.

Com o intuito de aproximar as alunas de seus textos, tornar as falas mais orgânicas e iniciar uma construção desses personagens, mandei um questionário para que cada aluna-atriz pudesse responder.

Construção do personagem:

Nome, Idade, Data de nascimento, Filiação, Sexo, Estado civil, Profissão, Cidade/País onde nasceu, Tem filhos? Se sim, quantos? Escolaridade, Peso, Altura, Signo, Qualidades, Defeitos, Medos, Certezas, Prazeres, O que mais gostaria de falar sobre você?

Em um dos encontros online, pedi que as meninas levassem as respostas. Elas leram. Em seguida propus, junto a elas, um jogo no qual fazíamos outras perguntas às personagens criadas: curiosidades, outros elementos da sua personalidade, coisas do seu cotidiano, tudo que auxiliasse as alunas-atrizes a darem vida a essas protagonistas.

Ao final do exercício, perguntei para as meninas se o jogo ajudou no início de criação dessas personagens. Bruna respondeu que sim, que pôde ver como o personagem é diverso e que um deles morria no final. Vi que a construção de um dos personagens dela estava muito próxima de suas características, o que fazia todo sentido, ao pensarmos em todo o processo de escritas, exercícios e jogos propostos, sempre na direção de ter como elemento principal a subjetividade de cada uma. Bruna falou que se deu conta de que, de fato, um dos textos era um desabafo dela e que ela só deu outro nome

ao personagem. Paulinha disse que, em um dos personagens, ela teve que pensar muito, pra conhecê-lo melhor, que tentou se identificar e se encaixar, também, no que a poesia trazia. No outro, disse que colocou um pouco dela na própria personagem, a partir do que a poesia propunha. Aninha seguiu o mesmo caminho.

Sugeri que elas transformassem o questionário em um texto, em narrativa, como se pudessem se apresentar em uma carta.

Personagens de Maria Paula:

Meu nome é Lara Gomes, tenho 18 anos, nasci no dia três de março de 2000. Moro em uma casa parecida com uma torre, no interior de São Paulo, com a minha avó. Nunca conheci meus pais, mas sei que os nomes deles eram Fernando e Estela. Eles morreram quando eu tinha 3 anos, e, desde então, minha avó cuida de mim. Ela já é bem idosa, eu que faço a comida e arrumo a casa, o que, na verdade, é só a minha função. Terminei o ensino médio, atualmente escrevo livros e poesias e ganho dinheiro com isso. Eu adoro escrever. Nós nos sustentamos com o dinheiro que eu ganho todo mês da pensão dos meus pais. O dinheiro que ganho com os livros, eu guardo pra conseguir sair desse lugar. Pretendo fazer faculdade, futuramente, de letras, mas não posso deixar minha avó sozinha e não tenho dinheiro para alguém cuidar dela, então a gente sobrevive com o que tem. Ela nunca foi de conversar muito comigo, eu sempre fiquei muito sozinha, no meu canto, o que, por sinal, me ajuda muito a me concentrar e ter o meu espaço. Não tenho amigos e sou muito introvertida e obcecada por ler e escrever, mas me considero muito corajosa, generosa com quem é comigo e disciplinada. Tenho 1,59 de altura, o que, na verdade, eu acho uma sacanagem, eu queria ser mais alta. Peso 50 kg, mas nunca consegui chegar a mais do que isso. Sou pisciana, o que define muito o meu jeito e porque eu vivo imaginando muitas coisas. Tenho muitos sonhos também. Minha cor preferida é amarelo, amo essa cor porque amo o sol e acho muito lindo. Adoro escutar MPB e Jazz, mas só às vezes, porque o meu verdadeiro amor é a escrita. Eu não sei, eu poderia ficar o dia inteiro escrevendo, eu me ocupo muito com isso, eu adoro, é como se fosse um portal pro mundo dos sonhos, um refúgio do mundo real. Eu nem sei o que seria de mim sem a escrita, é a coisa que eu mais amo na vida. Eu sou péssima dançarina e não acerto nem uma nota musical. Eu não sei mais o que falar de mim. Eu me acho sem muita informação, sou só isso e sempre fui, mas, na verdade, não escondo isso de ninguém.

Meu nome é Amélia Silva, tenho 18 anos, nasci no dia dezoito de junho e moro em uma casa pequena, com meu filho, no bairro de Benfica, no Rio de Janeiro. Minha mãe se chama Alessandra, e eu não tenho um pai. Minha mãe nunca falou dele e, sinceramente, eu não quero saber. Fugi de casa aos 17 anos, quando descobri

que estava grávida do meu padrasto. Quando eu tinha 11 anos, eu não entendia muito bem que poderia se chamar estupro. Eu o amo e gostaria que ele ficasse comigo e não com ela. Trabalho como jovem aprendiz, na função de caixa em um mercado. Parei no primeiro ano do ensino médio pra dar mais atenção ao meu filho, ele é a minha única preocupação agora. Quando eu estudava, tinha muitas amigas e até era uma das mais inteligentes da escola. Meu sonho era ser advogada, mas, agora, minhas metas são outras, trabalhar e dar tudo de bom pro meu filho. Eu tinha amigas, mas ficaram pra trás, junto com o meu passado que me iludiu. Meu filho tem um ano, e o nome dele é Gabriel. Quando não estou com ele e tenho um tempo pra mim, eu gosto de me arrumar e de deixar a minha casa toda arrumada, eu gosto disso, é bem mais fácil fazer suas obrigações quando não tem ninguém te batendo ou gritando pra você fazer. Sou um pouco agressiva e arrogante às vezes, não devo satisfações a ninguém sobre o meu passado, para explicar por que sou assim às vezes. Mas sou muito otimista (até mais do que eu deveria), bastante sincera e me considero uma pessoa humilde. Meu signo é gêmeos, acho que meu jeito é um pouco do meu signo também. Tenho 1,63 de altura e peso 60 quilos. Eu era bem mais magra, mas, depois da gravidez, ganhei peso. Perder o meu filho é o meu maior medo, e nunca vou permitir que façam nada com ele. Não sou muito de falar sobre mim, na verdade nem tenho o que falar, é somente eu e ele. Adoro escutar músicas, gosto de qualquer estilo musical, mas o que eu mais gosto é de sertanejo. Adorava dançar e, agora, virou meio que meu passatempo. Espero que me conheçam mais um pouco, e estou disposta a conversar e dizer mais.

Personagens de Bruna:

Sou Maria Mulher, me chamo assim porque, desde sempre, vivo múltiplas histórias e múltiplas personalidades dentro da minha história única. Casei muito nova e me arrependo, não dos meus filhos, eles são o único motivo pra me levantar todos os dias. Acho que nunca tive uma vida tranquila, calma... parei de estudar pra trabalhar. Depois de casar, parei de me priorizar... Fui lavando e engravidando, passando e engravidando, limpando e engravidando. Não tô culpando meus filhos pelos pontos fora das curvas nos 32 anos da minha vida. Eu nunca conheci meu pai, percebi cedo quão é difícil criar um filho sem a presença de alguém que sirva de apoio. Nunca quis isso pra mim ou para os meus filhos, aliás, quem quer, não é mesmo? E, mesmo casada, sinto que eu e meus filhos estamos abandonados em casa, correndo perigo. É normal ter medo do homem em quem depusitei minha confiança o suficiente pra gerar três filhos? É saudável querer ele longe das minhas crianças? Ele é bem temperamental. Eu sou libriana, então tento sempre manter o grau zero, o equilíbrio. Mas, meus filhos são tudo que eu tenho, e ele é especialmente controlador com a minha menina. Até quando eu vou conseguir protegê-la? Ir embora não é tão fácil como você pensa. Eu não tenho nada, ele me deu tudo que eu tenho, e temo que até o resto da minha vida eu ainda continue não tendo nada. Não vivo por arrependimentos, mas queria minha mãe mais perto. De certa forma, ele também afastou ela da gente. Queria ter forças pra fazer alguma

coisa, mas o mundo parece achar que eu sou louca. Preciso ter certeza do que fazer, e vou ter um dia, um dia antes que eu morra.

Tenho 16 anos e escrevo. Parece uma boa ideia começar minha autobiografia constatando esses dois fatos. Sou uma menina mulher de 16 anos, com textos melancolicamente politizados, textos melancolicamente feitos de desabafo. Vocês já devem imaginar, mas vou confirmar, sou capricorniana. E, por incrível que pareça, meus textos são, em sua maioria, melancolicamente esperançosos. Tenho medo de falhar, medo de procrastinar. Eu não nasci pra ficar deitada numa cama, mas parece que, de dentro do meu quarto, eu posso escrever o universo do tamanho e da cor que eu quiser. Será que é relevante falar que sim, eu tenho um namorado, sim, eu tenho um pai, mesmo preferindo dizer que não tenho porque ele, de fato, não conhece a filha da ex-mulher dele. E é por isso que eu digo que tenho uma mãe e um pai na mesma pessoa, e é só dela que eu sou filha. Voltando pra quem tem 16 anos e escreve, eu tô no ensino médio, sofro demais por problemas sociais, o que me rende inúmeras escritas. Sou feminista. **Meu nome é Mel e eu sempre tive certeza que é uma abreviação de melancolia.**

Personagens de Ana Maria:

Meu nome é Luna, mas acho que vocês já sabem disso. Tenho 16 anos, meus pais vivem em um casamento acho que normal, não sei, eles não são muito de carinhos e beijos. Minha mãe trabalha como técnica de enfermagem, trabalha muito, e meu pai ajuda as pessoas em um escritório. Sou estudante do primeiro ano do ensino médio, estudo em colégio público, não sou uma pessoa muito social, não tenho muitos amigos, com os que eu tenho, não converso muito. Gosto de escrever, escrevo sobre coisas, sobre meus sonhos, sobre mim... Minha cor favorita é cinza, não me encaixo nadinha nos padrões, não tenho amigas, não converso sobre meninos e nem ligo pra eles, eu só quero saber de escrever, talvez, seguir carreira, quem sabe? Sou filha única, o que deixa minha vida um saco. A solidão nem sempre foi uma opção, só posso contar comigo mesma, o que nem sempre é uma escolha confiável. Não sou de mostrar minhas escritas pra ninguém, até porque não tem pra quem mostrar. Eu sou assim e não tem problema em ser diferente dos outros. Meus pais, às vezes, conversam comigo, minha mãe não é muito de conversar, mas, mesmo assim eu consigo sobreviver em meio a essa sociedade maluca. Me considero parda, tenho cabelos enrolados e escuros, e não sou que nem as meninas da minha idade, quanto aparência e modo de me vestir. Às vezes, eu só queria me colocar em uma caixinha, em um quarto jogado no meio do buraco negro, só com um papel e uma caneta, mas, como eu já disse, gosto de sonhar com o impossível. Tenho medo de aranha e cobra, o que foi desenvolvido quando eu era pequena, durante uma festa de um coleguinha da escola. Sou ariana, o que talvez explique meu jeito de ser, os arianos parecem ser rudes e grosseiros, mas no fundo, são um poço de fofura, acompanhado com um ponto de interrogação.

Bom, por onde começar? Prazer, meu nome é Zola, tenho 16 anos, o nome da minha mãe é Juliana, e ela cria a mim e ao meu irmão sozinha, desde os meus 7 anos, que foi quando meu pai faleceu. Estudo em escola pública e costumo ser

uma pessoa bem sociável. Na escola, tenho cinco amigos, dois meninos e três meninas, o que já é o bastante pra mim. Meus prazeres na vida são ler, ver séries, andar de bicicleta e cantar. Consigo ser muito insegura com algumas coisas, às vezes. Minha cor preferida é amarelo. Me vejo como uma idealista realista e, pra mim, a coisa que mais importa na vida é a minha família. Minha mãe, sempre que pode, conversa comigo sobre amigos, escola e crush... coisas de adolescente. Meu irmão é dois anos mais velho que eu, ele é um pouco fechado, mas sei que me ama. Gosto de viver bastante a vida e não fico triste por não ter um pai, já que estava na hora dele. Não tenho muitas lembranças dele, mas as que eu tenho não são muito boas. Lembro que ele bebia muito e ficava bruto quando bebia. Me considero negra, tenho cabelos bem crespos e, ao mesmo tempo, enrolados, uso laranja com rosa e não estou nem aí se está brega ou não, mas nem sempre não liguei pra essas coisas. Alisava os cabelos e usava roupas sempre apertadas, mas consegui, a tempo, me livrar desse padrão que a sociedade muitas vezes nos impõe. Sou do signo de peixes e não sei se isso é bom ou ruim, não ligo muito pra signos, e a única certeza que eu tenho é que o amor é a verdade dos momentos.

Em meio à pandemia, o Itaú lançou diversos editais emergenciais para artistas e, dentre eles, o de Artes Cênicas. Resolvi propor às meninas enviarmos um material. Sabia que muitos artistas profissionais participariam e falei isso com elas, mas justifiquei que achava importante nossa participação como um exercício e para começar a dar uma cara de companhia para o nosso trabalho⁶².

Material escrito enviado junto ao vídeo:

A Cia Teatral UniVersos existe desde junho de 2019. A história da Cia se inicia com uma proposta de construir um espetáculo teatral para defesa de mestrado da responsável pelo grupo, espetáculo esse que se torna dispositivo disparador de discussão sobre as desigualdades de gênero no âmbito escolar, em unidades escolares da Rede Municipal do Rio de Janeiro. O trabalho foi intitulado como: “Caminhos decoloniais no chão da escola: O diálogo entre o teatro e a poesia falada na subjetividade feminina”. Como o nome do projeto já sugere, o grupo traz como característica fundamental escritas poéticas autorais, que têm como narrativa o feminino. Formado por atrizes poetas, algumas iniciaram sua

⁶² <https://youtu.be/tPtunqzxPIA>

(Vídeo enviado para concurso Itaú. QR Code na página 254))

caminhada artística falando poesias. A principal particularidade da cia é se dedicar à pesquisa do universo feminino e todos os seus atravessamentos, a mergulhar em leituras com temáticas e questões feministas, circunscrevendo suas lutas, conquistas, necessidades, direitos, resistência e reexistência. Andreia Moraes, responsável pela Cia, é atriz e professora da rede municipal do Rio de Janeiro e viu nessas seis adolescentes, nesse trabalho sendo representadas por quatro, uma grande potência de representatividade: jovens empoderadas, enérgicas, críticas e conscientes da necessidade de dar continuidade à busca dos direitos das mulheres e à conquista de uma igualdade de gênero.

É por isso que, o que seria um convite provisório para compor um trabalho pontual de dissertação, se transforma num convite para formar a Cia Teatral UniVersos. A ideia de criação do trabalho acontece exatamente por termos sendo noticiado em telejornais o aumento expressivo de violência doméstica durante a pandemia. Como a questão da violência doméstica é um dos nossos focos de pesquisa, então Andreia Moraes sugere ao grupo que possam montar, com algumas poesias do espetáculo, uma proposta em formato de vídeo. Surge: “Relatos Delas na quarentena”. Por identificar nas escritas já construídas a sensibilidade em revelar o que é ser mulher e viver em lares tão nocivos para sua própria existência, elencam alguns textos para essa montagem específica. Lares deveriam ser acalento, porto seguro, aconchego, simplesmente LAR, mas vemos, em tempos de isolamento social, ocorrer, para muitas, o contrário. A decisão de colocar esse trabalho num edital como esse, primeiro, surge como ideia de potencializar e dar lugar a essas adolescentes atrizes iniciantes, que já carregam em suas histórias e de mulheres próximas a elas, relatos fortes, doídos, verdadeiros e poeticamente genuínos. Além disso, possibilitar a construção de uma nova estética, a explorar novos olhares de expressões artísticas e a legitimar o grupo como uma cia teatral que se propõe a investigar, a questionar e a construir novos caminhos.

São adolescentes com vivências profundas, que trazem nesses relatos uma riqueza do universo feminino. As atrizes mandaram, gravados, monólogos inteiros, porém há uma escolha de fazer cortes, para trazer um dinamismo de documentário, já que se tratam de narrativas.

“Relatos Delas na quarentena” traz personagens que sofrem e deflagram algum tipo de violência: a vítima de abuso sexual infantil, onde os principais casos ocorrem dentro de casa; a vítima de violência midiática, que impõe à mulher um padrão de beleza; a vítima de violência doméstica; e a personagem que relata numa narrativa denunciativa de todos os males que o machismo nos provocou e ainda nos provoca. São atrizes adolescentes que falam para suas gerações, mas representam mulheres de todas as idades. Temos clareza de que o isolamento é necessário, a mesma clareza que temos de que a luta contra o machismo não pode parar.

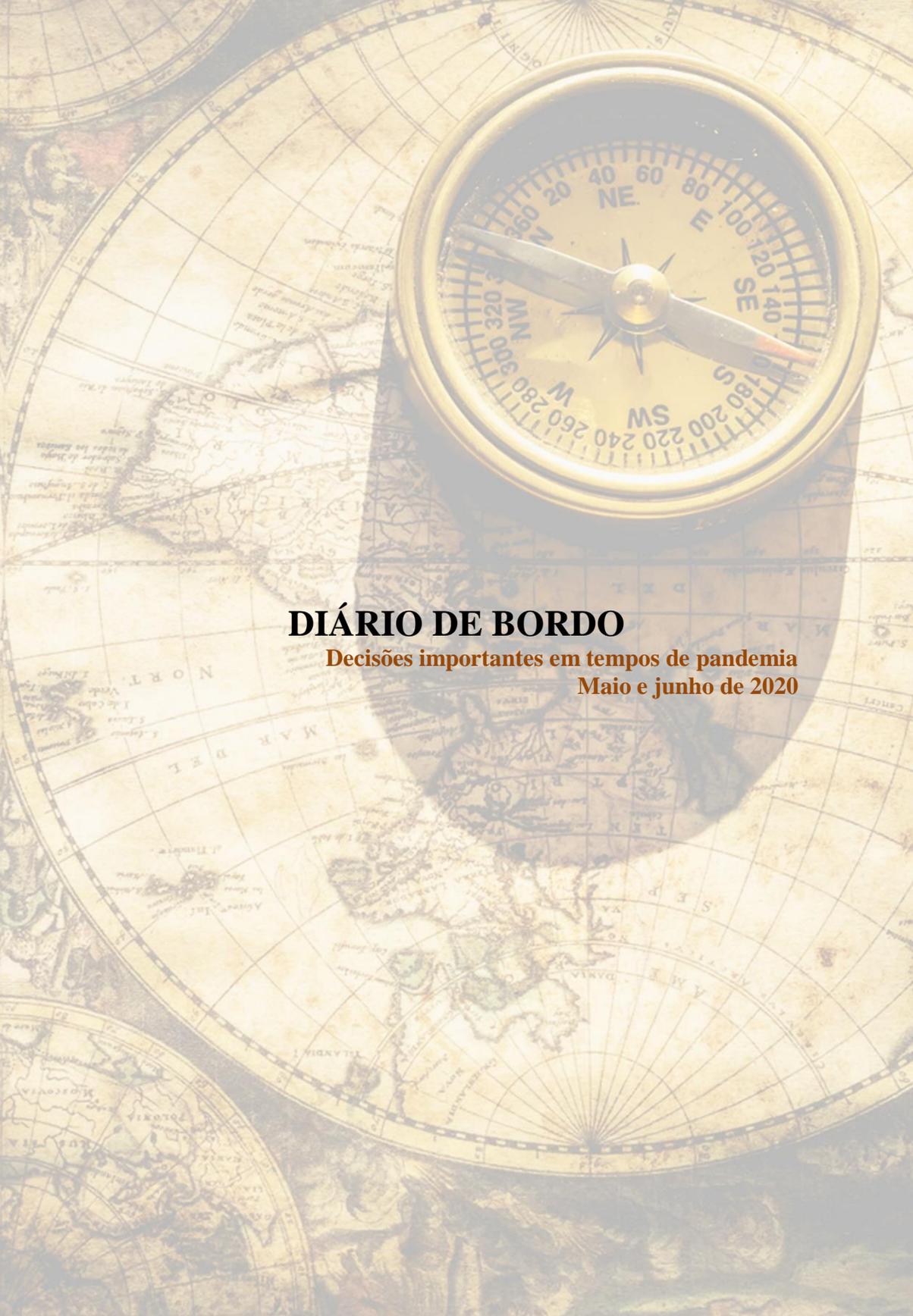
Foi um processo extremamente difícil, visto que o sinal de internet pra uma estava difícil, a outra estava sem celular, da outra, a vizinhança era barulhenta, e tudo num curto espaço de tempo, atrelado

à minha rotina de trabalho, que se manteve no período da quarentena, com exaustivas videoconferências. O material não foi selecionado, mas reafirmei a importância de fazê-lo, pelos motivos já citados e por trazeremos para discussão o aumento de casos de violência contra a mulher nesse período de pandemia e isolamento social.

**Resumo dos encontros,
pelo olhar de Ana Maria Grecco**

Em um ano em que todos nós tivemos que nos acostumar com algo diferente, algo que nunca iríamos imaginar que aconteceria no ano de 2020, veio a pandemia... Tivemos que deixar de lado o modo presencial e nos acostumar com nossa nova realidade, o modo remoto. Primeiro encontro remoto: Nós estávamos, todas, ansiosas e cheias de saudades e vontade de estar presencialmente, tendo aquele ensaio de teatro. Nosso encontro começou com saudades, mas terminou com solução, o que achávamos impossível fazer se tornara online. Foi uma oportunidade de conseguir uma solução pro distanciamento. Tivemos que nos acostumar com a nova realidade. Andreia começou a passar atividades de texto, já que o corpo era um pouco mais difícil de se trabalhar pelo celular. Foi passada uma tarefa, na qual tínhamos que criar personagens para os nossos textos, dando origem ao o que iríamos ser, quando estivéssemos atuando, no intuito de posse e de incorporar o próprio personagem. Mesmo distante, o teatro tem muito a nos oferecer. Aprendi muito, tendo noção de que, naquele texto, não era só eu falando. Eu era a Luna, a Amélia, a Maria ... Quem eu quisesse ser. Temos muito a aprender ainda, mas nosso plano B não estava se saindo nada mal. Nos outros encontros, mesmo com algumas dificuldades, como por exemplo: a internet ruim, falta de luz, celular quebrado, vizinho gritando, conseguimos dar um jeito e, finalmente, falar o texto no qual montamos nossas personagens. Demos nomes, família, signo, estado civil, profissão, idade, tendo uma melhor clareza, ampla e geral ... E tudo isso ajudou muito na identificação do personagem. A saudade é grande, mas, enquanto estamos confinadas e muito bem guardadas, temos como aliada, a tecnologia, que nos ajudou e tem nos ajudado, dia após dia, a enfrentar essa pandemia, para a qual estamos doidas pra dizermos adeus.

Ana Maria Grecco



DIÁRIO DE BORDO

Decisões importantes em tempos de pandemia
Maio e junho de 2020

Os encontros narrados anteriormente aconteceram nos meses de março e abril. Junto a esse processo remoto, estava mergulhada na escrita. Em alguns momentos, com as alunas, ainda nos encontros presenciais, algumas vezes, falei que, caso não montássemos o espetáculo, eu teria material necessário para ser escrito e defendido. Entretanto, montar a versão final do espetáculo era meu desejo e sabia que era delas também.

Porém, ao me deparar com a quantidade e, principalmente, com a qualidade de tudo que foi produzido, junto ao acompanhamento dos noticiários que falavam da imprevisibilidade de retorno e de controle da Covid, comecei, de fato, a repensar se teríamos como montar esse espetáculo. Resolvi levar as minhas inquietações para minha orientadora, que, mais uma vez, foi super acolhedora e disse que o que tinha sido construído até aquele momento já era suficiente para defesa.

Nos meses de maio e junho, me debrucei na escrita do Prólogo do Diário, que entendemos como introdução da dissertação, e de seis encontros do Diário de bordo, a serem enviados para banca de qualificação, que aconteceu no dia 10 de julho de 2020.

Depois de ler as primeiras escritas enviadas, além de todas as indicações de revisão, Mona reforçou que o projeto estava contemplando o objetivo.

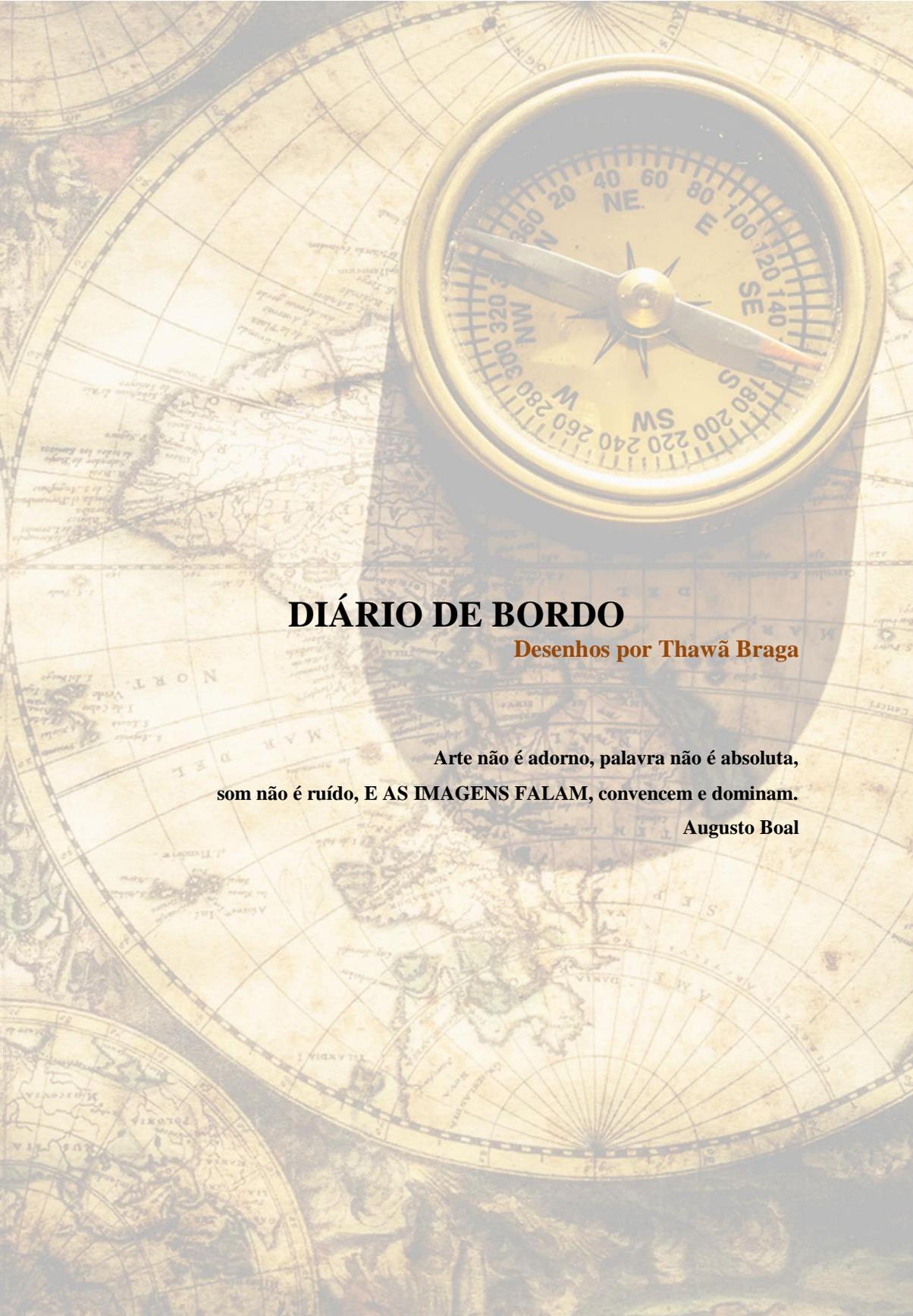
De fato, próximo de finalizar essa escrita, percebi o quanto caminhamos até aqui. As riquezas do processo vivido com as alunas, o que isso mobilizou nelas e em mim. Nossas entradas nas escolas e os

debates promovidos foram momentos cruciais e expressivos para o projeto.

Embora tenha escolhido a narrativa dos encontros em apresentação num Diário de bordo, Mona dividiu a preocupação, que também já era algo que vinha pensando, da não necessidade em narrar todos os encontros realizados.

Seguimos em direção à qualificação, e me dei conta, definitivamente, de que a montagem do espetáculo seria um outro processo, um outro mergulho que não caberia nesse trabalho.

Resolvi dividir essa decisão com as alunas, depois que passasse pela qualificação, assim teria uma fala mais assertiva e precisa das minhas escolhas e necessidades.



DIÁRIO DE BORDO

Desenhos por Thawã Braga

Arte não é adorno, palavra não é absoluta,
som não é ruído, E AS IMAGENS FALAM, convencem e dominam.

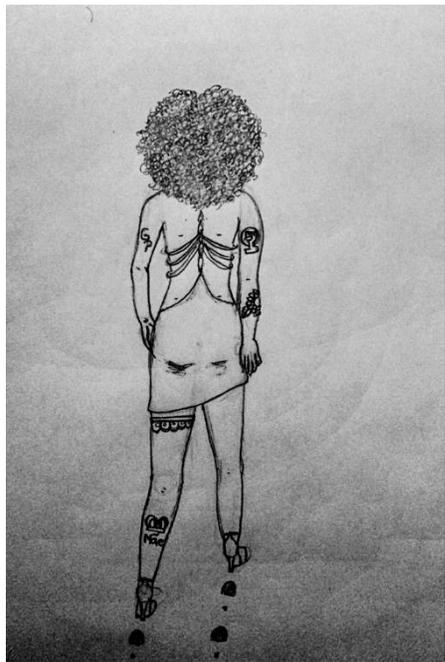
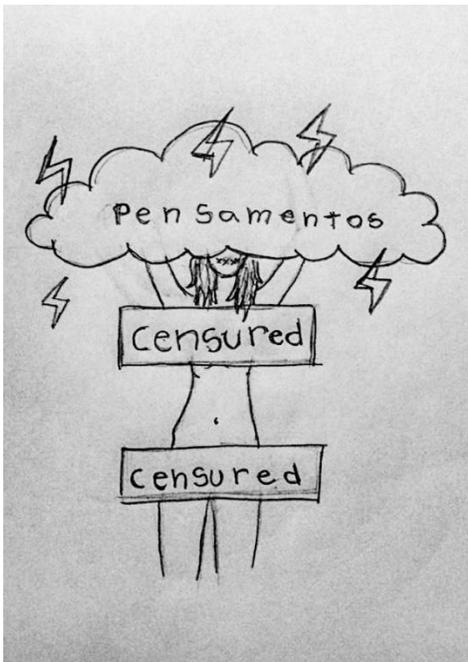
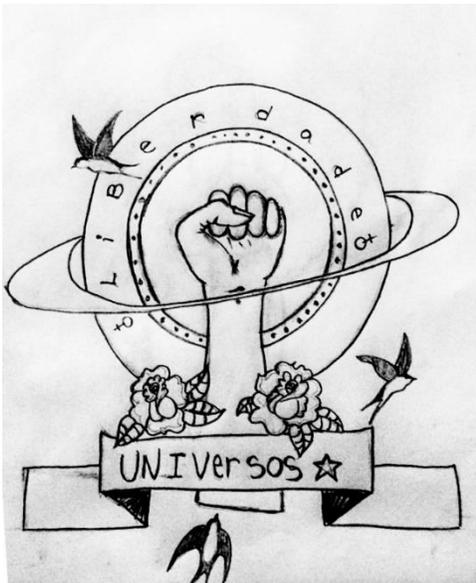
Augusto Boal

Como ficou definido que não montaríamos o espetáculo para o mestrado, não demos continuidade aos encontros para discutirmos a concepção dos figurinos. Embora, Thawã não tenha conseguido fazer muitas ilustrações para o livro, considerei de extrema sensibilidade suas criações.

Thawã fez o desenho para capa do livro de poesias, material também elaborado para este projeto. Sua importante participação, trouxe em poucas imagens, intensa expressividade, verdade e empatia.

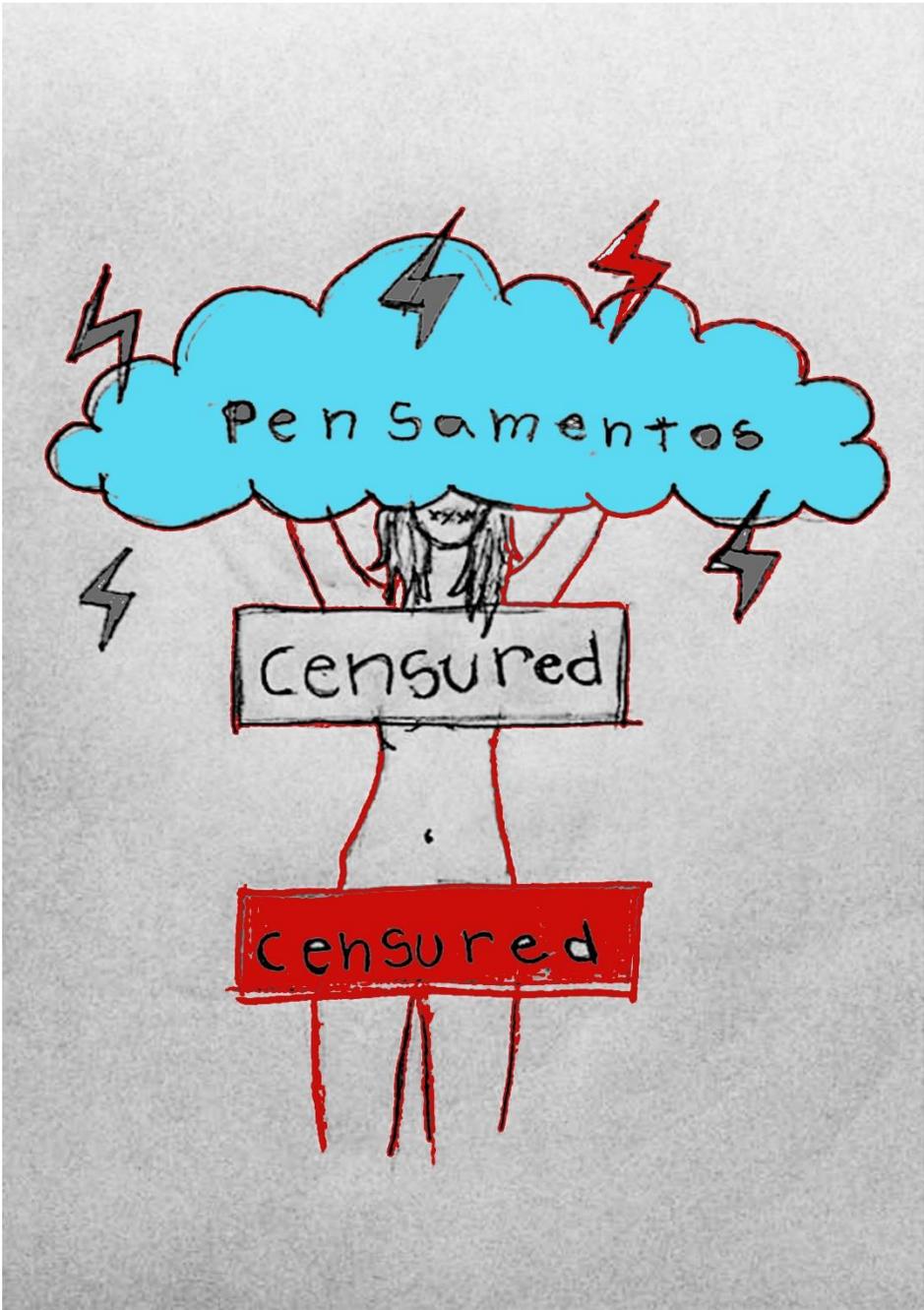
A ideia inicial era que a produção dos desenhos acontecesse a partir de trechos das poesias, que serviriam como estímulos para suas criações.

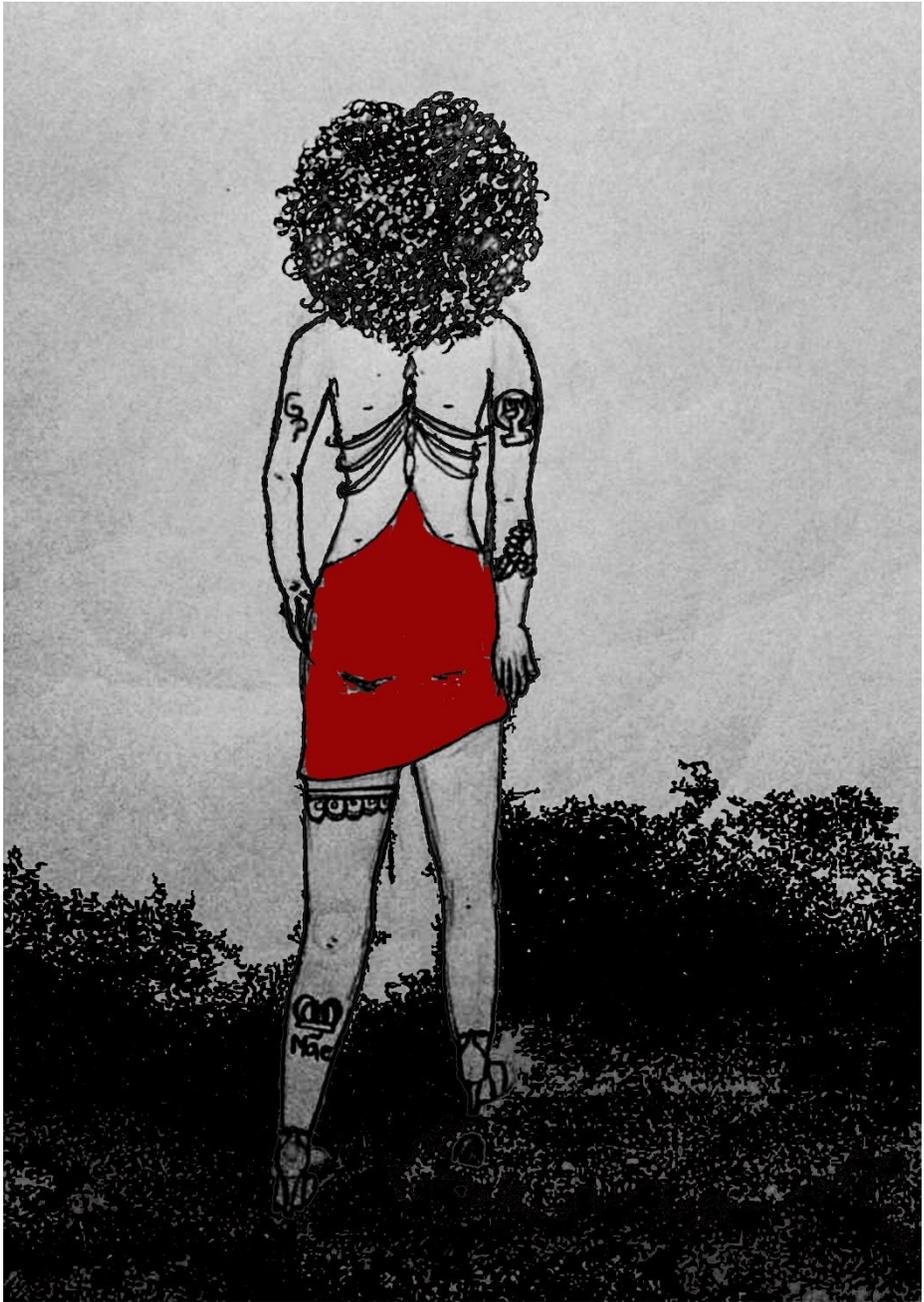
A seguir, as ilustrações criadas por Thawã, que se encontram também no livro de poesias das alunas.

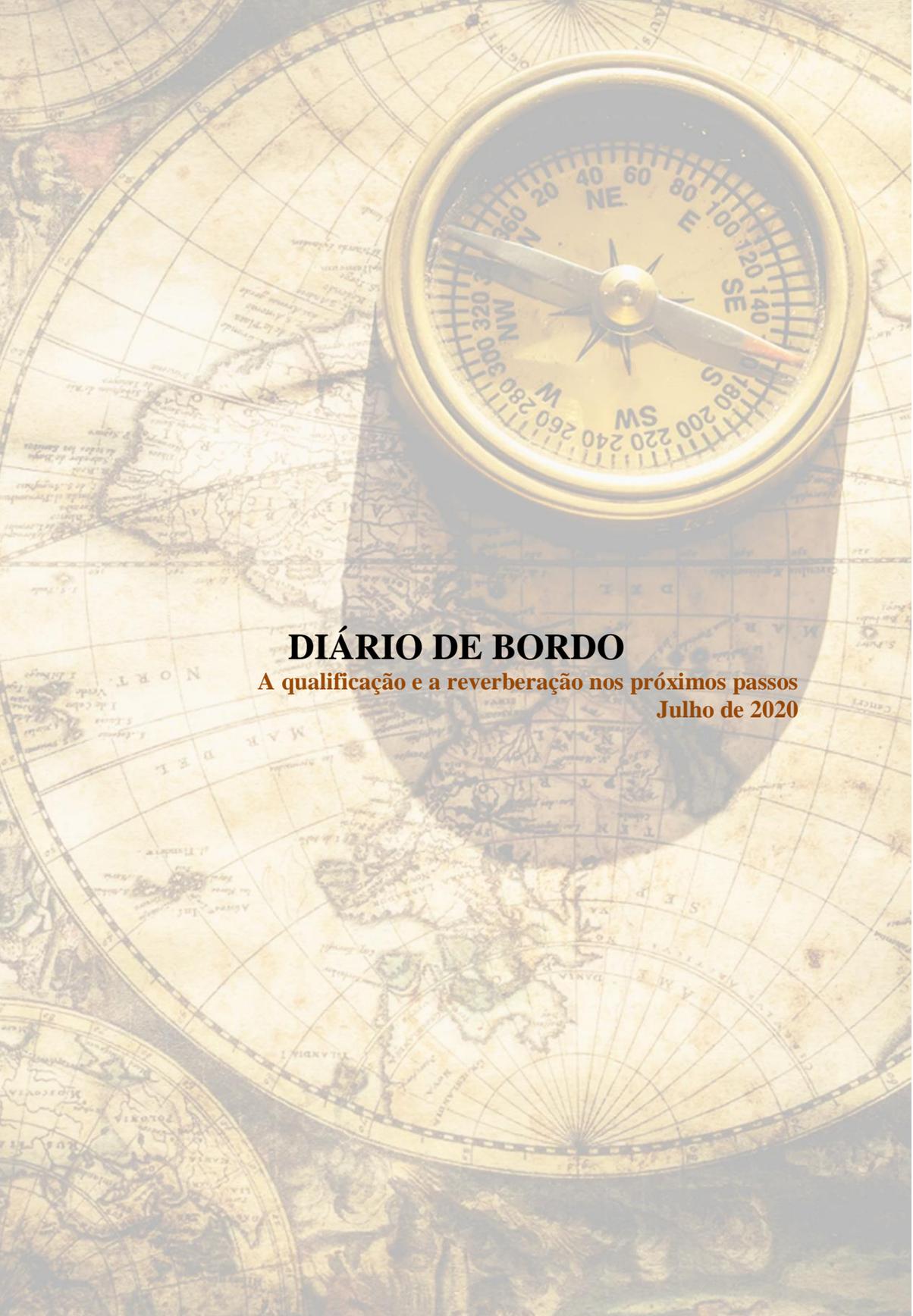












DIÁRIO DE BORDO

A qualificação e a reverberação nos próximos passos
Julho de 2020

De fato, o caminho a ser seguido foi confirmado após a qualificação. Dentre as valiosas observações apontadas pela banca, foi indicado que realmente seria importante fazer a escolha dentre os encontros trabalhados e que a montagem do espetáculo seria narrativa para um outro processo.

Logo em seguida, marquei um encontro online com as alunas e compartilhei um resumo da qualificação. Considerei importante dividir esse momento com elas, afinal, a construção desse trabalho é nossa.

Levantei os pontos que elenquei como mais importantes e coloquei as minhas considerações sobre o que ouvi e recebi de recomendações. Logo depois, falei da escolha, mais que isso, da impossibilidade de montarmos o espetáculo para o mestrado e abri para que todas pudessem se colocar.

Foi um retorno positivo. Embora, inicialmente, elas tenham demonstrado certa decepção por não montarmos o espetáculo final, entenderam que vamos dar continuidade ao projeto depois, para além do mestrado⁶³.

Gostaria de, brevemente, destacar dois pontos que surgiram na banca de qualificação que puderam, além de reforçar todo processo narrado, ampliar alguns pontos de percepção. O primeiro foi ouvir da professora Ângela de Castro Reis que o trabalho estava repleto de afeto e que afeto era metodologia, trazendo Paulo Freire como

⁶³ <https://youtu.be/0tIUcG6BLBs>

(**Encontro remoto:** Considerações sobre qualificação. QR Code na página 254)

referência para essa fala. Uma das minhas maiores preocupações na escrita de todo esse projeto era que, junto à riqueza metodológica e ao processo ensino-aprendizagem, transbordasse as verdades vividas por todas nós durante nosso percurso. E a fala sensível da professora Ângela me alimentou de certeza do caminho escolhido e trilhado.

O segundo foi apontado pela professora Jacyan Castilho⁶⁴, que disse ter percebido que um grande fio condutor do trabalho era a dor, que ela aparecia, não de forma piegas e/ou apelativa, mas como um dos elementos principais que circunscrevia o projeto. Acrescentou que se questionou se essa dor era, de fato, dessas meninas ou se elas se apropriavam de dores de mulheres próximas ou, ainda, se a dor era um elemento poético.

**O poeta é um fingidor.
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente.
Fernando Pessoa**

Falou, ainda, sobre o que esse trabalho poderia ter deslocado, modificado ou até mesmo superado desse sentimento em destaque. Essa fala da professora Jacyan foi muito importante para que eu pudesse reforçar essa atenção na minha escrita, observar, analisar,

⁶⁴ Dra. em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), com Pós-Doutorado na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Mestre em Teatro pela UNIRIO, com Especialização em Teoria e Prática do Teatro pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e Graduação em Artes Cênicas na UNIRIO

perceber e aguçar o meu olhar para essa questão e para todos os elementos de mudanças ou novas perspectivas dessas alunas.

Ao passar o vídeo com trechos desse comentário para as meninas, fiz uma última provocação de escrita, em que elas pudessem olhar para toda trajetória traçada até aqui e refletissem que dores eram essas que as cutucam e as habitam, e se houve, de fato, alguma mudança. E, mais, desenhar um percurso de se olhar durante esse processo, com todos os avanços, entaves ou, mesmo, retrocessos que aconteceram no caminho. Embora tenha o meu olhar, ao longo do Diário, quanto a essas questões, considerei importante concretizar na reflexão e resposta das próprias alunas.

Mandei um roteiro norteador para essa última escrita.

Um ciclo se fecha: muitas aprendizagens, ganhos, perdas, mudanças, reflexões, indignações, constatações. Sabemos que é uma tarefa difícil, colocar em palavras tudo que vivemos juntas, podem acreditar, eu sei dessa dificuldade. Mas, darei algumas indicações para servir de base pra vocês, nessa escrita final. Convido todas a voltarem àquele dia, lá no shopping, e a se lembrarem de quem eram vocês? Quais eram suas inquietações? Suas dores? Seus desejos? Seus quereres? Aonde acreditavam que esse trabalho poderia nos levar? Algo mudou em você nessa trajetória? Que ganhos e benefícios você acha que o projeto lhe trouxe? Mudanças de pensamento? Maturidades? Trocas? Olhe para aquela menina-mulher de antes e de agora: quais são os encontros e desencontros que existem entre elas num tão curto, mas tão intenso, espaço/tempo?

A seguir, as escritas/respostas/movimentos/angústias/curas das alunas.

Por Ana Maria Grecco

O Tempo é uma linda forma de superarmos o passado, a cada dia que se passa, a cada minuto, a cada segundo, evoluímos. O ovo se torna um pássaro, a semente, uma linda flor, o novo se torna algo velho e o medo se torna esperança... Evoluímos com os nossos viveres, experiências e, até mesmo, mágoas obtidas nesse meio tempo, porém evoluímos... Tento me lembrar de como eu era no meio do ano passado, quando tudo isso começou. Lembro que era muita correria: escola, curso, casa... Mas, mesmo assim, sobrava tempo para o que Andreia queria inventar com a gente. Até que o dia do encontro vem e... BUM! A notícia mais maravilhosa e assustadora de minha vida. Respirei, inspirei e encarei o desafio, que, mesmo não entendendo muito bem o que aquilo seria pra mim dali pra frente, tinha a impressão de que tudo aquilo seria maravilhoso, algo muito maior do que todas nós... E, assim, fomos a uma linda caminhada, agora, um pouco diferente: escola, curso, casa, teatro com Andreia... Mesmo morta e, às vezes, muito cansada, sempre que eu chegava aos encontros, era como se minha alma tivesse sido lavada pela presença de todas, lá, reunidas; mesmo não sabendo o que seria aquele projeto, fomos nós, mulheres unidas, algumas com mais talentos pro teatro, outras com mais talentos pra escrita, mas Andreia sabia que todas, juntas, seriam como uma espécie de um Big Bang, e que Big Bang, né, minha filha? Juntamos nossas experiências e viveres, sentimentos e afeições, e a junção de tudo isso se tornou muito mais do que um simples projeto, se tornou uma família! Como eu ia dizendo, não me lembro muito de quem eu era, lembro que eu era tímida em mostrar aquilo que escrevia e quase nunca relatava algo que se passava comigo. Mas, agora, basta um pombo passar na minha frente que eu já quero escrever sobre o ocorrido. Peguei o “*AndreiaVirus*”! Nossos medos foram superados e compartilhados e, assim, evoluímos... E continuamos nessa evolução constante, juntas: algumas, um pouco distantes, outras, já não mais aqui, presentes, porém JUNTAS. Com vocês, eu aprendi que não precisa ter medo do novo. Com vocês, eu tive e tenho mais que um grupo, tenho uma família que quero levar pra vida toda. Com vocês, eu combato o machismo, derrubo o patriarcado, mesmo que, por vezes, seja uma Utopia. Com vocês, eu dou mais sentido à palavra resiliência e afirmo que a minha é com vocês. Com vocês, eu verso nos nossos *UniVersos*, tendo a certeza de que, como uma das Andorinhas, eu só quero seguir voando em nosso lindo ninhal. Com Vocês, quero seguir lutando como Beatriz, Maria da Penha, Antônia, Lindsay Reis. Pois vocês são meu corpo, são o meu território, MEU UNIVERSO, o meu firmamento! Minhas!

Por Bruna Nascimento

Ao cuidar da horta, diariamente, as chances de você, um dia, colher frutos ruins caem drasticamente. Você observa as mudanças rotineiras que acontecem com as folhas e frutos. Como em toda plantação, haverá limões amargos, azedos, porém maduros e prontos pra colheita. Nem tudo o que nos é necessário

agrada o nosso paladar, tão acostumado com quilos de fertilizantes e agrotóxicos. Quando a horta é cultivada em sua mais perfeita naturalidade, causa um estranhamento. Em um inesperado momento, as chuvas se tornaram tempestades, e foi impraticável o cultivo da horta. Folhas, que há muito tempo eu vinha cultivando, caíram. Mas os frutos permaneceram como se não houvesse chuva. Existiram dias em que o desânimo e a vontade de desistir da colheita me pegaram desprevenida, mas o Universo conspira ao meu favor. Os sinais são claros, e desistir não é uma opção. Todos que venceram passaram pelo caos. E eu, que no início do plantio temia que o caos chegasse e decidisse ficar e tomar conta dos frutos no meu lugar, inquietava-me, na janela, olhando a Terra a ser cultivada, com receio de me dedicar a reféns do passageiro. Me vi sentando e tomando um ar, porque o caos não era nada mais, nada menos, do que um aviso pro Universo, que diz que, até aqui, vencemos. Vencemos o Caos e o caos particular de cada um dos frutos da horta. Os frutos mudaram tanto em meio ao Caos instalado no universo, e ainda resistem e insistem em existir. As Fases atravessaram as tais fases do nosso corpo físico, as tais mudanças da nossa aparência... Mas, com certeza, a essência desse fruto já não é mais a que deveria ser antes do caos, o sabor mudou. Talvez tenha amargado, talvez tenha adocicado, talvez tenha deixado os frutos mais rígidos e consistentes ou moles, como manteiga derretida. A verdade é que não posso dar certeza das mudanças ocorridas nesse tão longo e curto espaço de tempo, mas vai ser tão interessante a experiência de experimentação desses novos frutos que superam, a cada dia, minhas expectativas. Acontece que não sei se, um dia, estarão realmente prontos para a colheita final.

Por Maria Paula Grecco

No nosso primeiro encontro em que eu fui, sentia uma pontinha de dúvida e curiosidade. Eu não sabia o que me esperava e não tinha noção do que eu poderia passar nesse tempo, também não achei que duraria tanto tempo e que teríamos todo esse lado afetivo. Eu, no começo, estava me aprofundando e vendo como eu poderia ser útil. Aprendi muito, mas, antes de aprender, tive a primeira insegurança e decepção comigo mesma: diante das meninas do grupo, eu me senti muito pequena, pois, além de não saber muito bem, eu não gostava tanto de escrever. Recitar era do que eu mais gostava, mas de escrever, não. Eu me sentia uma aluna do jardim de infância no quesito poesia, e elas, na faculdade. Eu aprendi que cada universo é diferente. A minha insegurança na escrita e a minha total confiança em recitar e atuar poderiam ser iguais para uma delas também. Cada universo pode ter o seu próprio espaço pra se desenvolver. Com o tempo, eu me desenvolvi, eu vivi. Mas essa minha insegurança fez, por um tempo, eu achar que eu não faria falta no grupo, me desanimei. E com tantos problemas em casa, me mudando, fazendo curso, escola, considerando um tempo em que eu e minha irmã não estávamos bem... Eu, realmente, não achei que sentiria falta, que eu poderia ser substituível. Eu quebrei muito a cara ao achar isso e perdi tantas coisas. Mas olha, meninas, o tanto que vocês me mudaram e me fizeram enxergar melhor o mundo, vocês

não têm noção! Hoje eu agradeço tanto por voltar atrás, no meu orgulho, de passar por tantas coisas e ter vocês me acolhendo como prova de amor. Eu, hoje, sou uma pessoa muito diferente da pessoa que eu era no começo do nosso ciclo. E que esse ciclo não tenha um fim, eu não estou preparada pra ver meu mundo sem vocês. Cresci e aprendi voando. Uma andorinha muito orgulhosa de vocês, do quanto evoluímos, e tenho certeza de que nossa andorinha, no paraíso, também está. A mudança nos fez constante, e foi inevitável, nesse tempo, não mudar, foi impossível não se emocionar, mas tudo isso fez nos tornarmos uma só, fez conhecermos a nós mesmas e, assim, trazer um pouco de nós para cada uma. Nos tornamos essa grandeza e essa força. Juntas, vamos avançar muito mais; juntas, vamos seguir; juntas, seremos um infinito de questionamentos e uma inspiração para outras mulheres como nós.

Por Nath Amorim

A legitimidade me traz um caminho certo, ela me diz que a vida com o outro não me faz conhecer o outro, mas conhecer a mim mesma. O louco é que eu evitei tantas conexões e tantos encontros, porque entendia que cada pessoa que passava por mim me modificava, como se minha personalidade e gostos fossem alterados pouco a pouco e substituídos por um pedaço do outro, como se as realidades externas interferissem completamente naquilo que eu sou por dentro. Na sociologia, se fala dos meios sociais de um indivíduo e no quanto isso influencia em sua construção. Pensei, então, eu: você não é você, mas sim pedaços de cada um que conheceu. E, por isso, adiei relações profundas, porque o outro tira aquilo que é meu. Criei uma praia de sentimentos rasos para não tomarem de mim aquilo que é legítimo, para não roubarem de mim a minha verdadeira versão! É tão tolo pensar assim! Conforme fui me permitindo, vi que não conhecia nada de mim e que, nas relações, com o tempo, eu não conhecia o outro, mas sim a mim mesma. Cada vez que eu desabrochava para entrar em contato com algo novo, eu ia descobrindo partes de mim que eu nunca havia conhecido. Quanto mais eu permitia que mergulhassem em quem eu era, mais detalhes sobre mim eu conseguia descobrir. Talvez seja por isso que não fomos feitos para ficarmos sozinhos. Porque os impactos das nossas vidas com outras vidas não nos mostra mais sobre os outros, mas sim sobre nós mesmos. Não é em vão que venho escrevendo sobre o quão pelada eu me senti nesses encontros e desencontros. É que cada história contada deixou algo em mim, e eu reagi a esse algo em diversos textos, então, é legítimo, até mesmo aquilo que veio do outro, até mesmo aquilo que eu não vivi. Mas, se escrevi, foi em cima do que eu senti, e minha reação é legítima! Minha escrita é egoísta! E como não ser se ela só existe assim? Nunca escrevi sobre o que é do outro. Escrevi sobre o que aquilo que é do outro causou em mim.

Por Jenyffer Guttman

E tudo começou com uma criação de um grupo simples no WhatsApp, com uma garota, nem tão menina e não tão mulher, apenas uma jovem no início da sua adolescência. Logo veio o surgimento de um convite que, talvez, a mudaria, e, sem pensar duas vezes, a pobre jovem aceitou. A garota, tadinha, não estava habituada a mudanças, na verdade, ela não era muito fã de mudar, mas enxergou oportunidade e decidiu aproveitar. Em seguida começaram a aparecer os problemas, inquietações, insegurança, dores. Espera! Ainda não foi explicado sobre o que era o convite. Era sobre uma peça para um mestrado, com o tema “o que é ser mulher na sociedade atual”? A pobre jovem teve que lidar com o seu próprio big bang. Ela se viu explodir, viu suas melhores partes se desintegrarem ou voarem para bem longe e não pôde fazer nada. E, aos poucos, ela foi se afastando dessa tal peça, desse tal mestrado. No início, quando ela recebeu o convite, ela se via perdendo total o medo e a insegurança de falar em público, se via junto com as outras meninas, atuando. Ai, ai! Nada do que ela sonhou aconteceu, e quer saber? Graças aos céus que não. Quando ela finalmente aprendeu a lidar com as suas colisões, ela uniu os seus versos e abraçou as suas parceiras. Hoje ela continua sendo uma garota, nem tão menina e não tão mulher, apenas uma jovem adolescente em processo de aprendizagem, mas, dessa vez, acompanhada. Qual será o final da trajetória delas?

Resumo do encontro remoto, pelo olhar de

Jenyffer:

Assim que eu acordei, peguei o celular para dar uma olhada nas mensagens e eis que li a seguinte mensagem: [12/7 08:51] **Andreia: Bom diaaaaa! Queria pedir pra vocês não atrasarem, por favor, tenho muitas coisas para falar com vocês.** Quando eu olhei no relógio, que marcava 11:00h, eu surtei. AIMEUDEUS! EU TINHA

ESQUECIDO COMPLETAMENTE. Tínhamos marcado para começar a chamada em exatas 11:00h, eu não podia, simplesmente, não aparecer.

Um dia antes, eu tinha dito que iria participar da chamada, e a minha queridíssima melhor amiga, Bruna, duvidou NA FRENTE DE TODO MUNDO, e, só pelo abuso, eu prometi a mim mesma que iria. Como eu não tenho um pingão de vergonha na cara, escovei os dentes, preendi o cabelo e entrei na chamada.

Assim que eu entrei pude ouvir e ver o espanto de todas. Fiquei me achando, confesso. Eu estava um pouco apreensiva porque nunca havia ido a um encontro antes, logo não sabia o que esperar. O encontro, em si, foi super tranquilo, ouvimos opiniões das professoras doutoras que estavam participando da banca de qualificação, cada coisa dita por elas me fazia lembrar de momentos da minha vida, bons e ruins, e, principalmente me fazia lembrar do projeto, de como foi o início dele e a caminhada até aqui, de como eu estive distante e de como as outras meninas mergulharam de cabeça. Lembro-me, também, que uma das professoras se questionou sobre essa dor de que tanto escrevemos, sobre ela ser realmente nossa. Não posso responder pelas outras meninas, porém, tudo o que escrevo é inspirado em como eu estou me sentindo e em como tal coisa me afetou, raramente eu escrevo algo baseado em outras coisas/pessoas.

Havia pouco tempo que eu tinha acordado, era muita informação para minha mente captar, e, na verdade, tenho que confessar que não prestei atenção em nada. Por mais que eu concordasse com tudo que estava sendo dito, eu estava perdida no meu próprio mundo, navegando em lembranças. Lembro-me também de ter questionado por que eu não escrevo mais, simplesmente foi uma pergunta que não tem resposta. Depois que a Andreia passou os vídeos, Bruna teve que sair da chamada, e a Andreia disse umas coisinhas, depois chegou a nossa vez de falar.

Nesse momento, me faltou ar, era como se eu fosse um peixe que estivesse morrendo na beira da praia, como se estivesse perto do mar,

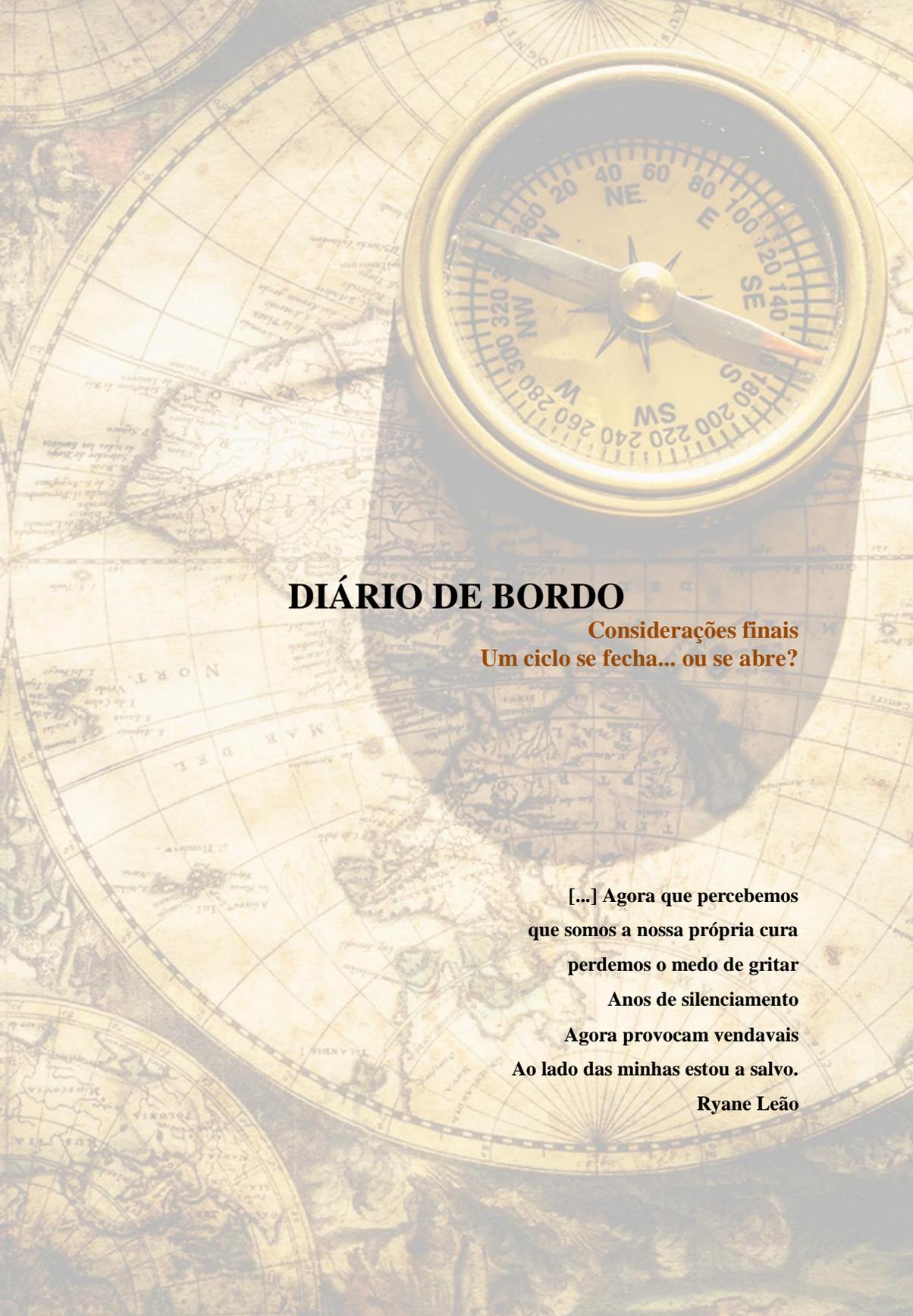
mas não o suficiente para me manter viva. A Nath e a Paulinha disseram coisas tão legais, coisas carregadas de emoções.

Na minha vez, eu apenas fiz uma piada. O que eu poderia ter dito? Eu quase não participei, não dava para simplesmente inventar emoções, ia parecer forçado demais.

Bom... depois disso, Andreia disse mais algumas coisinhas e encerramos a chamada. E eu fiquei ali, aliviada porque

aquela tensão e pressão, que eu mesma coloquei, tinha acabado.

Jenyffer Guttman



DIÁRIO DE BORDO

Considerações finais
Um ciclo se fecha... ou se abre?

**[...] Agora que percebemos
que somos a nossa própria cura
perdemos o medo de gritar
Anos de silenciamento
Agora provocam vendavais
Ao lado das minhas estou a salvo.**

Ryane Leão

Gosto da sensação de fechar um ciclo, sabendo que deixo um pouco de mim e carrego um pouco do outro, ou melhor, das outras. Talvez o tempo não traga só maturidade e certezas, mas, também, orientação e diretriz para seguirmos.

Este trabalho pôde me colocar em contato com muitas de minhas inquietações enquanto mulher, nesse lugar em que me vejo tão espelhada em tantas outras mulheres, de todas as idades, etnias, classes, crenças.

Somos muitas! E somos potência! Mas, infelizmente, ainda somos menosprezadas, diminuídas, violentadas, mortas. Sei da importância do meu trabalho e não falo isso, de forma alguma, de maneira arrogante e/ou prepotente, mas sim por entender meu nível de responsabilidade enquanto mulher, educadora e artista. Sei o quanto esse trabalho reverberou em mim, nas minhas alunas e em algumas outras alunas e alunos que tiveram a possibilidade de ver parte desse processo.

É nisso que acredito: devemos ser maremotos, tsunamis, ondas gigantescas de desejo de mudanças, mudanças que possibilitem um mundo mais justo e igualitário.

Amigas, amigos, amigues educadores, ouçam o meu chamado: não podemos emudecer diante das desigualdades que o universo escolar nos apresenta, que esse mundo nos apresenta. Sejamos Iaras, Poseidons, a balançar estruturas, a provocar mudanças de perspectivas em modos de ser e viver, que possam contribuir para um *UniVerso* mais digno, harmonioso e colorido! Sejamos além dos impostos rosas e azuis.

Não sou a mesma de antes, me dou conta, ao chegar às linhas finais desse breve e tão intenso mergulho. O que gostaria de provocar em outras e em outros é ebulição no meu próprio corpo, mareado do cruzamento desse largo oceano. Sabe aquela linha do mar que nos intriga por não sabermos onde ela começa ou termina? Assim que me vejo no presente momento. Isso não é um fim! Definitivamente, não é um fim. Na verdade, percebo que a navegação deve ser constante, entre nados sincronizados, afogamentos, corpo a boiar, seja como for, não podemos deixar de velejar a favor da maré das igualdades.

Agradeço a todas as minhas alunas que me mantiveram atenta e forte. Mesmo sem saber nadar, mergulhei e sobrevivi às mares, por vezes, límpidas e calmas, outras, turvas e revoltas.

Agradeço aos deuses do teatro e a deusa Poesia por ancorarem toda minha travessia chamada vida.

Evoé!



Áudio

Por Andreia Morais

**O melhor do desejo é não ser desejante sozinha⁶⁵.
Meus passos se reafirmam no encontro com os seus.
Sou espectadora e andarilha dessa, ainda curta,
Mas já tão intensa, história que estamos construindo.
Meu ângulo de visão me favorece a avistar e contemplar
O grande oceano que, de mãos dadas, atravessamos.
Por vezes, a areia é demasiadamente quente,
E eu, sempre descalça, por não querer nada menos
Que o contato direto e verdadeiro das coisas,
Ocasionalmente, me firo.**

**Mas insisto.
A pele, outrora, sensível dos meus pés
Criara uma película dura de proteção.**

⁶⁵ <https://youtu.be/alWH7b5J8jA> (Áudio poesia)

Processo de mutação?
Autodefesa genética?
Sabedoria da natureza humana?

Talvez sejam os calejos que me possibilitem
seguir em frente,
Pois, quando amplio meu campo de visão,
São vocês que me convidam a saltar alto
Quando o toque com o chão não se faz mais possível.
Vocês me convidam a tirar os pés do chão
Porque me lembram que sonhar é preciso,
Mesmo que, por vezes,
Seus pesadelos sejam mais assustadores que os meus.

Vocês são, comigo, luta e porto seguro,
Medos e certezas,
Desejos e perseveranças,
Expectativas e querer.

Vocês me fazem pensar na mulher que sou,
que fui
e que ainda está por vir.
Me fazem pensar em tantas mulheres
que já passaram por mim,
com quem que tive a oportunidade de aprender,
trocar,
admirar.

Me fazem pensar na minha ancestralidade,
Herança indígena de minha tataravó.
Me fazem pensar nas lembranças, a mim, contadas,
Da avó de minha mãe, minha bisavó.
Me fazem pensar o que eu posso
ter herdado de cada uma delas:

Aguerrida como minha avó materna,
Doce como minha avó paterna,
Generosa como minha mãe,
Comunicativa como minha irmã, Cristina,
Perseverante como minha irmã, Marcia,
Expansiva como minha sobrinha, Debora,
Nutrida da inocência da minha sobrinha neta afilhada, Maitê,
E tantas outras qualidades que fui
Me apropriando de tantas outras mulheres,
Amigas... Companheiras de estrada...
Seria capaz de enumerar, sem finitude,

O tanto que aprendi com cada uma delas ao longo desse tempo
Tempo...
Se existe sentido pra ti,
Não estaria em sua cronologia.

Ziguezagueamos histórias e nos aprendemos
Na contramão das idades,
Vocês me ensinam a cada dia.

Nathália me lembra que é a quebra da continuidade que nos faz Constantes, e
que, de tempos em tempos, é preciso parar.

Jenyffer me recorda que uma boa poeta usa as palavras ao seu favor,
Para se libertar, e vamos nós, andorinhas a voar.

Lindsay me deixou a mensagem
Que deve ser o nosso motor.
Somos o universo, e o universo sufocado pelo universo
Nunca desistirá de ser emancipado.

Aninha me leva numa bolha de emoção ambulante,
Para que eu não esqueça que sorrir faz parte do caminho.

Paulinha me convida a mergulhar em nós mesmas
E diz que, assim, a gente pode se encontrar.

Bruna me lembra que somos rede,
Que podemos ser suporte umas para as outras.

Nossa relação foi construída na luta,
Porém, mais ainda no afeto.
Só faz sentido, pra mim, se for pra fazermos juntas.
Seguimos de mãos dadas...

QR Code:

Nota 2 – página 11



Nota 3 – página 12



Nota 7 – página 18



Nota 8 – página 18



Nota 12 – página 25



Nota 22 – página 58



Nota 23 – página 58



Nota 27 – página 67



Nota 30 – página 73



Nota 31 – página 78



Nota 33 – página 91



Nota 37 – página 115



Nota 38 – página 116



Nota 39 – página 119



Nota 40 – página 124



Nota 42 – página 132



Nota 43 – página 133



Nota 48 – página 143



Nota 52 – página 151



Nota 53 – página 152



Nota 58 – página 187



Nota 60 – página 193



Nota 61 – página 210



Nota 62 – página 233



Nota 63 – página 240



Referências Bibliográficas



ALMEIDA, Alessandra. **O teatro como dispositivo potencializador nas ações do PROINAPE**. Rio de Janeiro, 2020. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Ensino de Artes Cênicas – PPGEAC Mestrado Profissional Mestrado Profissional em Ensino de Artes Cênicas.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. Feminismos Plurais. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

ALVES, Rubens. **Estórias pra quem gosta de ensinar**. São Paulo: Cortez, 1991.

BARROS, Regina. **Dispositivos em ação: O grupo - Subjetividade: Questões Contemporâneas - Universidade Federal Fluminense/RJ**. Setembro de 1995.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo – Fatos e Mitos**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2019

BISIAUX, Lílâ. **Deslocamento Epistêmico e Estético do Teatro Decolonial**. Revista Brasileira de Estudos da Presença, Porto Alegre, v.8, nº 4, p. 644-664, out. /dez.2018.

BOAL, Augusto. **Estética do Oprimido**. Rio de Janeiro : Garamond, 2009.

BOAL, Augusto. **Jogos para atores e não- atores**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte - terceiro e quarto ciclos: introdução e**

Apresentação dos Temas Transversais / Secretaria Fundamental de Educação. – Brasília: MEC / SEF, 1998.

CABRAL, Beatriz. **Cartografias do teatro:** Ensino do teatro – Dorothy Heathcote – Mediação e intervenção na construção da narrativa teatral em grupo.

CRENSHAW, Kimberle W. (2004). **A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero.** In: VV.AA. Cruzamento: raça e gênero. Brasília: Unifem.

CANDA, 2012. **Diálogos entre educação e teatro** – Paulo Freire e Augusto Boal, 2012, HOLOS, Ano 28, Vol 4.

CANDAU, Vera, MOREIRA, Antônio. **Indagações sobre currículo:** Currículo, conhecimento e cultura. Organização do documento: Jeanete Beauchamp, Sandra Denise Pagel, Aricélia Ribeiro do Nascimento. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

D’ALVA, R. E. **Teatro Hip Hop** - A performance poética do ator-MC. 1 Ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.

FABIÃO, Eleonora. **Cartografias do teatro:** Ensino do teatro. Performance, teatro e ensino: Poéticas e políticas da interdisciplinaridade.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** São Paulo: Paz e Terra, 2005.

GIANINI, Marcelo. **A peça didática de bertolt BRECHT na formação de professores de teatro,** Anais do Simpósio da International Brecht Society, vol.1, 2013.

HOOKS, Bell. (2019). Representações da Branquitude na Imaginação negra. **In: Olhares negros: raça e representação.** São Paulo: Elefante, p.294 -315.

JUNIOR, Paulo. **“Se der mole... Eu passo o rodo”**: quando as questões de gênero, sexualidades, masculinidades e raça invadem o cotidiano escolar. Revista Café com Sociologia, Vol 6, nº 01, 2017.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Palestra proferida no 13º. COLE – Congresso de Leitura do Brasil. Unicamp, Campinas – SP, 2001.

MORAIS, Andreia. **Espelho Meu**. Nova Iguaçu: Editora Entorno, 2017.

MORENO, Ana Paula. Poesias ao vento – a brisa virou ventania. Ana Paula Moreno, ; Jiar Dias Augusto Junior; Simone Amaral (Org.). Rio de Janeiro: Letras e Versos, 2018.

MOREIRA, A. F. B. **A formação de professores e o aluno das camadas populares: subsídios para debate**. Julho, 2007.

NEVES, Cynthia. **Slams – Letramentos literários de reexistência ao/no mundo contemporâneo**. Linha D'Água (Online), São Paulo, v. 30, n. 2, p. 92-112, out. 2017

OLIVEIRA, Camilla. **Poesia Falada: a arte de deflagrar tráfegos no cotidiano escolar**. Rio de Janeiro, 2017. Dissertação de Mestrado. Programa de pós-graduação de Psicologia da Universidade Federal Fluminense.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. Feminismos Plurais. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

SANTOS, Barbara. **Teatro das Oprimidas**. Estéticas feministas para poéticas políticas. Rio de Janeiro: Casa Philos, 2019.

SARAPECK, Helen. A Visão Estética De Crianças E Adolescentes Na Experiência Em Escolas Com O Teatro Do Oprimido.

SOUZA, Thana. **Beauvoir e a situação das mulheres**: entre subjetividade e facticidade. Ethic@, 2018. V17n2p217.

SORRENTI, Sônia. **A poesia vai à escola** – Reflexões, comentários e dicas de atividades. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

SPOLIN, Viola. **Jogos teatrais**. O fichário de Viola Spolin. Editora Perspectiva, 2001

THOMAZ, Sueli. **Imaginário e Teatro-Educação**. Editora Rovellet, 2009, RJ.

WALSH, Catherine, CANDAU, Vera, OLIVEIRA, Luiz. **Colonialidade e Pedagogia Decolonial: Para Pensar uma Educação Outra**. Arquivos Analíticos de Políticas educativas, 26(83), jul.2018.